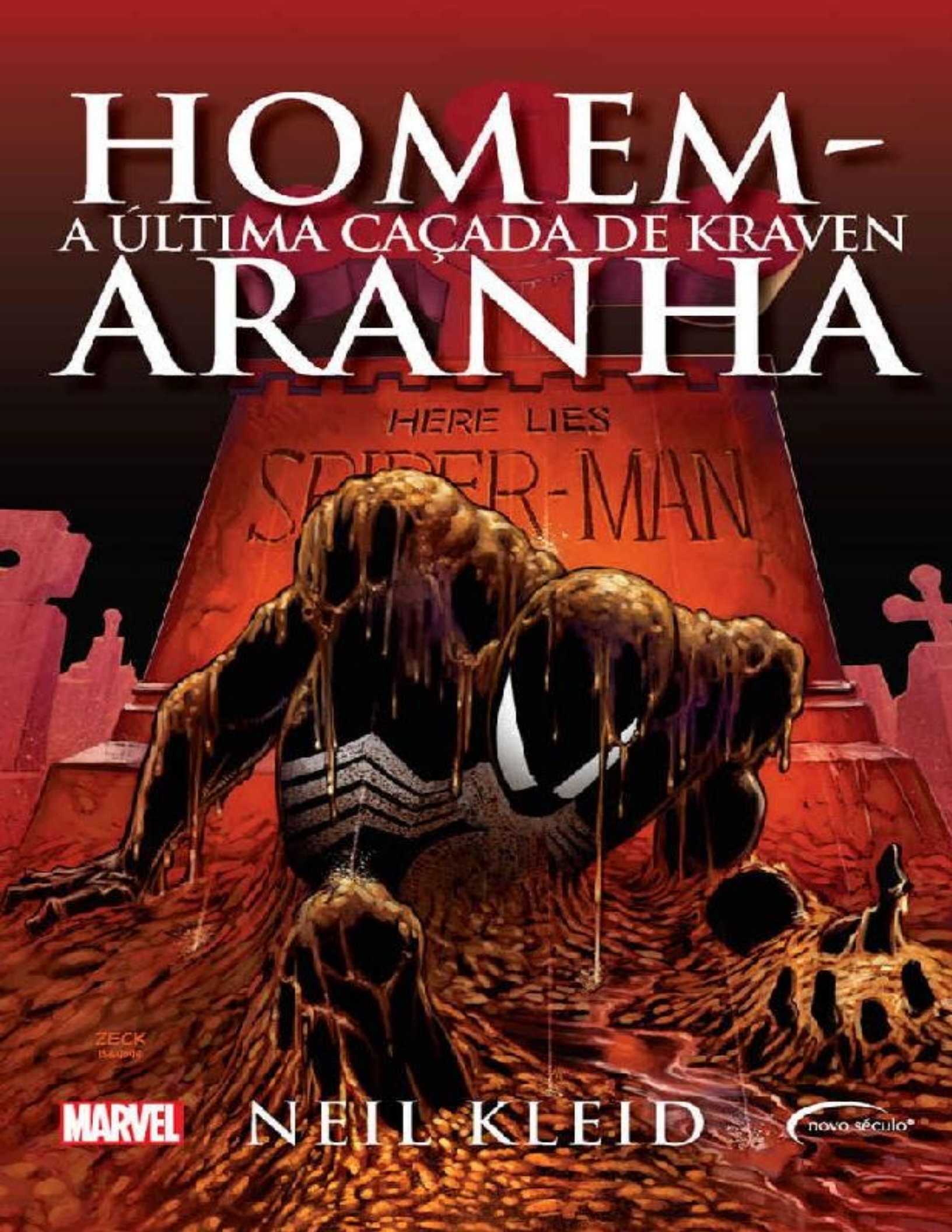
HOMEM-ARANHA

A ÚLTIMA CAÇADA DE KRAVEN



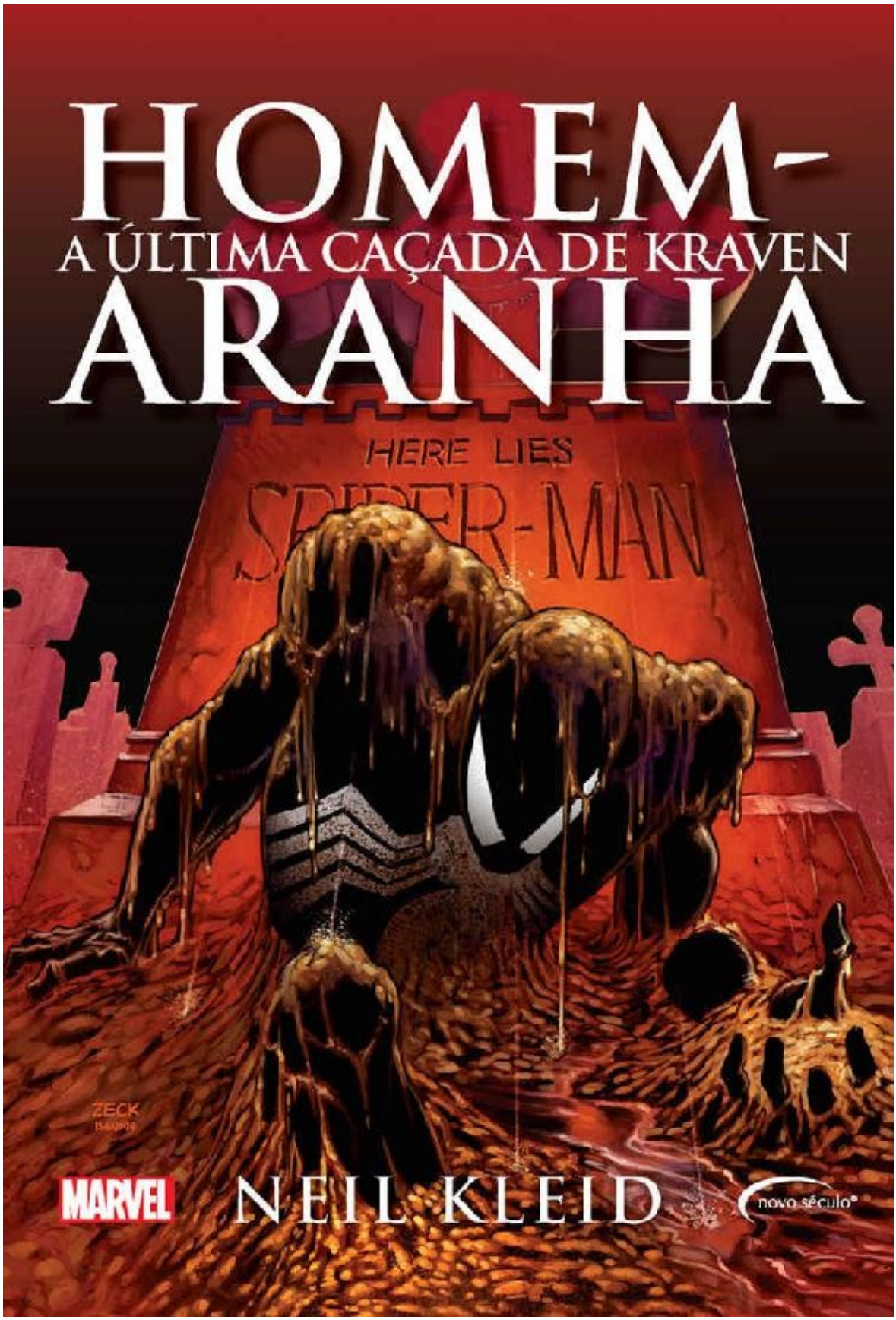
MARVEL

NEIL KLEID

novo século

HOMEM-ARANHA

A ÚLTIMA CAÇADA DE KRAVEN



MARVEL

NEIL KLEID

novo século

HOMEM-ARANHA

A ÚLTIMA CAÇADA DE KRAVEN

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO MARVEL

NEIL KLEID

ADAPTADO DA GRAPHIC NOVEL DE J.M. DEMATTEIS E MIKE ZECK

MARVEL
marvel.com
© 2017 MARVEL

Spider-Man: Kraven's Last Hunt
Published by Marvel Worldwide, Inc., a subsidiary of Marvel Entertainment, LLC.

marvel.com
© 2017 MARVEL

Equipe Novo Século

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES
Renata de Mello do Vale

EDITORIAL
João Paulo Putini
Nair Ferraz
Rebeca Lacerda
Giovanna Petrólio

TRADUÇÃO
Marcia Men

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Mike Zeck
Richard Isanove

PREPARAÇÃO
Maria Marta Cursino

DEMAIS ILUSTRAÇÕES
Mike Zeck
Bob McLeod
Steve Geiger
Art Nichols

P. GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Vitor Donofrio

REVISÃO
Alline Salles

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Vitor Donofrio

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK
Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

Equipe Marvel Worldwide, Inc.

VP, PRODUÇÃO & PROJETOS ESPECIAIS
Jeff Youngquist

EDITOR CHEFE
Axel Alonso

EDITORA-ASSOCIADA
Sarah Brunstad

PRESIDENTE
Dan Buckley

GERENTE, PUBLICAÇÕES LICENCIADAS
Jeff Reingold

DIRETOR DE ARTE
Joe Quesada

SVP PRINT, VENDAS & MARKETING
David Gabrie

PRODUTOR EXECUTIVO
Alan Fine

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kleid, Neil
Homem-Aranha: A última caçada de Kraven
Adaptado da graphic novel de J.M. Dematteis, Mike Zeck
Neil Kleid; [tradução Marcia Men].
Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

ISBN: 978-85-428-1170-4
Título original: Spider-Man: Kraven's Last Hunt

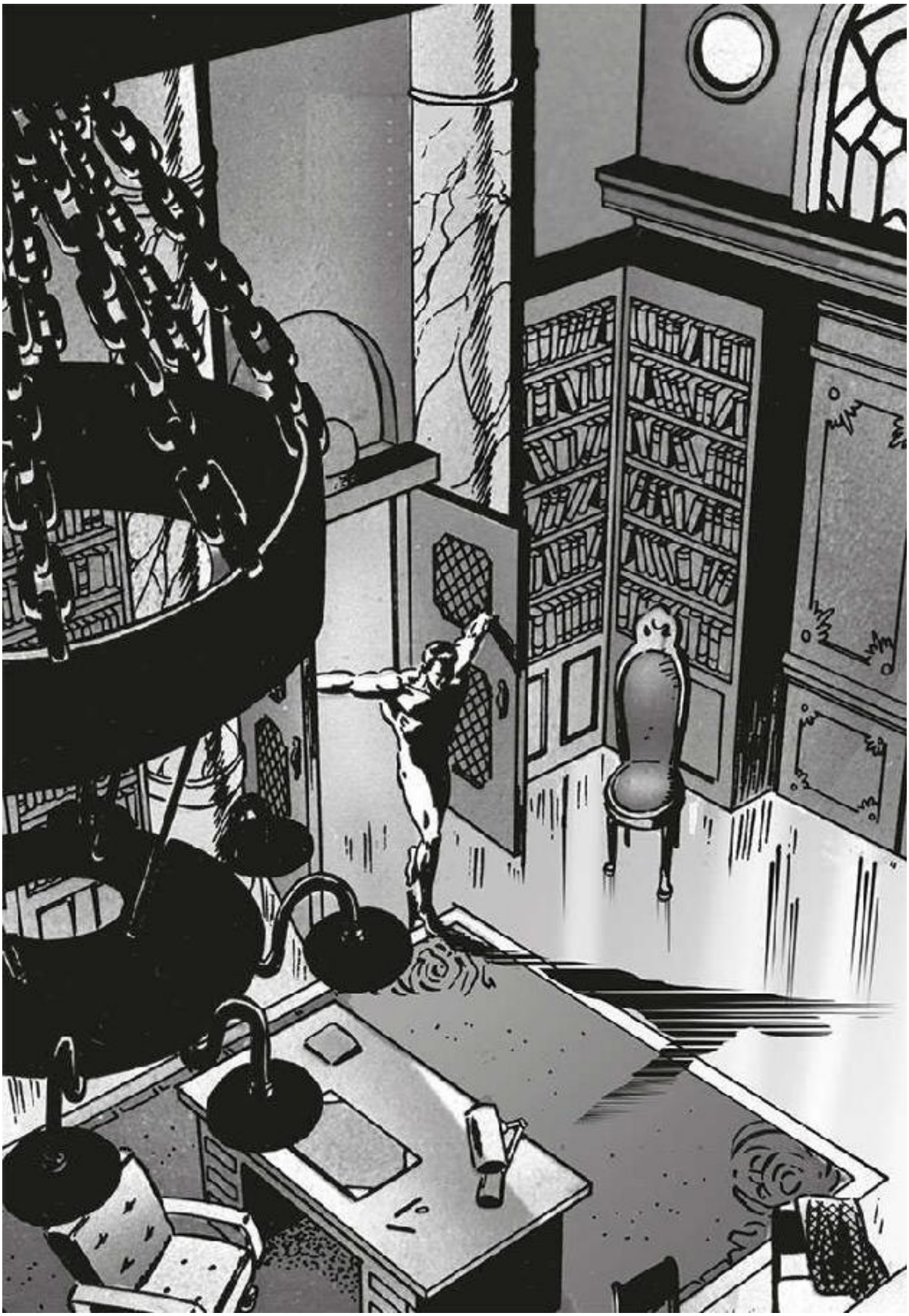
1. Ficção americana 2. Super-heróis I. Título II. Dematteis, J.M. III. Zeck, Mike IV. Men, Marcia

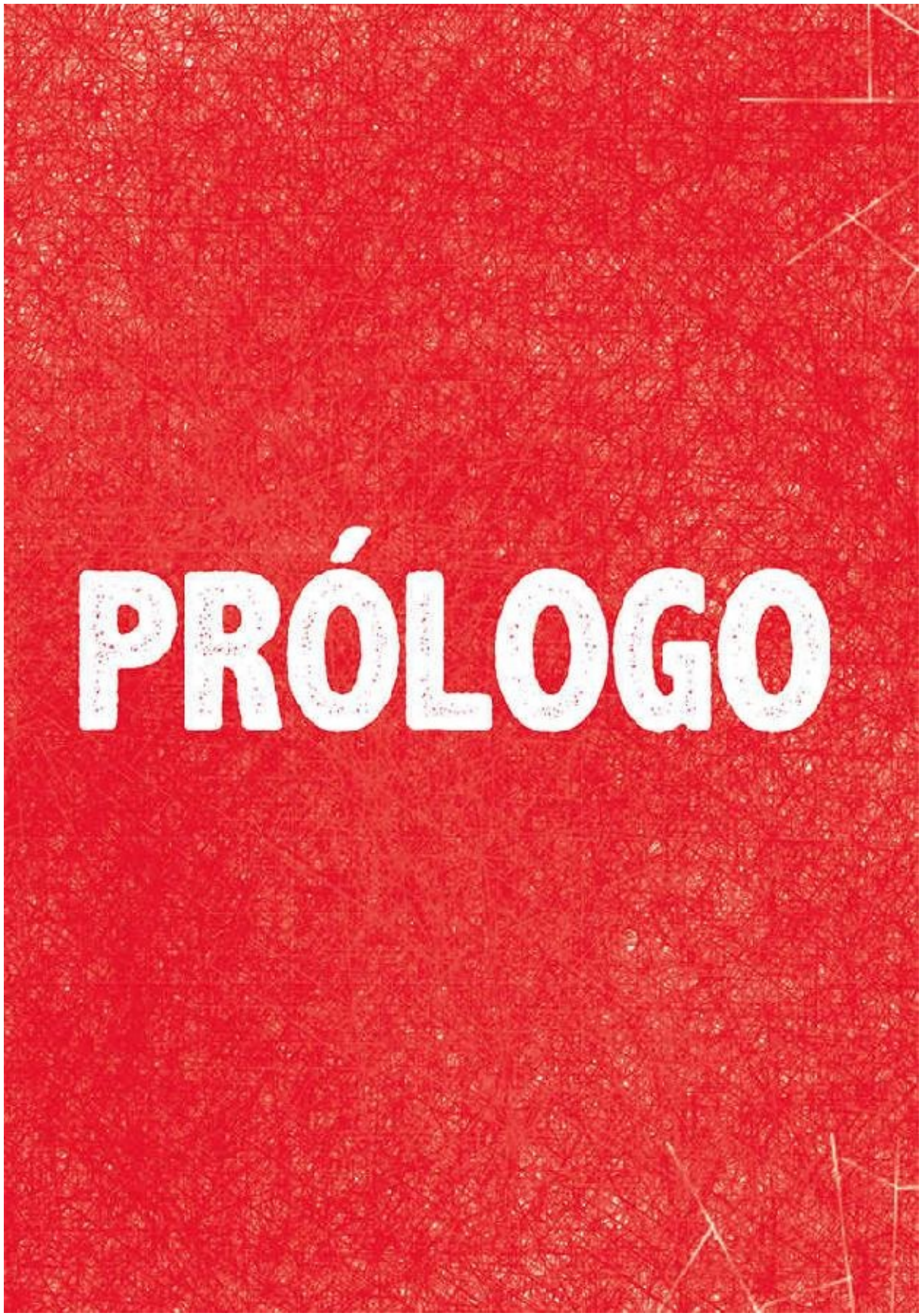
17-0298 CDD-813.6

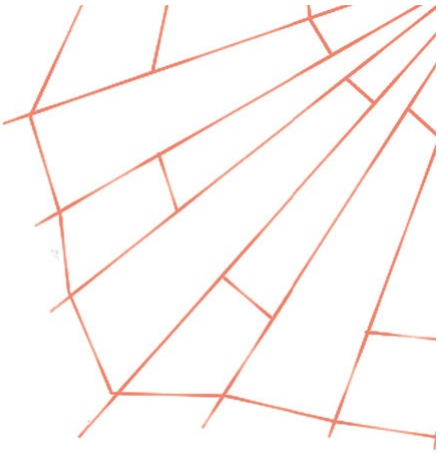
Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção americana 813.6

Nenhuma similaridade entre nomes, personagens, pessoas e/ou instituições presentes nesta publicação são intencionais. Qualquer similaridade que possa existir é mera coincidência.

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111
CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil
Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br




PRÓLOGO



O CAÇADOR RETIROU SEU RIFLE DO ESTOJO. Ele o virou nas mãos e testou seu peso. Passando a palma da mão ao longo da coronha, segurando o cano com mais firmeza, o Caçador pousou o metal frio contra seus dedos fortes e calejados. Em seguida, colocou amorosamente a arma em uma mesa próxima, com uma reverência equivalente à de uma mãe com o filho. O rifle, um Remington modificado, era algo único: havia sido manufaturado exclusivamente para o Caçador, sendo construído sobre os ossos de um clássico Modelo 700. Seu estojo era um caixão, forrado de veludo e polido com cobre, e agora jazia aberto, descansando no coração de seu covil.

Sergei saiu do aposento situado no centro do complexo onde morava – um santuário particular que continha uma vida de acúmulo de artefatos e memórias. Ele caminhou deliberadamente, distribuindo o peso de seu corpo sobre os dedos dos pés como um felino selvagem, movendo-se silenciosamente por seus modestos alojamentos, afastando-se do caixão e do rifle à espera de ser usado, à espera do inevitável fim daquele caso.

Mas não ainda.

Vestido com um robe cobalto amarrado frouxamente na cintura, Sergei foi até os fundos da casa, onde nem assistentes nem servos ousavam caminhar. Tratava-se de um isolado sacrário interno, coberto com elegância exótica e repleto de troféus empalhados, isto é, antigos adversários arrastados por terra ou mar, em redes ou jaulas, carregados sobre seus ombros ou usados como montaria por ele. Cada um deles fracassara em superar Sergei, em derrotar o Caçador em seu auge. Sergei enfrentara todos eles, do orgulhoso Leão ao poderoso Elefante, do terrível Tigre ao esguio Jaguar. Eles tinham exposto garras e presas, rugido e atacado, mas Sergei os derrotou um por um,

reclamando pele e ossos de todos para si. Todos os animais. Todas as feras. O Caçador se provou vitorioso sobre todos eles.

Todos, menos um.

Sergei fechou as cortinas, expulsando a luz, e retirou seu robe. Nu e sozinho, vestido apenas com a pele do Caçador, ele circulou pela sala e saudou seus inimigos. Seu olhar pousou sobre o azul noturno de uma pantera feroz, cujas mandíbulas estavam abertas em um silencioso rosnado. Ele passou pela figura ameaçadora de um símio potente, os braços erguidos como se estivesse em ataque, mas não deu nenhuma atenção àquela imponente figura. Chegando a uma mesa nos fundos, onde o aguardava um arranjo de poções e velas apressadamente arrumadas em uma pequena bandeja de prata, ele terminou os preparativos com pouca fanfarra, distraído por planos e lembranças. Sergei acendeu um incenso, a rala fumaça púrpura a subir do pavio e a se infiltrar pela sala, e engoliu diversas poções, as ervas ali misturadas servindo para aprimorar seu estado mental.

Ele se virou para os animais, entrou no círculo de feras contra as quais provara sua superior capacidade e conquistara honra e postou-se de quatro. Sergei então se movimentou pelo piso, não mais como o Caçador, mas adotando os modos e instintos da Fera, usando todos os membros à sua disposição para se impulsionar adiante… para *rastejar*. As ervas e poções alteravam sua percepção, afastando o Caçador-homem e permitindo que ele se tornasse o Caçador-fera. Embora perseguisse uma presa imaginária, rastejando entre o Elefante e o Rinoceronte, Sergei sabia que ele era muito mais do que aquilo.

Eu sou Kraven, pensou ele, o nome ecoando em seu crânio, tomando toda a sala, cada troféu e cada parede. *Eu sou Kraven, eu sou a Fera.* Ele distorceu essa sentença em um mantra e vestiu-o como coroa, enquanto saltava na direção da pantera, quase invisível conforme a névoa púrpura envolvia seus contornos azuis e negros. Sergei aterrissou do lado oposto ao felino, abrindo a boca e rosnando para ele. Em seguida, jogou a inimiga para o lado, contra uma coleção de escudos ornamentados e lanças cuidadosamente empilhadas. Um troféu de taxidermia e as armas mortais caíram ao chão, espalhando-se em um monte.

Sergei se afastou – não –, *rastejou* para longe e perseguiu outro oponente: um símio, alto e orgulhoso, que se levantou para projetar uma sombra sobre a desnuda forma do Caçador. Sergei ficou de pé para enfrentar o colosso peludo, erguendo os braços a fim de se equiparar aos do macaco. Ele golpeou com a palma da mão a parte inferior da mandíbula do símio, separando a cabeça do corpo com uma pancada curta e potente, acompanhada de um primitivo berro

de fúria, um grito de congelar o sangue. O Caçador estendeu a mão, agarrou o corpo do macaco e o elevou acima da cabeça, os rijos músculos retesados e contraídos pela cólera e pelo esforço.

Sergei sorriu, frio e perigoso, com os dentes cerrados. *Minha mente é ira e glória,* pensou ele. *Meu coração, fogo e orgulho. Eu sou Kraven. Meu corpo é graça e poder.*

Gritando como o Elefante e levantando os braços, Sergei golpeou o macaco empalhado, lançando-o ao chão, despedaçando-o e fazendo voar fragmentos por toda a sala, entre o restante das criaturas que o observava. Respirando forte, a pele escorregadia pelo suor e pela fumaça, ele tropeçou até a cortina e a abriu com um puxão, parando apenas para pegar seu robe. A fumaça escapou da sala e se dissipou pelo covil, seguindo o Caçador conforme ele avançava pelo corredor, indo para a parte da frente do complexo.

Sergei não deu atenção à fumaça que fugia, perdido em pensamentos e na missão que tinha diante dele.

Eu sou Kraven, a Fera, ele relembrou a si mesmo, *mas também sou Kravinoff, o homem.*

Prendendo o robe ao redor de seu corpo, passando outra vez os braços pelas mangas, Sergei deixou a Fera de lado – como fizera com o rifle – e andou sobre a planta dos pés, atravessando sólidas portas de carvalho até chegar ao calor rarefeito da biblioteca. Cercado por livros surrados e mapas desbotados, Sergei se serviu de outro drinque – desta vez, não uma poção para alterar a mente, mas um agradável vinho tinto africano, envelhecido à perfeição em garrafas de cerâmica e mesclado com toques de papoula e sangue de leão por mestres viticultores. Ele decantou o vinho em um pesado cálice de prata, remanescente de uma vida que mal conhecera, trazido da Rússia por seus pais anos antes. Ele deixou o vinho respirar, lançando seu olhar pela sala e pousando-o sobre os primos daquele cálice: itens e relíquias de família, passados de Kravinoff para Kravinoff ao longo dos anos até chegar às suas mãos calejadas e indignas.

– Eu sou Kravinoff – repetiu ele em voz alta, para qualquer um que pudesse estar ouvindo, fosse homem ou fera.

Kravinoff, Sergei sabia, era um homem; um velho, embora poucos pudessem acreditar nisso. Havia passado muitos anos, anos duros, longos e, com frequência, infrutíferos, desde que viajara ao exterior quando criança e chegara com seus pais a esta terra de ovelhas e presas. Ele não passava de um bebê, um bebê chorão, percorrendo os mares com sua mãe e sua ama de leite, viajando para as praias de um lugar sem honra nem dignidade.

Olhando para Sergei – para seu corpo forte, seu rosto fatigado e seus cabelos negros –, uma pessoa comum veria um homem de 40 anos ou menos. A verdade, porém, residia no conteúdo das poções e ervas que Sergei tomava. Elas o transformavam de homem em fera, de Caçador em predador, mas também lhe permitiam conservar a juventude, a agilidade, a resistência e a força. O fato era que Sergei Kravinoff espreitava a Terra já havia quase um século.

E aprendera muita coisa, pensava, enquanto girava ociosamente o vinho em seu cálice. Esta terra não estava sozinha em sua desonra. Também não havia mais lugar na Rússia para tais coisas, para aristocratas ou cultura, para honra e dignidade humana. Assim que os cossacos vieram, que os homens se tornaram presas, caçados por outros homens que não passavam de bestas em pele humana, assim que vieram em busca da família e da fortuna de Sergei, tornou-se necessário buscar nova sorte em um novo mundo chamado América.

Entretanto, tudo que seus pais foram forçados a deixar para trás em sua linda terra natal – honra, dignidade, orgulho –, todas essas coisas haviam sido instiladas nos ossos de Sergei muito antes que Trótskis e Lênins arrastassem a Mãe Rússia para o fundo do poço. Ele sentia que era o único que ainda as carregava, na pele e em suas células, pois o mundo todo parecia ter seguido o triste exemplo da Rússia. *Onde se pode encontrar dignidade hoje?,* perguntou-se Sergei. Ele estava de pé, junto à mesa no centro de seu escritório, lambendo o vinho e permitindo que o líquido, vermelho como sangue, escorresse por seu queixo e por seu amplo e musculoso peito. *Honra*, ele perguntou a si mesmo novamente, *onde existe honra agora?*

Ele se esticou até um pequeno interfone do outro lado da mesa e, com o dedo grosso e insistente, apertou um botão achatado. Uma estante de livros, cujos volumes não eram nada além de imitações bem-feitas, deslizou para o lado, e um par de discretas portas se abriu, revelando uma capela esparsamente iluminada por fileiras de velas cerimoniais. Sergei deu a volta na mesa – de novo a colocar seu peso sobre os dedos dos pés, inconscientemente retomando o passo de um animal – e carregou o cálice para dentro da capela. As portas se fecharam atrás dele.

Eu sou Kravinoff, pensou ele mais uma vez, *e se meu pai estivesse vivo… se minha mãe estivesse viva… eles observariam esse animal ferido e apavorado chamado civilização sem reconhecê-lo, e com muito medo.* Sergei assentiu para si mesmo e bebeu um longo gole, o vinho respingando contra seu queixo. Distraidamente, ele o limpou com o dorso da mão e adentrou um pouco mais, sob o brilho suave

da luz das velas, as sombras se alongando nas paredes e janelas em ambos os lados.

Com muito medo, pensou Sergei. *E muito asco*.

Ele foi lentamente até o centro da capela, passando por fileiras de cadeiras e pelas cores abafadas e prismáticas de vitrais desenhados com primor, alojados em paredes com nichos profundos. Finalmente, ele voltou ao caixão, esperando e repousando sobre uma plataforma diante de uma janela maior e de um punhado de castiçais de prata, sombreados dos dois lados por arranjos florais verdejantes e exuberantes, importados de Madagascar, de Moscou e do Oriente Médio. Sergei subiu a curta escadaria que levava ao caixão e lançou um breve olhar para o Remington modificado que colocara sobre uma mesa próxima. Ele abandonou o cálice, deixando-o sobre a beirada do caixão aberto, e colocou as mãos em suas laterais, fitando os castiçais apagados e a impassível janela decorativa mais além.

Eu sou o homem, refletiu ele. *Eu sou a Fera*.

Eu sou Kraven. O Caçador.

O Caçador encontrara dignidade naquele mundo, mas não nas cidades. Não, o Caçador a encontrara nas selvas. Ele havia visto honra não nos civilizados, aqueles que viviam em uma sociedade que clamava por ser honrável, mas nos primitivos, aqueles que não reconheciam nenhuma lei, a não ser a dos dentes e garras, a de matar ou morrer. Como Caçador, ele havia encontrado moralidade e significado não na cultura ou nas artes, ou em qualquer coisa que uma sociedade supostamente civilizada cria em esforço para se provar melhor do que os animais. Não. Kraven tinha encontrado significado na caçada. E dedicara sua vida a ela.

O Tempo, porém, como todos os bons predadores, havia finalmente alcançado o Caçador e, em breve, não haveria como fugir. Ervas, raízes, poções... Elas poderiam, sim, mantê-lo vivo, como vinham fazendo, dando sobrevida a Sergei. Todavia, nenhuma poção poderia rejuvenescer o espírito moribundo do Caçador, e nenhuma erva curaria seu coração, degenerado que estava pelo peso de uma era corrompida.

Eu era uma criança, pensou Sergei, *nada além de um filhote nas mandíbulas da mãe, carregado de uma selva para outra*. Em muitos sentidos, Sergei ainda se sentia assim. No entanto, o significado da caçada para ele havia começado a desvanecer, e os fracassos do Caçador pesavam sobre sua alma. Seus olhos se afastaram aos poucos da janela e se direcionaram para a mesa lateral, onde jazia o rifle.

Eu morrerei em breve, refletiu Sergei. *Devo morrer em breve.*

Ele se voltou para o caixão aberto e, cuidadosamente, passou a mão por seu interior, acariciando o veludo e o que repousava lá dentro. Seu maxilar se enrijeceu. Ele pensou na Rússia, em sua mãe, em todas as injustiças que suportara desde sua chegada à América. Seu punho se fechou, apanhando o objeto de dentro do caixão, e seus dedos se entrelaçaram com o rosto de seu inimigo. Com a pele da Fera.

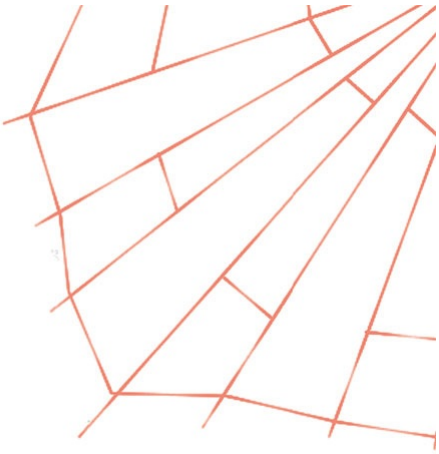
Lentamente, Kraven ergueu sua mão e retirou o objeto do caixão – um traje azul e escarlate, decorado com as oito pernas da Fera. Ele levantou a fantasia do Homem-Aranha até a altura de seu rosto e, com um de seus dedos grossos e ásperos, traçou um risco nos grandes e brancos olhos da máscara. Lágrimas escorreram espontaneamente dos cantos dos olhos de Kraven, enquanto ele contemplava a tarefa que tinha diante de si e estudava sua presa. Ele fitou profundamente os olhos cegos do Aranha. Preparou-se para a caçada.

Eu morrerei em breve, Kraven disse a si mesmo, usando o mantra para se focar, como uma batida constante de tambor no meio da selva, ecoando seus pensamentos anteriores com uma temível simetria. *Devo morrer em breve.* Ele segurou a máscara do Aranha com mais força.

Mas ainda não.

PARTE 1
ENLUTADOS

1



SEIS HOMENS CARREGAVAM PARA A SEPULTURA, embaixo da chuva, o corpo de Ned Leeds, em paz, dentro de um caixão simples de cerejeira. Uma pequena multidão de enlutados silenciosos circundava o local, as mãos cruzadas à frente do corpo, enquanto uma leve garoa batucava contra seus casacos, suas costas, a grama e as árvores. Aqueles que carregavam o caixão se moviam devagar, dando o seu melhor para evitar escorregar na lama. Com a cabeça baixa, eles abriram caminho entre a esparsa reunião de amigos e familiares, trazendo o caixão de Ned para repousar sobre um par de correias largas, depositadas na transversal sobre o buraco aberto no chão.

Peter Parker, de olhos vermelhos e rosto exaurido pelo sofrimento, mal ouviu enquanto o padre falava aos presentes. Ele estava exausto. Os eventos da semana anterior o deixaram cansado demais para se concentrar em qualquer coisa que não fosse a mulher à sua esquerda, uma de suas amigas mais antigas naquele mundo: a viúva, Betty Brant Leeds. Quieta e composta, Betty apenas fechou os olhos e suspirou quando o padre terminou de dizer suas palavras de conforto. Ela apertava uma mão na outra, enquanto um vento gentil balançava o colarinho de seu sobretudo azul-marinho acinturado. Peter colocou a mão no ombro dela, se esforçando para apoiá-la e ficar ao seu lado. Na verdade, o que ele queria era sair correndo e gritando do cemitério, atravessando a cidade até encontrar algo em que bater – ou alguém em quem despejar sua frustração sob o disfarce de seu alter ego, o infame herói mascarado conhecido como Homem-Aranha.

Peter resistiu ao impulso, permanecendo em seu lugar ao lado de Betty – ali, para qualquer coisa que ela precisasse –, e repassou em sua mente os eventos das últimas 24 horas. Ele estava perplexo por estar no funeral de um repórter com quem estivera em uma missão apenas alguns dias antes. Um homem de

quem ele tinha se aproximado durante o último ano e chegado a considerar um amigo, um confidente, mas que, ainda assim, descobrira ser alguém que mal conhecia.

Ontem, pensou Peter, *Ned Leeds voltou para casa... Bem, ao menos seu corpo voltou*. De pé, na pista do aeroporto JFK, cercado por uma pequena coleção de amigos e familiares, Peter havia assistido a desconhecidos descarregarem o corpo de seu amigo como se o homem não fosse nada além de uma bagagem extraviada. Ned tinha sido transportado pelo Atlântico junto a malas surradas, valises desgastadas e animais de estimação enjaulados. *Nem um pouco digno,* pensara Peter, naquele momento.

Morte com dignidade talvez fosse definitivamente uma piada. Nunca existia dignidade, apenas morte. Peter já vira o suficiente em sua vida para compreender esse fato. Assim, ficou de pé, sob a chuva que caía, ao lado de amigos, colegas de trabalho e familiares, horrorizado por saber que Ned Leeds estava morto e que era culpa de Peter Parker.

Como fotógrafo, ele se pegou reunindo os eventos da morte de Ned em uma série de vívidas fotografias mentais.

Click. Foto de J. Jonah Jameson, editor-chefe do *Clarim Diário*, enviando Peter e Ned para Berlim, com a missão de investigar o paradeiro de uma espiã da época da Guerra Fria.

Click. Foto de Peter como Homem-Aranha encontrando a espiã e colocando a própria vida em risco para protegê-la.

Click. Foto de Peter voltando ao quarto de hotel, deparando-se com Ned amarrado a uma cadeira, a garganta cortada de uma orelha a outra.

Click. Foto de Betty Brant Leeds soluçando na pista de pouso, Peter esperando por perto, imerso em uma nuvem de culpa, incapaz de aceitar as consequências de seu fracasso mais recente.

Mas foi Ned quem não conseguiu lidar, pensou Peter. Não conseguiu lidar com os homens que, sem dúvida, estavam procurando pelo Homem-Aranha e, em vez dele, encontraram Ned. Eles então o usaram para mandar uma mensagem. Por que mais Ned teria sido assassinado? E por que Peter não estava lá, ao lado dele, em vez de sair bancando o herói?

Ele mal suportava olhar para Betty. Como poderia? Como ele poderia encarar qualquer um de seus amigos e familiares, sabendo que outra pessoa próxima estava morta porque ele havia sido amaldiçoado com os poderes e habilidades do Homem-Aranha? Gwen Stacy, antiga namorada de Peter, assassinada por Norman Osborn, o Duende Verde. O próprio Norman, morto

em batalha. Fora o Duende que ceifara as duas vidas, mas apenas graças à presença do Homem-Aranha.

E havia também o tio de Peter, Ben. Seu pai substituto, morto pelas mãos de um assaltante que o Homem-Aranha se recusara a conter com seus poderes recém-descobertos, pois estava muito cheio de si para interferir e dar uma mãozinha. A morte de Ben pesava sobre a alma de Peter, instigando nele o desejo de usar suas habilidades para salvar vidas e tornar o mundo um lugar melhor.

Ontem, Ned voltou para casa, pensou Peter. *Hoje, estamos colocando-o debaixo da terra. Exatamente como todos os outros que eu matei… todos os outros cujas vidas foram perdidas devido a sua conexão com o Homem-Aranha.*

Torcendo para que a culpa não tivesse alcançado seus olhos, Peter se virou e analisou os rostos na multidão. De pé, mais para o fundo, com a face marcada pelas lágrimas, Mary Jane Watson capturou seu olhar. Ela tocou a mão sobre o coração e murmurou: "eu te amo". Ele conteve um sorriso, sabendo que aquele não era o momento. Queria ir até MJ e tomá-la em seus braços, mas haveria tempo suficiente para isso mais tarde. Agora, Peter precisava concentrar sua atenção na viúva que sofria a seu lado.

Ele voltou-se de frente para Betty, oferecendo um braço como apoio. Dois homens baixaram o caixão de Ned, coberto de flores, para dentro da cova. Betty permaneceu calma, de um jeito quase artificial, e Peter se perguntou como ela se sentiria sabendo que o Homem-Aranha, o homem responsável pela morte de seu marido, estava a seu lado. *Ela provavelmente gritaria*, concluiu ele. *Eu que o diga. Eu sou o Homem-Aranha e estou quase gritando.*

Os enlutados se afastaram aos poucos, permitindo que os homens terminassem de descer Ned na cova e cobrissem o caixão com terra. Peter abaixou a cabeça, sussurrando para Betty:

– Você está bem?

Ela levou dois dedos aos lábios, fechando os olhos mais uma vez.

– Ssshhh. Estou ouvindo – respondeu ela.

Peter arqueou uma sobrancelha.

– Ouvindo o quê?

Betty sorriu – um sorriso estreito, bem-aventurado e frio.

– Ned. Quero ter certeza de que não há nenhum som de movimento ou respiração dentro do caixão. Eu já li histórias de gente sendo enterrada viva. Todo mundo pensava que estavam mortos. Ned não iria querer ser enterrado vivo.

Peter sentiu sua respiração parar, e assim ficou, enquanto observava Betty abrir os olhos – seus pacíficos e calmos olhos azuis-celestes. Ela se afastou, indo ao encontro dos coveiros e estendendo a mão para chamar a atenção deles.

– Com licença, senhor – disse ela. Os coveiros ergueram o olhar de suas pás. – Com licença, mas vocês se incomodariam de abrir o caixão, só para eu ter certeza de que ele está morto mesmo?

Horrorizado e com o coração em frangalhos, Peter deu um passo na direção de Betty e segurou-lhe o braço.

– Betty, vamos embora. Por favor, a gente deveria ir...

Sorrindo, ela se aproximou dele e lhe deu um abraço reconfortante, enquanto a irmã dela vinha juntar-se a eles.

– Ah, Pete – disse Betty, um suspirou contorcendo o nome dele. – Pete, sabe, quando Ned e eu saímos para dançar... – Ela enxugou uma lágrima dos olhos, e Peter então se deu conta de que Betty não estava chorando. Ela estava rindo.

– ... quando Ned e eu saímos para dançar... Ned *guia* [*] . – Ela abafou uma gargalhada. – Hihihi... Ele *guia,* entendeu?

Mudo, Peter permitiu que a irmã de Betty a afastasse da cova, conduzindo-a até o estacionamento, onde uma limusine a levou para longe dos amigos e familiares. Peter, de pé, entre os enlutados tristes, vestindo terno e gravata, com os punhos cerrados ao lado do corpo, assistiu ao carro sair. Ele queria ter alguém em quem bater, mesmo sabendo que ninguém merecia apanhar mais do que ele próprio.

Dois homens se aproximaram por trás de Peter, juntando-se a ele, enquanto ele ia para o estacionamento. Pesaroso e mais calmo do que nunca, J. Jonah Jameson voltou-se para o segundo homem, o editor-chefe do *Clarim,* Joseph "Robbie" Robertson, e silenciosamente balançou a cabeça.

– Ah, meu Senhor – disse Jonah, a voz raspando enquanto ele repetia: – Ah, meu Senhor.

Robbie segurou o ombro de Jonah.

– Você se culpa, não é?

Peter se forçou a encarar novamente a limusine que partia, a ficar parado e a escutar sem reagir. Depois de um instante, percebeu que o comentário de Robbie tinha se dirigido a Jonah, não a ele.

Jonah pigarreou fundo.

– É claro que eu me culpo, Joe. Eu sou o editor-chefe. A responsabilidade é toda minha, eu sou o responsável por aquele pobre rapaz perder a vida.

Jonah gesticulou para o estacionamento, de onde o carro de Betty já tinha desaparecido, na chuva.

– Sou o responsável por transformar a pobre Betty, que trabalhou para mim durante anos, em viúva. Eu já perdi bons homens antes... mas esse caso deve ser o pior de todos.

Ao ouvir aquilo, Peter se virou, encarando seu editor, enquanto o homem mais velho encolhia os ombros, derrotado.

– Eu destruí uma família – prosseguiu Jonah, com uma expressão desapontada e vencida, lágrimas brilhando sob seus olhos.

Eles ficaram ali, os três, na chuva que caía gentilmente, apoiando um ao outro em silêncio, lamentando a perda de um amigo. Depois de um breve momento, Jonah enxugou o rosto e começou a andar. Robbie ajustou seu passo ao lado dele, dando um tapinha de passagem no ombro de Peter. A voz de ambos flutuou no ar.

– Sabe – disse Jonah –, é uma lástima. No passado, eu fui capaz de jogar tantas coisas nos ombros daquele rastejador de paredes, tanto no jornal quanto em público... mas desta vez não posso botar a culpa em mais ninguém, só em mim.

Conforme os jornalistas chegavam ao estacionamento, Peter mal pôde ouvir os últimos comentários do áspero editor.

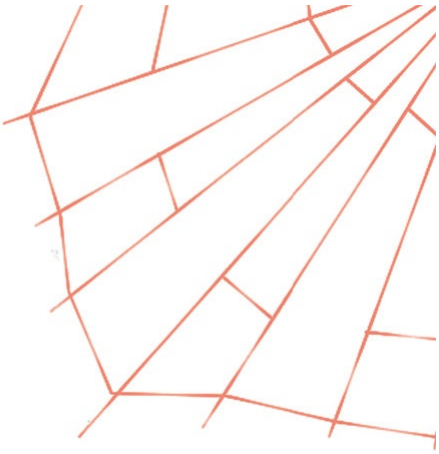
– Afinal – terminou Jonah –, o lançador de teia estava a mais de mil quilômetros de Ned Leeds no momento da morte dele. Pelo menos neste caso, as mãos do Homem-Aranha estão limpas.

Congelado no lugar, devastado pela culpa e cercado por túmulos reais e metafísicos, Peter Parker – o espetacular Homem-Aranha – postou-se ao lado da cova de seu amigo morto e permitiu que as lágrimas escorressem por seu rosto, misturando-se com o coro da ópera das gotas chorosas de chuva.

---

* Piadinha em inglês com o verbo “lead” e o sobrenome do personagem, Leeds. (N.T)

2



DUAS NOITES DEPOIS, Mary Jane Watson estava sentada a uma mesa nos fundos de um café no centro da cidade, distraidamente remexendo um *latte* e esperando Peter Parker chegar. Ele telefonara mais cedo, explicando que precisaria passar em seu apartamento para se trocar antes de encontrá-la. Ela ficava olhando para a porta, preparando-se para passar a noite discutindo sobre Ned e Betty e, por fim, afogar-se na perda sofrida por todos.

MJ estava vestida de preto – suas roupas de luto. Ela raramente vestia preto, pois tendia a cores mais modernas e descoladas, para contrastar com seus longos cabelos castanho-avermelhados. Porém, tudo a respeito daquela semana – o funeral, o clima, seu estado mental – parecia sombrio e mal-humorado, de modo que ela não estava disposta às cores. Encolhida no cantinho do café, junto a seu *latte* que esfriava rapidamente, MJ torcia para que seu vestido a ajudasse a se misturar com as sombras e ela pudesse ser deixada em paz com seus pensamentos. Alguns desses pensamentos eram sobre a morte e o funeral de Ned, mas a maioria deles tinha a ver com a bomba que Peter soltara em seu colo poucos dias antes.

Apesar de ela e Peter estarem namorando, Mary Jane compareceu ao enterro de Ned sozinha, para permitir que ele se concentrasse no que Betty precisasse. A história entre Pete e MJ vinha de muito tempo – juntos, depois separados, agora juntos pra valer, ela esperava –, contudo, Peter conhecia Betty ainda há mais tempo, e Mary Jane compreendia a necessidade dele de estar ao lado dela naquele momento de dor. Haveria bastante tempo para o relacionamento deles depois. E, verdade seja dita, Mary Jane precisava de algum tempo sozinha para processar os acontecimentos da semana anterior.

Ela precisava de tempo especificamente para processar o fato de que Peter Parker – o eterno tímido, um homem adulto que comia (e gostava!) das

panquecas integrais de sua tia idosa, um homem que mal tinha dois centavos no bolso e passara por mais emergências de moda do que MJ podia se lembrar, aquele homem maravilhoso que ela sem dúvida amava – era um herói de verdade, de vermelho, preto e azul.

Peter Parker é o Homem-Aranha.

Na noite em que Peter voltara de Berlim, devastado pela morte de Ned, ele bateu na porta de MJ e desabou em seus braços – exausto, chorando, incapaz de ligar uma palavra a outra. Mary Jane o acalmou, consolando-o da melhor forma que pôde. Durante uma longa noite de confissões, Peter hesitantemente revelara seu segredo: anos atrás, durante uma excursão no Ensino Médio, ele havia sido mordido por uma aranha radiativa; a mordida lhe dera proporcionalmente a velocidade, a agilidade e a força de uma aranha, além da habilidade de aderir às paredes – e, pelo visto, também lhe presenteara com uma fieira de efêmeros relacionamentos, devido à incapacidade de Peter de colocá-los acima daquele novo e nobre estilo de vida.

A teia fora uma invenção do próprio Peter, assim como sua persona mascarada – uma necessidade, explicou ele, para proteger aqueles a quem amava. Infelizmente, nem sempre tudo funcionava conforme o planejado: amizades foram desfeitas, relacionamentos arruinados, carreiras e objetivos deixados de lado, tudo em troca do constante chamado dos perigos da cidade, sempre precisando de um Homem-Aranha amigo da vizinhança.

Como se não tivesse mais nada a perder, Peter confessou mais de uma década de segredos, fardos que ele carregava desde a morte de Ben Parker. Ele deixou que Mary Jane entrasse em sua vida, compartilhando sua história como jamais fizera com ninguém, finalmente respondendo todas as perguntas que ela um dia tivera sobre Peter Parker. Ela se deu conta do que aquela confissão significava para Peter e para eles, então agora precisava de tempo para lidar com a magnitude daqueles fatos e para realmente compreender as implicações de tudo aquilo.

– Peter Parker é o Homem-Aranha – ela murmurou para si mesma, contendo uma gargalhada, perguntando-se se alguém havia escutado.

MJ olhou ao seu redor, observando os outros clientes, mas concluiu que seus colegas de café estavam distraídos demais com seus próprios dramas pessoais. Ela brincou com sua bebida, sorrindo, a despeito da ansiedade que gelava sua barriga. MJ estava secretamente contente por ser a única pessoa em Nova York (e talvez no mundo) a saber que seu namorado – um estudante de ciências polido, quieto, nada descolado, com quem ela saíra em um encontro às escuras

muito desajeitado, arranjado por suas respectivas e bem-intencionadas tias – era de fato a pessoa mais descolada, bacana e glamorosa que Mary Jane Watson conhecia. No entanto, o que a atraía nele, o que fazia dele a pessoa que ela amava, era o fato de ele também ser o homem mais íntegro, moral e responsável que ela conhecia. E, com muita frequência, isso significava que ele estava constantemente refletindo sobre como sua vida afetava as pessoas a sua volta.

Estava óbvio que a morte de Ned abrira os olhos de Peter para sua própria mortalidade, ao mesmo tempo em que servira como mais um exemplo de que ninguém próximo a ele estava de fato a salvo. Talvez a confissão de Peter fosse um modo de ele proteger Mary Jane, armando-a com o conhecimento necessário para ela se proteger da vida que ele levava – ou até do próprio Peter, talvez. Quem sabe ele tivesse se dado conta de quanto ela estava vulnerável aos perigos que o rondavam. Eles haviam retomado o relacionamento exatamente quando o espectro do Homem-Aranha tocara mais uma vez alguém dentro de seu círculo de amizades. Será que a morte de Ned deixara Peter imaginando MJ sendo jogada de uma ponte, como aconteceu com a pobre Gwen?

Não. Ela balançou a cabeça, recusando-se a acreditar naquilo. A confissão de Pete não passara a impressão de que ele queria fechar uma porta ou usar seu segredo como uma desculpa para terminar tudo. Se fosse esse o caso, se ele realmente quisesse acabar a relação deles, teria usado seu truque mais antigo: imergir em uma nuvem de mistério e se afastar de todas as coisas boas em sua vida, uma manobra frustrante que MJ apelidara de "embaralhada Parker". Em vez disso, Peter tinha se aberto – realmente se aberto para ela, pela primeira vez em sua vida – e isso, para Mary Jane, soava como se ele estivesse verdadeiramente assumindo o que eles compartilhavam, munindo-a da informação de que ela precisava para lidar com o fato de ser a namorada do Homem-Aranha.

A única questão era: ela podia lidar com isso?

Era por esse motivo que Mary Jane chegara cedo ao café, para se dar tempo de processar tudo e planejar o que queria dizer. O *latte* tinha esfriado, e ela o deixou de lado, espichando-se para olhar a porta. *Peter Parker é o Homem-Aranha,* ela disse para si mesma de novo. Que estranho. Que maravilhoso. Que perfeito.

Como se invocado pelos pensamentos dela, Peter de súbito estava ali, distraidamente abrindo caminho pela multidão e tropeçando na direção da mesa em que ela estava. De relance, MJ pôde ver que algo estava errado – o

rosto dele estava pálido, e suas roupas, desgrenhadas. Ele se largou na cadeira diante da dela e passou a mão sobre o rosto.

– Pete? Você está bem?

Peter levantou os olhos, vermelhos e derrotados, e deixou as palmas das mãos caírem sobre a mesa, chacoalhando o *latte* e espantando os clientes mais próximos. Mary Jane segurou as mãos dele, afagando-as com gentileza.

Ela jogou o cabelo para trás, abaixou a voz e fitou-o nos olhos.

– Peter, me diga o que aconteceu.

Peter começou a falar, mas sua voz se partiu. Ele então pigarreou e sussurrou por cima da mesa:

– Ned...

– O que tem o Ned?

– Ele... – Peter fechou os olhos, como se as palavras lhe doessem. Ele apanhou a caneca dela, tomou um gole, fez uma careta ao sentir o gosto e colocou-a de lado. – Eu descobri esta noite. É que...

Peter levantou a cabeça e fitou-a nos olhos.

– Ned Leeds era o Duende Macabro.

O coração de Mary Jane gelou. Ela se levantou, mal deixando passar um segundo, e puxou Peter até ele ficar de pé.

– Venha – disse ela. – Aqui não.

Vinte minutos depois, aninhados na cama de MJ, Peter relatou os eventos dos últimos dias. Ele descobrira, por meio de informantes, que Ned, assim como Peter, estava levando uma vida dupla: vestindo uma fantasia que ele tinha comprado e alterado, que previamente pertencera ao Duende Verde. O Homem-Aranha, como tantos heróis combatendo o crime no mundo todo, ostentava uma extensa galeria de vilões a serem combatidos. Embora Mary Jane nem sempre tivesse prestado atenção às histórias detalhadas dos inimigos do Homem-Aranha, ela morava em Nova York há tempo suficiente para se familiarizar com cores e fantasias, fossem berrantes ou discretas. Electro, aquele do capuz ridículo com raios. Doutor Octopus, o tonto de oito braços com cabelo tigelinha. O Rino. O Lagarto.

Mais recentemente, aterrorizando Nova York com bombas explosivas em formato de abóbora, instigando uma guerra mortal entre gangues e derramando um banho de sangue por toda a cidade, estava, atrás de uma máscara amarela apavorante e uma capa laranja de Dia das Bruxas, o demônio mortífero conhecido como Duende Macabro. Ou, como ela sabia agora, o

corajoso repórter do *Clarim*, o falecido marido de uma de suas amigas mais queridas, o finado Ned Leeds.

– E pensar – disse Peter, com a cabeça entre as mãos –, e pensar em como me senti culpado por achar que Ned tinha sido morto porque eu era o Homem-Aranha, porque nós dividimos um quarto por acaso, porque nós, porventura, estávamos trabalhando juntos, e ele ainda deixou viúva minha melhor amiga. Quero dizer, isso já era ruim o bastante.

Ele se virou para Mary Jane, lágrimas escorrendo por seu rosto e pousando em sua barba curta de dois dias.

– Mas saber que... Ned vestiu a máscara do meu maior inimigo. Ele dedicou sua vida a acabar com a minha e quase me matou ao menos três vezes neste ano. Talvez porque ele soubesse quem eu era, talvez porque eu simplesmente estivesse em seu caminho. Eu... eu... eu só...

MJ esfregou as costas de Pete, colocou a mão no braço dele e tentou acalmar seus nervos.

– Relaxe. Despeje tudo, deixe sair.

Peter expirou, a respiração pesada estertorando em seu peito.

– Eu sinto como se um peso tivesse sido retirado dos meus ombros. Estou aliviado em saber que não sou culpado pela morte de Ned, de nenhuma forma que Betty ou qualquer pessoa possa pensar, e quero capturar e levar à justiça os homens responsáveis. Mas...

– Mas você sente que, por causa da conexão de Ned com o Homem-Aranha, pelo modo como ele estava interligado à sua vida, como seu amigo e seu inimigo...

– ... é como se o Homem-Aranha tivesse um dedo na morte dele de qualquer maneira.

A declaração franca de Peter silenciou a conversa por algum tempo, as palavras pairando suspensas entre ambos como uma sentença de morte. Mary Jane recordou momentos passados em encontros duplos com Betty e Ned: drinques e jantares, festas e risos. Ela jamais teria imaginado que um assassino cruel se escondia por trás dos olhos do amigo, às vezes frios, mas frequentemente bondosos. Nada a respeito de Ned – um sujeito íntegro, um repórter muito competente – indicava que ele pudesse estar escondendo um segredo tão imenso e horrível, que poderia explodir entre eles como uma bomba-abóbora mortal. Nada a fez sequer cogitar que ele escondia um monstro em seu armário.

Por outro lado, antes daquela semana, nada a respeito de Peter Parker também a fizera pensar que ele pudesse estar escondendo um herói por baixo de sua camisa amarrotada e seu humor mordaz.

Ela se lembrou do rosto de Betty no cemitério, solene e tenso, na chuva, guardando, sob seu comportamento quieto e sofrido, quaisquer segredos que possuía. A memória do luto de Betty forçou MJ a fazer uma pausa, perguntando-se quanto aquela pobre mulher sabia – com quanto Ned forçara Betty a lidar antes de parar do lado oposto ao gatilho de uma arma. E se Betty não soubesse, se Ned não tivesse partilhado seu segredo com ela, como Peter fizera com Mary Jane, o que a verdade faria com aquela frágil fachada quando finalmente viesse à tona?

– Você vai contar para a Betty? – ela perguntou a Peter.

Ele balançou a cabeça, negando.

– Ainda que eu pudesse contar sem entregar minha identidade, o que isso poderia trazer de bom? – Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça entre as mãos.

Os dois ficaram sentados em silêncio por um momento, e, em seguida, MJ levantou o queixo de Pete, forçando-o a sustentar seu olhar.

– Ei. Ouça aqui. Você não matou Ned Leeds. – Peter abriu a boca para argumentar, mas Mary Jane o interrompeu. – Não, me escute. Você não é responsável por toda morte, quase morte, ferimento ou cutícula arrancada que ocorra num raio de oitenta quilômetros do Homem-Aranha.

– Mas você não entende...

– Entendo, sim. Eu entendo que aconteceram tragédias horríveis, terríveis, na sua vida, Peter, e que você se sente cheio de culpa. Mas, apesar do "aranha" no seu nome, você é apenas um homem. Não um deus, não um ser infalível, mas um homem. Um homem sujeito a erros e defeitos, do mesmo jeito que o restante de nós. Você pode ter sentido-aranha, Pete, mas não pode prever o futuro. Simplesmente não pode.

Ele fechou a boca, formando uma linha bem-delineada, e segurou as mãos no colo, estalando os dedos de um lado e depois do outro.

– Eu só... Veja quanto ele se aproximou de mim, MJ. Veja como eu sou vulnerável. – Ele se voltou para ela, tomando sua mão. – Ned morreu. Quer dizer, nós não éramos melhores amigos nem nada assim, mas nos conhecíamos. E ele era o Duende Macabro esse tempo todo! Como foi que isso aconteceu? Como o marido de Betty Brant se tornou um cara que voava por aí e jogava bombas em formato de abóbora em super-heróis? Como é que eu pude não perceber? Digo, eu trabalhava com ele, lado a lado. Nós fomos ao casamento

dele! E se Ned era o Duende Macabro, como Norman era o Duende Verde antes dele... quem mais está assim tão próximo de mim? E se mais alguém do meu convívio está tramando para me matar? Será que o Electro é o meu carteiro? Será que o J. Jonah Jameson é secretamente o Rino? E...

– E o quê?

– ... E se um deles usar você para me atingir? Ned poderia ter descoberto meu segredo a qualquer momento, e então...

Ele ficou quieto, os olhos se fechando de novo.

– Eu não vou perder você, Mary Jane. Não como perdi a Gwen.

– Ei. Ei, olha pra mim. – Ela ergueu o queixo dele outra vez, lágrimas caindo dos olhos de ambos. – Eu sei no que estou me metendo aqui, tá bem? Certo, talvez eu ainda esteja tentando digerir tudo isso, mas sou de Nova York. Sei o que significa ser a namorada do Homem-Aranha.

– Estou com medo, MJ. Estou com medo de que...

– Não fique. Sou durona, lembra? Eu me viro com o Rino. Ou ao menos com o Metaloide, tenho certeza.

Pete riu.

– Aposto que se vira. Ninguém é mais durona... nem mais safa.

MJ correspondeu o sorriso dele, acrescentando uma piscadinha.

– Ei, encare as coisas, Tigrão. Quando se trata de uma pessoa safa, você tirou a sorte grande.

Eles se aproximaram um do outro. Peter tomou MJ em seus braços, recostando-se contra os travesseiros. Ele brincou amorosamente com o cabelo dela, e ela se aninhou no peito dele, perdoando o leve almíscar de suor e pânico. Aquele cheiro tinha sido conquistado a duras penas, contra alguns dos criminosos mais perigosos de Nova York.

Meu namorado é o Homem-Aranha, ela pensou mais uma vez. *Peter Parker é o Homem-Aranha*. Mary Jane se controlou, tomando cuidado para não deixar que um sorriso escapasse em seu rosto.

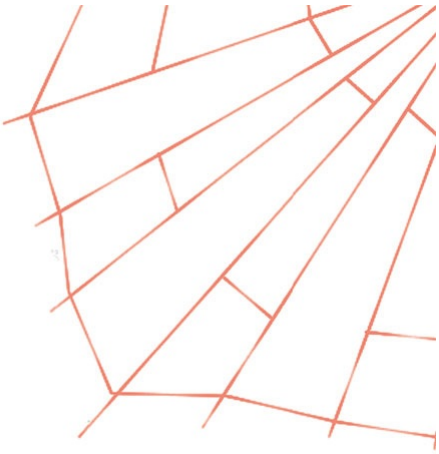
– Não se preocupe – ela o acalmou. – Eu estou aqui. Quero estar aqui e quero estar com você. Sei o que isso significa e compreendo as consequências.

Ela o sentiu sorrir, o peito de Peter se inflando e a mão dele tomando a sua, pousando-a sobre o coração dele. Entretanto, ao também sentir o pulsar trêmulo do coração de Peter, soube que, não importava o que ela dissesse, ele sempre ficaria com medo.

Meu namorado é o Homem-Aranha. Uma lasquinha de medo penetrou aos poucos seu coração.

Mary Jane se lembrou mais uma vez do rosto de Betty Leeds, quieta e misteriosa em sua dor. MJ se perguntou de novo se, a despeito de todas as garantias e gabolices, ela também estaria com medo.

3



ESTOU ASSUSTADO.

O Caçador estava sentado sozinho e nu no piso preto e brilhante, agachado no meio de um espaço vazio. O piso se moveu, seu polimento em ébano se deslocando e drapejando por cima de si mesmo, rolando como uma onda para todos os quatro cantos da sala espaçosa e estéril.

Estou com medo, pensou Sergei. Ele continuou imóvel naquele mar de aracnídeos em disparada que se espalhavam ao seu redor, permitindo que eles abrissem caminho descendo do teto em fios de teia cintilantes e tremeluzentes, para aterrissar em seus ombros e suas costas, enterrando-se em seu cabelo, rastejando sobre sua pele, e então empreendendo uma jornada pelo corpo dele, para enfim se juntar a seus colegas distribuídos pelo chão. Sergei esperava, seus pulmões se expandindo e se contraindo a uma velocidade estável e calculada. Ele deixou que o medo inundasse sua alma, devastando sua psique. Enquanto ele controlava sua respiração, para dentro e para fora, aranhas se empilhavam umas por cima das outras, enchendo a sala.

Estou com medo. O Caçador está com medo, reconheceu Sergei. Milhares de pernas minúsculas e peludas rastejavam por seu corpo, e incontáveis fios de teias repousavam sobre seu cabelo, seus olhos e todas as partes de seu corpo. Ainda assim ele esperava, encarando o medo, afogando-se em um mar de aranhas.

Estou com medo, mas não do Aranha, pensou Sergei. *Eu não temo a Fera. Temo somente o final, mas para todas as coisas deve haver um fim*, ele anuiu para si mesmo, espantando as aranhas que formigavam em seu rosto e picavam sua garganta. As que caíam eram substituídas pelo dobro de seu número. *Esta noite.*

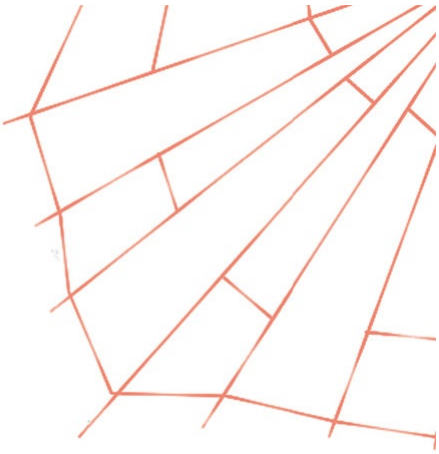
Súbita e violentamente, Sergei reagiu contra a muralha de aracnídeos. Ele curvou seus dedos em garras improvisadas e atacou com a velocidade do Leão e

a selvageria do Tigre, juntando punhados de aranhas e levando-as até sua boca. Prendendo um grito gutural, Kraven, o Caçador, começou a se alimentar, despedaçando as aranhas enquanto elas tentavam fugir de seus dentes, usando a língua para empurrar garganta abaixo as que conseguia.

Esta noite. As palavras rugiam dentro do crânio do Caçador, enchendo-o de confiança e poder, ao mesmo tempo em que ele comia os parentes de seu inimigo.

Esta noite, o fim começa.

4



A CHUVA CAÍA SOBRE A CIDADE NAQUELA NOITE, batucando contra os arranha-céus enquanto trovões ressoavam a distância. Nova-iorquinos corriam em busca de proteção, voltando para casa ao encontro de seus entes amados. Lá em cima, ao longe, empoleirado em um telhado, o Homem-Aranha observava os faróis dos carros percorrendo as ruas, misturando-se com o neon e as luzes dos postes, correndo pelas esquinas e atravessando avenidas como estrelas cadentes. Chuva e granizo escorriam por seu traje, chocando-se contra os amplos buracos brancos de sua máscara e acumulando-se sobre a teia preta desbotada e o estriado tecido escarlate que cobria sua pele. Ele ficou ali sentado, supervisionando calmamente a cidade que amava, perdido em pensamentos sob o céu que escurecia.

Levantando-se em silêncio, o Homem-Aranha pressionou dois dedos contra o botão de metal na palma de sua mão direita, acionando o disparador de teias em seu pulso e lançando um fio elástico de teia para um prédio adjacente. A teia grudou exatamente no lugar planejado, como sempre – à prova de erros em sua maior parte, desde que ele a inventara nos primórdios de sua carreira. Naquela época, as maiores preocupações de Peter Parker eram o que fazer com seus fantásticos novos poderes e se ele poderia utilizá-los para conseguir uma namorada.

O Homem-Aranha segurou a teia com as duas mãos, saltou e se balançou no espaço entre os prédios. Toda vez que ele fazia isso, não importava a situação, Peter – o homem sob a máscara – ficava extasiado com a súbita queda livre, desafiando a gravidade de maneiras que as pessoas comuns tinham sido condicionadas a evitar. Conforme o vento acelerava, seu coração saltava no peito. Os músculos se retesavam e ele se entregava a um balé aéreo sem igual: uma sensação encantadora e exultante que dominava tudo e que apenas alguns

poucos indivíduos poderiam conhecer. A despeito das gotas de chuva atrapalhando seu avanço, Peter aceitou de bom grado o consolo e o silêncio acima do ruído discordante e agitado da cidade, livre dos eventos preocupantes que tentavam arrastá-lo para baixo – Ned, seu relacionamento, culpa. Tudo. Ele fechou os olhos e soltou-se do fio perolado da teia. Em seguida, disparou outro em um outdoor mal-iluminado, corrigindo seu balanço à direita com uma cambalhota aérea graciosa. O mundo físico girava, combinando com o caos no coração de Peter. Balançando de um fio a outro, mantendo os olhos abertos para situações que pudessem exigir a atenção do Homem-Aranha, Peter seguiu para o East Side sem pressa.

O Homem-Aranha se dirigia a um funeral, o segundo na mesma semana. O de Ned havia sido uma provação, emocionalmente doloroso e quase impossível de aguentar sem o apoio de Mary Jane. O daquela noite, contudo, prometia ser algo frio e nada emocionante. Na verdade, ele não tinha nem sido convidado. Descobrira sobre a cerimônia por meio de informantes em becos e por fofocas do submundo.

Peter foi com calma, iludindo a si mesmo ao fingir patrulhar crimes que ele poderia impedir ou vidas que ele poderia salvar. Gatinhos em árvores, velhinhas atravessando a rua... Qualquer situação em que o Homem-Aranha pudesse interferir para desviar o trânsito, ou que ajudasse a mantê-lo longe de seu destino. Ele estava de saco cheio de mortes e cansado de lamentar.

Joe Face está morto, pensou Peter enquanto se balançava, descendo a Lexington no sentido de Gramercy Park. *Joe Face está morto. Por que eu deveria me importar?*

Da última vez em que o Homem-Aranha vira Face, o bandidinho ordinário e gorducho estava roubando um caminhão cheio de aparelhos de Blu-ray. Na vez anterior, estava servindo de capanga para o Abutre, e Peter o pendurara sobre a borda do Flatiron Building antes de entregá-lo à polícia. Joe Face era só mais um caguete nas ruas – um marginalzinho qualquer que ele às vezes usava para obter informações, às vezes prendia por pequenos crimes. Ninguém importante, alguém que mal aparecia no radar do Homem-Aranha.

Joe Face agora estava morto.

Por que eu deveria ligar? Peter perguntou-se mais uma vez, pousando no telhado baixo e achatado de um boteco chamado Jimmy's, na esquina noroeste entre a 20ª e a 3ª. *Quantos Joe Face eu conheci ao longo dos anos? Demais para poder contar.* Peter se agachou, tenso e hesitante, nas sombras à beira do

telhado, avaliando o momento, enquanto gotas ardidas aterrissavam em suas costas.

Homens como Joe Face eram obstáculos menores para o Homem-Aranha – incômodos pequenos, rostos que passavam despercebidos em uma multidão e às vezes podiam servir de meio para alcançar um fim. Brutamontes medíocres: pobres demais para bancar um bom disfarce, patéticos demais para se provar uma ameaça. Eles geralmente usavam roupas puídas e armas de segunda mão – a menos que conseguissem se associar a um dos grandões, algum dos supervilões que faziam da vida de Peter uma dor de cabeça espetacular, cheia de teias e sem fim. Contudo, homens como Joe Face normalmente eram criminosos menores e cometiam crimes menores, de modo que o Homem-Aranha conseguia impedi-los sem nem ter que se incomodar em lembrar seus nomes.

Joe Face era um zé-ninguém, como tantos outros. E se um zé-ninguém morria, por que o Homem-Aranha deveria se importar?

Ned Leeds era um nome na multidão.

Peter suspirou, baixinho e longamente. Após um instante, cedendo ao inevitável, ele entrou no boteco.

Naquela noite, o Jimmy's, deteriorado e lascado, tinha sido fechado por seu proprietário. As escassas cadeiras – precariamente espalhadas ao redor de mesas pintadas e descascando – foram empurradas para os lados, abrindo espaço para um caixão simples de pinho, aberto e posto contra a parede dos fundos, perto de uma jukebox enferrujada, a alguns metros dos banheiros mal-iluminados do lugar. Ninguém estava de pé atrás do bar. Fileiras de garrafas empoeiradas e cheias em níveis diferentes forravam uma prateleira de madeira atrás de uma caixa registradora antiga. Nas paredes pendiam um punhado de cartazes repletos de piadinhas sobre regras de bar vagamente bem-humoradas e uma placa Miller Lite piscando, que devia ter sido instalada pouco depois da invenção dos tubos de neon. O bar estava vazio, exceto por um pequeno grupo de sujeitos que pareciam trabalhadores braçais e circundavam o caixão, as mãos devidamente cruzadas nas costas ou enfiadas nos bolsos, enquanto olhavam para o cadáver tranquilo do pobre Joe Face. O orador, Jimmy – sem dúvida –, vestia uma camisa de bartender e uma pequena gravata preta. Estava postado na lateral, com uma tigela de dólares amassados em uma cadeira, falando com o recém-falecido.

Peter entrou discretamente através de uma janela baixa acima do bar e rastejou pelas ripas do teto, se esforçando para fazer silêncio e permanecer

junto às sombras. Ele se adiantou aos poucos, tentando ouvir as últimas palavras que alguém diria a Joe Face.

– Ele não deixou para trás nenhum dinheiro – dizia Jimmy – nem família. – Ele pigarreou, nervosamente mudou de posição e continuou: – Nós somos tudo o que você tinha, Joey. E isso... – Jimmy fez um gesto amplo, indicando a tigela de dinheiro, a parca plateia e o caixão manchado. – Isso é o melhor que pudemos fazer.

Jimmy estendeu a mão e pegou a tigela, erguendo-a, então a apresentou ao corpo de Joe, como se o bandido morto pudesse aceitar o dinheiro e enfiá-lo no bolso de seu jeans desbotado.

– Nós fizemos uma coleta no seu nome, Joey. Achamos... Achamos que o mínimo que a gente devia a você era um caixão decente e um pedacinho de chão. Talvez algum dia... algum dia alguém faça o mesmo por...

Jimmy olhou para cima naquele momento, reagindo por instinto. Ele sentira a presença do Homem-Aranha e, quando olhou para cima, os outros fizeram o mesmo. Todos puderam ver o vermelho-sangue de sua fantasia, o branco brilhante de seus olhos e o preto profundo e rico de seu emblema se misturando com as sombras, que fracassaram em impedir que ele fosse notado.

– Minha nossa – gaguejou Jimmy. – É o... é o...

Ele não conseguiu terminar, chocado, enquanto Peter lentamente descia por um fio de teia cada vez mais fino. *Homem-Aranha*. Nenhum dos fregueses ali podia fazer aquele nome sair de sua boca. A maioria deles, assustada e perplexa demais por encontrar o herói entre eles, começou a correr para a porta. Joe Face também teria ficado assustado. O sujeito tremia sempre que o Homem-Aranha o abordava em busca de informação ou para prendê-lo por algum crime. Joe costumava fugir, como seus antigos amigos fugiam agora, correndo daquele pesadelo mascarado.

Peter reagiu à covarde retirada deles. Aterrissando diante do caixão de Joe Face, ele girou e disparou um fio na porta, trancando-a com teia. Os colegas de Joe se viraram, horrorizados, esperando o início dos golpes e lances de teia do Homem-Aranha.

Peter, no entanto, não estava no clima. Aquele ambiente deprimente era, afinal, um funeral. Além disso, o Homem-Aranha não passava de uma máscara, um mito. Uma mentira.

– Parem! – gritou Peter. – Não vim em busca de problemas.

Os frequentadores do bar hesitaram, esperando por um truque sujo, mas Peter não planejava bancar o herói naquela noite – já que isso era tudo o que ele

sempre fazia. Claro, seria ótimo se, ao colocar o disfarce, o homem debaixo dele milagrosamente mudasse, transformando-se em outra pessoa. Seu traje, porém, não só não podia fazer isso como também não fazia. Por baixo da máscara do Homem-Aranha – uma máscara que até mesmo *ele* temia às vezes –, estava apenas o bom e velho Peter Parker de sempre. Apenas um homem comum, como o falecido no caixão atrás dele. Exatamente como Ned.

No fim das contas, pensou Peter, talvez ele de fato ligasse para Joe Face.

Peter estendeu as mãos, chamando os meliantes, enquanto se agachava perto do caixão bambo de pinho.

– Só vim para me despedir. – Ele se virou de frente para o defunto, preparando-se para prestar suas condolências.

Os homens afastaram-se da porta aos poucos, e então começaram a circundar o herói e o cadáver. Um deles – calvo, suando e com o rosto vermelho, um criminoso de longa data, se é que Peter podia identificar um – sacou uma pistola de debaixo do casaco e deixou que uma expressão desdenhosa e faminta se espalhasse por seu rosto. Jimmy percebeu o movimento e tentou impedir o sujeito, sibilando um alerta que Peter poderia ter ouvido até mesmo de Nova Jersey.

– Harry, não!

– Tá brincando? Se eu mato esse esquisitão rastejador de parede, minha reputação tá feita nesta cidade!

Harry se aproximou de seu alvo, chegando junto das costas do Homem-Aranha. Quando seus sapatos estalaram nas tábuas tortas do piso do boteco de Jimmy, Peter girou e apontou um dedo para a arma – a ameaça implícita no branco inexpressivo e fixo de seus olhos.

Harry tropeçou, caindo de costas contra uma cadeira, e se sentou com um resmungo.

Peter virou a mão e pressionou dois dedos em sua palma. Ele a ergueu na direção de Harry e disparou um aviso:

– Nem. Tente.

Harry, suando mais do que antes, largou a arma e levantou os braços, rendendo-se.

Peter assentiu, enfiando a mão na cintura de seu traje e tirando de lá um pequeno maço de notas amassadas. Ele as colocou na tigela de doações de Joe Face e apontou para Jimmy, explicando:

– Um caixão decente e um pedacinho de chão.

Jimmy anuiu, junto com alguns dos bandidos. Nenhum deles, entretanto, se arriscou a partilhar uma palavra de consolo para confortar o herói mascarado em seu momento de dor.

Ninguém quer se aproximar demais do "esquisitão rastejador de parede", não é? Ninguém quer descobrir que ele é tão humano quanto vocês. Tão frágil quanto qualquer homem… tão vulnerável e comum como Joe Face.

E com tanto medo de morrer quanto vocês.

Peter pensou nisso enquanto se balançava para longe do Jimmy's, deixando os criminosos sozinhos para o enterro. Ele voou pela cidade rumo a seu apartamento em Chelsea, preocupado com a morte e a perda.

Ontem, Ned Leeds. Hoje, Joe Face. E amanhã… Tia May? Mary Jane?

Eu?

Embaixo da chuva, que ficava mais forte, Peter desceu se equilibrando, aterrissando na claraboia acima de seu apartamento, grato por sair daquele clima terrível e portentoso e entrar no calor acolhedor de sua casa apertada e familiar. Ele tirou seu disfarce, pendurou-o na porta do closet – fazendo uma nota mental para lavá-lo assim que possível – e caiu na cama com um suspiro de alívio, puxando o cobertor para o peito e deixando os eventos do dia se assentarem, bem como seus pensamentos correrem.

Engraçado, pensou Peter, *eu estou por aí enfrentando a morte todo dia, mas nunca penso a respeito dela. Acho que não me permito isso, porque se me permitir, talvez nunca mais lance nenhuma teia.*

Ele encarou o brilho incandescente da única lâmpada pendurada em seu quarto e piscou para afastar a umidade que teimosamente se agarrava a seu cabelo e a seus cílios. *Tanta gente que eu amo morreu antes da hora*, pensou ele. *Tio Ben, Gwen, agora Ned… Será que eu sou, de alguma forma, imune?*

Ele olhou a esmo o quarto, e então reparou em uma rede de teias conhecida e cintilante preenchendo um canto. Uma aranha negra minúscula descia pela parede, vindo em sua direção. Por pura força do hábito, ele ergueu a mão, preparando-se para dar um tapa no aracnídeo, mas parou.

Eu vou morrer.

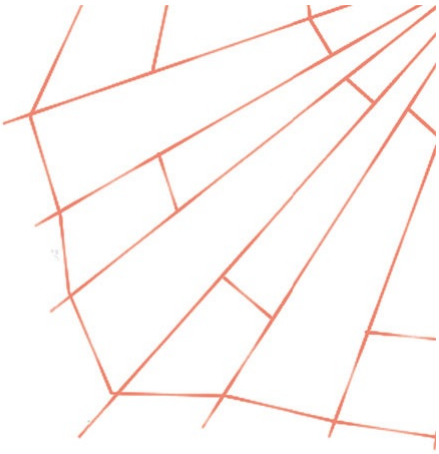
Ele abaixou a mão, devagar e pensativo. A aranha se afastou rapidamente, voltando para o brilho tremeluzente da única luz que havia no quarto. Peter piscou duas vezes, estremeceu e se esticou para desligar o interruptor.

Eu vou morrer.

Mas ainda não.

Peter arrastou o cobertor por cima de sua cabeça, virou-se para a direita e fechou os olhos. Sua mente, exausta, girava, com imagens de caixões e criminosos. Ele tentou dormir, mas ficou se revirando na cama por horas, atormentado e assombrado pelos eventos da noite.

5



CHRISTINA ATRAVESSOU CORRENDO A RUA DEZESSEIS, mal vendo para onde ia, segurando um *Clarim* ensopado acima da cabeça, em um esforço para manter a tempestade a distância. Bolsa pendurada no ombro, ela se desviou de carros que passavam e evitou poças d'água, com os instintos inatos de uma nova-iorquina nativa.

Christina odiava correr de salto alto, e aquela era a primeira vez que ela voltava para casa tão tarde e sozinha. A festa tinha ido até de madrugada, e ela tinha que acordar cedo no dia seguinte. Precisou pedir desculpas e sair, torcendo para pegar um trem sem estragar a bolsa ou a roupa. Ela não tinha um guarda-chuva, pois, sem conferir a previsão do tempo, o deixara em casa naquela manhã, e se recusava a abrir mão de cinco dólares para comprar um nos camelôs da rua. Assim, tirou o jornal de sua bolsa, segurou-o acima da cabeça e correu como o diabo.

– Porcaria de tempo horroroso – xingou ela, em voz alta. Seus saltos mergulharam em poças de água quando ela saiu da calçada para atravessar a Oitava Avenida, se sentindo como um rato afogado. A chuva se intensificou, batendo contra o chão em um som de tiros de metralhadora. Ela escorregou na rua ao correr para vencer o semáforo, e o jornal se agitou acima de sua cabeça, fazendo uma chuveirada de água escorrer por suas costas, caindo no cabelo e no colarinho da blusa.

– Porcaria de *chuva horrorosa!* Simplesmente odeio isso...

Algo atravessou seu caminho em disparada, fazendo a água das poças ao redor dos pés dela respingar – algo pequeno com orelhas longas, bigodes molhados e uma pelagem esguia, anexa a uma cauda fina, semelhante a um chicote. Christina se afastou com repugnância e girou o corpo, para evitar pisar na ratazana de esgoto de Manhattan. Ela tropeçou e o jornal saiu voando de

suas mãos enquanto ela ia ao chão, batendo a cabeça na rua, perto de um bueiro fechado.

Tonta, a cabeça latejando pela força do golpe, Christina se esforçou para recuperar logo o equilíbrio, caso um carro virasse a esquina com tudo. Procurou sua bolsa, seu jornal. Ela se levantou apoiada em um cotovelo, amaldiçoando mentalmente a ratazana errante, seus pais, filhos e todos os seus ratos vizinhos e colegas de drinque. Ela esperava que um dia o *Clarim* declarasse as ratazanas como uma ameaça à sociedade, assim como faziam regularmente com o Homem-Aranha. Ela tentou ficar de pé, o rosto e a lateral do corpo ardendo pela queda. A maldita chuva continuava a cair aos borbotões – de repente, Christina sentiu algo que realmente a fez estremecer.

Dedos magros e poderosos agarraram seu tornozelo direito.

Com o coração palpitando e a dor de cabeça se multiplicando, ela se virou e viu que o bueiro a seus pés havia se escancarado. Um braço molhado e musculoso se estendeu para agarrar sua perna. Assustada demais para gritar por socorro, Christina enfiou as unhas no asfalto da rua e lutou desesperadamente para escapar dos dedos, das garras que marcavam sua pele. Porém alguém, alguma coisa, lentamente começou a arrastá-la na direção do esgoto, puxando-a, centímetro após centímetro, para baixo das ruas de Manhattan. Depois de um breve instante, ela conseguiu recuperar sua voz e berrou na noite, mas o momento de um possível resgate já havia passado. Christina deslizou, chutando e brigando, pelo bueiro, descendo uma curta escada metálica para o esgoto lá embaixo.

Ela apagou. Quando tornou a abrir os olhos, não tinha como saber por quanto tempo havia estado inconsciente. Olhou ao seu redor, observando as paredes mofadas, os canos enferrujados e um rio espesso e viscoso de lodo tóxico. Bem à frente dela, um curioso ninho de ratos se agitava de um lado para outro, em uma série de degraus baixos, supervisionando Christina em silêncio, com seus olhos de contas escarlates. Ela se encolheu contra a parede, tremendo, e virou-se para agarrar a escada e sair daquele lugar. No entanto, a escada não estava mais ali.

Alguém a removera. Sem dúvida, fora o homem, ou coisa, que a arrastou para o esgoto. Com o coração em disparada no peito, Christina ficou de pé, usando a parede para se apoiar, e procurou loucamente por algum tipo de saída. O salto quebrado arranhava o cimento, e ela avistou algo grande se movendo na escuridão, respingando limo daquela imundície na direção dela. Um sibilar baixo ecoou no túnel mal-iluminado, desviando-se pelas paredes conforme o

desconhecido se aproximava aos poucos. Christina espremeu os olhos, tentando conseguir uma vista melhor de seu sequestrador.

– Oi?... Olá? – perguntou ela. – Quem está aí?

Encolhida e chiando, a criatura sombria esgueirou-se mais para perto, as pernas grossas se movimentando pelos dejetos, criando ondulações coloridas por onde passava. Suavemente, de leve, o chiado se transformou em palavras, das quais ela compreendeu apenas algumas.

– ... olha sssssó esssssssa aqui – a coisa disse em um sussurro sibilante. – Com suassss roupasssss engraçadassss e sssseu cheiro doce...

Christina tentou capturar a atenção da criatura outra vez.

– Quem é você? Quem está aí?

Se ele a escutou, resolveu não responder. Em vez disso, continuou com seu monólogo estranho e infantil.

– Perfume, acho que é assim que chamam. Uma máscara em um vidrinho. – A criatura gargalhou e seguiu adiante, respingando. A luz fraca revelava apenas seus apavorantes olhos vermelhos e seus dentes minúsculos e afiados. Seus dentes eram como os daqueles ratos do outro lado, os múltiplos espectadores do início do pesadelo de Christina. – Não é uma máscara muito boa, assim como todas as outras de lá de cima. Toooodas elas.

A criatura sorriu, parando para repousar a mão em uma parede musgosa. Seus dedos em garras guincharam contra as pedras. Quando a coisa se moveu para um ponto onde Christina conseguiu enxergá-la, sua voz ficou presa na garganta. Uma pelagem imunda, marrom e embaraçada, cobria os ombros, o peito e os braços da criatura. Orelhas pontudas saltavam de um crânio de roedor, e o nariz da coisa se contorcia e farejava o ar, procurando por algo entre os odores horríveis e sufocantes do esgoto.

– Por baixo do cheiro doce, um fedor pior do que o meu – a criatura despejou, gotículas de saliva respingando nos dejetos ao redor de suas pernas. A criatura contraiu seu rosto, ficando mais feia do que Christina podia acreditar, enquanto ia para o que podia se chamar de luz naquele esgoto. Se encolhendo o máximo que era capaz, Christina colocou uma das mãos sobre o coração e gaguejou de pavor, ao mesmo tempo em que um homem-rato feroz e gigantesco assomava diante dela, lançando sombra sobre seu rosto.

O homem-rato sorriu e falou, na direção dela, mas para si mesmo, rindo baixinho, com um hálito horrível, molhado e quente:

– Há, há, há, mas como elas gostam de fingir que são melhores do que nós! Ah, como elas gostam de fingir. É por causa delas que precisamos nos esconder

aqui embaixo, nos esconder aqui no escuro. Elas, esssssas pessoas moles, com suas roupas engraçadas e ssssseus cheiros doces. Elas correm como ratos, todas elas, mas, no final, não são melhores do que nósss, ssssão, Edward?

Christina começou a hiperventilar.

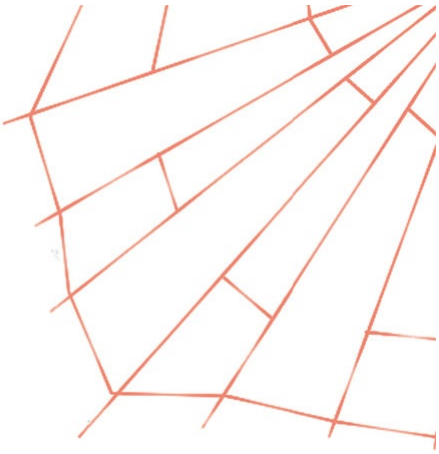
– Edward... esse... esse é o seu nome?

O homem-rato sibilou, e seu exército de ratos se afastou apressadamente, com guinchos assustados e nervosos. Ele a atacou, bravo por ter sido interrompido. O hálito da criatura soprou sobre o rosto de Christina em ondas fétidas e estranguladoras.

– Meu nome – disse o homem-rato – é Rattusssss. Não Edward, *Rattus!*

E então, enquanto a pobre Christina gritava pela última vez, Rattus começou a se alimentar.

6



MARY JANE TERMINOU SEU TARDIO JANTAR – samosas requentadas do restaurante indiano da esquina –, enquanto folheava à toa alguns álbuns de fotografia, passeando por uma lembrança de cada vez. Sua conversa com Peter a deixara repleta de questões e ideias. Eventos da história compartilhada por eles a assombravam de maneiras novas e reveladoras e, quanto mais ela se aventurava no passado, mais as samosas pareciam se inquietar em seu estômago. Ela acabou abandonando a comida, percebendo que a sensação desagradável em sua barriga talvez fosse decorrente de algo além de um prato com batatas e ervilhas estragadas.

Aparentemente, Mary Jane Watson levava uma vida despreocupada. Vivendo debaixo do mesmo teto que um pai abusivo e desonesto, MJ desenvolvera uma carapaça de proteção grossa o suficiente para suportar qualquer dificuldade, mascarando seu torvelinho interior com uma fachada de garota divertida, ebuliente e festeira, que ela só abandonava ocasionalmente e apenas diante de poucas e seletas pessoas – Peter Parker estava no topo dessa lista. Seu histórico romântico também não facilitava as coisas para ela. Ela sempre saltara de um namorado para outro, temerosa de ficar presa a uma relação e terminar no tipo de relacionamento em que havia assistido aos pais se arrastarem até sua mãe morrer. MJ, portanto, rotacionava os homens em sua vida, assegurando-se de ter sempre outro para o qual saltar quando um relacionamento começava a ficar instável. Harry Osborn, metade dos homens de Hollywood, quando ela morou por lá, e Peter Parker, é claro, que inaugurou um novo nível de instabilidade a seus relacionamentos.

Para ser justa, muito tempo antes de Peter revelar seu segredo, Mary Jane já meio que havia imaginado que ele podia ser o Homem-Aranha. Seus sumiços constantes durante situações de alta tensão, com a chegada súbita de um certo

rastejador de paredes instantes depois... Todos os sinais estavam ali, diante dela, mas ela os forçara para fora de sua vista e de sua mente, assim como fazia com o restante do drama que a cercava. Ela não precisava de mais dor ou dificuldades em seu estilo de vida livre e intencionalmente superficial.

E quanto bem isso lhe fizera, no fim das contas. Ali estava ela agora, olhando fotos inocentes de seus amigos e seus bons momentos capturados, flagrando-se a imaginar o que mais poderia estar se escondendo sob a superfície de cada um daqueles registros felizes. Quais rostos diante dela eram máscaras, usadas para esconder algo terrível ou triunfante do resto do mundo? Quantas vezes a vida de Mary Jane estivera em perigo simplesmente por estar acompanhada por um círculo específico de amigos, sorrindo para a câmera, sem a menor ideia a respeito do fato de ter um herói sentado entre eles? Ali, em uma foto tirada seis meses antes, o Homem-Aranha e Mary Jane tinham sido surpreendidos de braços dados em um barzinho polinésio, no Lower East Side, com Betty Brant Leeds e seu marido, o mortal Duende Macabro. Duas páginas antes, MJ se demorara sobre duas imagens de Peter rindo e bebendo com Harry Osborn, o filho do falecido arqui-inimigo do Homem-Aranha, o Duende Verde. Harry, tão ignorante, sem saber que seu melhor amigo era o maior inimigo de seu pai, sem jamais se dar conta plenamente de que sua vida sempre estivera em perigo constante.

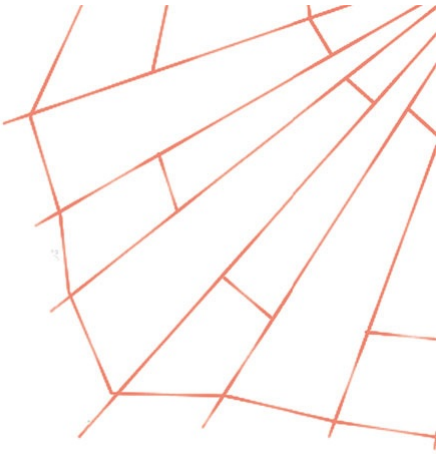
MJ fechou o álbum, deixou-o de lado e jogou fora as caixinhas das samosas. Foi até a janela e fitou a chuva, observando carros passarem lá embaixo e luzes se apagarem do outro lado da rua.

Agora que eu conheço todos os segredos deles, pensou MJ, *o que farei com essas informações? E o que essa resposta significa para Peter e para mim?* Mary Jane queria acreditar que nada daquilo fazia diferença, porque ela amava Peter Parker, ainda mais agora que sabia sobre sua vida dupla e que ele queria que ela fizesse parte de tudo. Mas será que ela compartilhava de sua força? Ela conseguiria viver em um mundo onde a dor podia se esgueirar a cada esquina, em que seus amigos mais próximos poderiam ser seus inimigos mais mortais? Será que Mary Jane Watson – festeira, sempre saltando de um namorado para o outro, nunca se comprometendo seriamente a nada – poderia viver com o fato de que a responsabilidade sempre colocaria o homem que ela amava em perigo? E com o fato de que, com bastante frequência, ela também poderia estar em risco?

E o mais importante: o amor que ela sentia por Peter era forte o bastante para fazê-la querer descobrir?

Mary Jane voltou para sua cama e pegou os álbuns de novo. Não conseguiria dormir naquela noite. Ela folheou as fotos pela quinta vez, observando os olhos congelados de amigos e confidentes, perguntando-se sobre segredos escondidos e contemplando todos os que ela conhecia.

7



MÃOS SURGIRAM DA ESCURIDÃO, frias e molhadas, cobertas de terra, chamando por Peter, com unhas quebradas e acusações queixosas. Oito mãos se estendiam para ele – quatro de cada lado, escuras e monstruosas, agarrando e estalando. Peter se encolheu num canto, rezando para que elas não o apanhassem e o arrastassem para dentro de sua teia sombria e fria. Suor brotou em sua testa, enquanto ele tentava isolar o som das perguntas que elas faziam, a raiva por trás das mãos, e uma batida distante que acompanhava suas vozes, como o eco profundo e retumbante de um tambor na selva.

Uma única aranha, preta e aterradora, saltou do vazio e escancarou sua bocarra salivante, gritando, com abandono profano, apenas uma palavra.

Peter gritou e abriu os olhos, com o coração martelando, enquanto se sentava rapidamente apoiado nos travesseiros, escorregadio de suor. Ele acendeu a luz do quarto. O brilho suave da lâmpada alongou as sombras que ali havia, e ele reagiu a cada uma delas isoladamente, sobressaltando-se com aqueles monstros invisíveis.

Lentamente, Peter recuperou o fôlego e se acalmou. Tinha sido um pesadelo, nada mais – apenas um sonho, frio e escuro e molhado.

Havia... coisas... rastejando por cima de seu corpo. Ele não conseguia respirar, não conseguia se mexer.

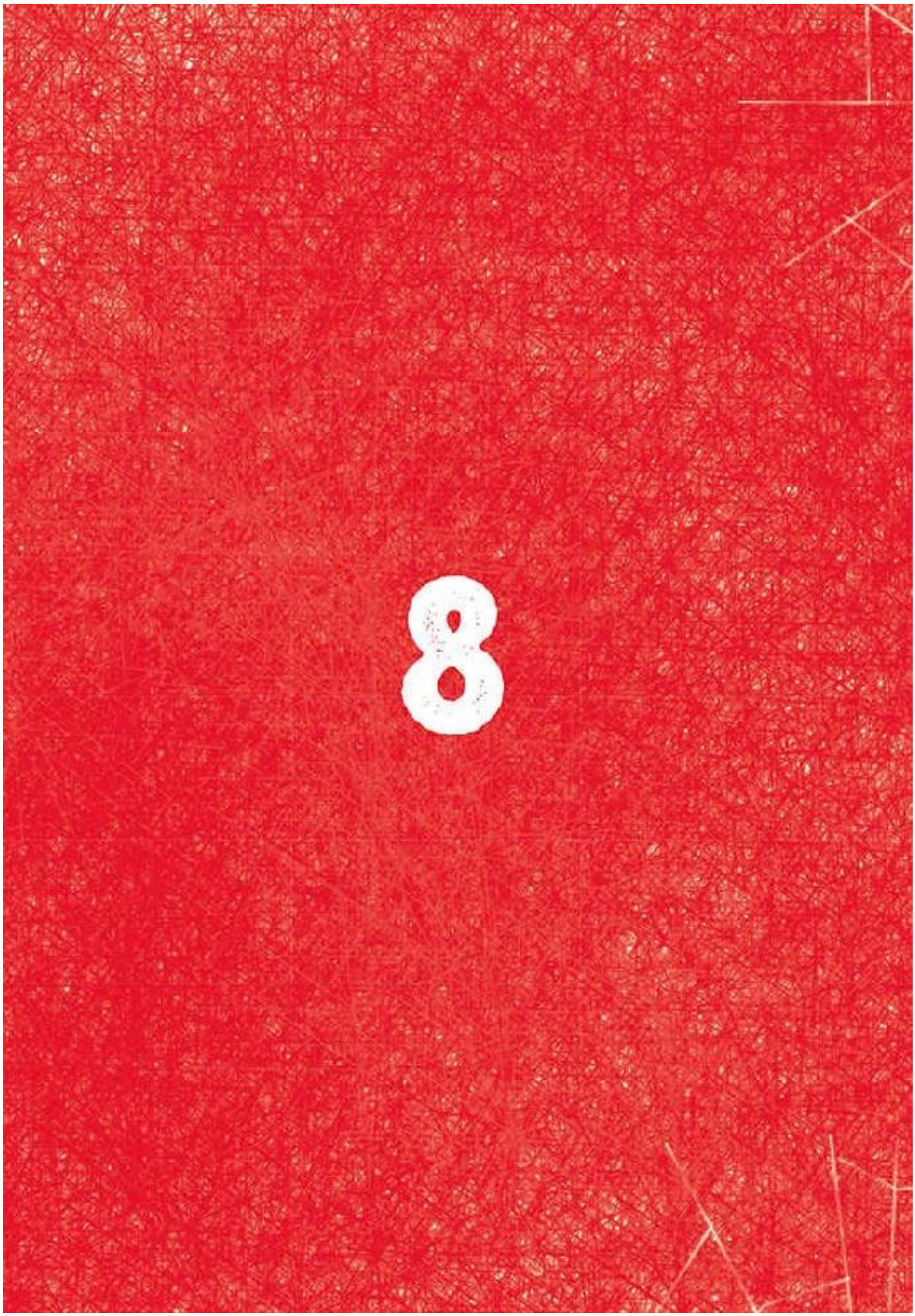
Precisava se mexer.

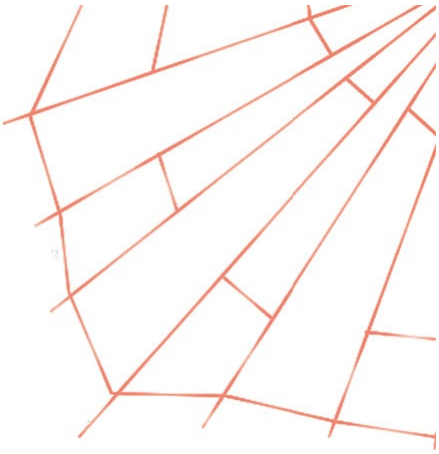
Momentos depois, o Homem-Aranha balançava pela crescente tempestade, sem nenhum destino traçado. Ele precisava apenas sair e se afastar, limpar sua mente. Virou-se para o centro, na direção da Times Square, torcendo para que as luzes e o burburinho o atraíssem para algum alvo. A chuva não aliviou, batendo contra sua segunda pele como pequeninas balas. Um trovão distante fez um calafrio descer a espinha de Peter, parecendo demais com o terrível

toque de clarim de seu pesadelo: tambores da selva, martelando dentro de seu crânio.

Peter disparou um fio de teia com a mão esquerda, virando-se para segurá-lo com a direita, e quebrou para a Sexta. Ele subiu, passando por cima de prédios até chegar onde o céu se abria, para que ele pudesse balançar livremente, sozinho com seus pensamentos nublados e pesadelos febris. Não conseguia parar de tremer, e seu estômago estava embrulhado. Ele precisava continuar se movendo – se simplesmente continuasse e se esquecesse do sonho, tudo daria certo.

O Homem-Aranha virou para o norte, olhando adiante, focado em seu destino, completamente alheio ao fato de que estava sendo caçado. Kraven observava e esperava em um telhado a dois quarteirões dali.


8



VESTIDO EM TRAJES CERIMONIAIS, a juba de leão ao redor de seus ombros proclamando-o rei de todas as selvas – as verdes, as de concreto ou qualquer outra –, o caçador se agachou na chuva e acossou sua vítima. Levantando uma afiada lança de madeira, ele carregou o resto de suas ferramentas, presas a suas costas com uma tira de couro. Procurando pelo cheiro da Fera, tão familiar a ele quanto o perfume de sua falecida mãe, Kraven se sentou no topo de uma cornija quebrada e inspecionou o território de caça.

Por anos o Aranha me frustrou, matutou ele. *Zombou de mim e me humilhou, aqui em minha terra adotiva.*

No começo, Kraven fora ingênuo. Durante todo o seu treinamento no exterior e suas viagens para casa, para a selva moderna dos homens, com o único propósito de caçar o Aranha, Kraven pensara que sua presa era um mero homem vestido em uma fantasia ridícula, se gabando por aí e fazendo piadinhas como um tolo. Assim, Kraven caçara o Homem-Aranha como caçaria um tolo: rápida e definitivamente, ansioso para terminar e passar para desafios maiores, mais mortais. Entretanto, o tolo superara o Caçador, e o fizera muitas vezes. O Caçador então se aliara a outros homens, igualmente tolos, que o Homem-Aranha havia humilhado ao longo dos anos, esperando que, juntos, eles pudessem ser o suficiente para colocar um fim no autoproclamado herói, o trapaceiro em pele humana que tanto atormentara todos eles.

Agora Kraven entendia a Verdade: não havia possibilidade de o Homem-Aranha ser um homem, pois homem algum podia fazer ao Caçador o que o Aranha fizera. Não era, portanto, um mero homem, mas uma Fera desfilando como mortal – inumano, ostentando as cores do sangue e do céu. Tão belas. Kraven observou-o passar por ali, ousadamente desafiando as leis da natureza ao se balançar no mais fino fio, enquanto fingia proteger os mortais lá embaixo

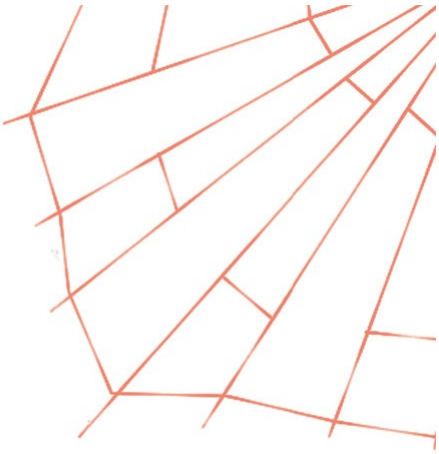
– Kraven sabia que proteção estava longe de ser o verdadeiro propósito do Aranha.

Você existe para me testar, não é? Para me provocar e me desafiar, para zombar do Caçador até que ele tenha reconquistado sua honra.

Seguindo o Aranha, imitando cada movimento seu, Kraven acompanhou seu inimigo pelos cânions de concreto. Ele não pararia até que tivesse se provado superior à Fera – até que tivesse destruído o Aranha e apagado os fracassos e as humilhações do passado.

Eu não posso descansar, Kraven disse a si mesmo.

9



CERTO, PARKER, disse o Homem-Aranha para si, enquanto se agarrava à lateral de um prédio de quatro andares, na área próxima ao Empire State Building. *Sejamos realistas.*

Peter havia parado para recobrar o fôlego e estava se arrependendo de sua opção de evitar comer ou beber qualquer coisa que pudesse acalmar seu estômago. Ele então decidiu tirar um momento, desanuviar a cabeça e finalmente encarar vários fatos.

Desde a morte de Ned, Peter estava abalado. Era de se esperar, afinal esta era a parte normal de tudo aquilo: estar abalado. Diabos, ele tinha acabado de descobrir que Ned passara o último ano desfilando por aí com as cuecas descartadas por Norman Osborn, jogando bombas de abóbora por onde quer que Peter passasse. Ned, o cara a quem ele tinha pagado o *brunch* ainda outro dia.

(Então por quê)

O que Peter estava sentindo agora – enquanto descia rastejando por uma saída de incêndio, para localizar uma banca de jornal ou uma lojinha, qualquer lugar onde pudesse descolar uma Ginger Ale ou um Alka-Seltzer – estava longe de ser surpreendente. Ele não vinha dormindo bem e estava na correria desde que enterrara Ned. Seus nervos estavam em frangalhos; ele, cansado feito um condenado, balançando-se sem objetivo debaixo de uma chuva torrencial – *droga*, pensou Peter, ele podia até estar gripado, o que seria exatamente de se esperar, tratando-se da velha sorte de Parker.

(Então por que estou tão certo de que)

O funeral de Joe Face não tinha ajudado em nada. Por que ele havia ido, afinal? Por que sobrecarregar uma psique já assoberbada com mais culpa, especialmente em relação a um criminoso que Peter mal conhecia? Entre os

funerais, tão próximos um do outro, o clima deprimentemente chuvoso e as consequências de revelar seu segredo para MJ, Peter não era bem um paradigma de estabilidade emocional no momento. Talvez fosse por isso que ele estivesse pulando de um prédio para o outro debaixo do que devia ser o Próximo Dilúvio, desejando seriamente um refrigerante ou um sanduíche, movendo-se no piloto automático pela cidade – e nem um pouco mais próximo de alguma resposta para tudo do que quando saíra por sua claraboia.

Peter saltou atravessando um abismo, balançando entre dois prédios baixos, e aterrissou na borda de um outdoor que anunciava um inseticida em spray, ora veja: "Mata bem morto!". Ele se agachou sob as luzes que pendiam do alto da placa, que banhavam a mensagem da propaganda e seus desenhos de barata com um brilho suave e difuso. Dando as costas para o anúncio, os dedos segurando a beira do telhado – com força, tensa e energicamente –, Peter vasculhou os céus a procurar por algo que não sabia dizer exatamente o que era. Uma ameaça invisível, algum desastre iminente que ainda não se revelara.

E então ele se deu conta: se uma ameaça realmente estivesse presente, seu sentido de aranha estaria retumbando como rock e apitos de trem. Em silêncio, ele se censurou por permitir que seu torvelinho particular se manifestasse como paranoia. Tudo estava bem. Ele estava apenas deprimido e ansioso por causa de Ned e por agora se sentir exposto com MJ. Tudo estava bem.

(Então por que estou tão certo de que tem algo lá fora? Algo esperando por mim no)

No meio de seu pensamento, uma sensação familiar subiu fervilhando pela coluna do Homem-Aranha, rastejando passo a passo para a base de seu crânio, fazendo tanto seu estômago quanto seu humor subitamente imergirem num mergulho profundo. A explosão do sentido de aranha se irradiou rapidamente por seu cérebro, subindo em um apito agudo, que ecoava por seu crânio. Peter virou à direita, os olhos arregalados, exatamente no momento em que algo pequeno e afiado assoviou pelo ar, enfiando-se no desenho da barata imensa e tola no outdoor. Um dardo escarlate vibrou onde Peter se encontrava há poucos segundos.

Peter saltou para longe, tentando evitar outro disparo, mas o atacante invisível rastreou seu movimento. Um segundo dardo veio sibilando da escuridão e atingiu o Homem-Aranha acima de seu ombro direito, enterrando-se no pescoço dele. O impacto e o choque fizeram Peter perder o chão. Ele caiu, girando na direção da placa, tomando cuidado para não rolar para fora da borda do telhado enquanto removia o dardo.

O Homem-Aranha inspecionou o objeto. *Burro. Muito burro*, pensou ele. Parecia feito à mão, a ponta brilhando com um líquido preto e escorregadio. Os olhos de Peter se borraram por um momento, e ele então jogou o dardo de lado. O objeto havia apenas espetado sua pele por um instante, mas estava claro que tinha sido o bastante para cumprir a tarefa que fora designado.

Burro, ele repetiu para si mesmo. *O sentido de aranha me alertou. Eu devia ter sido capaz de me desviar do dardo, mas fui descuidado. Eu estava… estava com medo.*

Sua visão ficou borrada de novo. Imagens dançaram em sua mente, entrando e saindo da chuva, rostos e olhos procurando por ele na noite. Graças ao dardo, Peter ao menos conhecia a identidade de seu atacante. O veneno em seu organismo, porém, confundiu e atrapalhou seu raciocínio, mascarando o nome que estava na ponta de sua língua com lembranças recentes e dolorosas.

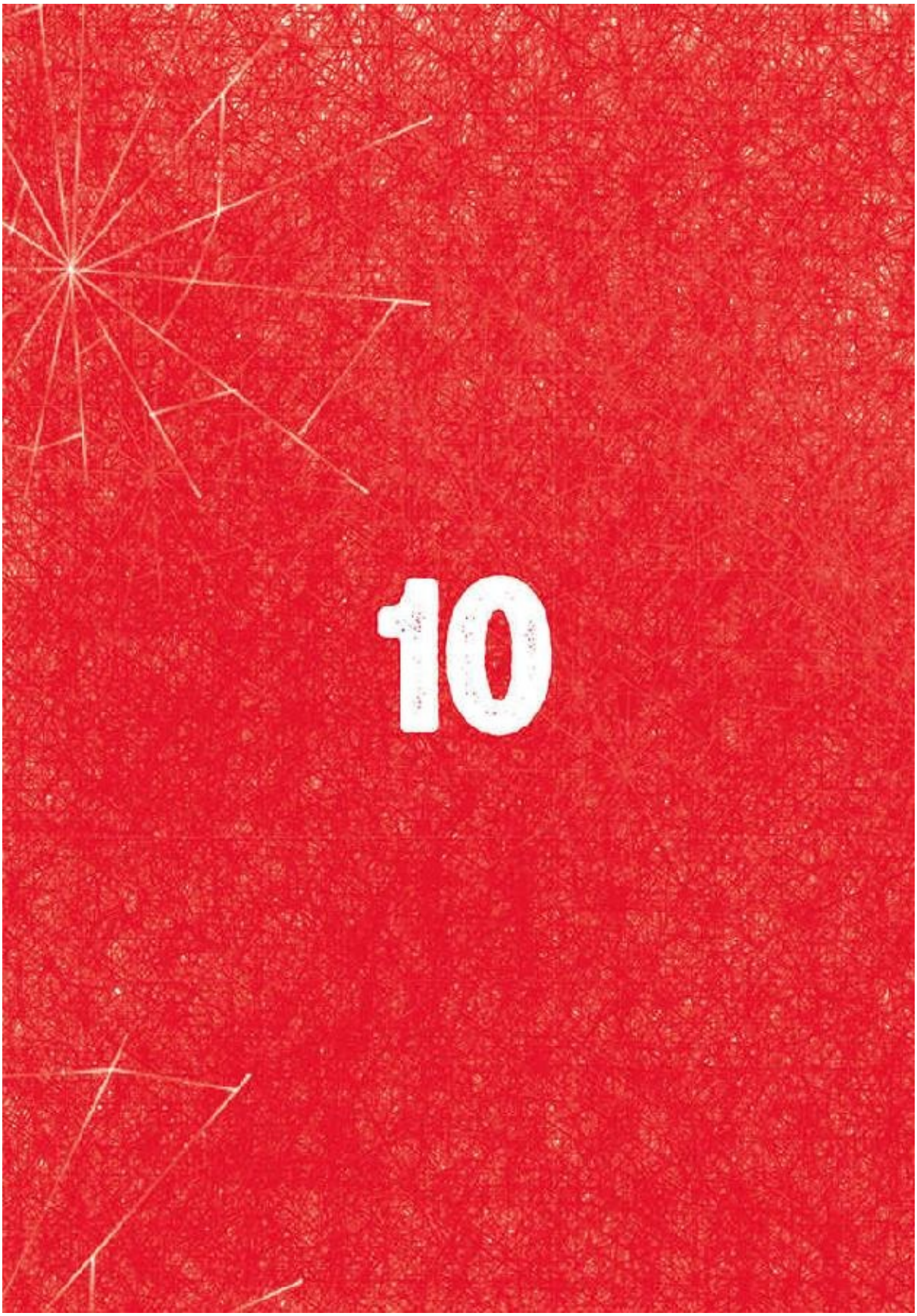
É ele. É… tem que ser.

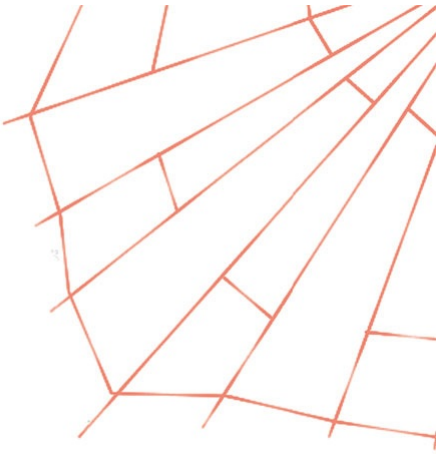
É Joe Face. Não. Não, espere, não pode ser Joe Face, ele está morto, então deve ser, deve ser…

O Homem-Aranha levantou, trôpego, esfregando o rosto por cima da máscara, tentando apagar as alucinações vívidas que surgiam diante de seus olhos. O dardo devia ter sido mergulhado em algum alucinógeno, algum tipo de droga ou poção. Com a mente girando e luzes piscando em sua visão periférica, Peter agarrou a parede e tentou utilizá-la para retomar seu equilíbrio, ficando de pé sobre suas pernas, tão trêmulas quanto as de um potro recém-nascido. A chuva desabava, obscurecendo o pouco de visão que ainda lhe restava, mas Peter conseguiu captar um vislumbre de seu adversário, audaciosamente de pé do outro lado do beco, em sua fantasia absurda e ridícula de Leo, o Leão.

NãoéJoeFaceéoKravenNãoéJoeFaceéoKraven.

Peter esfregou os olhos mais uma vez, fazendo o melhor que podia para banir as visões induzidas pela droga, os lembretes fantasmagóricos de seus fracassos, de sua incessante culpa, dos rostos que vinham assombrando seu sono nas últimas noites. Ele cerrou os punhos, ficou de pé e virou-se para enfrentar seu inimigo.


10



VENHA PARA MIM, ARANHA.

Kraven chamava sua presa, estendendo as mãos com as palmas para cima, gesticulando para que a Fera o seguisse. O Caçador se virou e saltou para um telhado adjacente, rindo no escuro da noite – não um riso como o zurrar da Hiena, mas um riso como o som triunfante e confiante do Símio ao se preparar para derrotar um inimigo muito astuto. Kraven virou-se para trás e, por cima do ombro direito, sorriu para o Aranha, chamando-o mais uma vez, convidando o inimigo a persegui-lo, e então partiu, saltando pelo território urbano de caça.

Venha para mim, Aranha, pois esta noite eu expandi minha consciência com ervas e raízes. Esta noite, imergi no seu ser, comi de sua carne e da de seus semelhantes. Minha mente penetrou a sua essência, banqueteando-se de você como vermes se alimentam de um cadáver.

As pernas poderosas de Kraven o levaram a atravessar vãos imensos entre prédios, seus músculos retesados e vivos com o esforço, enquanto ele aterrissava em uma beirada próxima.

Venha para mim. Era ali que Sergei Kravinoff vivia: na caçada, mesmo quando fingindo ser o caçado. Estavam em jogo as táticas e estratégias de duas entidades lutando para superar uma a outra, mentes e corpos uns contra os outros, na competição mais primeva: homem contra fera.

Durante todo aquele tempo, o Aranha permaneceu sendo o foco exclusivo de Kraven. Determinado, treinado e preparado, o Caçador estudara essa sua antiga presa de todo ângulo possível, analisando fraquezas, compensando forças. Ele investigara seu alvo a partir de um ponto de vista tanto de medo quanto de admiração, exatamente como William Blake estudara seu Tygre, em *Canções da Experiência*, de 1794. Sergei possuía um volume da obra de Blake. Ele encontrava conforto em sua linguagem evocativa e, é claro, em sua acidez lírica.

Tygre, Tygre, escreveu Blake, *fogo ativo,*
Nas florestas da noite vivo;
Que olho imortal tramaria
Tua temível simetria?

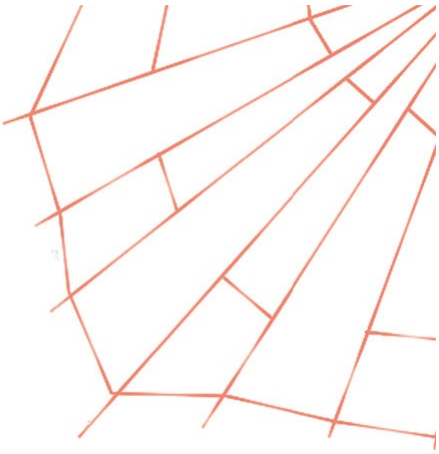
Ah, pensou Kraven, sorrindo com a emoção da perseguição, a antecipação da vitória, *se Blake pudesse ter visto minha Fera – minha Aranya escarlate e cobalto, linda e ameaçadora*. Kraven saltou mais uma vez para dentro da tempestade, olhando para trás para ver o tamanho da distância que abrira entre ele e seu perseguidor valente, terrível, incrível.

Aranya, chamou Kraven, *Aranya! Fogo ativo*.

Venha para mim, Aranya.

E permita que a honra seja restaurada.

11



O HOMEM-ARANHA O SEGUIU, VACILANTE, acossando Kraven sobre os telhados de Nova York, enquanto tentava manter a compostura e a mente clara. O veneno, ou seja lá o que fosse a substância com que Kraven o drogara, tinha começado a afetar brutalmente o equilíbrio de Peter. Ele foi forçado a rastejar, correr e saltar, em vez de usar seus fios de teia. Aterrissando em um telhado baixo, diante de um exterior de tijolos desbotados, ele tirou um minuto para recuperar o fôlego e olhar ao redor, à procura de emboscadas ou de animais selvagens que Kraven pudesse usar para encurralá-lo.

Kraven, o Caçador. Peter quase precisou conter uma risada. Dificilmente considerado de primeiro escalão, o velho cara de leão nunca tinha durado o tempo necessário para derrotá-lo de vez. Examinando o Guia Oficial da Galeria dos Vilões do Homem-Aranha, um sujeito comum facilmente colocaria Kraven, o Caçador, em algum ponto perto do fim da lista – acima do Homem-Sapo, com certeza, mas muito abaixo de pesos-pesados como o Doutor Octopus ou Electro. Peter se perguntava com frequência por que o velho Doc Ock uma vez se aliara ao rei da Selva. Quando estava sem seus brinquedos e sua coleção de animais selvagens, exóticos e perigosos, Kraven raramente se provava uma ameaça considerável.

Mas aqui estou eu, pensou Peter, lutando contra os efeitos alucinógenos do dardo de Kraven, *tonto e enfraquecido, provavelmente pegando uma gripe de matar embaixo desta chuva torrencial, enquanto persigo um cara que usa uma tanga de pele de leopardo, em vez de passar a noite com a minha linda namorada. Com grandes poderes vem uma grande estupidez.* Ele chacoalhou a cabeça para clarear as ideias e saiu de novo atrás de Kraven, pulando uma pequena distância entre prédios vizinhos.

Peter se apoiou numa chaminé para se estabilizar, dando a volta e preparando-se para saltar, mas parou de repente, quando Joe Face surgiu. Não podia ser Joe Face, porque Joe estava morto. Peter chacoalhou a cabeça de novo, desta vez para se livrar daquela visão. Um momento depois, Kraven, o Caçador, tomou o lugar de Joe, segurando uma lança – o que preocupou Peter, porque aquilo aconteceu muito rapidamente, sem nenhum alerta de seu fiel sentido de aranha.

Kraven atingiu o Homem-Aranha no rosto com sua lança, derrubando Peter da chaminé, fazendo-o parar em uma rústica sacada. Atônito, Peter caiu de costas, o pescoço batendo na beirada do parapeito. A dor se irradiou para cima, ao redor de seu crânio, de modo que ele, frenético, apressou-se a movimentar os dedos das mãos e dos pés, para verificar possíveis danos à coluna. Aquela era a segunda vez que Peter permitira que Kraven levasse a melhor sobre ele – por duas vezes ele havia deixado aquele vilão de terceiro escalão o pegar desprevenido.

Qual é o problema comigo? Meus músculos estão ficando rígidos. Eu mal consigo levantar a cabeça. É... estou drogado, mesmo.

Peter se levantou e virou, ficando de costas para Kraven, apesar do perigo que aquilo significava. Se pudesse aguentar mais um pouquinho, Peter tinha esperança de que seus poderes de recuperação entrassem em ação, contendo os efeitos do dardo de Kraven antes que fosse tarde demais. Ele ergueu o braço – ação que consumiu cada grama de força que ainda restava dentro dele – e apontou dois dedos para o vazio. Pressionou os outros dois dedos no centro da palma da mão...

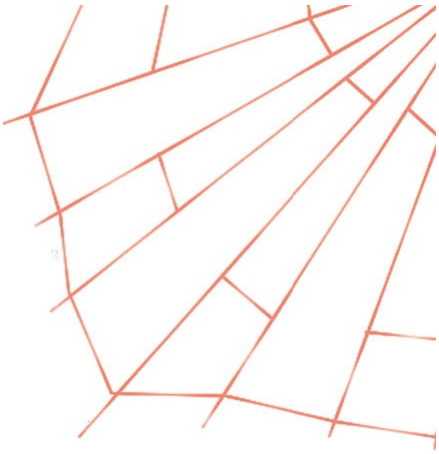
... mas, antes que pudesse soltar a teia e se balançar para longe do perigo, Kraven, com a ponta cega da lança, golpeou a parte de trás do joelho de Peter, fazendo o herói ameaçado se desequilibrar e cair de novo no chão. Embora seu primeiro instinto fosse ceder à dor, Peter lutou para se levantar e tentou fugir, porém perdera seu momento: Kraven lançou-se do alto e aterrissou na ponta dos pés, um felino selvagem personificado como supervilão.

A dor desabrochou na nuca do Homem-Aranha de novo, martelando e pulsando como um tambor. A dor de cabeça cantava em uníssono com sua perna latejante, bloqueando todos os outros sons, inclusive o rosnado indulgente de Kraven. O Caçador caminhou até o Homem-Aranha, desenhando um círculo em volta dele, como se perseguisse uma presa. Peter permitiu que seus músculos relaxassem. Sentia-se cansado, vencido. Deu-se conta de que não importava quanto ele lutasse ou tentasse fugir, Kraven logo reagiria.

Kraven – assim como Doc Ock, o Abutre e todo o restante – seguia uma rotina testada e aprovada pelos supervilões: depois de um momento se gabando, ou talvez, nesse caso, soltando um grito semelhante ao do Tarzan, Kraven levaria o Homem-Aranha para algum esconderijo remoto, cheio de armadilhas mortais e troféus. Ali, Kraven passaria várias horas discursando sobre seu propósito na vida e sobre como ele planejava ser aquele que derrotou o Homem-Aranha, pavoneando-se diante de todos os outros caras do mal que haviam tentado, mas fracassado, separar o corpo da cabeça de teia dele. E, durante esse tempo, enquanto Kraven se exibia, Peter planejaria encontrar um modo de vencer o paspalho, socando aquela cara de volta ao safári do mal de onde ele havia saído.

Esta era rotina: nunca falhava, sempre funcionava. Peter só precisava esperar, e tudo daria certo.

12



AGORA, A DANÇA.

Com o coração cheio de júbilo e o sorriso aberto em triunfo, Kraven jogou a lança por cima da beirada do prédio e inclinou-se para a frente, gesticulando para que o Aranha pegasse sua mão. O Aranha – a Fera – fitou a mão estendida por um instante, hesitando, sem dúvida desconfiando de algum truque. Em seguida, recuperou o equilíbrio e se levantou para encarar o Caçador.

O Aranha recuou, claramente procurando uma saída. Kraven, no entanto, abriu bem os braços e conteve sua presa, dando passos à esquerda e à direita, fazendo um semicírculo ao redor da Fera, forçando o Aranha para longe da beirada do telhado e prendendo-o contra o prédio.

O Aranha atacou, socando com o braço direito, mas Kraven evitou o golpe com elegância. Seguiram-se mais dois socos, combinados com um chute. O Caçador saiu de lado e deu a volta, aceitando o vaivém da batalha e escancarando seu sorriso convencido, para perturbar seu adversário. O inimigo de Kraven já vira dias melhores. Com o peito subindo e descendo depressa, visivelmente exausto, o Aranha mal tinha forças para se manter de pé, tropeçando para cá e para lá enquanto tentava infligir algum dano e acertar algum golpe em seu rival. Kraven o atraiu para perto mais uma vez, curvando os dedos e dando as boas-vindas a outro ataque, sorrindo como a Hiena.

Venha para mim, Aranha. Aqui, diante dos elementos, à vista de Deus e dos homens. Venha para mim, enfrente-me, de Caçador para Caçador, pois eu não o temo mais.

– Venha para mim – Kraven disse em voz alta, e o Homem-Aranha respondeu com um grito angustiado de fúria, seguido por um chute giratório. O Caçador habilmente bloqueou o golpe e reagiu com um soco paralisante, acertando o plexo solar de seu oponente.

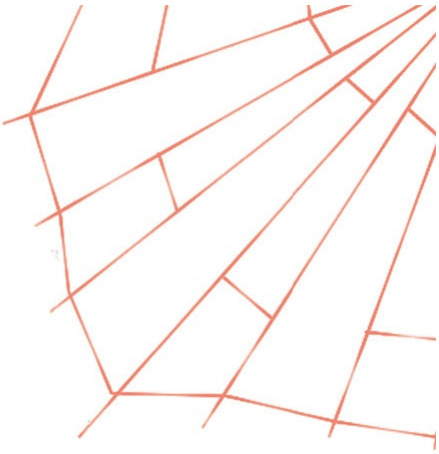
Do chão, segurando a própria barriga, avariada pelo coquetel de ervas do Caçador, o Aranha encarou Kraven. Respirando pesadamente, a chuva ensopando sua pele, a Fera acusou Kraven de trapacear, de drogá-lo para poder tirar vantagem. Sergei sorriu ao ouvir aquilo. Trapaça? Não. Naquela noite, ele lutaria com honra e, por isso, acataria o último pedido do Aranha.

Apanhando outro dardo, Kraven o segurou diante do Aranha, exibindo-o para seu inimigo como se fosse um truque de mágica, assegurando que a Fera soubesse exatamente do que se tratava. Em seguida, Kraven virou o dardo contra si mesmo e o espetou em seu peito, dando um uivo animal. O tranquilizante entrou em sua corrente sanguínea, misturando-se às ervas e poções que já estavam ali a ampliar seus sentidos, e levou Kraven à beira do êxtase. Assim, naquela fase inicial da caçada, ele igualava as chances dos dois, preparando-se para enfim concluir sua missão de vida.

Jogando o dardo no chão, Kraven se afastou do Aranha e fez um gesto amplo com o braço, permitindo, em silêncio, que seu inimigo corresse, se assim quisesse. Kraven então se misturou de novo com as sombras. Confuso por um momento, o Homem-Aranha foi para a beirada do telhado e deu um passo no vazio, disparando um fio de teia e balançando-se, em busca de segurança.

Inevitavelmente, o Caçador o seguiu.

13



O HOMEM-ARANHA TOMOU A DIREÇÃO OESTE, indo para a água, para longe da cidade – e, mais importante, para longe de Mary Jane.

Confuso e exausto até os ossos, Peter não fazia ideia de qual era a motivação de Kraven. Independentemente de qual fosse, porém, um fato estava claro: o antes ridículo Caçador decidira retirar as luvas de pele de leopardo e partir para cima do Homem-Aranha com tudo. A substância que havia no dardo devastava o sentido de aranha de Peter, fazendo-o disparar alarmes para os táxis que passavam lá embaixo, para mastros quase invisíveis e arranha-céus diante e acima dele, por toda a profunda e escura noite. Ele precisava se mover, e rápido – precisava escapar antes que Kraven o alcançasse.

Como sempre, Peter queria se certificar de que nenhum inocente fosse ferido na batalha que estava para acontecer. Entretanto, se a emboscada de Kraven insinuasse algo de maior proporção, algo mais grandioso do que parecia ser, Peter precisaria tomar medidas mais severas. Era mais seguro atrair Kraven para bem longe daqueles a quem amava.

Cabeça latejando. Tambores da selva na noite.

A mão de Peter escorregou e ele caiu um andar, endireitando-se apenas quando estendeu o braço e se apoiou em uma parede próxima. Ele queria parar, recuperar o fôlego, mas a bomba atômica explodindo em seu crânio o fazia imaginar Kraven em seu encalço – e tudo o que ele podia ver diante de si eram Joe Face e Ned Leeds, ambos com as mãos cruzadas, mortos e enterrados. Peter então correu até não conseguir mais, e aí correu mais um pouco, abandonando as teias e saltando pela cidade, rumo ao rio Hudson.

Ótimo, a dor de cabeça está piorando.

Vértigo o fez descer no telhado mais próximo. Lutando para encontrar segurança na escuridão, ele se arrastou para se esconder debaixo de um pesado

ventilador metálico. No entanto, um movimento no limite de sua visão periférica fez o Homem-Aranha perceber que estivera se enganando o tempo todo: seu predador estava mordendo seus calcanhares a cada passo do caminho.

Lá do alto, Kraven lançou uma rede espessa e fibrosa, prendendo-a ao redor do corpo do Homem-Aranha. A rede parecia uma teia, com âncoras pesadas e negras em sua extremidade. Por mais que lutasse, Peter não conseguia escapar. Ele não sabia do que aquela pseudoteia era feita, mas era muito forte. Mesmo com todas as suas forças, ele tinha dificuldades em lidar com ela e, do jeito que estava se sentindo, Peter levaria a noite toda para libertar-se.

Assim, ele desistiu de tentar se soltar da rede. Esperando pelo que poderia acontecer, ele se agachou no chão. Kraven se aproximava da ponta oposta do telhado. Enquanto a chuva torrencial ensopava a rede e seu traje, Peter tentou controlar sua respiração, ansiosamente assistindo ao Caçador adiantar-se e apanhar uma arma pesadamente embrulhada, presa às suas costas. *Uma espada*, pensou Peter, *ou outra lança?*

Analisando o perigo, Peter tentou fazer sua cabeça funcionar, examinando ideias e estratégias em meio à névoa causada pelas drogas do dardo. Ele precisava de uma última explosão de energia para reagir, para conseguir lutar e acabar com aquele Rei Leão de terceira, podendo enfim ir para casa e deixar que Mary Jane cuidasse de seus ferimentos.

Kraven terminou de desembrulhar o objeto antes preso às suas costas. Peter lutou para manter os olhos abertos, para observar melhor.

O que é que ele tem ali?

Com os músculos fracos e sua força desaparecendo, Peter tentou se concentrar.

Parece um rifle.

Aninhando a arma nas mãos, Kraven se aproximou e exibiu seus dentes brancos e brilhantes. O sorriso cruel do Caçador reluziu na escuridão, distraindo Peter da visão do rifle por um instante. Kraven segurava a arma junto ao lado esquerdo do quadril, apontando-a na direção do Homem-Aranha. O sentido de aranha de Peter ficou maluco. Ele lutou o máximo que pôde, seu coração de súbito saltando no peito, batendo loucamente em uníssono aos tambores invisíveis. A escuridão se fechou ao redor dele, e o pânico dominou o Homem-Aranha com ramos espessos e sufocantes.

Kraven preparou o cão da arma e a segurou com força em seus punhos, sorrindo como um babuíno, enquanto chegava cada vez mais perto do Homem-Aranha. Peter recomeçou a puxar a rede, tentando atravessá-la. A chuva, o

pânico e as drogas tornavam impossível encontrar um ponto de apoio, e por que Kraven tinha que ter justamente *um rifle*, e olha só *os olhos dele*...

Kraven ergueu a arma, mirando na cabeça do Homem-Aranha.

– A honra será restaurada – declarou o Caçador, em um rosnado grave e predatório.

O Homem-Aranha encontrou uma reserva de força escondida. Esticou a rede o mais distante de seu corpo que pôde, empurrando-a com todo o vigor que ainda possuía.

– Vamos lá, Kraven – provocou ele, a voz soando como se perpasse naftalina e lixas. – Rifles não são o seu estilo. Você... Você sempre quis me transformar em hambúrguer com suas próprias mãos... E, francamente, eu gostaria de um hambúrguer quentinho em uma noite tão fria como esta. Com sorte, acompanhado de fritas e milk-shake. Que tal? Vamos cancelar isso e procurar uma lanchonete?

As provocações não funcionaram. Kraven continuou sorrindo, e um terror frio gelou a barriga de Peter. Piadas idiotas não o ajudariam a sair daquela situação. De repente, ele percebeu quanto devia estar parecendo vulnerável e fraco. Daquela vez, Kraven não era um palhaço de terceira categoria com um leão estampado no peito. Daquela vez, Kraven era um sujeito armado, mirando Peter Parker sem nenhuma piedade nos olhos.

Os olhos dele tem algo nos olhos dele olha só os olhos dele...

Peter tentou se libertar uma última vez, mas a rede não cedia. Então caiu de joelhos. Fitando o rosto de Kraven, tentando não se perder no interior do cano da arma, o Homem-Aranha se concentrou no brilho fanático dos olhos do Caçador.

Esse não é o Kraven que eu conheço. Ele está maluco.

Rostos pipocaram diante dos olhos do Homem-Aranha, fugazes e tremeluzentes, através da cortina de chuva que caía. Joe Face. Ned Leeds. Tia May. Betty Brant. Jonah. Tio Ben.

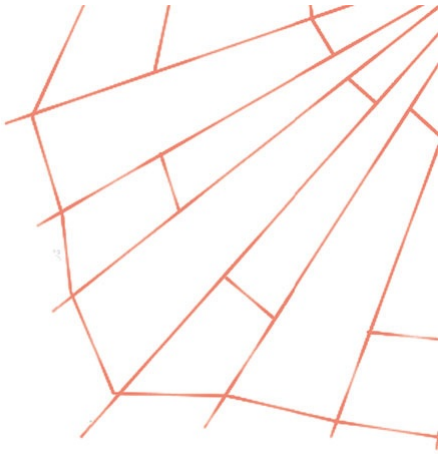
O Homem-Aranha estendeu a mão para o Caçador, implorando por misericórdia por entre os vãos da rede.

– Espere, Kraven. Não...

Mary Jane.

Kraven sorriu e apertou o gatilho, e o mundo ficou escuro e frio.

14



UM HOMEM ABRIA UMA COVA. Escorregadio de suor por causa do esforço, nu da cintura para cima, ele enfiava uma pá na terra com movimentos metódicos, quase mecânicos. A chuva caía dia e noite, às vezes enchendo o buraco, e o homem então tinha que usar um balde para esvaziá-lo.

Em um dado momento, um caixão chegou, carregado por três homens de terno preto, solenes e melancólicos enquanto o depositavam perto do túmulo. Um sobrado erguia-se perto dali, grande e palaciano e silencioso como uma tumba. Os quatro homens cercaram o caixão, encarando-o com as mãos cruzadas às costas. Seriam os únicos a lamentar a morte do falecido.

Um dos sujeitos se abaixou e abriu o caixão, lançando a tampa para trás, revelando, em seu interior luxuoso de veludo, um corpo. O corpo usava uma máscara e um traje escarlate e azul, com uma aranha preta e esplêndida bordada bem no meio. Quieto e sereno, com as mãos cruzadas sobre o peito, o cadáver encarava, com olhos brancos e inexpressivos, a chuva que caía, suas gotículas batucando no tecido de sua roupa e respingando sobre o caixão de latão acobreado. Os enlutados abaixaram a cabeça, fechando os olhos em oração e reflexão. Após um breve instante, o homem que abrira o caixão estendeu a mão, fechando a tampa.

Os outros dois carregadores ergueram o caixão e, colocando-o sobre um par de faixas vermelhas, o abaixaram na cova. Aquele que o abrira deu um passo adiante e pegou uma pá, usando-a para jogar pilhas de terra sobre o buraco. Ele fez isso uma, duas vezes, e então Sergei Kravinoff recuou e enxugou uma lágrima. Ficou ali por um momento, olhando para seu maior inimigo, e sua expressão sombria se iluminou em um exultante sorriso. Triunfante, ele sorria, enquanto um trovão chegava com a aurora, ainda distante e manchada de laranja no horizonte remoto.

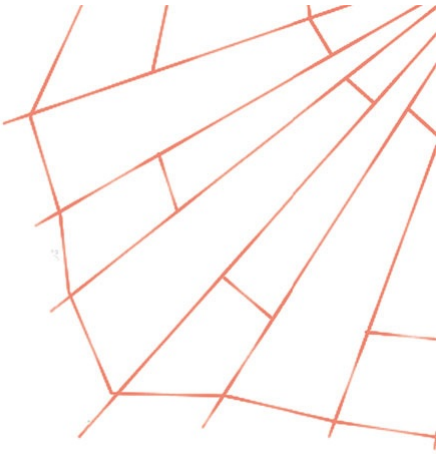
Sergei entregou a pá para o coveiro, pousando uma das mãos sobre uma pedra de granito colocada na cabeça do túmulo, e acompanhou os outros carregadores de volta à capela. O homem com a pá voltou para a cova, alongando-se um pouco antes de voltar à tarefa. Ele olhou para a lápide e leu a inscrição que ali havia.

Aqui jaz o Homem-Aranha. Morto pelo Caçador.

O homem grunhiu, girando para um lado e para outro, para aliviar seus músculos doloridos. Em seguida, foi até o monte de terra à sua espera e começou a preencher o túmulo do herói.

PARTE 2
CAIXOES

1



EDWARD ARRASTOU SUA REFEIÇÃO PARA DENTRO DO ESGOTO, a mais recente mulher com pele macia e cheiro doce a cruzar seu caminho. Desta vez, porém, ele mal teve ânimo para se divertir com ela. Os gritos agudos e terríveis da dama em questão ecoaram pelas paredes do esgoto, mais altos do que o de todas as outras, ferindo os ouvidos dele. Rattus queria brincar. Ele se infiltrava na cabeça de Edward com palavras espertas e cruéis, implorando para que ele prolongasse a dor da pobre moça. Edward, no entanto, escolheu a piedade e terminou a refeição o mais rápido possível.

Ninguém jamais havia sido piedoso com Edward. Ele matutou sobre aquilo por algum tempo, lambendo os dedos e enxugando o sangue com um jornal velho. Nenhuma piedade lá em cima, sob a luz do dia, antes de Edward descer até ali para viver com suas amigas ratazanas. Todos odiavam Edward. Rattus se certificava de lembrá-lo disso diariamente. Todos batiam em Edward e o machucavam. Tudo por causa do homem que ele tinha sido...

(aquela coisa)

E ninguém parava de provocar dor ou oferecia piedade. Então, quando Rattus murmurou nos ouvidos de Edward, implorando a ele para provocar a moça e zombar dela mais um pouco, Edward decidiu ser um homem generoso...

(não um homem, você não é mais um homem)

... e um cavalheiro...

(cavalheirrato)

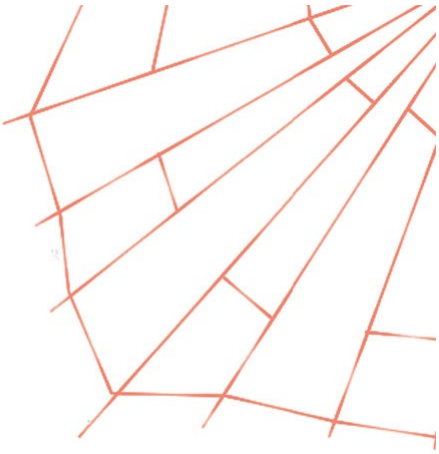
... e devorá-la o mais rápido que podia. Ele roía o osso de um dedo, ignorando os choramingos e as pragas de Rattus no fundo de sua mente, enquanto folheava o jornal a seus pés. Ele riu dos desenhinhos engraçados (*os quadrinhos, idiota)* e franziu a testa diante das fotos dos policiais malvados e

horríveis em algumas das outras páginas *(bateram nele machucaram ele ah como machucaram)*.

Edward descartou os ossos da mulher, jogando-os na pilha de lixo com todos os outros, e virou o jornal para ver uma imagem no verso: uma foto grande e colorida de um homem usando uma máscara. Aquilo lembrou Edward de alguma coisa, e ele sentiu algo como um soco no estômago de tanta preocupação e medo.

Rattus sibilou dentro da mente de Edward, gritando e arranhando suas raivosas e dolorosas memórias. Depois de um instante, Edward reconheceu o homem na foto e deu voz aos gritos de Rattus, berrando bem alto e por muito tempo na escuridão vazia.

2



DOIS HOMENS ARMADOS saíram em disparada da loja de eletrônicos, correndo como ratos, os rostos cobertos com balaclavas pretas e grossas. Gritos e alarmes os seguiram até alcançarem a incessante chuva que caía lá fora, assim como também o fez o dono da loja. Os assaltantes correram a toda velocidade, abrindo o máximo de distância possível entre eles e o estabelecimento.

Quando estavam a alguns quarteirões do local, um deles se sentiu confortável o bastante para começar a contar. Presumindo que suas contas estivessem certas, ele estimou cerca de dois mil dólares em seu bolso e mais três no de seu parceiro. Os dois ladrões entraram em um beco, se movendo deliberadamente pelas ruas da cidade, de modo a se livrar de qualquer perseguição.

Mal sabiam eles que alguém – ou alguma coisa – os havia seguido, e agora aterrissava diante deles, agachando e encarando as sombras no final do beco. Gotas de chuva respingavam sobre a pele da coisa. Um dos assaltantes podia jurar ter ouvido um rosnado baixo, um ronco grave que recuou suavemente sob o ruído copioso de tiros de metralhadora da chuva que caía. A coisa no beco ergueu a cabeça – fitando os homens com seus olhos brancos e enormes –, e eles reconheceram de imediato a teia intrincada que cobria o traje vermelho e azul colado à pele.

O assaltante com dois mil no bolso ergueu um punho, apontando sua arma para a cabeça do Homem-Aranha.

– Cai fora, inseto!

O criminoso começou a retroceder, tentando sair do beco, retraçando seus passos, com a arma estendida à frente. O parceiro do sujeito, que podia ou não ter três mil dólares consigo, olhou nervosamente o silencioso herói e também recuou, trôpego. Quando os dois ladrões alcançaram a saída do beco, o Homem-

Aranha se levantou, flexionou seus músculos e saltou no ar, com um rugido mal contido.

O Homem-Aranha atacou o segundo criminoso, passando um braço ao redor do pescoço do assaltante e metendo seu cotovelo oposto no plexo braquial do sujeito, infligindo dor por meio de um ponto de pressão no pescoço do atônito ladrão. Enquanto o assaltante gemia e caía, o Homem-Aranha girou e enfiou o pé na barriga do segundo meliante, dobrando-o no meio e forçando-o a vomitar.

Com os dois ladrões rendidos, o Homem-Aranha os arrastou contra a parede do beco e disparou uma saraivada de socos que os deixou sangrando, maltratados e inconscientes. Ele recolheu o dinheiro roubado sem nenhuma palavra e o jogou na rua, do lado de fora do beco, para chamar a atenção das viaturas policiais que se aproximavam – ou de transeuntes aleatórios. Verdade fosse dita, ele não se importava realmente com o destino daquele dinheiro. Em seguida, subiu rastejando pela parede.

Quando os policiais chegaram, notas de dez e de vinte dólares flutuavam na névoa das piscantes luzes vermelhas das viaturas, e o Homem-Aranha já havia desaparecido na noite há muito tempo.

Saltando entre os telhados, pulando e correndo por sua cidade, o Homem-Aranha sorriu. Ele se regozijava no ar frio e cristalino, desfrutando da sensação da chuva contra sua pele.

A pele do Aranha.

Enquanto continuava sua patrulha, o sorriso de Sergei se esticou de orelha a orelha por baixo da máscara – a persona que ele finalmente conquistara. Ele se sentia livre, radiante. Os eventos daquela noite ajudavam a fazer circular a adrenalina em seu organismo, misturando-a com as poções e soros que ele havia tomado. Agora ele sabia que poderia salvar a cidade de seu inimigo, fazendo justamente o que seu inimigo não podia.

Ele podia ser um Aranha melhor e, ao fazê-lo, provaria ser mais forte do que a Fera.

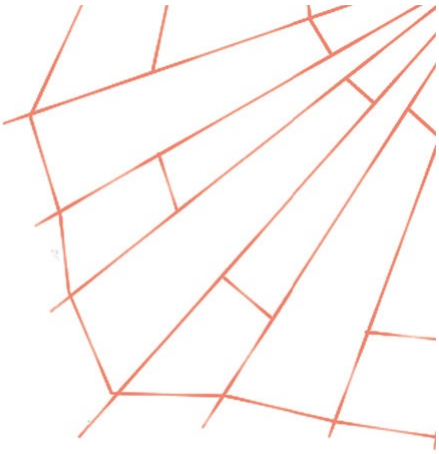
Sergei subiu correndo a Quinta Avenida, passando pelos escritórios do tabloide mais venerável de Nova York, *O Clarim Diário*. Lá embaixo, na rua, vários homens levantavam pilhas amarradas de papel, transportando-as de uma doca de carga para uma série de caminhões adornados com o logotipo do *Clarim,* preparando-se para distribuí-lo por toda a cidade. Em cima de cada jornal, sob o cabeçalho, letras maiúsculas gritavam três palavras em tipos de sessenta pontos, acima de uma foto de arquivo bem composta do Homem-

Aranha, creditada a Peter Parker: HERÓI OU AMEAÇA? – uma questão repetidamente levantada pelo histriônico editor-chefe do jornal mais popular da cidade.

Desta vez, contudo, a opinião de J. Jonah Jameson era compartilhada por mais nova-iorquinos do que o habitual. Ao longo da última semana, o Homem-Aranha havia implacavelmente brutalizado a população criminosa da cidade, surrando muitos dos infratores – chefes mafiosos e bandidinhos comuns – até um passo da morte. Na manhã seguinte, logo cedo, Nova York abriria seu *Clarim Diário*, junto com uma xícara de café e um bagel com manteiga, se perguntando se Jameson estivera certo o tempo todo – se o autoproclamado rastejador de paredes amigo da vizinhança teria, enfim, ido longe demais. O assunto do artigo, entretanto, não vinha ao caso.

Exultante, Sergei correu pela tempestade, saltando com o coração martelando no peito, como um trovão triunfante e impetuoso. Sergei Kravinoff – agora o incrível, espetacular e sinistro Homem-Aranha – pulou sobre rios de concreto e olhou para baixo, para a selva da humanidade, procurando e torcendo para encontrar outro indivíduo sobre o qual despejar a ira do Aranha.

3



MARY JANE DESLIGOU SEU CELULAR e jogou-o na mesa pela quinta vez aquela noite, com raiva pela resposta – ou, mais precisamente, pela falta de resposta – do outro lado da linha.

Onde você está, Peter Parker, e por que não está atendendo as minhas ligações?

Mary Jane não via Peter há mais de uma semana, desde a noite em que descobrira o segredo de Ned Leeds. Ela queria dar a Peter o tempo de que ele precisava para lidar com essa revelação, permitindo que ele descontasse sua frustração nos malfeitores de Nova York. No entanto, já fazia oito dias sem nenhuma palavra ou mensagem de texto dele, e ela estava começando a se preocupar.

Ela ligara para quase todo mundo do círculo de amigos deles – desde Liz Allan até Flash Thompson –, mas ninguém tinha visto Peter desde o enterro de Ned. Ela quase telefonou para Betty, mas largou o telefone quando se deu conta de que a amiga ainda estava enfrentando seu próprio luto particular. Talvez fosse melhor deixar que Betty lidasse com uma crise de cada vez.

Além disso, Mary Jane estava preocupada com a possibilidade de cometer algum deslize e, por acidente, contar a Betty o que seu finado marido escondia. Aquilo abriria uma questão que ela mal estava preparada para explicar, quanto mais solucionar.

Assim, ali estava ela. Sentada, sozinha. *De novo*. De alguma forma, ela pensara que conhecer o segredo de Pete e estar em um relacionamento sólido e estável faria tudo ser diferente. Eles se sentariam junto à lareira, tomando vinho branco e se aconchegando um no outro. Conversariam sobre tudo, desde o dia dela até as aventuras dele – ou talvez nem falassem nada. É claro que isso exigia alguém com quem pudesse se aconchegar e conversar, e Mary Jane não tinha ideia de onde seu alguém, Peter, poderia estar.

Ela quase ligou para a tia de Peter, May, no Queens, até se lembrar de que May havia partido em um cruzeiro na semana anterior, acompanhada de Anna, tia de MJ. As duas senhoras haviam sido, em primeiro lugar, o motivo pelo qual Peter e MJ se uniram. May e Anna tinham arquitetado um encontro às cegas. MJ riu, lembrando-se de quanto Peter tinha temido, pelo jeito, encontrar-se com ela. Exatamente no dia do encontro, ele ansiosamente entrara em ação repetidas vezes como o Homem-Aranha – o que significava que, quando eles *finalmente* conseguiram se encontrar, o choque de Pete ao ter tirado o que MJ se referia, rindo, como "a sorte grande" amplificou-se e acelerou o romance deles, um turbilhão, uma montanha-russa cheia de idas e vindas.

E agora ali estava ela, esperando por uma ligação de Peter. Ele provavelmente estava "teiando" por aí, tornando o mundo melhor e mais seguro para a democracia – lutando por sua própria vida contra o Doutor Octopus ou seja lá quem fosse, enquanto ela roía as unhas até a cutícula, ficava em casa e passava aleatoriamente os canais da televisão, esperando a chuva cessar e a manhã seguinte chegar.

Ou, ela pensou, mórbida, *talvez ele esteja morto*.

Vamos lá, Mary Jane, ela se censurou, *pare com isso. Peter está bancando o herói desde o Ensino Médio. Ele é bom no que faz. Ele está… ele está…*

Ela olhou o celular no criado-mudo, desejando que ele tocasse.

Peter está morto.

Balançando a cabeça, empurrando essa ideia para fora de sua mente, ela desviou o olhar do fone, passando pela televisão e pousando-o sobre a janela. Peter não estava morto – não podia estar. O *Clarim* estava trombeteando o fato de que o Homem-Aranha, tal qual a ameaça e intimidação que era, estava socando malfeitores até virarem carne moída por toda a ilha.

No entanto, se isso era verdade, então por que ele ainda não tinha ligado? Como MJ poderia confirmar que seus medos eram infundados? Ela tentou ser forte e dizer a si mesma que tudo daria certo, mas sua esperança estava começando a ceder. Ela já havia exaurido todas as suas fontes, conversado com todo mundo em quem conseguiu pensar. Havia outras pessoas na vida de Pete, claro, que poderiam ter uma resposta: aquelas que vestiam spandex e armaduras e carregavam martelos gigantes. Mas Mary Jane não podia simplesmente ir até a Torre dos Vingadores ou o Edifício Baxter, bater na porta e perguntar se seu namorado, o Incrível Homem-Aranha, tinha sido morto em combate. Especialmente quando ele estava estampado na primeira página do *Clarim Diário*.

Ela brincou com a ideia de ligar para o *Clarim*, para ver se, na semana que passara, Peter havia falado com Joe Robertson ou vendido alguma fotografia para Jameson. As fotos de Peter haviam agraciado algumas manchetes nos últimos dias, mas Mary Jane não sabia se eram recentes ou de arquivo. Ela sabia que, se perguntasse, Robertson moveria céus e terra para conseguir respostas, para desmascarar e desacreditar o misterioso indivíduo mascarado que era seu namorado escalador de paredes. Robertson era um homem esperto, um homem bom, com recursos suficientes para descobrir se Peter estava morto ou simplesmente desaparecido.

Tudo o que ela precisava fazer era perguntar. Tudo o que ela precisava fazer era entrar em uma sala cheia de jornalistas investigativos e expor o maior segredo do homem que ela amava. O segredo que ele havia lhe confiado apenas algumas semanas antes.

É. Isso cairia realmente *bem*.

Mary Jane não podia fazer isso. Ela não trairia Peter, mesmo que isso significasse continuar procurando por respostas sozinha.

Ele provavelmente está por aí, surrando criminosos.

Ou está morto.

Mary Jane agarrou o telefone outra vez e discou o número de Peter. Ela deixou tocar quatro vezes antes de desligar e jogar de novo o aparelho no canto da sala.

O celular acertou alguma coisa. E essa coisa então se moveu, correndo para se esconder atrás de uma cadeira.

– Ah, ótimo – disse Mary Jane, em voz alta, para ninguém. – A pessoa gasta uma fortuna de aluguel em Manhattan, e isso é o que se ganha em troca.

Ela foi na ponta dos pés até o quarto e, ao lado de seu criado-mudo, pegou uma bota de camurça. Indo devagar até o canto, aproximando-se do rato pequeno e assustado, que fugia para as sombras do apartamento, MJ ergueu a bota e seguiu os movimentos do roedor, conforme ele se escondia atrás de algumas caixas cheias de roupa. Ela se agachou e empurrou as caixas para o lado, revelando o rato encurralado, encolhido no cantinho empoeirado. Ele guinchou e se virou para ela, se levantando sobre as patas traseiras e curvando sua cauda no ar.

– Ah, um desaforado, hein? Quer brigar, é?

Peter está morto.

O rato guinchou de novo, procurando um lugar para onde fugir. Mary Jane tentou prendê-lo entre a parede e a caixa, erguendo a bota um pouco mais alto.

Ele não está morto, está perfeitamente bem.

Ela golpeou o crânio do roedor com o calcanhar da bota, esmagando-o contra o piso.

– Imundo...

Peter está morto, caído em um beco, em uma poça de sangue, flutuando de cara para baixo no East River.

Seu sapato desceu mais duas vezes sobre o roedor. Em uma série de pancadas violentas, espirrou sangue contra o robe de MJ e acabou com os guinchos abafados e apavorados do rato.

– Nojento...

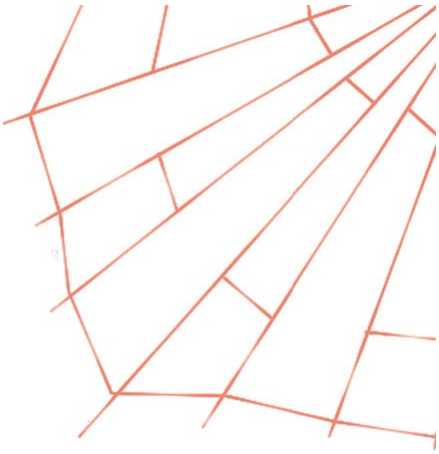
Esfaqueado, ossos quebrados, cabeça esmagada.

Mary Jane recuperou o fôlego e se afastou – o peito agitado, o cabelo loucamente espalhado por cima dos olhos. Lágrimas escorriam de seus olhos. Ela cobriu o rosto, o medo e a ansiedade tomando controle, enviando-a para uma espiral de cruas emoções.

Morto. Ele está morto.

Ela soltou a bota e fugiu, horrorizada e chorando, da visão de sua presa surrada e destroçada.

4



RAIOU A AURORA, clareando as opacas nuvens cinza sobre Manhattan. Passageiros começavam a lutar contra o rush matinal, enquanto Sergei se agachava sobre uma saliência e assistia à cidade ganhar vida, no momento em que ele se preparava para terminar sua longa noite. Ele se sentia sereno, realizado. O trabalho daquela noite lhe trouxera paz, mas também implicações mais profundas para sua missão primordial – seu único e verdadeiro propósito na vida.

Eu consegui, pensou Sergei. *Os passos que dei essa noite... as ações tomadas por essas duas mãos... finalmente, eu me tornei a Fera.*

O inimigo de Sergei, o Aranha, agora ocupava uma cova. Enterrado a 1,80 metro de profundidade, no escuro, exterminado e silenciado pela própria mão de Sergei.

Meu maior inimigo. Meu maior algoz.

Sergei desceu a um telhado mais baixo, a 1,50 metro dali. Sergei Kravinoff – nascido de uma linhagem nobre, descendente de aristocratas, leão da Mãe Rússia – enfrentara a Fera negra, hedionda e bela, quebrando-a, surrando-a até que se submetesse.

Por minha mão. Pela mão do Caçador, o homem que Sergei Kravinoff sempre proclamara ser, desde que podia se lembrar. O Caçador, porém, já não existia mais.

Agora, eu me tornei a Fera.

Sergei saltou do telhado e aterrissou em um parapeito próximo. Lenta e cuidadosamente, ele abriu a janela e rastejou para dentro, pingando água em um felpudo carpete vinho. A sala, escura e quente, deu-lhe as boas-vindas. Ele ficou imóvel por um momento, agachado, apoiando-se nas mãos, livrando-se da

umidade e do frio – embrulhado na fantasia da criatura terrível cuja existência ele finalmente apagara.

Não é o bastante simplesmente destruí-lo, Sergei relembrou. *Devo me provar superior a ele e rir diante do rosto choroso de seu fantasma*. Sergei quase podia ouvir o Aranha – gritando, tremendo de fúria, ou talvez o provocando com suas costumeiras piadas fracas. Agora, contudo, isso não importava mais. Agora Sergei via através dos olhos do Aranha, vestia sua pele e rastejava pelo território de caça dele, zombando da Fera ao se provar melhor que ela.

Agora, Sergei garantiu a si mesmo, deixando as palavras vibrarem por seu corpo e preencherem seu peito, *eu sou o Aranha*.

Continuando agachado, vestindo a pele conquistada a duras penas de sua última presa, Sergei Kravinoff – não mais Kraven, o Caçador, mas agora e para sempre o Aranha – rastejou para longe da janela, indo para o interior de seu sobrado escuro. Ele passou por suas vítimas anteriores, arrastando-se sobre os dedos esticados e a ponta dos pés. Silenciosamente, ele passou por baixo dos olhos vigilantes do grande elefante africano que havia acima de uma porta, a tromba quase roçando sua cabeça ao deslizar sob ela.

Ele desceu a escadaria e entrou no santuário isolado no interior dos fundos da casa. Puxou a cortina de lado e adentrou a sala que um dia guardara seus maiores troféus: seus inimigos mais perigosos, vencidos e exibidos em locais de honra. Agora, entretanto, a sala estava vazia, exceto por três pilares sobre os quais Sergei colocara recipientes ornamentados, cheios de incenso queimando. Nuvens pungentes serpenteavam dali, permeando todo o recinto. Ele rastejou por baixo da fumaça escarlate, abrindo caminho para o centro da sala. Em seguida, parou para encarar a grande parede à sua direita.

Essa parede um dia exibira uma pantera, um macaco e outros resquícios abandonados da antiga vida do Caçador. Agora, servia como uma janela, com vista para o pior pesadelo de Sergei. Movendo-se na direção dela, ele viu o rosto de seu inimigo refletido no vidro. Levou o nariz até o painel transparente e milhares de aranhas rastejantes correram em fuga atrás dele.

Sergei estendeu uma das mãos *(patas)* e a pousou contra a janela, depois ergueu sua máscara para desnudar as mandíbulas em boas-vindas *(dentes, grandes e rascantes como os de um felino selvagem)* a seus irmãos e irmãs aranhas. Elas se aproximaram dele descendo por fios mais delicados que a seda, cada uma se aventurando sobre oito pernas. Ele se encolheu, recuando da abordagem delas.

O que você está fazendo?, Sergei perguntou a si mesmo. *Você é o Aranha. Por que foge? Você se provou superior, tomou a pele dele, comeu de sua carne. Você é o Aranha.*

Suor brotou na testa de Sergei. Ele tirou a fantasia, despindo-se até a cintura. Olhou para as aranhas mais uma vez e encarou seu reflexo no vidro. Ele viu olhos assombrados, cabelo amassado *(pelagem)* – a imagem de um homem comum *(animal, encurralado e caçado; caça, não caçador)* e nada mais.

Não, ele incentivou a si mesmo, balançando a cabeça, consternado, sentindo o desapontamento de seus ancestrais pesando sobre si – ouvindo a risada escarnecedora da Fera invisível e ausente que ele enterrara no chão. *Não, não sou o Aranha.*

Eu sou Kravinoff, o homem.

– Eu sou Kraven – disse ele, rouco, para o vazio, para a curiosa multidão de aracnídeos que se amontoava logo depois do fino painel de vidro. – Sou Kraven, o Caçador!

Ele inclinou-se adiante e pressionou o rosto contra a janela, encarando as aranhas. A fúria e a pressão do vidro tornaram seu rosto ainda mais sombrio e avermelhado, conforme ele se forçava cada vez mais para perto daquilo que mais temia.

Eu sou Kraven, e minha metamorfose ainda não está completa.

Sergei recuou, trêmulo e titubeante. Ele deu as costas para as aranhas e voltou-se para o centro da sala, onde o esperava uma tigela simples e estreita de um líquido tremeluzente. Sergei sabia que tinha que fundir o Caçador e o Aranha *(por que),* tinha que se tornar um ser com a blasfema e sagrada essência da Fera *(por que eu),* para encontrar paz no horror e na majestade do cerne do Aranha *(por que eu estou fazendo isso?)*.

Ele se abaixou, agachando-se de novo diante da tigela, lambendo suavemente a mistura de ervas e raízes – as frutas e flores que podiam ampliar sua mente, despedaçar o Caçador e permitir que o Aranha tomasse posse. Ele bebeu profundamente, deixando que os venenos e sucos o permeassem. Em seguida – com uma súbita pontada em suas entranhas, sentindo uma lâmina fina atravessar sua nuca – o soro fez efeito. A dor percorreu o corpo de Sergei e se libertou com um uivo primitivo, animalesco.

Por que eu estou fazendo isso?

Dobrado ao meio, tentando não engasgar, Sergei sentiu seus pensamentos se romperem como trigo em uma debulhadora, arrancado desde a raiz e rasgado em um redemoinho. Por que ele estava fazendo isso? Por honra *(dor!)*? Ou por

dignidade *(Deus do céu, a dor!)*? Por tudo o que o pai lhe deixara, aqui, nesta estranha terra estrangeira?

(doce morte por favor pare a dor a DOR)

Não. O pai de Sergei tinha sido um tolo pomposo – um nobre russo, antes poderoso, mas depois exilado e enviado para viver na pobreza na América. Ele fora obcecado demais com os espólios do passado, apegado demais ao que havia sido, em vez de ao que era.

(mãe pai a DOR por favor DOR)

Sergei regulou sua respiração, deixando a poção encher suas veias. Ele permitiu que seu organismo se ajustasse à súbita e reveladora expansão de sua consciência. Conforme a dor retrocedia, ele caiu de quatro, fazendo o melhor que podia para ordenar seus pensamentos fragmentados e excruciantes.

Seu pai. O pai de Sergei tinha morrido quando ele era jovem, não muito depois de ir de São Petersburgo para a América. Após a morte do pai e de a mãe ter sido levada embora, Sergei aprendera a sobreviver sozinho. Ele se recolheu, viajando para ver o mundo. Na África, descobriu um talento natural para perseguir e prender animais grandes, de modo que levou uma vida em que pudesse aprimorar essas habilidades, se tornando um caçador bem-sucedido. Sua vida enfim recebera um significado – auxiliado pela poção que aumentava sua velocidade, força e agilidade. Sua reputação cresceu, permitindo-lhe alcançar a riqueza e a honra as quais seu pai fora forçado a deixar para trás.

O pai de Sergei tinha sido um deus – o último resquício de um mundo saturado de cultura, decência e honra. Um mundo que seu pai ansiava por recuperar, enquanto sua mãe se perdera por entre as mandíbulas da América e da grande Fera que residia ali.

Um mundo que o Aranha havia consumido.

Furioso, Sergei ficou de pé e correu para a parede de aranhas. Com o soro disseminando-se por seu organismo, ele estilhaçou o vidro com um único golpe. Martelando os cacos, pestes de oito pernas se derramando sobre seus braços e suas costas, Sergei rugiu e socou o vidro até que a janela não existisse mais.

– Você fez isso! – gritou ele. – Você o esmagou! – ele berrou para as pobres aranhas confusas.

A Rússia tinha sido o modelo para uma civilização nova e melhor – e o Aranha a destruíra, assim como havia destruído os pais dele *(meu coração*, gritou ele, no torpor de sangue e adrenalina). O Aranha – trapaceiro elegante, mitológico gerador de contos, Príncipe das Mentiras. A Fera assumia a aparência de um Trótski ou de um Lênin; um Hitler, um Reagan ou um

Gorbachev – homens sob máscaras e disfarces sinistros. Os rostos não faziam diferença para Sergei. O Aranha rastejava, o mundo se despedaçava em fragmentos sem sentido, e a humanidade caía no fosso.

(Eu estou)

Sergei ficou de pé no meio de seu santuário, o carpete obscurecido pelo incenso escarlate, por cacos de vidro e aranhas sombrias, enraivecidas, questionadoras. Ele abriu as pernas, fechou os punhos e preparou-se para a batalha. Encarou a janela quebrada e rugiu suas acusações, enquanto o antigo inimigo de sua família se despejava e se amontoava no chão diante dele.

– Você! – berrou ele. – Você, Aranha! Venha aqui e me enfrente! Eu sou Kravinoff, o homem! Sou Kraven, o Caçador! Eu sou...

(Eu estou com tanto)

– ... o Aranha!

(Eu estou com tanto medo, pensou Sergei.)

Lenta e desajeitadamente, as aranhas se uniram em uma massa inquieta e fluida de glóbulos pretos e brilhantes. Sergei chacoalhou a cabeça e piscou, tentando apagar aquela visão perturbadora – um pesadelo acordado ou uma alucinação induzida por drogas – de sua mente. Enquanto ele olhava, as criaturas se fundiam para formar um único Aranha, instável e sinistro. Um monstro ameaçador, ébano e escarlate, que lançava uma sombra sobre Sergei e rastejava adiante para encontrá-lo. Horrorizado, os olhos arregalados e imobilizado pelo medo, Sergei não pôde fazer nada além de observar e esperar o terrível e medonho aracnídeo tomar uma atitude.

(Saia daí!)

Isso é insano, pensou Sergei. Ele estava diante de uma sombra que não podia de fato existir, uma visão criada por sua mente drogada e alterada. Ele não tinha nada a temer *(Saia daí!)*. Ele era Kraven, o Caçador *(Kravinoff, o homem)*. E, apesar das acusações febris sobre o Aranha assombrando sua vida e destruindo sua família *(Saia daí enquanto pode!)*, não havia nenhum Aranha, nenhuma criatura sobrenatural habitando a alma dos homens e os enlouquecendo. Havia apenas um *Homem-Aranha* – um tonto fantasiado que, por pura sorte, conseguira vencê-lo várias vezes ao longo dos anos. Sergei enxugou os olhos e tentou sorrir, torcendo para estancar os efeitos da droga e apagar o Aranha imaginário que estava de pé em seu santuário.

Contudo, o Aranha permaneceu ali.

É claro que ele ainda está aqui, pensou Sergei, enquanto fugia das mandíbulas gigantescas do Aranha.

(Mas e se)

Apenas tomando o lugar do herói, apenas o Homem-Aranha se provando mais forte, é que a vitória de Sergei teria algum significado. Então é claro que a alucinação persistia...

(e se for)

... porque Sergei insistira em criar essa coisa – esse demônio, esse Aranha. Ele passara a vida caçando animais. Era mais fácil visualizar seu inimigo assim – não como um homem, mas como um animal, outro predador que ele enfrentaria como o Caçador. E então, usando todas as suas habilidades, todos os seus talentos, ele se provaria superior à presa, destruindo-a totalmente.

Acovardado em um canto, rastejando sob milhões de aranhas, Sergei sentiu seu coração martelando no peito, pulsando em seus ouvidos como um tambor. Sentindo medo e vergonha, ele se forçou a ficar de pé.

Enfrente-o, rugiu ele, cerrando os punhos. *Você é Kravinoff, o homem. Enfrente seu inimigo e deixe-o de joelhos diante de você.*

– Eu sou Kraven! – gritou ele para a fera. – Eu sou o Caçador, e não há nada a temer!

Sergei saltou sobre as costas do monstro e enfiou os punhos no pescoço dele, esmagando dúzias de aranhas em um único golpe. Atravessando a massa agitada de aracnídeos, mantida unida por teias e força de vontade, Sergei atacou e abriu caminho a socos até o centro daquele pesadelo, imergindo nas entranhas da besta.

Eu sou Kraven, gritou ele para a tempestade, a voz se expandindo pelos céus, para ser recebida tanto por deuses quanto por monstros. *Eu dei as costas para este mundo corrompido, este esgoto que ousa se chamar de civilização – e encontrei propósito no primevo, no imaculado. A selva!*

As aranhas se reagruparam e se prenderam ao braço esquerdo de Sergei, arrastando-o para baixo. Ele acertou outro golpe, os dentes à mostra e o cabelo em desalinho, enquanto tentava mandar cada aranha para um Valhalla próprio.

Ele encontrou dignidade e honra naquilo que a maioria dos homens acharia incivilizado: a caçada, um prazer do qual seu nobre pai jamais desfrutara. Sergei, porém, não era como a maioria dos homens, não temia homem nem fera – nem o julgamento daqueles menos dignos que ele.

– Eu sou Kraven! – asseverou ele ao rodamoinho de aracnídeos que mordiam e rastejavam, afogando-o sob seu peso. – Sou Kraven, e não temo nada!

(SAIA DAÍ)

As aranhas – reais ou alucinatórias – envolveram seus fios ao redor dos braços ainda relutantes de Sergei, empurrando-o para baixo, sob a grande massa de seus corpos. Elas se derramaram pelo cabelo dele, por seu nariz, seus ouvidos.

Eu sou Kraven!, berrou ele novamente aos deuses. *E eu me lembro agora! Eu lembro por que estou fazendo isso. Eu sei... Eu sei que, para me tornar o Homem-Aranha, devo absorver a essência dele. Devo deixar que o Aranha entre, devo me render a ele.*

As aranhas encheram sua boca e caminharam por sua língua, escorregando para o fundo de sua garganta e abrindo caminho para o interior de seu corpo. Ele tentou gritar, mas não conseguiu encontrar sua voz, então ficou apenas com o horror e os gritos dentro de sua mente, enquanto deslizava sob as ondas brilhantes cor de ébano.

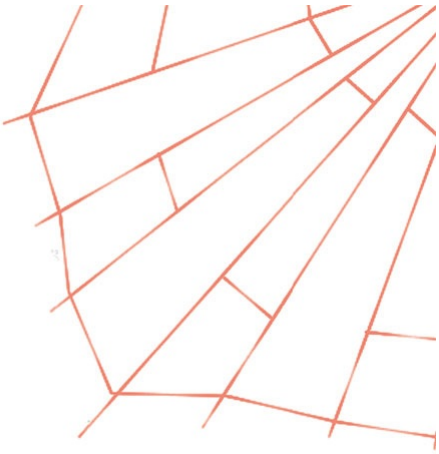
Eu sou Kraven, pensou ele.

Eu sou...

... o que eu sou?

E então tudo ficou escuro.

5



AQUELE RUÍDO.

Aquele ruído – o som – lá fora, na escuridão.

Eu... eu escuto... eu escuto o ruído... mas não...

(cab)

Não gosto.

Me deixe em paz.

Edward queria ser deixado em paz, queria poder se esconder. Ali embaixo, no escuro, na umidade, no frio, onde ele podia comer em paz. Onde o mundo lá em cima, com suas pessoas e sua dor, não o incomodaria. Com nervosismo, ele roeu o osso de um dedo e se encolheu no lodo com seus amigos ratos – fazendo o melhor que podia para manter afastado o intrometido barulho do lado de fora. Os ratos guincharam e nadaram ao redor dele, roçando contra sua perna, implorando por migalhas de sua última caçada.

Dê outra olhada, disse Rattus dentro da cabeça de Edward. *Dê outra olhada no homem mau.*

Edward fechou os olhos e balançou a cabeça. Ele jogou fora o ossinho e cobriu o rosto com as mãos imundas, incrustadas de sangue. Os ratos correram atrás do osso descartado, as vozes estridentes em sua mente se elevando conforme eles competiam pelo prêmio já meio comido.

– Não, me deixe em paz. Vá embora. Eu não gosto disso.

Olhe, instigou Rattus. *O homem mau traz o barulho. O homem ruim traz a dor. Olhe para o homem no jornal e alimente nossa raiva.*

Choramingando, Edward se levantou do canto e, com relutância, arrastou os pés até onde estava o jornal. Fazia horas desde sua última espiada, desde sua última visão do homem mau. Havia deixado o jornal onde ele caíra, ensopado e

revirado, no meio dos restos de sua vítima mais recente, para não correr o risco de ver o homem mau por acidente.

Olhe para ele!, gritou o Rattus, um ódio puro ressoando no interior da cabeça de Edward. Outro barulho se juntou a ele, vindo de cima. Desconhecido e curioso, mas também preocupante.

(cab)

Ele ergueu o jornal, folheando seus resquícios úmidos, espiando as fotos e mal lendo as histórias nele contidas. Os ratos, tendo terminado os restos deixados por Edward, haviam voltado aos poucos e se assentado ao redor de suas pernas. Eles levantavam narizes molhados no ar, farejando o jornal como se esperassem que Edward lhes contasse uma história. As palavras se misturavam na cabeça de Edward. Ele achava difícil ler. Antes, ele sabia que tinha sido capaz de pensar… não, identificar… não – *ler* as palavras. Antes… do que exatamente? O que Edward era antes? Ele tentou se lembrar, mas Rattus estava gritando em seu cérebro, gritando e ferindo a cabeça de Edward. E o outro barulho – o barulho terrível – ficou ainda mais alto, mas ele continuou olhando o jornal até encontrar…

Não! nãonãonãonãonãonãonão…

Edward se encolheu ao ver a foto, recuando até atingir uma parede. A imagem o encarava, rindo dele, zombando do que Edward era agora e do que ele tinha sido antes. A foto do homem mau, do homem muito mau.

Olhe, Edward, disse Rattus. *Olhe para ele de novo.*

Soluçando e fungando, Edward voltou para o jornal e olhou para o homem mau mais uma vez. O homem rastejante. O homem inseto.

Rattus respirou fundo dentro de sua mente, faminto e exultante.

Homem-Aranha.

– Ele me machucou – explicou Edward, defendendo-se para Rattus e seus curiosos e agitados companheiros roedores. – O homem mau me machucou… Sssserá que foi ontem? Hoje? Muito tempo atrásss. – Ali embaixo, no escuro, o tempo havia perdido todo o significado, e Edward não conseguia se lembrar de quanto havia se passado desde que o jornal com a foto do homem mau chegara até ele. Tudo de que Edward se lembrava era a dor. De quanto o homem mau o machucara e o surrara. E o outro… o amigo do homem rastejante. Agora Edward conseguia se lembrar: era aquele soldado nojento de vermelho-branco-azul. O homem bandeira, que machucou os bichinhos de Edward e o impediu de armazenar comida para o inverno. Eles eram a razão por que Edward estava sempre faminto. Eles o machucaram, lançaram teia sobre ele e lhe bateram com

sssseus essscudosss. O Homem-Aranha e seu amigo Capitão... Bandeira. Não. Capitão...

América.

Sssssim.

É por isso que você está se escondendo, explicou Rattus. *É por isso que está desperdiçando nosso tempo aqui embaixo, longe da comida e do calor. Você se esconde e permite que eles saiam ganhando. Mas eu não tenho medo de ninguém! Deixe-me ir lá em cima. Vou rasgar aqueles dois em pedacinhos e mastigá-los até não sobrar nada.*

Edward balançou a cabeça com violência, tentando clarear a mente do venenoso encorajamento de Rattus.

– Não – choramingou ele. – Não, eu não vou.

Edward se arrastou para longe, descendo um túnel e respingando esgoto por onde passava, com um séquito de roedores mordiscando seus calcanhares. Rattus estava enganado. Enganado. Edward não se escondia por medo. É que era bom se esconder: quando você se esconde no escuro, ninguém pode ver nem tocar você, ou dizer o que você deve fazer. A escuridão oferece calor e segurança, o escuro é forte. Ali embaixo, não havia polícia ou homens maus, apenas Edward e seus amigos ratos, imundos, guinchantes e famintos, procurando comida sob a cidade.

Ele se abaixou para afagar os pelos de um rato próximo e olhou ao redor para ver onde estava. Os túneis sob Nova York seguiam por vários quilômetros, e Edward estava sempre encontrando lugares que nunca vira antes. Desta vez, ele se viu em um reservatório amplo e cavernoso, onde o esgoto de quatro corredores divergentes se acumulava. Uma escada havia sido instalada contra uma parede, levando para um bueiro, para a rua lá em cima.

Temos que mostrar a eles, Edward. Mostrar a todos eles.

– Não não não não não. – Os homens maus e as pessoas estavam lá no alto. E o ruído também, o ruído desconhecido e trovejante.

(cab)

Homem-Aranha e Capitão América, Edward. Temos que mostrar a eles que não temos medo.

Cautelosamente, Edward analisou a escada. Em seguida, com um toque vacilante, ele, hesitante, estendeu a mão para o degrau mais baixo. Devagar, pressionado pela voz em sua cabeça, ele começou a subir a escada. Os ratos se reuniram na base dos degraus, guinchando para Edward, o volume aumentando conforme ele avançava.

Ssssssim. Mostre a eles... mostre a eles o que você pode fazer mostre a eles.

Edward colocou uma das mãos contra a tampa do bueiro e a empurrou para cima, permitindo que a luz penetrasse em seu esconderijo, deixando que a chuva e a água pingassem e molhassem sua pelagem imunda e embaraçada. Ele olhou para fora espremendo seus olhos vermelhos, como já havia feito antes, nas vezes em que se forçara a caçar. Rattus estava certo. Ele tinha que mostrar aos dois, mostrar a todos eles...

– Mostrar a eles que posso subir e sair do escuro sempre que eu...

A voz de Edward foi sumindo enquanto algo descia pela tampa do bueiro, fugindo da chuva, agitando-se sobre oito perninhas minúsculas, caindo lentamente por um fio invisível. Os olhos de Edward se arregalaram ao ver a aranha, e seu coração congelou com o som distante de um trovão.

(caBRUUM)

Ele soltou a tampa de uma vez, produzindo um retinido metálico ensurdecedor, e desceu a escada de volta para seu esconderijo.

– Fujam! – gritou Edward. Sua multidão de seguidores roedores o acompanhou pelo caminho de retorno, guinchando e fugindo do amplo e aberto reservatório para a segurança de seus cantinhos molhados, frios e escuros.

Edward parou debaixo de uma grade baixa, fazendo o que podia para se acalmar. Rattus lhe dava uma bronca dentro de sua mente, e os ratos não paravam de guinchar, apavorados.

– Quietos! Quietos, agora – ele alertou os roedores. – Não queremos que ninguém nos ouça ou nos machuque!

Os ratos, contudo, continuaram a guinchar, se revirando ao redor dos pés dele. Edward agarrou um pela cauda e o jogou contra o caminho de concreto.

– Eu disse *quietos*!

A aranha havia arruinado todo o encorajamento promovido por Rattus, fazendo Edward voltar a se esconder. *Amanhã a gente tenta de novo*, pensou Edward, distraidamente mastigando o cadáver pequenino e peludo de seu antigo amigo, com sangue escorrendo por seu queixo. Edward prometeu a si mesmo que o dia seguinte seria melhor, mas Rattus sabia que ele só estava se enganando. A aranha o assustara, e o ruído, o som, estava se aproximando cada vez mais.

Ele ouvia, mas Edward não.

O *trovão*.

– Me deixa em paz – implorou Edward. – Vá embora e deixe eu me esconder.

Outro ruído soou lá fora – mais próximo agora, ecoando contra o teto. Edward olhou para cima. Ele reconhecia aquele som, conhecia seu significado, e

tanto a curiosidade quanto a fome despertaram seu interesse. No entanto, o outro barulho, o trovão, o afogou, emitindo uma voz assustada.

(eu estou)

A tempestade. Um acerto de contas, sussurrou Rattus.

(eu estou com tanto)

– Quem essstá aí? – perguntou Edward, olhando à sua volta, procurando a fonte daquela voz grave e faminta. – É você, Rattus? Quem está chamando?

(eu estou com tanto medo)

O que aquela voz queria? Por que ela estava chamando por Edward? Jogando fora o rato destroçado, ele lentamente voltou para o reservatório, respingando pelo esgoto. O som dos tambores ficou mais alto, assim como os ruídos familiares lá de cima, e ele começou a compreender.

A voz assustada era do próprio Edward.

Temos que ir lá para cima, Edward. Tem um negócio importante que precisamos fazer.

– Ssssssim. – Ele chegou até a escada outra vez e colocou a mão no degrau mais baixo, enquanto o som familiar…

(pele macia cheiro doce o som de sssaltosssss)

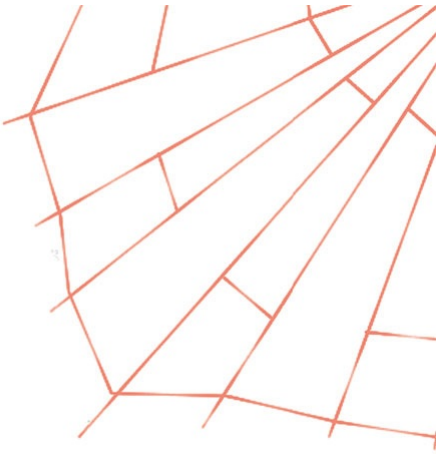
… subia diretamente lá para fora, se misturando ao trovão e aos tambores, encobrindo a voz assustada do homem.

Temos que subir, Edward. Temos que mostrar a ele. Temos que mostrar a ele que não temos medo. O trovão está chegando. A tempestade traz um acerto de contas com o…

– Homem-Aranha.

Rattus subiu a escada e empurrou a tampa do bueiro para o lado, deixando o frio ar noturno entrar.

6



MARY JANE ATRAVESSOU A RUA, os saltos das botas batendo no concreto molhado, num esforço para não tropeçar em um bueiro parcialmente aberto. O guarda-chuva mal oferecia proteção contra aquela chuva torrencial, e suas pernas estavam ensopadas.

A despeito da chuva, ela vinha andando sem rumo há horas, esperando que o ar fresco limpasse sua mente e a afastasse das velhas fotos e de sua mania de ficar trocando ansiosamente de canal. As ruas estavam quase vazias. Ela cruzava as avenidas, olhando para o topo dos arranha-céus como uma turista, torcendo para avistar um relance de vermelho e azul. As solas de suas botas estavam quase gastas, e ela se deu conta de que, não importava quanto tempo andasse pela ilha, as chances de trombar por acaso com o Homem-Aranha iam de pouca a nenhuma.

Será que realmente acredito que vou encontrar com ele?, pensou ela. A noite começou a cair enquanto MJ se dirigia para o centro, respingando água das poças. Qualquer um dotado de cérebro já teria deixado a rua àquela hora e ido para casa se abrigar.

Deus, pensou ela, *isso é igualzinho quando eu ficava fora de casa até depois do horário combinado e mamãe vinha me procurar, me envergonhando na frente dos meus amigos. A única diferença é que, desta vez, eu sou a mamãe, e os amigos de Peter são... quem? Os Vingadores?*

Ela continuou caminhando, encolhida debaixo do guarda-chuva – apertando o casaco contra si para tentar continuar aquecida.

O que vou dizer quando... Se o encontrar? "Ah, Homem-Aranha! Você tem ficado fora até tarde, e sua namorada está preocupada! Volte para casa antes que fique doente. Diga ao seu amiguinho Rino que você vai ter que bater nele amanhã!"

Ela se sentia uma tola. Morto ou vivo, Peter Parker estava sumido havia uma semana. E, apesar de seus esforços, Mary Jane sabia que ficar ali fora, na chuva, procurando pelo Homem-Aranha, era um total e completo desperdício de tempo.

Estou tão cansada, refletiu ela. *Preciso dormir um pouco – ou não vou ser útil para ninguém, especialmente para mim mesma.*

Ela se virou e começou a se dirigir para casa, planejando chamar um táxi ou pegar um ônibus. Desceu por uma rua secundária, seguindo no sentido de uma avenida onde havia maior probabilidade de aparecer um táxi.

Nos degraus de entrada de um sobrado, dois bombadinhos estavam sentados, passando o tempo, sem dúvida recém-saídos da academia. Sorrindo um para o outro como um par de hienas, eles encararam Mary Jane em seu jeans justo e molhado e assoviaram baixo e demoradamente.

– Ei, olha só, cara – um dos brutamontes disse. – Nunca vi ninguém em calças tão justas.

O segundo idiota, exibindo bíceps do tamanho de latas de sopa, em uma regata verde-neon, assentiu, concordando.

– Ah, sim, e aquele cabelo vermelho. Ei! Ei, calça justa, venha aqui, mostre o seu cabelo vermelho pra gente!

MJ continuou andando, lançando um olhar fulminante por cima do ombro enquanto seguia pelo quarteirão.

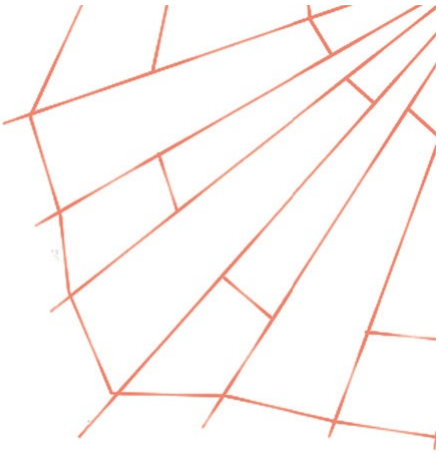
– Sabe – disse ela aos dois –, tem uma frase antiga em latim que se aplica perfeitamente a essa situação. Talvez vocês já tenham ouvido: "vão se ferrar".

Os bombadinhos ficaram quietos e, em seguida, lentamente ficaram de pé.

É, Mary Jane, isso sim foi muito esperto da sua parte, ela se censurou. *Continue andando, MJ, e não olhe para trás.*

No entanto, ela os ouviu acertando o passo atrás dela, acompanhando seu ritmo pela chuva que caía. Ela se forçou a olhar adiante, a manter o passo rápido e a trancar sua mente e seus ouvidos, de modo a não escutar os tênis deles batendo contra as poças, ou suas vozes cretinas gargalhando como chimpanzés no cio logo atrás dela. Ela continuou andando, se dirigindo para a avenida mais próxima, mais povoada. A distância, porém, era grande demais, e as ruas estavam vazias. Todos os sentidos de Mary Jane estavam em alerta máximo, apesar de seus esforços para ignorar aqueles dois animais fungando em seu pescoço. Finalmente, em pânico, ela começou a correr.

7



OLHOS VERMELHOS ESPIARAM A ESCURIDÃO. Rattus olhou pelas ruas da cidade, para a esquerda e para a direita, esperando localizar a fonte dos ruídos que atraíram Edward para fora de seu esconderijo. Rattus ainda podia ouvir sua outra metade, a mais fraca, choramingando em algum lugar lá embaixo. Ele escarneceu das tentativas patéticas de Edward de arrastá-lo de volta ao esgoto, para longe do ar fresco e frio e da presa disponível e quente que estava por perto.

Ele farejou uma vez, franzindo o nariz para um fiapo de água que passava pela tampa do bueiro. Concentrou-se em escutar de novo o ruído: o trovão, a voz – e, o mais importante, o som de saltos no concreto. O som que significava comida – macia e doce, vulnerável e deliciosa.

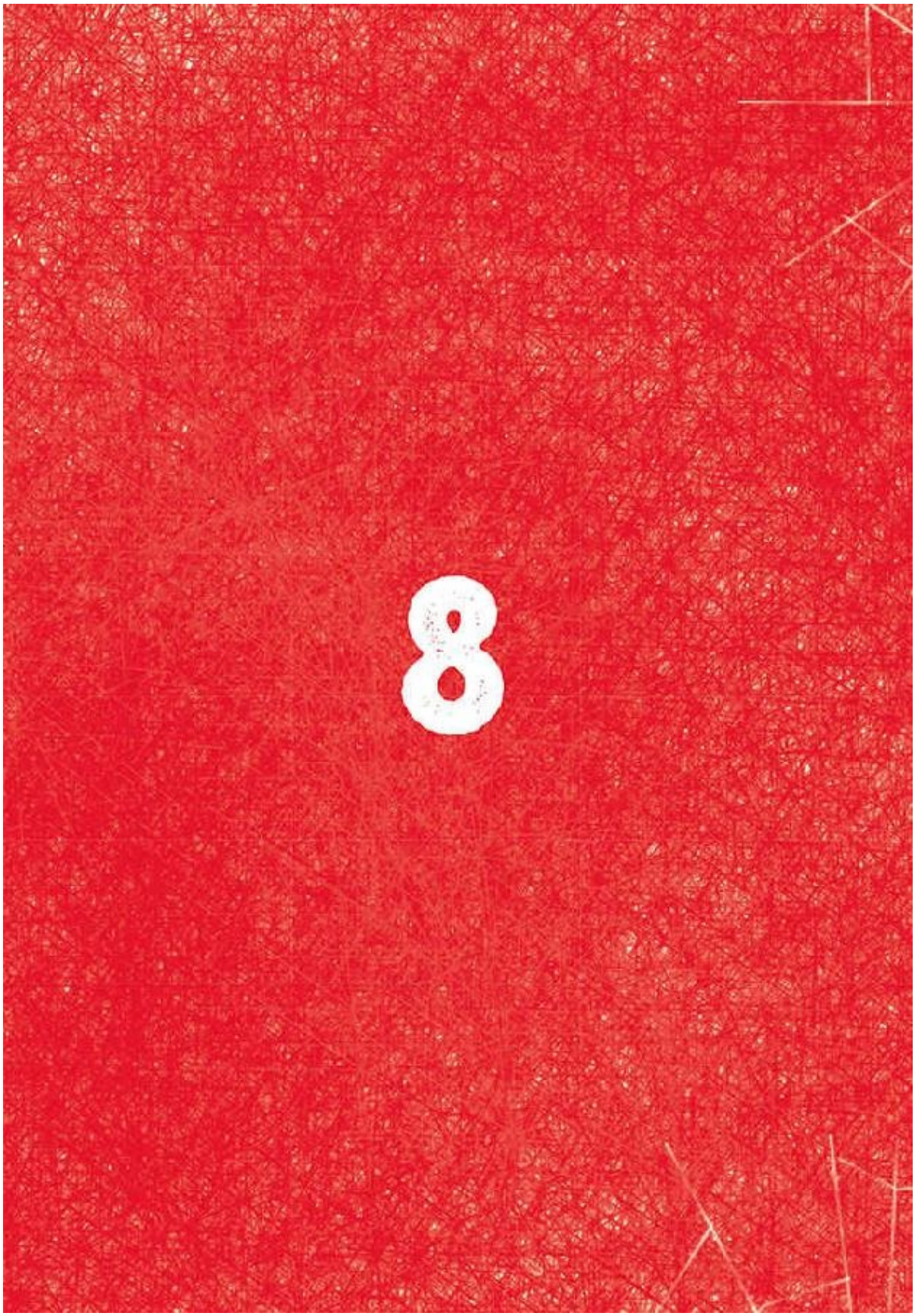
Rattus se virou à esquerda e vislumbrou sua presa: ruiva, meio quarteirão adiante, correndo pela chuva com dois homens em seu encalço. Os homens claramente perseguiam a mulher com intenções menos que pouco admiráveis. Rattus sabia disso, pois seus próprios desígnios em relação à garota não eram mais honrados que os deles.

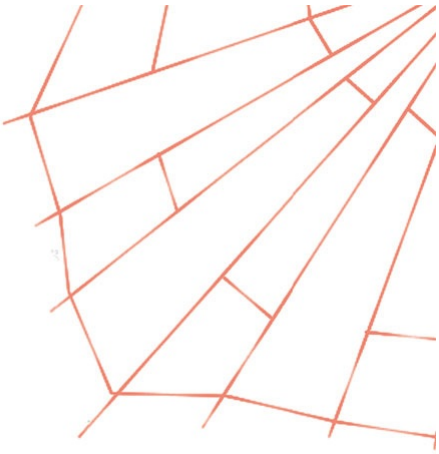
A fome apertou suas entranhas, e Edward gritou. Rattus rosnou em resposta, calando seu vulnerável parceiro. Lentamente, ele rastejou para fora do esgoto, ganhando a rua.

Os dois homens finalmente alcançaram a garota e a agarraram por trás. Rattus se perguntou se deveria interceder, pois aquela era a *sua* refeição. *Sua* presa.

Os homens estavam com medo, ambos. Rattus podia sentir o cheiro, mesmo àquela distância. Com medo... mas de quê?

Rattus se aproximou aos poucos, se mantendo nas sombras, esperando para ver o que seus colegas predadores fariam.


8



AS COSTAS DE MARY JANE BATERAM CONTRA UMA PAREDE. Mãos rudes agarraram a parte da frente de seu moletom, abrindo seu colarinho com um puxão, enquanto um segundo grupo de dedos corria por seu cabelo molhado e desalinhado.

Seus seguidores tinham ficado entediados com a perseguição, e ela ficara sem espaço nem opções. *Estou morta*, pensou ela. *Mortinha da silva.*

Os dois bombados a fitavam com malícia e cobiça nos olhos, sorrindo como babuínos. O cara com mangas curtas a afastou da parede, puxando-a pela frente do moletom. Ela podia sentir o gosto de seu hálito azedo, o ódio e os hormônios se ouriçando, o medo irradiando do corpo dele, vibrando por seus braços e por seus dedos fortes e determinados.

– Certo, senhorita calças justas – disse ele. – Senhorita Cabelo Vermelho. Agora pegamos você. Agora você é minha.

Estou morta estou morta estou morta.

Algo caiu na rua, logo atrás dos trogloditas – algo pesado e silencioso, molhado e colorido. Lentes brancas e grandes olharam de baixo para cima diretamente para Mary Jane. O recém-chegado estava envolto em sombras, obscurecido pela chuva caudalosa. Quando ele graciosamente se levantou, alcançando sua altura total, MJ pôde ver a aranha negra bordada sobre o peito escarlate.

Estou salva.

– Ei – o Mangas Curtas a interceptou, notando os cantos da boca de MJ se curvando para cima. – Ei, por que é que você tá sorrindo?

– Ah... nada. – Mary Jane se permitiu dar um sorriso completo, olhando para além de seus perseguidores, enquanto o Homem-Aranha se aproximava deles pela retaguarda. Os dois então se viraram, afastando-se de MJ para poder acompanhar a linha de visão dela.

Antes que qualquer um deles pudesse reagir, o Homem-Aranha saltou adiante e empurrou o Regata contra a parede. A mandíbula dele se espatifou contra os tijolos, fazendo jorrar sangue e dentes nas poças abaixo de si. Regata deslizou para o chão, e o Homem-Aranha girou para agarrar Mangas Curtas, que sabiamente estava fugindo do local, arrastando-o de volta pela cintura.

Mary Jane ficou atônita com o ataque violento e silencioso do herói. Enquanto o Homem-Aranha mandava brasa no segundo homem, ela se abaixou para ver se o que estava a seus pés ainda respirava.

Sem uma palavra, o Homem-Aranha segurou Mangas Curtas pelo colarinho e começou a surrar repetidamente o sujeito, desferindo golpes poderosos e brutais. Cada batida de seu punho arrancava gotas de sangue do nariz quebrado do homem, de suas bochechas rasgadas e de seu crânio maltratado. Depois do quinto soco, Mary Jane hesitantemente adiantou-se. Ela estendeu a mão para impedir outra porrada, mas a retirou no último instante.

– Pare! – gritou ela, recebendo um grunhido irritado do vigilante mascarado. – Pare! Você o está matando!

O Homem-Aranha olhou para trás, notando a expressão horrorizada de Mary Jane, e interrompeu a chuva de sopapos na cabeça do Mangas Curtas. O Homem-Aranha ficou imóvel por um momento, como se estivesse inseguro quanto a continuar. MJ esperou que ele falasse alguma coisa, que desse algum sinal de reconhecimento – algo que lhe desse as respostas pelas quais ela esperava há mais de uma semana.

Finalmente, o Homem-Aranha jogou o perseguidor de MJ no chão. A cabeça do sujeito bateu no cimento com uma pancada oca.

O Homem-Aranha alternou seu peso de um pé para outro, encarando Mary Jane. Ela deu um passo para trás. Ele olhou para um dos homens inconscientes, depois para o outro. Em seguida, se virou para a parede e começou a subir, indo embora sem nem olhar para trás, dispensando MJ como se ela não significasse nada.

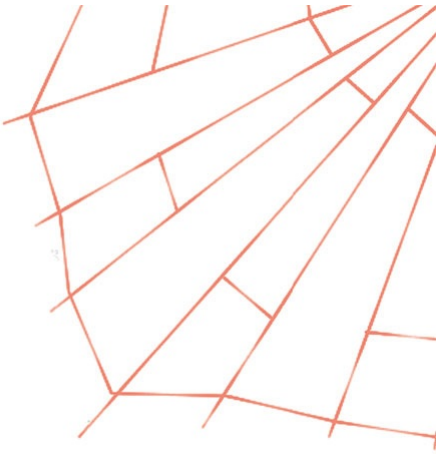
Ela o observou partir, reparando no modo como ele escalava a parede, bem como na velocidade com que ele se movia. Aquele Homem-Aranha usava janelas e vãos como pontos de apoio, em vez de colar as mãos ou os dedos diretamente contra a parede. Ele se movia com elegância – mais semelhante a um gato do que a uma aranha –, com confiança e agilidade. Acima de tudo, Mary Jane pôde notar que o Homem-Aranha não disparara uma única teia durante todo o encontro – nem para se balançar, nem para capturar os bandidos, nem para ir embora.

Aquele não é o Peter, pensou ela, mantendo os olhos fixos na silhueta que se afastava. Fosse lá quem estivesse usando a roupa do Homem-Aranha, MJ agora sabia que não era o seu namorado.

O que significa, concluiu ela, *que Peter Parker provavelmente está morto*.

Abalada, Mary Jane Watson se abaixou para recolher seu guarda-chuva. Lutando contra as lágrimas, ela saiu apressada, deixando para trás os dois bombados espancados e indo em direção às luzes brilhantes e hospitaleiras do centro da cidade.

9



ESCONDIDO EM UM BECO, Rattus assistiu à moça fugir. Ela não estava muito longe, e ele poderia facilmente reduzir essa distância assim que ela começasse a se cansar.

No entanto, ele se pegou distraído, lançando seu olhar para os prédios imensos, tentando enxergar por entre as ondas de chuva torrencial e localizar a figura que se afastava em traje vermelho e azul.

Homem-Aranha.

Era por isso que o Rattus tinha saído para a luz. Para provar... para encontrar...

Tão faminto.

Ele precisava comer. Rattus estava muito faminto – sempre faminto. Ele se virou para procurar a garota, mas ela já estava longe demais para conseguir alcançá-la e clamá-la para si. Haveria outra – em breve, ele esperava. De qualquer forma, ele poderia comer mais tarde.

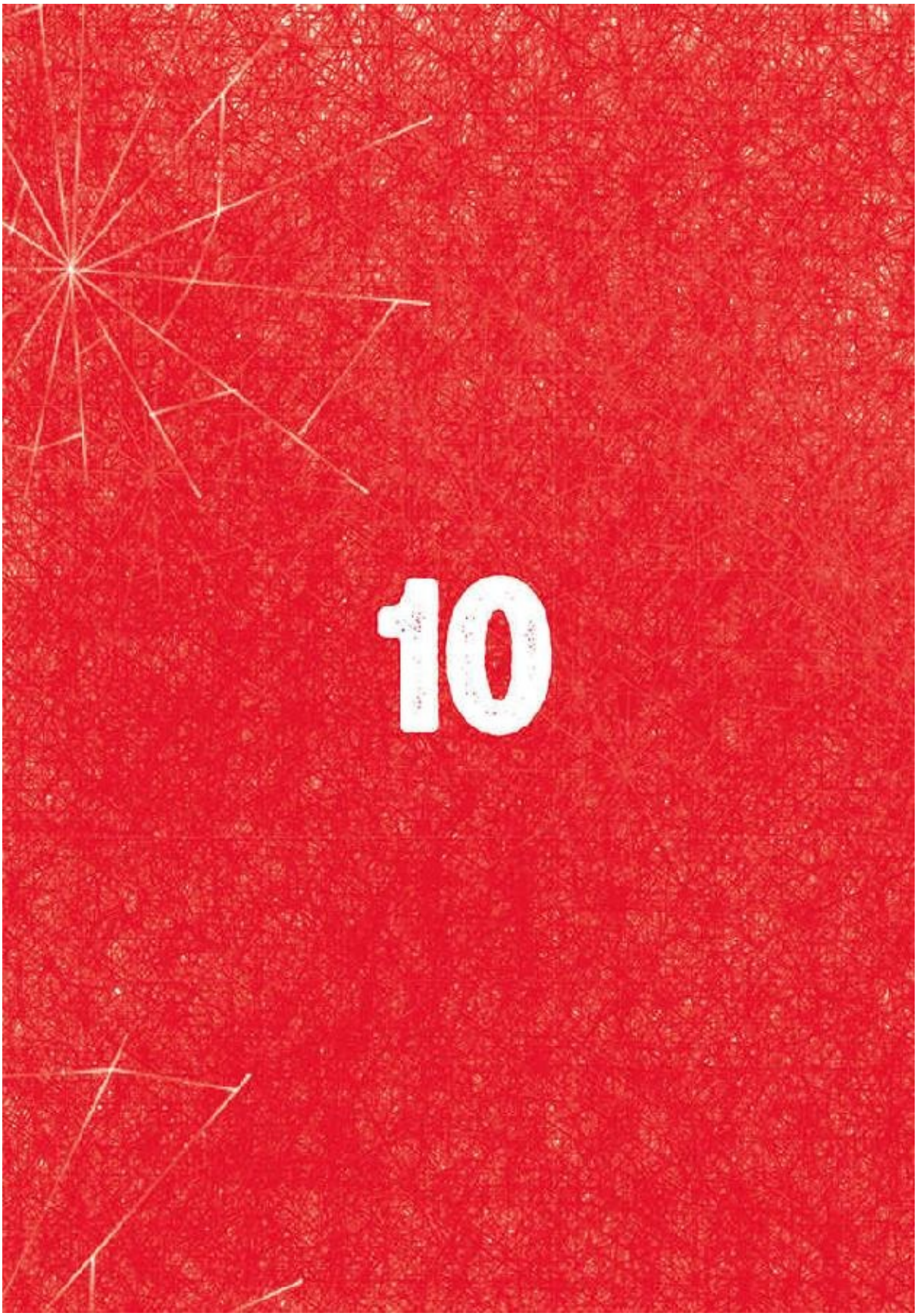
O que fazer sobre o Aranha?

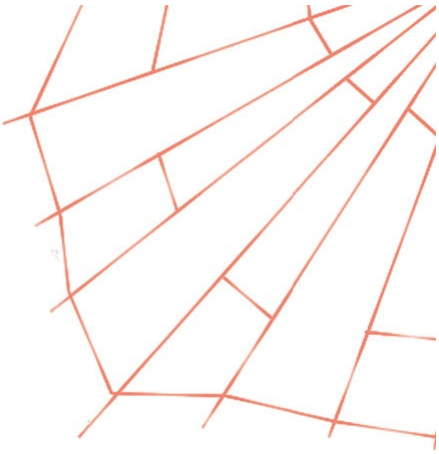
Rattus estava no comando. Ele os guiaria para longe da escuridão e encontraria o Aranha, fosse seguindo-o ou fazendo com que ele viesse atrás deles, não importava. Agora eles estavam fora do esgoto, e isso era o principal. Rattus sorriu enquanto penetrava mais fundo no beco, estendendo a mão para escalar uma cerca na extremidade mais distante. Eles estavam realmente fora agora.

E não estamos com medo. Nem um pouquinho.

Rattus subiu em um telhado, arrastando-se sobre piche e cascalho. Ele olhou para o mundo, para o outro lado de Nova York. Chacoalhou a cabeça, nervoso com Edward, nervoso consigo mesmo, por passar tanto tempo lá embaixo, longe daquilo tudo.

Rattus estava com fome. Estava na hora de encontrar um pouco de comida. O trovão retumbou, mas Rattus não ligou. Nem um pouquinho.


10



DUAS NOITES DEPOIS, o Homem-Aranha espiava através da janela de um galpão isolado no West Side de Manhattan. Estava tarde, e o lugar ficava em uma vizinhança suspeita. Ele estava pendurado de cabeça para baixo, segurando um pedaço de corda que amarrara a uma saída de ventilação no teto. Ele colocou uma das mãos contra a janela, limpando a poeira, e observou. Um punhado de homens movimentava caixas pesadas, transferindo-as dos fundos de uma van para o porta-malas de um sedã velho. Ambos os carros estavam estacionados dentro do galpão, cuja entrada de carga estava fechada e trancada. Um único homem protegia a saída disponível, à esquerda do portão de metal que circundava o local.

O Homem-Aranha sorriu por baixo de sua máscara, assistindo a seus inocentes alvos seguirem com seus negócios ilegais – olhando-os através do vidro como espécimes, como moscas. Ele se preparou mentalmente para começar a transformação de voyeur passivo para ativo, exercendo seu papel de vigilante mantenedor da justiça.

Eu sou o Aranha.

Fechando os olhos, o homem que costumava ser Sergei Kravinoff – Caçador e zeloso filho – repetiu seu mantra várias e várias vezes, relembrando por que usava o rosto do inimigo, por que se vestia com o traje da Fera.

Eu sou o Aranha.

As últimas semanas – tempo em que estava imerso na vida de seu torturador, desfilando por aí na pele dele – o haviam transformado. Abriram seus olhos e lhe permitiram ver além das coisas. Ele agora podia enxergar os fios do Destino – os fios da teia que prendiam homem a Homem-Aranha, vítima a vitorioso. Ele sabia das coisas de uma maneira que as pessoas comuns não conseguiam saber. Ele sabia.

Eu sou o Aranha.

O Homem-Aranha estilhaçou a vidraça e aterrissou no meio dos traficantes de drogas, fazendo-os entrar em pânico, enquanto procuravam por suas armas e gritavam o nome dele. O Homem-Aranha, porém, não lhes deu atenção: saltou na direção deles, metendo os calcanhares em seus crânios e envolvendo os pesados braços em torno de seus pescoços grossos e perplexos. Os disparos das armas dos traficantes passaram longe. Os homens gritavam e berravam, contudo o Homem-Aranha não ouvia nada além da tessitura de sua intricada teia. Aqueles homens estavam encurralados, enjaulados como presas. Caçados.

Não! Não, isso não. Eu não sou mais o Caçador.

Eu sou o Aranha.

As palavras rugiram dentro de sua mente, trovejando na escuridão, contra o som de milhares de pernas se agitando. O mundo ficou vermelho, depois azul, enquanto o Homem-Aranha destroçava os criminosos, esmagando rostos nas janelas, esmigalhando espinhas e se entregando ao vaivém entre vítima e vitorioso. Entre homem e Homem-Aranha.

Eu sou o Aranha. E eu devoro minha presa.

E então, com pouca fanfarra, aquela dança terminou. Os parceiros do Homem-Aranha jaziam espalhados pelo chão, surrados e derrotados, esperando pela inoportuna chegada da polícia de Nova York. Os policiais abriram caminho a socos até o galpão, bem a tempo de testemunhar a fuga do Homem-Aranha por uma janela.

O Homem-Aranha sorriu ao escapar da cena. *Um jogo se conclui, enquanto outro se inicia*, pensou ele, assistindo ao Departamento de Polícia de NY. Eles abriram fogo, tentando ferir o Homem-Aranha ou dificultar sua retirada, para que pudessem levá-lo a alguma forma ridícula de justiça.

O Homem-Aranha se forçou a conter uma risada. A polícia, os detetives – todos eles eram servos da teia do Aranha. Cada um desempenhava um magnífico papel numa peça criada por ele próprio. Assim, ele saiu pela noite, enquanto os detetives lhe "ordenavam" para parar, angustiados e atônitos ao descobrir que o escalador de paredes, o amigo da vizinhança, não tinha economizado em sua força. Desta vez, ele deixara dois bandidos mortos, atravessando uma linha que o Homem-Aranha jamais cruzara antes.

O Homem-Aranha se arrastou para fora do galpão, indo para a saída de incêndio e subindo até o telhado. Pancadas de chuva atingiam suas costas e sua pele. Ele se encolheu na borda, encarando o horizonte escuro de Manhattan,

escutando o ritmo constante de seu coração e desacelerando sua respiração, enquanto um relâmpago piscava lá no alto.

Eu sou o Aranha.

Não! Não… o Aranha… esse Aranha não mata. O Aranha não… eu matei o Aranha. Eu me tornei ele.

O Homem-Aranha arrancou a pele falsa que cobria seu rosto verdadeiro, um rosto de honra e respeito. Ele uivou para a noite, a voz ressoando em uníssono com o trovão que se aproximava.

– Eu sou Kraven! – ele gritou para os céus, em meio às críticas nuvens cinzentas da tempestade. Luzes piscantes convergiram sobre o prédio, parando de súbito nas ruas lá embaixo. – Eu sou Kraven – gritou ele –, e cacei como o Aranha caça. Eu cacei a presa do Aranha!

Ele havia se passado pela Fera, se perdido dentro da vida do Aranha. Os pensamentos de Sergei estavam confusos e atrapalhados. Sua missão – seu propósito –, porém, estava cada vez mais clara.

Eu provei ser melhor do que ele de todas as formas. Quase *todas as formas. A prova final, o fim do jogo, ainda está por vir.*

O Homem-Aranha exibiu seus dentes e inflou o peito. Kraven, o Caçador, teceu suas teias e preparou sua armadilha.

Sergei encheu os pulmões e berrou para a noite.

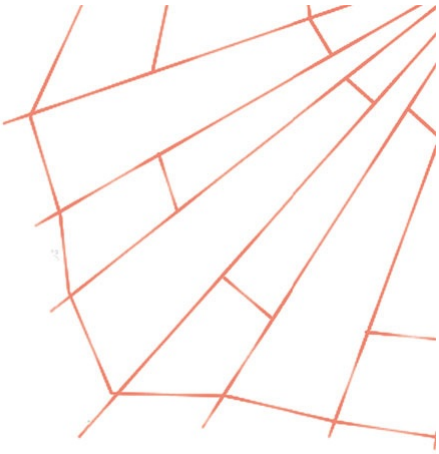
Eu sou o Aranha.

Eu sou Kraven.

Eu sou o Caçador, transformado no Aranha.

Lá embaixo, paramédicos levaram dois sacos plásticos com cadáveres para fora do galpão, até uma ambulância à espera. As sirenes uivaram e um trovão rugiu, afogando os sons de triunfo do Caçador – e o sofrimento do Aranha.

11



RATTUS ESPEROU NO BECO, ansioso e faminto, observando a mulher escura e macia, com a pele doce e lisa, descer da calçada. Um táxi passou sobre uma poça e respingou água em suas bonitas roupas. Xingando, ela se virou e começou a caminhar na direção de Rattus, subindo a rua, aproximando-se de seu bem bolado esconderijo. Rattus vinha seguindo a mulher havia uma hora, mantendo o ritmo e escolhendo a melhor ocasião para atacar. Naqueles últimos dois dias na superfície, ele tinha aprendido a ser paciente – mas a fome ainda guiava seus desejos, e estava ficando cada vez mais difícil esperar. Assim, ele ficou contente por aquela coisinha macia e doce ter finalmente decidido entrar em seu caminho.

Ela enfim chegou ao beco. Rattus estendeu a mão e puxou a moça, arrastando-a por entre os prédios, para fora da chuva. Ninguém havia visto; ninguém sabia. Rattus agora era um caçador profissional: aquela era sua quinta vítima em quase dois dias. Sua quinta suculenta refeição desde que subira do esgoto.

Alimentando-se rapidamente e mal se incomodando em cobrir seus rastros, Rattus comeu até se fartar. O pobre Edward observava, sombrio, em algum lugar no fundo de sua mente, enquanto Rattus terminava e saía para a rua, apressado.

Comer e correr, gracejou para si mesmo. *Não apenas comida, mas também iscas.*

Rattus correu audaciosamente pela calçada, debaixo das luzes públicas, que clareavam como o sol.

Estou aqui, Homem-Aranha. Estou aqui, Capitão Bandeira. Rattus está aqui, em campo aberto, para mostrar a vocês que não estou com medo. Aqui, para mostrar a vocês que...

Luzes piscaram. Rattus se virou e deparou-se com uma viatura estacionada junto a uma lojinha, seus faróis capturando-o como um gamo condenado ou uma criança tola. Rattus parou e encarou o automóvel, permitindo que o motorista visse seu rosto. O policial olhou para fora, horrorizado, através do para-brisa molhado. O encontro entre eles havia sido um acaso total – a viatura policial simplesmente estava estacionada no caminho de Rattus, e seu único passageiro estava agora atônito, ao se flagrar cara a cara com a coisa mais esquisita que já vira. Rattus rosnou e saltou na direção da viatura, exatamente quando o motorista recuperou os sentidos e se afastou da calçada.

Homens de azul, zombou Rattus, ódio e raiva se irradiando dele. *Porcos fardados. Falando alto, com bastões grandes.*

Eles costumavam mebater memachucar, choramingou Edward, no fundo da mente de Rattus, fungando nos ouvidos dele. *Eles mebatiam antes... antes... quando? Quando eu era...*

Cala a boca, Edward.

Rattus aterrissou sobre o capô do carro, encarando os olhos assustados do porco gordo atrás do volante – o homenzarrão azul com o carrão azul. Edward não parava de falar, e a cabeça de Rattus começou a doer.

Quando eu era... o quê? O que... quando eu era?

Rattus soltou um grito e enfiou os punhos através do para-brisa, despedaçando o vidro. Ele agarrou a frente do uniforme do motorista.

– O que eu era antes?!

Com o rosto vestido em uma máscara de ódio, Rattus exibiu os dentes e arrastou o policial para fora de seu lugar atrás do volante. Ele retirou o homem através do para-brisa, cortando seu corpo inchado e azul nos cacos de vidro. Em seguida, ergueu o porco apavorado com as duas mãos e o jogou na calçada, rindo ao ver os trajes azuis-claros se misturando a pontos crescentes de vermelho. Trajes azuis, pele pálida, escarlate se espalhando pelos dois: Rattus teve um flash da imagem do Homem-Aranha, aquele que lhe surrara e ferira e espancara até perder os sentidos. Todos eles haviam lhe espancado. Homem-Aranha. Capitão Bandeira. Não, América. Os porcos de azul com seus bastões e punhos.

Edward gritava em sua pobre cabeça latejante:

Batemachucabatemachucabatemachuca

Rattus então berrou para o tira inconsciente:

– Agora eu estou batendo de volta!

Ele deu um assovio baixinho e convidativo. Lenta e hesitantemente, uma fila de ratos molhados e peludos emergiu das grades de uma tampa de bueiro, enxameando no policial sangrando. Eles o seguraram e violentamente começaram a se alimentar. O homem abriu os olhos e, percebendo o que estava acontecendo, começou a lutar.

Adequado, matutou Rattus. *O que a gente era antes, Edward? A gente era pequeno e escuro e frio. A gente foi batido e machucado e batido, sim.*

Fomos comidos vivos.

Em cima da viatura, fitando fixamente os ratos devorarem o policial espancado, os olhos de Rattus brilhavam como fogo, e saliva escorria de sua língua pendurada. Ele se agachou, preparando-se para se juntar a seus irmãos, deixando de lado as visões débeis de solidão e dor de Edward.

Para, Edward! Não importa o que você era antessss de agora, o que importa… importa o que eu sou agora, eu sou Rattus, Rattus, sou Rattus, sou…

Tiros soaram e pequenas balas dolorosamente rasgaram o lado direito das costelas de Rattus. O impacto o derrubou do capô do carro, e ele caiu no chão, segurando o flanco.

Uma segunda policial havia emergido da lojinha, carregando um copo de café. Ela saiu do estabelecimento, nervosamente mirando sua pistola nas costas de Rattus. Ele se virou para ver o rosto dela.

– Tudo bem – disse a policial (*mulher, cheiro doce)*, um tremor em sua voz denunciando a falsa confiança. – Você só… só fique quietinho aí…!

A voz dela, uma voz tão bonita, Edward choramingou lá no fundo da cabeça de Rattus. *Pele tão macia. Tão escura.*

A policial deu um passo à frente, seus olhos se enchendo de determinação. Rattus ficou em silêncio, observando-a com cuidado. A mão dela tremia, e ele se perguntou se ela apertaria o gatilho mais uma vez *(meacertoumemachuchoumeacertoumemachucou)*, estudando quando saltar na direção dela e tomar sua arma. Edward, porém, estava ficando mais forte, sua voz e influência começando a ganhar o controle. Então Rattus simplesmente observou e esperou, enquanto a policial de pele escura, macia e adorável se aproximava devagar com a arma.

– Chame esses ratos de volta, agora! – gritou ela, a voz dura e raivosa, apesar do medo. – Está me ouvindo? Chame-os de volta!

Rattus fungou e franziu o rosto, pronto para atacar e comer ou gritar e lutar. Mas Edward conteve seu ímpeto outra vez. Os lábios da policial feminina eram tão cheios, seus olhos tão suaves e quentes…

Iguaizinhos aos…

Rattus se virou para gritar com seus irmãos, os ratos famintos.

– Vão! – gritou ele. – Deixem ele em paz!

Um por um, os ratos esfomeados relutantemente se afastaram do corpo do primeiro policial, fugindo de volta para o esgoto com seus pezinhos molhados, minúsculos e sangrentos.

A seguir, enquanto a policial estava distraída pelos ratos em retirada, Rattus girou o corpo e arrancou a arma dela, derrubando-a no chão. Encolhendo-se pela dor em sua ferida, ele atacou e empurrou a policial contra a viatura. Então avançou, pressionando seu rosto contra o dela, deixando que seu hálito fétido flutuasse contra o nariz dela. Diante da fedentina, ela se retraiu.

Com os olhos arregalados e cheios de pavor, a policial fitou o terrível rosto de seu agressor. Rattus estudou seus olhos castanhos, procurando por algo tão familiar que ele não conseguia colocar em palavras.

Edward, porém, conseguia. *Iguaizinhos aos…* Memórias plácidas se agitaram em sua mente – cheias de felicidade e calor, de aceitação e acolhimento.

Memórias de…

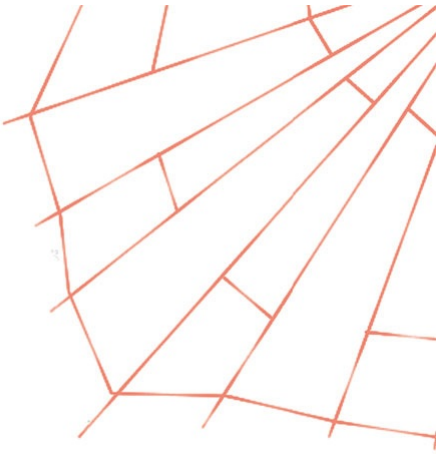
… mãe.

Edward se abaixou e lentamente deslizou a língua pelo rosto da mulher, desenhando uma trilha de muco espesso do queixo até a bochecha dela. A policial fez uma careta, esforçando-se para se afastar de Edward e de seu beijo atrapalhado e desconfortável. Ele a segurou com força renovada e, em seguida, recuou, para poder fitar o rosto dela outra vez, catalogando seus olhos, relembrando o momento.

Eu te amo, pensou ele.

E era verdade – embora, para ser honesto, Edward não soubesse bem por quê. Ele se distanciou do carro e caminhou lentamente de volta para o beco, enfiando-se na noite e deixando para trás os dois policiais imóveis: um, semidevorado, vítima da ousadia de Rattus e da aceitação do que ele se tornara; outra, congelada de medo, emudecida pela afeição de seu pior pesadelo.

12



JORNAIS FORRAVAM A ESCRIVANINHA DE SERGEI. Ele afastava as páginas, mal lendo palavras ou manchetes, somente espiando as fotos, procurando por uma imagem específica. Estava de pé no meio do escritório, um robe amarrado frouxamente ao redor da cintura, deixando uma garrafa de tinto sul-africano respirar antes de se servir de uma taça.

A noite de Sergei tinha sido proveitosa e arrebatadora, mas, ao mesmo tempo, de alguma forma, despropositada. Quanto mais ele brincava entre as presas menores, derrotando os que já estavam derrotados, mais ele se mantinha afastado de sua missão verdadeira. Assim, retornara para seu sobrado, a fim de reunir coragem e se preparar para a fase seguinte da caçada – o último passo que devia dar para completar sua jornada e derrotar a Fera.

De súbito, Sergei parou, a mão flutuando sobre uma manchete. As palavras saltavam da página – MATADOR CANIBAL FAZ SUA QUINTA VÍTIMA –, mas nenhuma fotografia acompanhava o artigo. Sergei sorriu e pegou bruscamente o jornal de sua escrivaninha, amassando-o nas mãos. Ele saiu do escritório a passos largos e dirigiu-se para os fundos da casa, de volta a seu santuário, a garrafa de vinho esquecida.

Com calma, ele afastou uma cortina e foi até a mesa onde mantinha suas ervas e poções. Ali, debaixo de um par de braseiros já acesos, ficava uma pequena jaulinha de ferro, contendo um único e assustado rato campestre. Uma faca de caça descansava perto da jaula, a lâmina exposta e refletindo a luz das chamas. Sergei colocou de lado o jornal amassado para apanhá-la.

Ele encarou o rato, observando-o guinchar e se agitar no confinamento de sua prisão. O fato de o artigo do jornal não incluir uma foto do assassino canibal não afetava em nada o plano de Sergei. O Caçador já conhecia sua presa, podia identificá-la em um piscar de olhos. Sorrindo, ele ergueu a faca e a enfiou

entre as barras, errando a cauda do rato por um milímetro. A ponta atingiu o fundo da jaula.

Esta noite.

O sorriso de Sergei se ampliou em antecipação, enquanto ele tentava acertar o animal de novo. Ele apunhalou determinadamente a jaula, brincando com o rato, rindo baixinho. Tinha lido os jornais e ouvido sobre as mulheres desaparecidas, compreendendo o teste que se impunha diante dele – o teste que colocaria Sergei cara a cara com uma fera totalmente diferente: não o Aranha em si, mas um de seus fracassos. Como Kraven, como o Caçador, Sergei conhecera e até mesmo compartilhara refeições com vários dos adversários do Aranha, cada um deles um animal ou fera com sua própria natureza e suas próprias regras. O rinoceronte. O polvo. O abutre, o lagarto… e mais. Cada um deles havia enfrentado o Aranha, cada um deles fora derrotado.

E aí havia o duende. Dois duendes, na verdade – um mais velho e verde, muito mais perigoso que qualquer um dos outros inimigos do Aranha; e outro, laranja e preto, misterioso, astuto e problemático. Sergei havia tomado, para a próxima parte de seu plano, o Duende Macabro – o laranja – como alvo original, mas as circunstâncias conspiraram contra ele, e outro caçador acabou tomando o que por direito pertencia a Kraven. Osborn e Leeds, ambos mortos, não serviam a mais nenhum propósito. Eles tinham sido os inimigos que o Aranha jamais pôde superar sozinho, e agora restava apenas outro deles, outra única criatura que o Aranha precisara de ajuda para enjaular. Desse modo, quando Sergei o enjaulasse sem a ajuda de ninguém, finalmente se provaria incomparável e recuperaria a honra de sua família.

Eu sinto as ervas, pensou ele, deixando seu pensamento vagar para longe, nos fios do destino. *Sinto as raízes e poções se espalhando pela minha mente.* A lâmina da faca desceu mais uma vez, acertando fundo a jaula. O rato guinchou e correu, procurando segurança. *Eu as sinto se esticando para tocar o destino.*

Sergei apunhalou o rato distraidamente, encurralando-o em um canto. Com a mão livre, ele estendeu o artigo amassado, deixando as palavras saltarem e penetrarem seus olhos como se flutuassem no ar, acima da mesa.

O jornal o chama – essa coisa *– de Assassino Canibal. Mas eu sei o nome dele, pois sou o Caçador e conheço intimamente todas as feras.*

Um golpe. O rato se moveu à esquerda, o nariz se revirando de medo.

Eu conheço você, rato. Estou dentro de você… Rattus.

Pode ouvir o meu chamado?

Outro golpe. O rato saltou para trás, e o guincho se intensificou.

Não resista. Permita que o destino tome nossas mãos e nos conduza mais para perto um do outro…

Sergei retirou a mão, balançando a lâmina que fazia as vezes de carrasco acima de sua presa, e fitou fixamente o pobre e aterrorizado roedor. Não sentiu piedade nem clemência. Kraven, o Caçador, havia endurecido seu coração.

Compreendo agora que deve haver um teste, uma linha final a cruzar. Uma loucura a abraçar. Apenas quando eu tiver sido testado, atravessado essa linha e aceitado a loucura é que a minha vitória sobre o Homem-Aranha estará completa. E minha honra, restaurada.

Sergei abaixou sua arma, colocando-a de volta na mesa. O rato observou-o com atenção, seus olhos o seguindo, enquanto Sergei agarrava os dois lados da jaula metálica, levantando-a da mesa. Ele a carregou até a parede oposta, equilibrando-a em uma das mãos e abrindo a janela com a outra, então fitou o interior da jaula, olhando para o ratinho amedrontado.

Você é o meu teste, Rattus. Meu fogo purificante. Não me tema nem tema minha chegada. Me ame, pois eu pretendo abençoá-lo com dor, com sangue e com sofrimento.

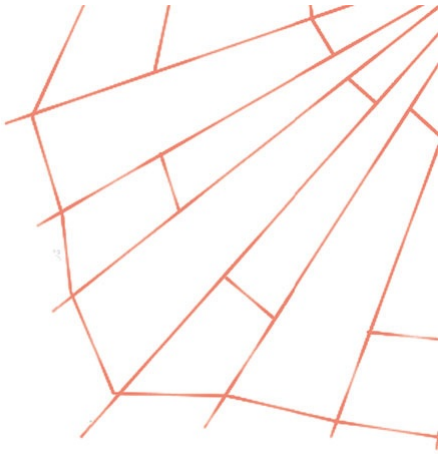
Kraven sorriu com tristeza e empurrou a jaula para fora da janela, fazendo-a despencar até a calçada lá embaixo. A quatro andares sob ele, a jaula se abriu, e o rato foi lançado para fora, batendo contra um carro próximo, possivelmente morrendo com o impacto. Sergei mal notou, tampouco se importou. Ele retirou o robe, soltando-o no chão. Em seguida, subiu no beiral, segurando-se nas janelas abertas com as duas mãos, em busca de apoio.

Esta noite, repetiu ele para sua presa invisível, esperando na escuridão.

– Esta noite – rosnou Sergei, sorrindo em antecipação à caçada que estava por vir. Riachos de chuva escorriam por seu corpo.

Esta noite eu me provo a Fera superior. E então Kraven não será mais… o Caçador.

13



AQUELE BARULHO.

De novo, aquele barulho na escuridão.

(*caBRUUUUUM)*

Eu não gosto disso.

– Me deixe em paz.

Edward se virou e revirou, respingando no lodo, descendo por corredores longos e escuros. Ele tentou se esconder, tentou fugir, mas o som o seguia em qualquer lugar que fosse. Ele não sabia de onde o ruído vinha – não era Rattus, pois não rosnava insultos raivosos dentro de sua mente. Ele só queria ser deixado em paz, para poder se esconder no escuro, onde era molhado e frio, onde poderia ficar sossegado.

Onde poderia ficar longe do trovão e, especialmente, do homem rastejador de paredes.

O Homem-Aranha.

(essssta noite)

Edward girou, procurando pela fonte da voz. Aquele não era Rattus. Outro alguém tinha sussurrado na escuridão. Ele cobriu o rosto, se encolheu e se virou de novo, batendo as mãos para a presença invisível.

– Não, me deixe em paz. Vá embora!

Ele esssstá vindo, sibilou Rattus, insuflando e alertando o perigo no ouvido de Edward.

– Não! Não, eu estou em casa agora... estou a salvo agora!

A noite de Edward tinha sido cheia de sonhos calorosos, com mãe, mulheres macias e vozes acolhedoras. Mas aí o Homem-Aranha, o homem mau, tinha aparecido, chamando Edward e o perseguindo pela noite. Cercado por seus amiguinhos esfarrapados, de volta ao lar frio e molhado que era seu lugar,

Edward esperava conseguir se esconder dos olhos grandes e brancos do Caçador, de seu trovão e sua voz horríveis.

Rattus odiara essa ideia. Ele tinha ido tão longe, fora tão ousado. Nenhum barulho ou sonho, pensava ele, deveria destruir seu plano de dominar o medo que sentiam.

(esta noite)

Edward girou. Ele queria gritar e berrar, lutar e arranhar a garganta daquela voz que o atormentava, o homem mau que o perseguia na escuridão.

É o Homem-Aranha. Você sabe disssssssso, e eu também.

– Cala a boca.

O ruído. Edward o escutou de novo, mas, desta vez, não era um trovão nem uma voz grave e retumbante. Desta vez, o barulho estava muito mais próximo – e muito mais molhado.

Edward podia ouvir uma movimentação na água, vinda de um dos túneis do esgoto. Ondulações surgiram no lodo a seus pés.

– Ah, não. – Estarrecido, ele olhou loucamente ao seu redor, tentando ver quem era...

(Homem-Aranha)

... e de que direção podia estar vindo. Não tinha sido um sonho. Era real. O homem mau era real. E ele estava vindo.

A movimentação parou. Edward levou os dedos ao queixo.

– Talvez... talvez ele tenha ido embora?

Sem aviso, uma mão emergiu da escuridão e agarrou a garganta de Edward, em um aperto inescapável. Edward sufocou e se afastou, recuando e espalhando água com passos largos e atrapalhados, guinchando de medo.

O Homem-Aranha deu um passo adiante, aparecendo sob a esparsa luz do lar de Edward, o grande reservatório no qual ele fizera seu antro. O Homem-Aranha agachou e flexionou os dedos da mão, fazendo finas teias negras ondularem contra o escarlate vivo de suas luvas. Seus grandes olhos brancos fitavam Edward sem expressão. Edward lutou para se levantar, ficando de pé e fora do lodo para enfrentar seu inimigo.

– Olá, Rattus – disse o Homem-Aranha. – Se lembra de mim?

Rattus uivou dentro da cabeça de Edward. *Sssssssssim.*

– Ho... Homem-Aranha – respondeu Edward, hesitante e amedrontado.

– Lembra-se da última vez em que nos encontramos, Rattus? Você se lembra de como quase me derrotou?

Edward assentiu duas vezes, a cabeça se agitando para cima e para baixo.

– Sssssim.

O Homem-Aranha mudou de posição, plantando os pés no líquido fétido e estalando as juntas dos dedos.

– Mas eu derrotei você, não foi?

Não!, gritou Rattus. *Não foi justo! Você não estava sozinho…*

– Você tinha o Capitão Bandeira com você – completou Edward –, e você…

– Não foi? – repetiu o Homem-Aranha.

Os olhos de Edward se estreitaram, e Rattus gritou, exultante, dentro de sua mente.

– Você não estava sozinho!

Edward rosnou e se projetou para fora da água num salto, aterrissando, com as garras erguidas e os dentes à mostra, em cima do Homem-Aranha. O Homem-Aranha agarrou a mão esquerda de Edward e girou para longe, lançando-o de volta ao lodo.

– Isso mesmo, Rattus – disse o Homem-Aranha, num tom convencido. – Eu não estava sozinho. Eu tive ajuda!

Edward deslizou suas garras contra as costas do herói, rasgando seu traje. O Homem-Aranha então se esticou para agarrar os braços de Edward, jogando-o longe novamente.

– Sozinho eu jamais poderia tê-lo derrotado – continuou o Homem-Aranha. – Você compreende, Rattus?

Edward rugiu, saliva voando de suas presas. Seus olhos estavam vermelhos e vidrados de raiva. O Homem-Aranha berrou sua pergunta mais uma vez:

– Você compreende?

Edward deu um chute com o pé esquerdo, acertando o peito do Homem-Aranha e fazendo com que ele recuasse, trôpego, contra a parede do esgoto.

– Sssssssim! – gritou Edward, caído, deixando que Rattus falasse por ele. Ele se forçou a ficar de pé de novo, pronto para despedaçar o Homem-Aranha com seus dentes.

Edward atacou, tentando arranhar o escalador de paredes com a mão direita, mas o ágil vigilante agarrou um cano no teto e se salvou do golpe. As garras de Edward erraram o alvo, arranhando uma sólida parede. O Homem-Aranha chutou para trás com a perna direita, acertando a garganta de Edward, tirando-lhe o fôlego. Edward oscilou, mas rapidamente se recuperou, logo enfiando as presas bem fundo no calcanhar do inimigo.

– Não! – gritou o Homem-Aranha.

Edward não soltava. O herói flexionou um dos braços e arrancou um cano, girando-o para atingir o maxilar de Edward.

– Não! – gritou ele de novo.

Ele recolheu o pé machucado, saltando e se revirando no líquido salobro, enquanto Edward caía no chão.

Eles deram voltas em torno um do outro. Eram duas feras cheias de raiva e dor, preparando-se para se atacar selvagemente. Edward sabia que o Homem-Aranha não conseguiria derrotá-lo sozinho, não ali, em sua casa. Ele se preparou para arrancar o rosto do herói, para devorá-lo com máscara e tudo.

O Homem-Aranha não disse uma palavra sequer. Simplesmente encarou Edward com aqueles olhos inexpressivos e inquietantes. Em seguida, um rugido profundo emergiu de seu peito, um rosnado animalesco que levou Edward ao limite.

Eles saltaram ao mesmo tempo, rugindo em uníssono, lutando pela melhor posição. Edward arranhou e brigou, mas o Homem-Aranha tinha uma vantagem de peso *(ele sempre fora tão grande assim?)*, e então conseguiu empurrar Edward para trás. Forçou Edward para baixo com um antebraço na garganta, empregando um movimento de luta que Edward nunca tinha visto antes.

Atônito, Edward fez o melhor que pôde para se livrar do Aranha. No entanto, seu oponente meteu o punho em seu rosto. Edward se virou e mordeu o braço do Homem-Aranha, arrancando sangue. Ele segurou a parte da frente do traje do adversário, mas o escalador de parede afastou a mão de Edward, metendo os dois punhos em sua cara, arrancando alguns dentes e ferindo um de seus olhos.

Edward já perdera qualquer chance de vantagem. Agora não lhe restava nada além de continuar ali e levar a surra, apesar dos gritos do Rattus em sua mente.

Um trovão retumbou lá em cima, acompanhado pelo som distante de tambores da selva, entrando em sinfonia com os golpes desferidos e os ossos se quebrando.

(ESTA NOITE)

Outra vez aquela voz enchendo os ouvidos de Edward. A voz do Aranha. O som da derrota.

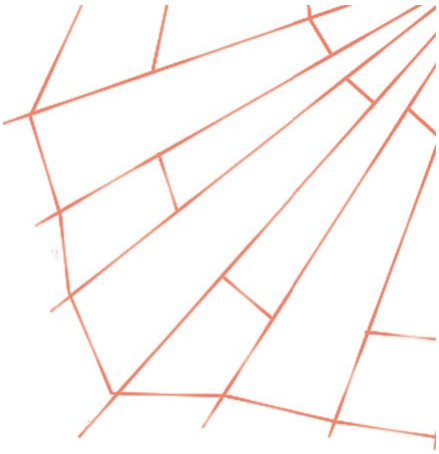
(caBRUUUUUUM)

Eu não gosto disso. Não gosto que me batam e me machuquem.

Azar o seu, Edward. Você deveria ter me ouvido. Deveria ter ficado lá em cima, onde éramos fortes.

Edward tentou escapar, fugir, respingando água debilmente por todos os lados. O barulho era alto demais, como um trem correndo por seus ouvidos feridos. A última coisa que ele escutou antes de apagar foi o som da reclamação dolorida e revoltada de Rattus em sua mente.

14



EXUBERANTE E TRANSBORDANDO ALEGRIA, Sergei ria enquanto distribuía incontáveis pancadas na grotesca cabeça de Rattus. Essa coisa – esse animal – ousara macular o Aranha com seus dentes e lábios imundos. Sergei se recusava a permitir que uma ofensa tão nojenta passasse impune.

Socando com toda a sua força, Sergei se entregou à fúria, despejando toda a sua incandescente ira reprimida em seus dois punhos, deixando que saíssem pelos nós dos dedos e penetrassem no crânio de seu inimigo. Ele se recusava a reduzir a intensidade, jamais pararia, não até ser bem-sucedido e deixar seu oponente inconsciente.

Ele nunca poderia ter derrotado você, Sergei repetia para si mesmo, enquanto fraturava brutalmente a mandíbula de Rattus.

Mas eu posso. Pai desonrado. Mãe santificada. Honra manchada. Ainda assim, eu posso.

Uivando de maneira ininteligível, Sergei acertou em seu adversário mais seis socos de esmagar ossos, espalhando sangue e demolindo os dentes de Rattus. Sergei recuou e se levantou, permitindo-se respirar fundo várias vezes. Um trem desgovernado de adrenalina induzida por drogas inundou seu peito, subiu pela sua garganta e atravessou seu crânio, descendo pela coluna. Ele recuou com um assovio oco, enquanto Rattus emitia um último soluço estrangulado e engasgado, caindo de volta no fluido tóxico. A água do esgoto passou por sobre o corpo imóvel e em decúbito de Rattus, enchendo sua boca e seu nariz, cobrindo seus olhos fechados e inchados.

Sergei postou-se acima de sua derrotada presa por um momento. Ele fitou sua conquista através da máscara daquele outro homem, o traje esfarrapado pendendo de seus ombros e suas costas. Não disse nenhuma palavra, aproveitando o tempo simplesmente para se recuperar e minimizar sua dor,

utilizando técnicas mentais adquiridas ao longo de uma vida toda de combate. Ele colocou a dor de lado, em um local além de seu alcance. Quando retornou para a névoa de raiva e adrenalina, viu-se sorrindo, a despeito de tudo.

Eu sou o Aranha. Sou o Aranha e sei de coisas que homens normais não têm como saber. Vejo o interior das coisas, além das coisas. Vejo os fios do destino que nos unem, desde vítimas a vitoriosos.

Sergei olhou para o próprio peito, passando uma mão arrebentada sobre o traje gasto e a aranha cor de ébano que ficava no centro. Começou a rir. O som ficou mais alto, ecoando ao ricochetear pelo reservatório, assustando ratos e fazendo-os fugir correndo de medo.

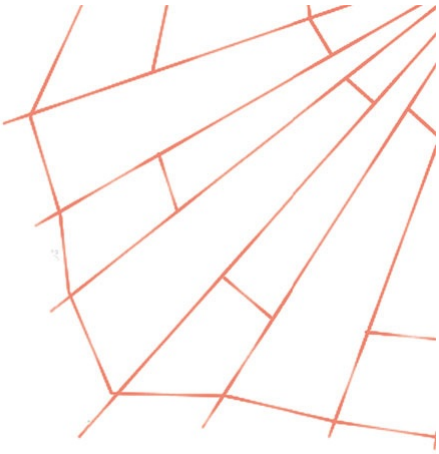
– Eu sou o Aranha! – gritou ele.

Eu sou o Aranha. Não sou mais o Caçador.

Quinze minutos depois, o Homem-Aranha emergiu de um bueiro no meio da Oitava Avenida com a rua Trinta e Dois, empurrando a tampa para o lado e deixando-a ressoar contra o pavimento. A chuva se intensificou, dificultando sua visão. Ele então baixou os braços cansados e levantou Rattus atrás de si.

Em silêncio, o Homem-Aranha carregou o corpo inconsciente de Rattus pela rua, passando por um grupo de meliantes atônitos sem se dignar a olhar para trás. Tendo se erguido triunfante das profundezas, agora ele podia – finalmente – conhecer a paz.

15



MOLHADA E RELUZENTE, a aranha rastejou por uma cova. Ela abriu caminho, descendo por uma imponente lápide, depois deu a volta pela terra. Com esforço metódico, quase mecânico, ela começou a tecer uma teia minúscula, quase invisível. A chuva saturava a terra, às vezes respingando contra a teia, de modo que a aranha teve que retraçar seus movimentos mais de uma vez para reparar os danos.

Em algum momento, mais aranhas chegaram: três delas, todas pretas e brilhantes, silenciosas e tristes enquanto se moviam de um lado para outro sobre a cova. As aranhas então abandonaram suas teias ao inclemente temporal. Sozinho, o quarteto de aracnídeos permaneceu na base da lápide, formando uma vigília improvisada – embora tardia – para o falecido.

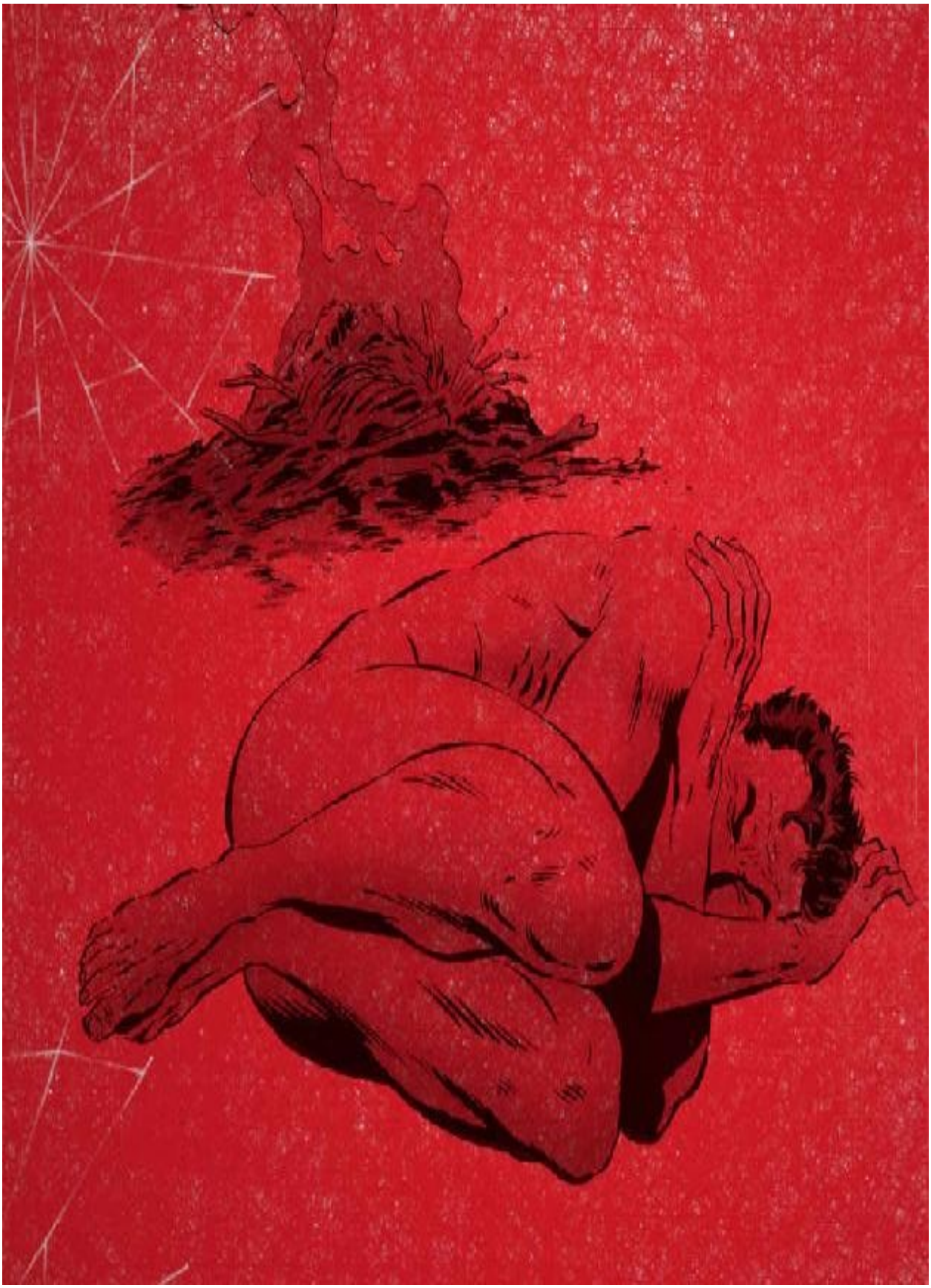
Quatro aranhas se transformaram em oito. Oito, em doze. A chuva se intensificou, enquanto o número de aranhas crescia: uma multidão coalhando a sepultura, como se um cuidador atencioso tivesse depositado um casaco sobre o terreno, aquecendo a terra com um cobertor cintilante e aveludado.

As aranhas rolaram e se ergueram em suas perninhas minúsculas, prestando atenção nos sons vindos de debaixo da terra. Um ruído suave e abafado soou da sepultura abaixo delas, e as aranhas começaram a se revirar e retroceder, subindo umas sobre as outras na pedra alta de granito. Várias delas encontraram refúgio ao se esconder nas palavras esculpidas na pedra.

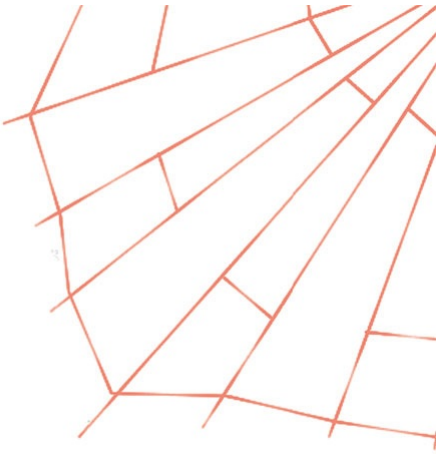
Aqui jaz o Homem-Aranha, dizia a lápide. *Morto pelo Caçador*.

As aranhas se espalharam, desviando-se para cá e para lá, buscando proteção da chuva. Em seguida pararam, inclinando-se na direção da sepultura, esforçando-se para ouvir o que podia ter sido um apelo – dito por um homem morto, a 1,80 metro abaixo delas.

PARTE 3
ESPECTROS



1



O MUNDO ERA QUENTE E BRANCO.

E pacífico.

Um vazio infinito, estendendo-se eternamente, tempo e distância perdendo todo o significado.

Ninguém. Nada. Tudo. Vazio.

O homem não tinha nome. O lugar não tinha luz nem som, e o homem desfrutava da ausência de ambos. Aquilo era tudo o que ele conhecia, tudo o que ele sempre quis.

Quente. Branco. Pacífico. E tão, tão quieto.

O homem gostava dali, fosse onde fosse o *ali* – e fosse ele quem fosse também. Nomes e lugares não importavam. O homem se encolheu em meio ao branco e escondeu seu rosto, expulsando o tudo infinito, reduzindo a eternidade a um pontinho na palma de suas mãos...

(Saia.)

... regozijando-se na paz e quietude e no branco quente e infinito.

– Parker.

O homem sem nome congelou, assustado. Algo saltou dentro de seu peito. Ele enterrou o rosto na palma das mãos de novo, tentando ignorar a intrusão.

– Peter Parker.

O homem levantou os olhos, frustrado pela interrupção indesejada naquela eternidade de branco silencioso. Lágrimas escorreram por seu rosto. Ele se sentou lentamente e virou para encarar um homem recém-chegado, magro, com cabelo cor de areia, de pé no espaço vazio. O intruso usava uma camisa social branca e limpa, aberta no colarinho e por dentro da calça jeans, com um blazer casual. O homem sem nome estava completamente nu na vastidão

branca, e o repentino surgimento de cores e roupas em seu limbo pessoal o abalou até o âmago.

O recém-chegado estendeu a mão, abaixando-se para ajudar o homem sem nome a se levantar.

– Oi, Parker – disse o recém-chegado –, como vai você, colega?

Parker? Peter Parker? O homem nu passou aquele nome pelo interior de sua mente, testando-o em contexto e peso, experimentando-o como um casaco novo. *Eu sou Peter Parker?*

– Ei, Parker. Por que tá olhando pra mim desse jeito? – O homem bem-vestido abriu um sorriso simpático, oferecendo sua mão outra vez. – Não se lembra de mim, Parker? Não se lembra do seu camarada Ned Leeds?

O peito do homem sem nome saltou outra vez, constrangendo-se com uma dor súbita, desconhecida. Ele não gostava daquilo. Gostava da brancura, da paz, e o recém-chegado tinha posto fim nas duas coisas. O homem sem nome se esforçou para falar, movendo sua língua (*seca como um osso, não era usada havia algum tempo)*. As palavras saíram frenéticas, nervosas.

– Ned – disse o homem, a voz enferrujada pelo desuso. – Ned, o que está acontecendo? Como chegamos aqui? Como...

Ned Leeds. Ned Leeds está...

Ned sorriu para Peter Parker, estendendo a mão para ajudar o amigo.

– Vamos lá, Peter. Levante-se.

O homem sem nome estendeu a mão, desconfiado.

– Como...

Ned Leeds está morto.

O homem sem nome *(Peter Parker meu nome é Peter Parker)*, sentindo um horror crescente, cobriu o rosto e se assentou de novo contra a brancura, encolhendo-se em posição fetal. Seus olhos se arregalaram e o peito saltou duas vezes, a pele começando a se arrepiar. Lenta e dolorosamente, ele se lembrou da Verdade.

– Você está... você está morto. Mas isso é impossível, porque se você está morto...

Se você está morto, Ned...

– ... então eu devo estar...

Ned retirou sua mão, o cenho franzido de preocupação e confusão. Ele agarrou o colarinho aberto de sua camisa e apertou a mão no peito, como se sentisse uma dor súbita e tremulante. Sofrimento e compreensão passaram pelo rosto de Ned e, pouco a pouco, sua pele começou a se esfacelar e cair.

Não, não, pensou o homem sem nome. *Eu não conheço ninguém chamado Ned Leeds*.

– Morto? – Os olhos de Ned começaram a pender, afundando no músculo acima de suas bochechas. – Ah.

Na verdade, confirmou o homem sem nome, ajeitando-se no calor, *eu nunca nem ouvi falar em Peter Parker. Eu só quero ser deixado em paz*.

A coisa que havia sido Ned Leeds continuou a decair, cabelo recuando na cabeça, revelando um crânio amarelado. Dentes e ossos calcificaram e se desmancharam em um pó fino. Uma voz emergiu da arruinada coluna de carne pútrida que um dia havia sido a garganta dele, reduzindo-se a um sussurro rouco e estrangulado:

– Ah, Deus, ele tem razão...

O corpo todo se deteriorou em um segundo, desabando em uma pilha fumegante de detritos enegrecidos, diante dos olhos do homem que um dia se chamara Peter Parker.

Não, eu nunca ouvi falar de Peter Parker. Quero ficar sozinho no calor, na brancura, na paz e no sossego.

O mundo era branco e silencioso de novo. Finalmente.

Ninguém. Nada. Tudo. Vazio.

(SAIA.)

O homem sem nome se acovardou outra vez. Fechou os olhos bem apertado, expulsando até a brancura, confinando-se a uma área íntima de cega escuridão. A despeito disso, o branco ainda o encarava. Dois olhos curiosos, amplos e brilhantes – inexpressivos, sinistros e nada pacíficos.

(Saia, Peter.)

O homem conhecia aquela voz. Na verdade, ele ansiava ouvi-la, embora não pudesse entender o porquê. Baixa e musical, determinada e reconfortante. Não era uma voz branca, mas vermelha. Vermelha e feliz, chamando-o, porque... porque...

Mary Jane?

Porque...

O homem não sabia. Ele se virou de lado, encarando o branco, perguntando-se quem havia chamado seu nome. Não, não o seu nome. Ele nunca tinha ouvido falar de ninguém chamado Peter. Mary Jane? Hã-hã. Ninguém com esse nome.

(Tem algo aí, Peter.)

Nenhum olho lindo.

(Está sempre aí.)

Nenhum lábio macio, nem amor.

(Está sempre aí.)

Nenhuma vida.

E nenhum branco também. Naquele momento, percebeu o homem, tudo estava escuro. E frio. E barulhento.

(cabruuum)

Trovão. O homem rastejou para longe, afastando-se do branco e entrando na escuridão, uma perna de cada vez.

Não, isso não podia estar certo. Não um homem. Oito pernas.

Eu sou o Aranha.

(caBRUUUM)

Imortal. Inexorável. Eu sou o Aranha. Ele rastejou mais para o fundo da escuridão e de seus túneis. Eu não estou morto. Ned está morto. Gwen está morta. Tio Ben, ele está morto.

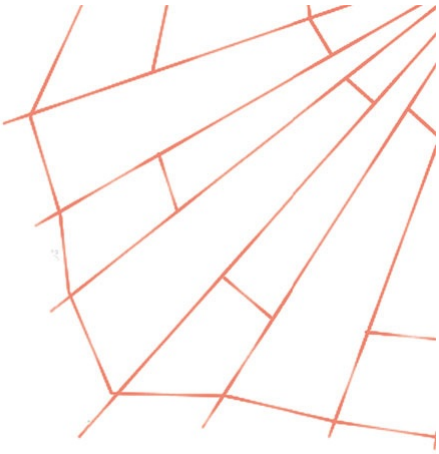
Eu estou morto.

Não, disse ele para si mesmo. *Eu sou o Aranha. Sou forte. Estou longe de estar morto.*

Mary Jane?

O Aranha rastejou mais para o fundo de um túnel.

2



VOZES ECOARAM PELO TÚNEL, ricocheteando até os ouvidos do Aranha. Ele seguiu em frente, movendo-se na direção delas. Risos e ameaças se alternavam com gritos e grunhidos, ficando mais alto à medida que ele avançava. Ele os ouviu esperando, seis ou mais, amontoando-se na passagem e convidando-o a seguir adiante. Ele ergueu os olhos e viu metal e escamas cintilando nas sombras. Chifres e asas, caudas e tentáculos. Quanto mais perto ele chegava, mais claramente os via. E mais barulhentos eles ficavam.

(Saia agora.)

O Aranha continuou, oito pernas subindo pelo túnel.

Há quanto tempo ele era aquela fera – aquela coisa rastejante, que a tudo consumia?

Há quanto tempo, perguntou-se, ele via através dos olhos do Aranha e obedecia a seus impulsos? Há quanto tempo tecia a teia dele?

De um ponto mais adiante no túnel, olhos espiaram na escuridão, vigiando. Ele sibilou e mostrou suas mandíbulas, preparado para uma batalha com os inimigos.

Eu sou o Aranha.

É mesmo?

É claro, confirmou ele, adiantando-se para enfrentar seus oponentes. *O Aranha é forte e destemido. O Aranha sempre vence. Ao contrário de...*

Ao contrário daquele covarde.

Eu sou...

Ao contrário daquele que pode morrer.

Eu sou...

Tenazes, dentes e garras perfuraram a carne do Aranha, arrancando três pernas e extirpando seu coração...

... algo saltou outra vez, bem no fundo do seu peito ferido.

Eu sou Peter Parker!

O Aranha podia ser morto.

Eles esperaram, todos ao redor do Aranha na escuridão. Eles esperaram por ele no túnel, onde poderiam feri-lo, onde poderiam matá-lo. O duende e o rinoceronte. O polvo e o abutre. Ned Leeds. Joe Face.

O Caçador.

Eles esperavam para matar o Aranha, porque o Aranha podia morrer, apesar de nunca ter estado realmente vivo. Ele compreendia isso agora, jazendo de costas no chão, com sangue se acumulando embaixo de si, com três pernas arrancadas e entranhas vazando por seu flanco. Ele sabia que o Aranha era uma armadilha. Uma mentira. Um caixão.

Eu tenho que me livrar dele.

Lenta e dolorosamente, atravessando o sangue e a pelagem, escancarando suas feridas supuradas, o homem emergiu mais uma vez.

Eu sou Peter Parker.

Ele caiu no chão, liberto da jaula do Aranha, determinado a descartar o inchado cadáver como se fosse uma pele solta. Inimigos se juntavam ao seu redor, confundindo sua dor com fraqueza, sua carne nua com covardia. No entanto, o homem se sentia mais forte do que nunca. Ele rastejou adiante para enfrentá-los, com suas garras e mãos e dentes.

Eu serei livre. Vocês não podem me deter. Não podem me manter aqui. Vocês assassinaram a máscara, mas não o homem.

Eles riram e sorriram e fugiram, gargalhando e provocando o homem conforme retrocediam pelo túnel – penetrando na escuridão, na direção dos trovões insistentes e da batida percussiva de tambores da selva, distantes e convidativos.

(Saia AGORA.)

Peter rastejou sobre as mãos e os joelhos, lágrimas secando em seu rosto imundo, desprezando as zombarias e provocações cruéis de seus oponentes invisíveis. Algo familiar continuava a se agitar dentro de seu peito.

Durante todos aqueles anos, os inimigos de Peter o compreenderam mal. Eles pensavam que ele havia se tornado algo maior do que a vida: uma criatura brincalhona que rastejava, tecia suas teias e se escondia nas sombras – zombando, atormentando e refestelando-se na escuridão. Uma Aranha. Uma máscara.

Mas o Aranha não existia.

Mary Jane?

Ele era simplesmente uma pessoa normal, um homem bom cujo ombro fora tocado pelo destino…

Estou indo, Mary Jane.

… um zé-ninguém chamado Peter Parker. Essa era sua fraqueza. Essa era sua força.

Mary Jane, eu te amo.

(Saia, gritou o Caçador, com os braços erguidos e uma arma apontada para o peito de Peter Parker.)

Peter se arrastou adiante sobre as mãos e os joelhos, sangue pingando de suas feridas, suor escorrendo por sua pele.

(Saia, berrou o Caçador, puxando o gatilho.)

Peter abriu caminho para fora da escuridão com unhas e dentes, os dedos arranhando a terra, enquanto ele escavava o caminho para a liberdade. *Ah, por favor, Deus, não permita que isso aconteça, eu tenho que vê-la e tocá-la, eu a amo.*

(Saia, rugiu o Caçador, *para eu poder matar você.)*

Suor manchava o rosto dele, misturando-se com sujeira e lágrimas. Peter Parker cavou e arranhou até seus dedos ficarem sangrentos, em carne viva, e ainda assim a escuridão continuava a se fechar ao seu redor, ainda assim não obteve nenhum progresso. *Mary Jane, você tem que me ajudar, não me deixe aqui.* A dor pressionou seu peito, e sua garganta se estreitou. Ele gritou – alto e rouco, no escuro e no silêncio –, chutando e lutando para retornar ao calor e ao vermelho, para longe da escuridão. *Deus do céu, não me deixe perder você, Mary Jane!*

Batidas ritmadas de tambor martelaram em seu ouvido…

tiros não trovão não tambores mas um rifle

… e Peter gritou de terror quando finalmente se libertou, atravessou a terra, e a luz inundou seus olhos.

lampejo de raio lampejo da boca

(Saia, o Caçador riu, contente, *para que eu possa matar você de novo, Aranha. Eu matei você, Aranha, e vou continuar matando várias e várias e várias vezes.)*

Peter afundou os dedos no solo e empurrou, a terra caindo sobre seus olhos, lavando o suor e as lágrimas…

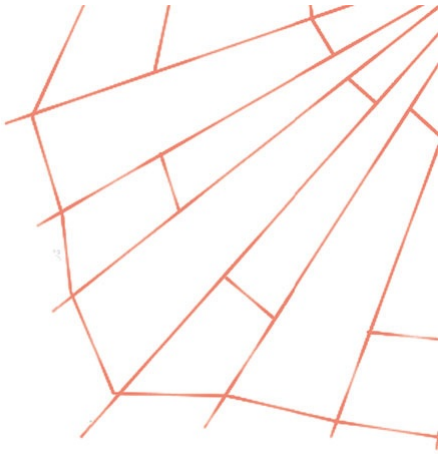
Não existe nenhum Aranha.

… Mary Jane?

(SAIA!)

... e então ele finalmente saiu da escuridão, caindo em um cemitério frio e aberto, as conhecidas lápides arrumadas em fileiras sobre um tranquilo campo branco.

3



PETER OLHOU PARA CIMA e se viu cercado por lápides elevadas e imponentes, erguendo-se lá no alto e lançando sombras até onde se podia enxergar. O cemitério ficava no meio de um campo branco. Peter precisou lutar contra o impulso de se deitar e se encolher em uma bola, para descansar para sempre debaixo da lisa superfície das pedras ao seu redor.

Após um momento, Peter percebeu que as pedras não estavam em branco, de forma alguma. Elas tinham sido entalhadas com nomes que lhe eram muito conhecidos e íntimos – nomes de inimigos que ele mandara para o túmulo.

Em pânico, ele recuou, tropeçando pelo chão invisível. Então reparou no uniforme que estava vestindo. Suas cores berrantes se destacavam entre os tons de cinza e branco do cemitério como uma marca de vergonha, limitadora e crítica. Peter fugiu, aterrorizado, procurando por conforto e silêncio, mas encontrando apenas culpa e acusação.

As vozes voltaram aos poucos, gargalhando e provocando outra vez. Peter silenciosamente desafiou os vigaristas a atacar – fazê-los enfrentar o homem, em vez da máscara. Ele lutou, sem sucesso, para arrancar o capuz de teia e de olhos brancos de seu rosto.

– Não – gemeu ele. – Não! Por que vocês não me deixam em paz?

Alguém o agarrou por trás, girando Peter pela nuca. Ele se viu frente a frente com a silhueta ameaçadora e tenebrosa de Kraven, o Caçador – vestido no próprio traje do Homem-Aranha, rindo ritmadamente com os tambores da selva. A risada de Kraven subiu de tom e volume, transformando-se em gargalhada. O rosto do Caçador se esticou, tornando-se comprido e esguio, sua pele ficando mais clara. Seu sorriso escancarado voltou-se para cima, com mais dentes a cada instante. A longa juba de cabelo sobre sua cabeça se transformou em um capuz laranja, as orelhas se alongando até formar pontas raivosas.

Kraven jogou Peter para dentro de uma cova e saltou para um planador preto que descia velozmente, com uma cabeça quase que de morcego e afiada como uma navalha. Kraven já tinha ido embora. Onde ele estivera – sobre o planador, rindo com toda a empolgação – agora estava...

– O Duende Macabro!

Peter rapidamente ficou de pé e se virou para disparar um fio de teia no planador mortal do Duende. Contudo, seus disparadores de teia tinham desaparecido, e a gárgula sorridente logo voou para fora de sua vista. O céu, assim como o chão sob seus pés e as lápides cinzentas que o rodeavam, era amplo, uma vastidão inacabável de um vazio branco. Peter se virou para seguir o Duende, tentando ver para onde ele havia ido...

Entretanto, viu-se encarando uma lápide. Uma única frase tinha sido esculpida na pedra: *Aqui jaz Ned Leeds*.

– Não – gritou Peter outra vez. – Não, isso não é real...

(Um cemitério, Peter? A voz de Ned flutuou sobre ventos invisíveis. *Faz sentido para mim. Você e a morte são velhos amigos, não? Mais antigos e mais próximos do que eu e você jamais poderíamos ser. Mais que amigos, de fato... vocês são meio que uma equipe. Homem-Aranha e Morte. Uma parceria horrível, maravilhosa e eterna.)*

Peter agitou os braços.

– Não – disse ele –, eu odeio a morte! Odeio!

(Uma bela parceria a de vocês dois, Pete. Você alimenta a Morte com suas vítimas e, em troca, recebe... bem, o que é que você recebe em troca? Vamos mais fundo para descobrir, que tal?)

O chão se moveu sob os pés de Peter. As fileiras de lápides deslizaram por ele, pausando brevemente para exibir os nomes gravados sobre suas polidas e esculpidas faces.

(Dê uma olhada ao seu redor, Peter. Diga o que você vê.)

Peter tentou esconder o rosto entre as mãos, mas oito pernas invisíveis o impediram. As pernas de aranhas invisíveis o forçaram a assistir, forçaram-no a prestar suas condolências.

– Não, não me forcem...

(Diga o que está vendo!)

Uma lápide passou por ele.

– A... aqui jaz Norman Osborn – leu Peter, quase incapaz de fazer as palavras saírem de sua boca. O fantasma de Norman sorriu desdenhoso de cima da lápide, vestido em sua túnica e segurando um saco de bombas espectrais em

formato de abóbora. Ele espiou por baixo da máscara assustadora do Duende Verde, raivoso e soberbo mesmo na morte.

(Mais fundo, Peter, precisamos mergulhar mais fundo.)

Uma segunda lápide.

– Aqui jaz... Joe Face.

Joe, submisso e despretensioso, estava de pé diante de seu obelisco simples, com as mãos cruzadas à frente do corpo. Peter tentou ir até ele para conversar, mas a pedra de Joe já estava deslizando para longe, desaparecendo de vista.

Lápides cercavam Peter, torturando-o, empurrando nomes acusatórios para seu campo de visão. Fantasmas uivavam e gemiam acima e em torno dele, implorando por respostas, perguntando por que o Homem-Aranha falhara em salvá-los, por que os deixara morrer. Vítimas que Peter jamais conhecera e inimigos de quem se esquecera havia muito tempo. Amigos e confidentes cujos rostos assombravam seus sonhos todas as noites. O capitão de polícia George Stacy, morto por cair de um parapeito deslocado pelo Doutor Octopus, durante uma batalha acirrada com o Homem-Aranha. Gwen Stacy, a filha do capitão e um dos grandes amores de Peter, jogada do alto de uma ponte pelo Duende Verde. E incontáveis outras pessoas, mortas, esquecidas. Vidas perdidas, desperdiçadas, por causa de sua conexão com o Homem-Aranha. Por causa de seus laços com Peter Parker. Vidas que haviam terminado porque o Aranha não conseguiu salvá-las, porque o Aranha não existia.

Peter caiu de joelhos, dobrado sobre si mesmo pela dor e pelo luto, os dedos puxando a máscara em seu rosto.

– Por minha causa, sempre por minha causa...

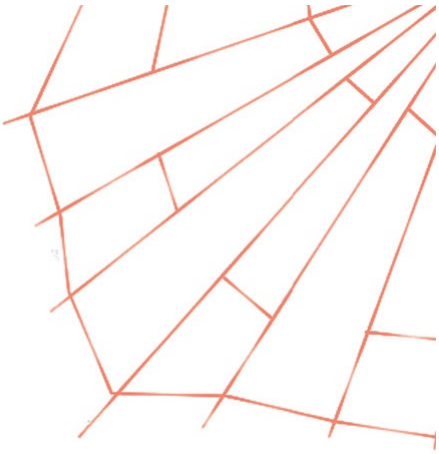
As vozes deles o cercavam, seu volume aumentando, harmonizando-se com o som hipnótico dos tambores e com o rugido de trovões e de tiros. Peter rastejou, mas a voz risonha de Ned Leeds o seguia de perto, levando-o mais para dentro do cemitério, mais profundamente para dentro de sua dor e de sua vergonha. Os mortos o acusavam de não usar seu poder de modo responsável, de não tê-los ajudado ou ajudado outros porque estava ocupado demais atuando como o herói piadista e bobo – ocupado demais fingindo ser uma Aranha.

E, como uma Aranha, Peter fugiu, se arrastando sobre as mãos e os pés, tentando escapar dos persistentes fantasmas que o caçavam e que ele carregava consigo desde que colocara a máscara pela primeira vez. Os espectros não cediam. Eles o seguiram fileira após fileira de lápides, apontando nomes importantes e rostos esquecidos, enfiando o punhal cada vez mais fundo nas costas dele.

Até que o som de um trovão cobriu suas vozes. Peter escapou, rastejando pela terra e pela lama para longe do cemitério, de volta à brancura. Ele seguiu na direção do som pervasivo e percussivo dos tambores, mas se viu confrontado por uma última pedra. Quando ele olhou para cima, descobrindo que estava finalmente sozinho no silencioso limbo, se deu conta de que o som rítmico e consistente do tambor não era de fato o de um tambor, de forma alguma.

Era a batida de um coração.

4



(TUM.)

Exausto, Peter afundou na lama diante da última lápide e olhou para baixo, para seu corpo. O escarlate profundo de sua fantasia colorida, antes orgulhosa, o marcava como culpado e profano, como a letra escarlate de Hester. A máscara do Homem-Aranha, suja e apagada, parecia tola em meio àquele lugar de lembranças. Lágrimas escaparam espontaneamente do canto de seus olhos. Ele não aguentava olhar para cima e ler as palavras gravadas na face da última pedra. Tudo estava quieto, calmo, mas ele ainda podia ouvir o batimento cardíaco pulsando, latejando, chamando-o a distância. E aquilo era o que mais o assustava, porque agora ele sabia de quem era aquele coração que batia.

(Tum tum.)

– É meu – disse ele, olhando para o chão.

Ele se sentia fraco e envergonhado, como uma criança confessando seus pecados e transgressões para os pais ou o professor. Peter agora compreendia o que estivera pulsando dentro de seu peito, contra a marca preta bordada sobre o centro de seu traje. O som vinha de uma máquina poderosa tentando se forçar a voltar à vida.

– É meu – repetiu ele –, é meu, e estou morto. Eu deveria estar morto. Eu mereço.

Morte. Por toda a vida de Peter, para todo lugar a que ele se voltava, ele estivera cercado pela morte. Gwen, Ned, Norman – todos eles, sacrificados por sua amaldiçoada segunda vida, cheia de teias.

– Por minha causa, sempre por minha causa.

Peter chorou e afundou ainda mais na lama, a cabeça abaixada – ainda indisposto a encarar aquela última pedra, seu maior erro, seu erro inicial.

– Por que seria justo que o meu coração recomece a bater, que eu tenha uma segunda chance, quando tantas vidas foram perdidas por causa do Homem-Aranha? – Peter cedeu à dor e à culpa. Ele se deixou cair ainda mais na terra, cobrindo com seu corpo a sepultura solitária, dominado pelo fracasso e pelo pulsar acusatório de seu próprio e indigno coração.

(Tum tum.)

Não é o seu, Petey. O coração, digo.

– Não. Não, me deixe em paz. – Peter balançou a cabeça, tentando calar a voz e se focar apenas na pulsação pesada e hipnótica. Ele fechou os olhos e deu as costas para a lápide, tentando evitar ter que falar com seu último algoz.

Ah, Peter. Sempre que algo dá errado, você se pergunta o que poderia ter feito para evitar. Você sempre se culpa, não é?

A pulsação se fortaleceu, e Peter sentiu uma presença – uma luz, um toque gentil em suas costas. Ele tentou se livrar da sensação e se afastar dali, mas a afável presença agarrou o ombro de Peter e o apertou com carinho. Peter tentou segurar a mão, mas não havia nada lá – apenas seu próprio ombro. Ele finalmente olhou para cima e viu, através das lágrimas e dos olhos grandes e brancos do Homem-Aranha, a inscrição na pedra.

(Tum tum.)

AQUI JAZ BEN PARKER.

– Tio Ben – sussurrou Peter, estendendo a mão para tocar a lápide. – Tio Ben, por favor, me ajude. A Tia May toma conta de mim tão bem, mas o senhor...

A voz de Peter foi sumindo.

E então um riso cálido e acolhedor o envolveu em um abraço paternal. Peter sentiu a mão em seu ombro mais uma vez, acalmando-o e ajudando-o a ficar de pé.

Toda vez que alguma das outras crianças se machucava, Pete, você queria poder ter impedido de algum jeito. Você se preocupa demais, mocinho. Um rapaz da sua idade não deveria se preocupar tanto.

– ... o senhor me entende – completou Peter. Ele abraçou a base da pedra com toda a força, arrancando-se da terra e da lama.

Melhor do que você entende a si mesmo, respondeu Ben Parker. *Quantas vezes vai passar por isso, Peter? É como um loop que não para de rodar na sua cabeça. A culpa aparecendo, você se atormentando por...*

– Por permitir que aquele cara escapasse? Aquele que matou o senhor? – Peter abaixou a cabeça de novo, envergonhado demais para enfrentar seu tio. –

Eu... eu sei que foi culpa minha, Tio Ben. E fiz o melhor que pude para compensar isso, não fiz?

Ben Parker riu dentro da cabeça do sobrinho. *Ah, Peter. Você não entende, né? Isso não é sobre mim.*

(Tum tum.)

– O quê? Claro que é. O senhor é a razão pela qual eu virei o Homem-Aranha. O senhor é o motivo...

Peter, esse não é o seu coração batendo. E não é o meu.

(Tum tum.)

Agarrando o peito e sentindo aquele latejar baixo e insistente, Peter entrou em pânico. Ele olhou ao redor.

– O que o senhor quer dizer? Se não é meu, então...

Você sabe. Você se lembra da última lição que lhe ensinei, a mais importante?

Peter assentiu.

– É como eu tenho vivido a minha vida. Meu dom e minha maldição. É por isso que me preocupo, é por isso...

Não, Peter. A culpa que você carrega – a responsabilidade que pesa sobre você – não vem de seus incríveis poderes nem do medo que seus dons possam ter amaldiçoado todos ao seu redor. É algo que você sempre carregou consigo, mesmo antes de ser picado por uma aranha radiativa. Você tem grandes poderes, sim, e grande responsabilidade. Mas ser um herói também quer dizer tomar grandes decisões... sejam elas escolhas cujas repercussões possam ser capazes de despedaçar universos, ou simplesmente afetar aqueles a quem você ama.

(Tum tum.)

As mãos de Ben Parker pousaram nos ombros de seu sobrinho. Desta vez, Peter conseguiu tomá-las entre as suas, usando a força delas para se puxar para cima.

A máscara do Homem-Aranha não existe para que Peter Parker possa se esconder atrás dela. Seu poder e sua responsabilidade não existem para consumi-lo em culpa e medo. Existem para proteger aqueles que precisam de proteção, sejam lá quem for. E também para proteger aqueles a quem você ama, e quanto a isso você tem feito o melhor que pôde.

No final, Peter, você é apenas um homem. E um homem faz o melhor que pode com o que tem, possuindo poderes de aranha ou não. Todo homem comete erros e tenta outra vez – mas nenhum homem é perfeito. Nem mesmo um homem-aranha.

(Tum tum.)

– Tio Ben, tem tanta coisa que eu queria...

Peter estendeu a mão de novo, mas seus dedos escorregaram por entre sussurros e vento. O fantasma de seu tio havia desaparecido.

A estranha pulsação continuou, fortalecendo-se. Peter deu a volta na lápide de Tio Ben, tocando-a uma última vez, e em seguida penetrou na brancura. A batida do coração ficou mais insistente, mais convidativa…

(Tum tum.)

… enquanto ele se movia adiante, flagrou-se deixando a brancura e entrando de novo na escuridão. O túnel se encolheu até que ele foi forçado a rastejar outra vez sobre as mãos e os joelhos.

(Tum tum.)

Peter impeliu-se para a frente, arrastando-se túnel acima, indo na direção dos tambores retumbantes. Os cochichos e as acusações foram sumindo, substituídos pela pulsação constante do coração misterioso…

(Tum tum.)

… e pelo murmúrio suave e acolhedor de uma voz amorosa…

(Saia SAIA SAIA.)

(Tum tum.)

… ele cavou e abriu caminho até a superfície, escavando o vazio espesso e negro, perguntando-se quem queria que Peter retornasse, quem o queria de volta.

(SAIA PETER SAIA AGORA.)

(Tum tum.)

Então, de súbito, ele sentiu aquilo dentro de si mais uma vez – o apelo da vida, urgente, pulsante, vigoroso. Esgravatou a escuridão com as duas mãos e descobriu que ela não passava de terra.

– Estou indo – gritou ele para ninguém, para qualquer um que pudesse estar ouvindo, enquanto chutava e lutava para se libertar, para viver, para respirar…

(Tum tum.)

… ele gritou no crepúsculo, pedindo por um nome, e a memória da voz de seu tio flutuou em resposta para ele.

Esse não é o seu coração batendo, Peter. E não é o meu.

(Tum tum.)

– De quem, Tio Ben? De quem é esse coração?

Suor e sujeira escorriam pela testa de Peter. A máscara de Homem-Aranha se agarrava a seus olhos, cabelo e rosto, enquanto ele formava garras com as duas mãos e escavava o mais rápido que conseguia. E então ele soube. Ele soube exatamente a quem pertencia o coração que chamava por ele, que o instava não

como o Aranha, mas como homem. Peter Parker era tanto sua fraqueza quanto sua força, e ele cavoucou na direção do coração pulsante.

(Tum tum.)

Com um grande amor, Peter, vem uma grande responsabilidade.

(Tum tum.)

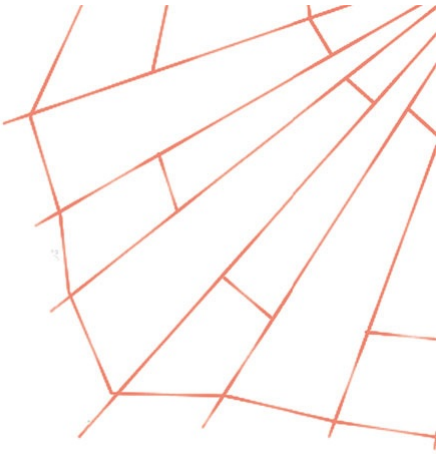
(SAIA SAIA SAIA.)

(Tum tum.)

Encare os fatos, Tigrão. Você tirou a sorte grande.

– Estou indo! – gritou ele. – Eu te amo! *Estou indo, Mary Jane, eu…*

5



O HOMEM-ARANHA EMERGIU DA SEPULTURA.

Surrado e atordoado, ele caiu contra a lápide. Chuva e lama forravam seu uniforme, respingando contra sua máscara. Ele agarrou o topo da grande pedra com dedos fracos, fazendo seu melhor para conseguir se estabilizar, enquanto o vento castigava o cemitério. O ar escapou de seus lábios, mal aflorando das cordas vocais, que não eram usadas havia semanas. Seu peito doía. Apesar disso, com muito esforço, o Homem-Aranha sussurrou três palavras para uma mulher que ele não podia ver.

– Eu te amo...

Aranhas fugiram da sepultura, pretas e brilhantes. Elas se moveram ao redor de seu equivalente humano recém-recuperado, subindo umas sobre as outras com suas pernas minúsculas, fugindo da lápide alta de granito. O Homem-Aranha enfiou os dedos na terra e se levantou. Um trovão soou no céu. Ele tentou andar e caiu de costas, como um potro que acabara de nascer.

Cansado e desgastado, o Homem-Aranha se ergueu para fora da lama mais uma vez. Ele se forçou a atravessar o cemitério enlameado e a se dirigir para um sobrado próximo, mal olhando para a lápide que ficava para trás.

Finalmente, ele alcançou a casa. Escancarando a porta, entrou em silêncio, deixando um rastro de lama e de seguidoras aracnídeas. Olhou ao redor, os olhos ainda se ajustando à luz, e se descobriu em uma escadaria mal-iluminada, que levava ao andar de cima. Segurando o corrimão, ele se arrastou devagar por quatro lances até encontrar outra porta. Fatigado, ele a abriu e desceu um curto corredor até uma terceira porta, que ele também abriu. Passando por ela, entrou em uma sala grande com um glamouroso piso de mármore. A iluminação suave – vinda de uma série de braseiros baixos, fixados nas paredes – lançava

sombras sobre estátuas serenas e intrincadas, destacando os vitrais nas janelas ao redor de todo o lugar. O espaço lembrava uma capela, um lugar de adoração.

Ele tropeçou em um suporte de pedra para caixões e, trêmulo, abriu caminho por um largo corredor que conduzia até uma biblioteca quente e aconchegante. Livros forravam as paredes, e cópias do *Clarim* tinham sido descartadas sobre um caro tapete fofo, púrpura e dourado. O Homem-Aranha caiu de joelhos para ler as manchetes, mal reparando na água que se acumulava debaixo dele, molhando tanto o tapete quanto os jornais. Ele folheou os tabloides, lendo rapidamente as manchetes, que saltavam em tinta negra e espessa.

ATAQUE DO ASSASSINO CANIBAL. ASSASSINO CANIBAL ENLOUQUECE EM NOVA YORK. HERÓI OU AMEAÇA? HOMEM-ARANHA FURIOSO.

As manchetes não prenderam tanto a atenção do Homem-Aranha quanto as datas acima delas, em tipografia menor, sob o cabeçalho do *Clarim*. Forçando-se a se concentrar, espremendo os olhos por baixo da água e da sujeira, ele checou mais uma vez, para ter certeza de que não havia lido errado.

Duas semanas.

Duas semanas!

Com a ansiedade apertando seu peito, ele folheou os jornais de novo, examinando os artigos por cima e reunindo toda informação pertinente e necessária. Em algum ponto, com raiva, ele jogou tudo de lado, espalhando as páginas.

Duas semanas. No chão. Na sepultura. Enquanto ele estivera ali, preso, Kraven tinha estado nas ruas – vestindo seu uniforme, abusando de seu nome.

Usurpando sua vida.

O Homem-Aranha tentou recuperar o fôlego. Ele se levantou, usando a parede como apoio, seus movimentos bruscos e desconhecidos a si mesmo. Deixou o escritório e seguiu pelo vestíbulo até os fundos da casa, onde encontrou uma antecâmara pequena e fechada por uma cortina. Abrindo a cortina, o Homem-Aranha adentrou uma sala escura e misteriosa. Seu sentido de aranha não o alertara, mas ele resolveu prosseguir com cautela. Não havia como saber se algo acontecera com seus sentidos durante aquelas duas semanas debaixo da terra.

Conforme entrava na sala, ele se viu caminhando sobre vidro quebrado – e sobre cadáveres de milhares de aranhas minúsculas. Uma mesinha tinha sido derrubada à esquerda. Ele continuou andando, continuou se movendo, com medo de perder a função de suas pernas de novo se parasse para pensar.

Passou por uma coleção de ferozes troféus empalhados: grandes predadores fixados nas paredes ou colocados sobre grandes bases ornamentadas, pousadas sobre o chão. Agora ele sabia de quem era aquela sala. Os olhos se apertando, o rosto corando de raiva, o Homem-Aranha elevou-se à sua altura total. Cruzando um tigre sem vida, empalhado e montado sobre um falso toco de madeira, ele se virou à direita, notando um crocodilo, então estendeu a mão para sentir a textura de seu couro escamoso. Um incenso ardia em algum lugar da sala, enchendo o ar com uma névoa baixa, de cheiro adocicado. O Homem-Aranha queimava de ódio pelo homem que acendera aquele incenso – o sujeito que roubara duas semanas de sua vida.

Com o que você me acertou, Caçador?, perguntou o Homem-Aranha a seu ausente inimigo. *Não foi com balas, isso é certeza. Uma de suas poções da selva, ou raízes, ou seja lá o que for, me acertou, me enterrando como se eu estivesse morto – um zumbi na cova.*

O Homem-Aranha rugiu com uma fúria impotente. Ele ergueu o crocodilo, virou-se e o atirou contra seu equivalente felino, deslocando o tigre de seu lugar com um único golpe.

– Duas semanas! – gritou ele. – No chão! Na cova! – O Homem-Aranha despedaçou toda a antecâmara fumarenta, estraçalhando os troféus de Kraven, usando-os para alimentar as chamas de seu ódio pelo desaparecido mestre daqueles objetos.

O que sua família devia estar pensando enquanto ele apodrecia debaixo da terra? Tia May... Mary Jane... a vida dele. Duas semanas...

Ele caiu de joelhos, tentando recuperar o fôlego, arrependendo-se do súbito esforço que acabara de fazer naquele seu estado enfraquecido e vulnerável. *Acho que vou vomitar.*

Não. Não, ainda não.

Um movimento atrás dele. O Homem-Aranha olhou por cima do ombro esquerdo e viu dois homens entrarem na sala, ambos em solenes ternos pretos, com mãos tão grandes quanto pás. Eles se aproximaram de forma hesitante, depois recuaram, analisando a situação.

– Você tinha razão – disse um deles. – É ele.

O segundo sujeito assentiu, concordando.

– Eu... hã... eu acho que deveríamos sair daqui.

– Por quê? Olhe para ele. Ele está fraco. Mal consegue...

O Homem-Aranha se agachou e girou, olhando os homens através da neblina do incenso. *Ainda não.* Ele abriu bem as mãos, dobrou os joelhos e se

preparou para atacar. Um deles recuou, os olhos se arregalando, e o segundo se moveu na direção da entrada cortinada.

O Homem-Aranha saltou das sombras da sala e agarrou os dois pelo colarinho, erguendo-os contra a parede. Ele os encarou através dos olhos brancos e inexpressivos de sua máscara. O ódio e a vingança enchiam seu peito. Ele queria atacar, despejar sua frustração nos punhos e liberá-la em uma gratificante onda de golpes. Queria vingança. Desejava isso da cabeça aos pés – mas não contra aqueles dois homens. Não agora.

– Onde? – perguntou ele, as palavras mal saindo de seus lábios.

Ele não podia elevar a voz acima de um sussurro, e os dois homens lutaram para ouvir o que ele dissera. Agarrando o terno deles, ele os puxou mais para perto e concentrou sua voz naquela única palavra, emitindo-a roucamente, com o máximo de ameaça que conseguiu reunir.

– Onde? – repetiu. Toda a cor sumiu do rosto dos dois homens. Estavam apavorados, pensavam que o Aranha planejava estraçalhá-los, parti-los em pedacinhos. E uma parte dele – não tão lá no fundo quanto ele gostaria que fosse – queria de fato fazer isso.

Um trovão soou outra vez, tão distante e tão perto, misturando-se com a insistente pulsação do coração que nunca deixara seus ouvidos. Ele tinha que fazer uma escolha: tambores da selva e trovão interminável, ou batida do coração acolhedor e o amor à sua espera.

O Homem-Aranha largou os homens no chão e se virou, voltando para dentro do santuário. Ele caminhou para a parede dos fundos, para a fonte da fumaça e da névoa. Chegou até uma mesa baixa que estava cheia de ervas e poções, além de um palito de incenso aceso. Ele jogou tudo de lado, esmagando tudo no piso da antecâmara.

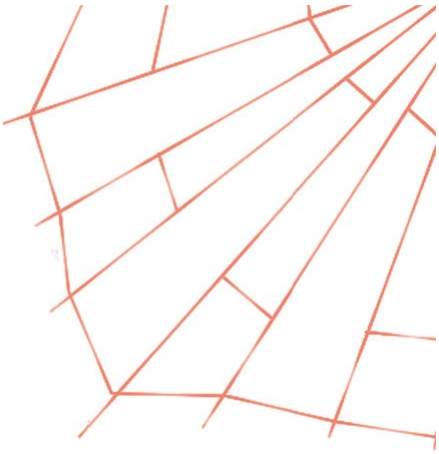
Em seguida, virou-se à esquerda. Uma janelinha dava para a cidade, para longe do amplo cemitério aberto atrás da casa.

Eu vou encontrar Kraven, pensou ele. *Vou cuidar dele. Mas não como uma Aranha.*

Ele saltou pela janela, estilhaçando o vidro, e dirigiu-se para a cidade – deixando os dois sujeitos para trás.

Como um homem.

6



MARY JANE ESTAVA EM SEU APARTAMENTO, zapeando os canais da televisão, cansada demais para sair, ansiosa demais para ficar quieta. A chuva continuava caindo. As nuvens, como seu humor, eram negras e sombrias. Ela passou as mãos por fotos e roupas outra vez, enxugando lágrimas dos olhos. Exausta pelo peso de suas decisões, ela jogou o controle remoto do outro lado da sala, em uma explosão de dor e frustração. O controle voou até a parede, dirigindo-se para um pôster francês que ela adquirira em seus dias na passarela parisiense. Contudo, antes que o objeto pudesse atingir a moldura...

... um fio de teia se esticou e o prendeu, balançando-o até a janela, onde aterrissou com um estalo na palma de uma luva vermelha e suja. MJ se sentou cautelosamente, com medo de confiar no que seus olhos lhe diziam. Seu queixo caiu, enquanto ela encarava aquela visão de lama e spandex agachada em seu parapeito, segurando o controle remoto.

– Eu... eu não consigo imaginar como deve ter sido para você – disse ele. A voz estava rouca e cansada, mas era definitivamente familiar. – Esperando e se perguntando... sabendo que havia alguém... um lunático lá fora se chamando de Homem-Aranha. Um... um assassino.

Ele entrou no apartamento, ensopando o piso. Ela recuou, esperançosa, mas ainda incerta.

– Eu conheço você – disse ele. – Sei que leu os jornais... assistiu aos noticiários de TV. Provavelmente percorreu as ruas procurando por mim. – Ele passou uma das mãos pelo queixo, limpando uma sujeira. – Eu... eu rezo a Deus para que você não tenha me encontrado. Digo, encontrado com ele. *Kraven*.

Ele se moveu na direção dela, estendendo a mão. Ela levou os dedos aos olhos úmidos, sentindo as mãos tremendo de nervosismo e medo, então as recolheu de volta ao colo.

– Duas semanas, Mary Jane. Duas semanas da minha vida. – Ele se agachou no chão, ainda estendendo a mão. – Duas semanas da nossa vida... nossa vida juntos... roubadas, maculadas. Manchadas e... e...

Lenta e cuidadosamente, ele arrancou a máscara. O coração de MJ saltou até a garganta. Um pequeno soluço de alívio escapou, e ela começou a chorar outra vez, lágrimas de júbilo misturadas às de tristeza. Ele esticou a mão de novo, e ela enfim a aceitou. Os olhos dele estavam arregalados e cansados, seu rosto coberto de lama e suor. Ele parecia assombrado, caçado. O coração de Mary Jane se escancarou.

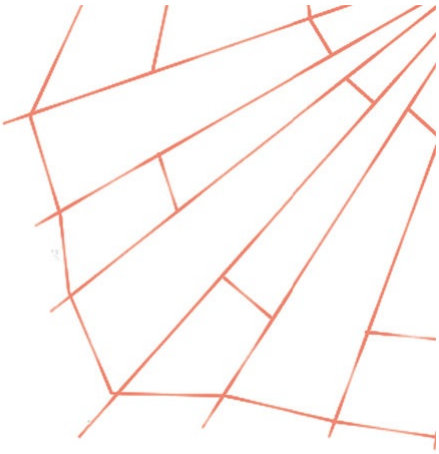
– Eu... – ele engoliu, a garganta ainda ressecada. – Eu te amo, Mary Jane. – Ele fechou os dedos ao redor dos dela. – Mais do que jamais me dei conta.

– Peter...?

Ela o puxou para si, encaixando uma das mãos na nuca de Peter, enquanto buscava o rosto dele com a outra. Ele se levantou e deitou na cama, escutando o coração dela bater acelerado, sentindo seu calor e sua chamada insistente e acolhedora. A chuva batucava contra as janelas.

Peter Parker pousou a cabeça sobre o ombro de Mary Jane Watson, silenciosa e aliviadamente caindo em lágrimas, enquanto ela o abraçava apertado junto de seu corpo. Ele se afastou, encarando os olhos grandes e molhados dela por um longo instante. Então, mais uma vez, eles se uniram, agarrando-se um ao outro, temerosos de se soltarem.

7



DE PÉ EM UMA SALA ESCURA, vestido na pele de seu mais antigo inimigo, Kraven, o Caçador, levantou a mão e, lentamente, retirou a máscara do Homem-Aranha de sua cabeça.

Ele sorria, devolvendo o telefone à sua base. Seu coração se inflava por antecipação, empolgado com a notícia que recebera de seus leais assistentes.

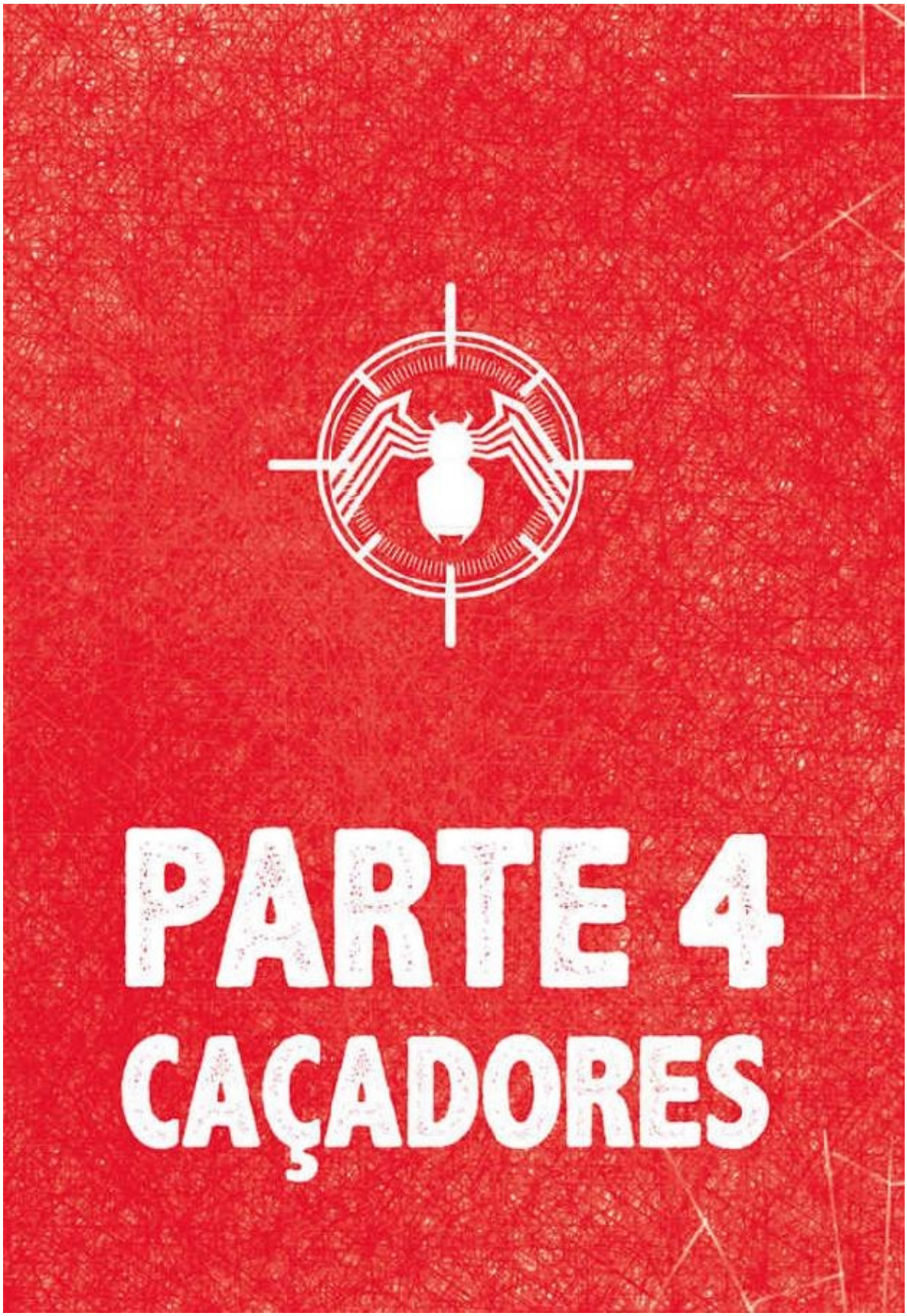
Um trovão ressoou, e os tambores da selva chamaram, enquanto ele colocava a máscara de lado. Mentalmente, ele conferiu seus últimos preparativos, sabendo que não teria que esperar por muito mais tempo.

Esta noite, pensou ele. *Esta noite, tudo termina.*

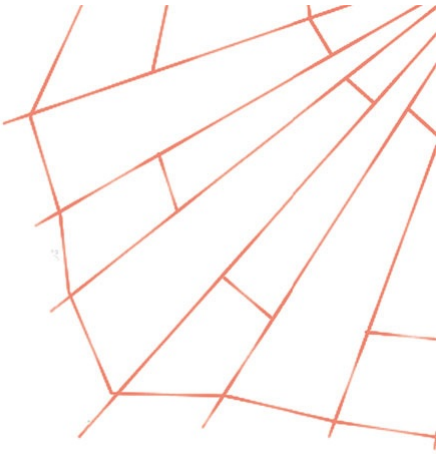
Venha para mim, Aranha, chamou ele.

– Ele saiu – disse Sergei para ninguém de fato, mas para todos que importavam. Seu pai, sua mãe, todos os Kravinoffs de antes e de depois. Kraven riu, triunfante. – Ele está vindo.

Venha para mim, Aranha. Pela última vez.


PARTE 4
CAÇADORES

1



PETER ESCAVOU PARA SAIR DA ESCURIDÃO, *os dedos arranhando o solo enquanto ele se libertava, de volta ao vazio quente, pacífico.*

(Saia, *rugiu Kraven, o rifle mirando seu peito,* saia para que eu possa matá-lo.)

Suor cobria seu rosto, misturando-se com sujeira e lágrimas. Ele cavou e arranhou até que seus dez dedos estivessem em carne viva, sangrando. A escuridão se fechou sobre ele, seus sinistros inimigos riram, e ainda assim Peter não conseguiu se adiantar. A dor pressionou seu peito, sua garganta se apertou, e ele começou a gritar. Ele chutou e lutou para voltar ao branco quente, (vermelho) *enquanto o latejar ritmado* (tiros, não trovão nem tambores, mas um rifle, ou talvez um coração pulsando) *martelava em seus ouvidos. Ele gritou de terror e finalmente conseguiu se libertar, atravessando o crepúsculo despedaçado. A luz então inundou seus olhos.*

Peter acordou com um grito seco e fatigado, afastando os travesseiros. O quarto estava escuro, fazia apenas uma hora que ele havia adormecido. Peter recuperou o fôlego, enquanto permitia que seus olhos se ajustassem.

Mary Jane tinha ido embora. O coração de Peter subitamente disparou, e ele agarrou os lençóis. Onde ela estava? Peter se virou para a esquerda. Luz fluorescente vazava por baixo da porta do banheiro. Ele podia escutar MJ se movendo lá dentro.

Enxugou uma camada de suor da testa, na esperança de que o gesto erradicasse todos os resquícios do vívido pesadelo que acabara de ter. Tinha parecido muito real – real demais, na verdade, e muito próximo dos acontecimentos recentes e aterrorizantes da vida de Peter. Por um breve e angustiante instante, ele pensara que talvez ainda estivesse no solo, lá embaixo, na cova, sem saída.

Preso, pensou ele. *Como um animal. Morto, sepultado, para todos os fins e propósitos, pelas duas últimas semanas.*

Questões giravam pela cabeça de Peter como um turbilhão. Por que ninguém além de Mary Jane procurara por ele? O que havia acontecido com seu apartamento, suas contas, seu emprego? E por que Kraven não o matara simplesmente, acabando com tudo de uma vez, duas semanas atrás? Todas essas eram perguntas válidas, para as quais Peter planejava encontrar respostas – especialmente para a última.

Respire, Peter. Ele sabia o que viria a seguir, mas queria tirar um momento antes. Um momento para ser grato por ainda estar vivo. *Estou vivo. Você está vivo, Peter. Respire.*

Infelizmente, um momento era tudo o que ele podia gastar com aquilo.

Ele se sentou na cama, virou-se para o banheiro e chamou:

– Mary Jane...?

Sua voz, um pouco mais alto que um sussurro, quase não chegou ao outro lado da cama. Ele tentou de novo, fazendo o melhor que podia para projetar sua voz.

– Mary Jane?

– Estou no banheiro, meu bem – ela respondeu, suave e tranquilizante, baixa e musical. Nenhum som jamais fora tão doce.

Ela está aqui, pensou Peter. *Graças a Deus, ela está aqui.*

Para seu pesar, porém, ele precisava estar em outro lugar. Seu primeiro impulso tinha sido conferir como Mary Jane estava, certificar-se de que ela estava segura, e assim o fizera.

Mary Jane, por sua vez, assegurou-lhe de que May também estava a salvo. De volta do cruzeiro, May não fazia ideia de que seu sobrinho havia desaparecido por duas semanas. Mary Jane avisara que Peter estava assoberbado de trabalho e que ligaria para ela assim que tivesse chance.

Peter cuidara daquelas a quem amava. Agora o Homem-Aranha tinha que cuidar do restante dos inocentes.

Ele afastou o cobertor e deslizou para fora da cama. *A prioridade*, pensou ele, *é parar a sanha assassina de Kraven*.

Ele apanhou seu uniforme no encosto de uma cadeira. *Em segundo lugar, limpar o nome do Homem-Aranha e convencer os nova-iorquinos de que eles ainda podem confiar em mim.*

Ele vestiu o traje sobre o corpo machucado. *Em terceiro, encontrar o Assassino Canibal e entregá-lo à justiça.*

Peter tropeçou, acometido por um instante de tontura, lampejos de luz dançando diante de seus olhos. Segurou-se nas costas da cadeira e se

endireitou, esperando a desorientação passar. Sombrio e determinado, Peter se perdeu na tarefa que tinha diante de si – colocar os disparadores de teia, pegar a máscara – e falhou em reparar na porta se abrindo atrás dele, deixando entrar um filete de luz vindo do banheiro.

– O que você está fazendo?

Mary Jane se aproximou por trás dele, seu cheiro capturando toda a atenção de Peter. Ele olhou por cima do ombro e a viu de relance, de pé, vestindo um robe de seda, escovando seus longos cabelos ruivos. Peter sorriu e se virou, voltando sua atenção para o uniforme. MJ deu a volta para encará-lo.

– Volte para a cama – disse ela. Havia um traço enfático e inflexível em sua voz.

Ele balançou a cabeça e cochichou:

– Eu preciso ir.

– Você não vai a lugar nenhum! Você precisa descansar e comer! Mal pode parar de pé, mal consegue falar…

– Minha voz vai voltar logo. – Aquilo era verdade, ele já podia sentir uma diferença no tom. – Você conhece o ditado: para gripe, comida e cama; para alguém que ficou enterrado por duas semanas, deixe passar fome.

Ela agarrou a máscara dele, ignorando aquela débil tentativa de humor.

– Não estou nem aí para a sua voz! Você passou por uma experiência traumática. Eu passei por uma experiência traumática.

Lágrimas escorreram por seu rosto. Desde que Peter entrara pela janela, ele e MJ haviam se abraçado e se revezado em crises de choro, declarações de amor e planos de vingança contra Kraven e o restante da galeria de vilões do Homem-Aranha.

– Peter… – Ela enxugou as lágrimas, torcendo a máscara dele entre os dedos, a escova largada e esquecida. – Eu não vou deixar você sair da minha vista até… até…

Ele se sentou ao lado de Mary Jane e segurou-lhe a mão, afagando seu cabelo com gentileza, enquanto a olhava nos olhos. Ele precisava fazê-la entender, precisava que ela soubesse quanto significava para ele. Aquelas últimas duas semanas tinham sido uma provação para ela, Peter mal podia imaginar. Se a situação fosse inversa – se MJ tivesse desaparecido –, Peter sabia que estaria perdido. Ele teria revirado Nova York até que ela estivesse de volta em seus braços.

E o pior de tudo era que ela não tinha ninguém em quem confiar, ninguém com quem pudesse dividir sua dor – porque ele confiara a ela seu segredo, e ela

o protegera com sua vida. Porque Peter amava Mary Jane o bastante para confiar a ela – e apenas a ela – o segredo de sua identidade e seus medos mais profundos e sombrios. Ele a fizera passar por um inferno.

Outra vida arruinada pelo Homem-Aranha. A velha sorte Parker ataca novamente.

Por causa daquele amor, porém, e porque MJ guardava seu segredo, ele sabia que ela compreenderia o motivo pelo qual ele tinha que partir. Ela entenderia por que a culpa e a responsabilidade o afastavam dos braços dela naquele momento, empurrando-o de volta para o perigo e, possivelmente, para a morte.

Não a minha morte, pensou Peter, a raiva surgindo dentro dele. *Talvez a de Kraven. Porque, quando eu o encontrar, depois de tudo o que ele fez a mim e a MJ e… Eu juro, talvez eu o mate.*

– Mary Jane – disse ele, amoroso, esforçando-se para fazê-la entender. – Eu não quero ir, acredite. – Peter tentou tirar a máscara das mãos dela, mas ela violentamente a puxou de volta. Peter então segurou a mão de MJ e suavemente pousou a palma da sua contra a dela.

– Eu quero ficar com você onde é seguro. – A voz dele, rouca e seca, mal produzia um ruído no apartamento escuro e quieto. Lá fora, sirenes e metrôs podiam ser ouvidos a distância, vibrando gentilmente contra a janela – os sons de Nova York após o anoitecer.

Ele pigarreou. Precisava convencê-la de que tudo daria certo, de que ele ficaria bem.

– Eu quero ficar aqui, onde nada de mau pode me atingir. Mas você não vê, MJ? Ele está lá fora.

Ele tornou a tocar a máscara. Ela se encolheu, mas, desta vez, permitiu que ele a tomasse de suas mãos. Ele traçou o contorno dos olhos da máscara, olhando para o tecido branco *(quente e pacífico e quieto)*, pensando na última coisa que vira através daqueles olhos, antes de Kraven o botar na cova.

(Saia para eu poder matá-lo de novo, Aranha. Eu vou continuar matando você de novo e de novo e de novo.)

Peter fez uma careta e vestiu a máscara, cobrindo seu rosto. Ele escondeu seus olhos, para que ela não visse o medo neles.

– Ele está lá fora, MJ. Kraven está esperando. Ele… ele assassinou meu nome, e eu apenas…

Peter se calou. Ele se virou para a parede, determinado a levar aquilo até o fim.

Já estava totalmente vestido com o uniforme do Homem-Aranha.

– Eu tenho que ir.

Ele se levantou com cuidado, certificando-se de manter o equilíbrio, e abriu a janela. Mary Jane o seguiu e tomou sua mão, girando-o para que ficasse de frente para seu olhar preocupado.

– Peter, por favor… depois do que você passou. Do que ele fez com você…

Tenazes dentes atravessaram sua carne, arrancaram três pernas e ficaram à espera, na escuridão. Eles o esperavam no túnel, onde ele podia ser machucado, onde podiam matá-lo. Duende e rinoceronte. Polvo e abutre.

O Caçador.

Eles esperavam para matar o Aranha, porque o Aranha podia morrer, apesar de nunca ter vivido. Caído de costas sobre uma poça de sangue, agora ele compreendia isso. Três de suas pernas tinham sido arrancadas, e entranhas pendiam de seu flanco. Ele soube, então, que o Aranha era uma armadilha. Uma farsa. Um caixão.

(SAIA.)

Trovão e tiros branco e quente chão e cova…

Peter chacoalhou a cabeça, afastando as visões. Ele se voltou outra vez para Mary Jane:

– Não quero conversar sobre isso.

– Você precisa de tempo para resolver tudo. Durante as duas últimas semanas você esteve…

… no chão e na sepultura duas semanas duas semanas ah Deus Mary Jane as armas o trovão os tambores o CORAÇÃO.

– Não quero falar sobre isso.

Peter subiu no parapeito da janela, deixando o ar frio da noite cantar sobre sua pele. Mary Jane pousou a mão sobre seu braço, deixando a chuva bater contra o dela.

– Você vai. – Era uma declaração, não uma pergunta. Ela sabia que não havia como impedi-lo, que o Homem-Aranha precisava cumprir suas responsabilidades.

Ele apoiou-se sobre os dedos dos pés, agachado na janela, e se preparou para saltar para o desconhecido. Virou-se para encarar Mary Jane de novo, levemente envergonhado, mas, na maior parte, resignado a seu destino.

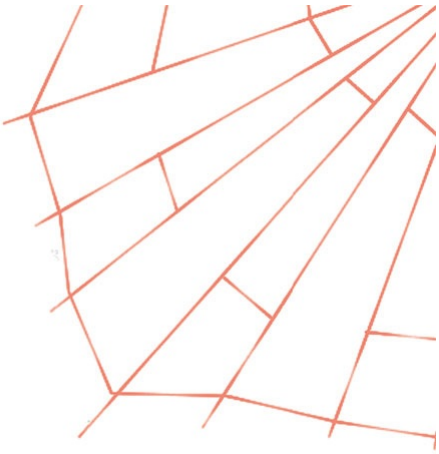
– Vou – confirmou.

Ela estendeu a mão, hesitante. Peter a segurou, cruzando os dedos de ambos enquanto a tempestade bramia ao redor deles. Puxando a mão dela até seu rosto, ele a colocou contra sua bochecha. Sentiu seu calor através da máscara e, mais uma vez, maldisse seus poderes e o longo e estranho conjunto de

circunstâncias que os levara até aquele ponto. Sorrindo, ele pousou a palma da mão contra o peito dela, sentindo a suave e sutil pulsação do coração de MJ. Ele soube, naquele momento, ainda que ela não soubesse, que o coração de Mary Jane o traria de volta. Ela o chamaria para casa, de um jeito ou de outro.

Um relâmpago espocou. Peter disparou um fio de teia na noite, depois saltou do apartamento de MJ para a desenfreada tempestade. Ele balançou a cabeça, incrédulo, enquanto se afastava da mulher que amava mais do que a própria vida, dirigindo-se para o homem que ousara acabar com ela.

2



SERGEI AGUARDAVA PACIENTEMENTE NA CASA, vestido na pele de seu inimigo, de pé, sozinho, contando os minutos até que a Fera chegasse.

Haviam se passado horas desde que ele recebera a ligação que o informara de que o Homem-Aranha tinha voltado. O coquetel potente que Sergei injetara em seu inimigo havia terminado seu ciclo. Agora, para todos os fins e propósitos, o Homem-Aranha tinha se reerguido do túmulo.

Não! Eu sou o Aranha agora!

Eu sou o Caçador!

Eu sou Kravinoff, o homem!

O coro de vozes ficou mais alto e forte dentro da mente de Sergei, confundindo-o. Elas borraram o objetivo claro e conciso da missão dele, a razão pela qual ele iniciara aquela jornada em primeiro lugar. Ele fechou os dedos formando um punho e bateu na mesa – uma, duas vezes, socando-a com toda a sua força, até que uma porção do tampo se esmigalhou.

Eu sou o Aranha, o Homem-Aranha relembrou a si mesmo. *Um Aranha melhor do que o impostor que plantei debaixo da terra.*

Eu sou o Caçador, rugiu Kraven, *e ganhei meu troféu, tomei a pele dele e me vesti com ela para o mundo inteiro ver.*

Eu sou Kravinoff, Sergei avisou os outros dois, *e o que fiz, fiz pela honra maculada da minha família, para restaurar a dignidade de todos nós. Eu derrotei a Fera – a mesma que nos atraiu para a América, tantos anos atrás. O terrível demônio que matou meu pai e arruinou a vida da minha mãe.*

Eu sou homem. Eu sou Caçador. Eu sou Aranha.

Eu sou vitorioso, não vítima. E ainda assim, ele vem.

Uma janela se abriu em algum lugar do apartamento, tirando Kraven de seu devaneio esquizofrênico. Ele aguçou sua audição como a Coruja, detectando

estalos baixos: a queda sutil de gotículas contra o piso de madeira. Sergei farejou como o Urso, identificando o odor de tecido molhado e de lama de cemitério entre fibras rústicas – assim como a fragrância suave do perfume de uma mulher desconhecida.

Sergei sorriu.

– Ele está aqui.

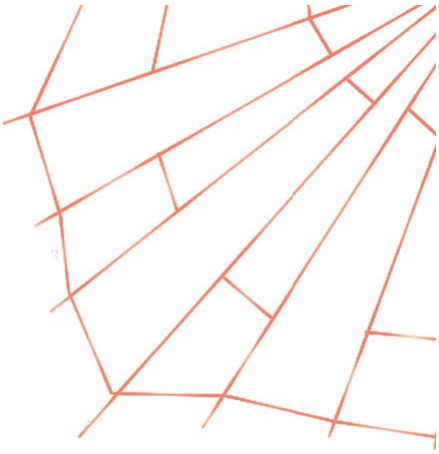
Sergei colocou a mão sobre a mesa, relaxando o punho e deixando seus dedos pousarem na madeira. Ficou de pé, em silêncio, aguardando na escuridão, sentindo os movimentos e a raiva que se aproximavam por atrás e por cima – uma sombra furtiva, rastejando até ele com ódio em seu coração. Repleto de derrota.

Você não é nenhuma sombra, nenhuma Fera. Você nem mesmo continua a ser uma Aranha. Apenas um homem tolo em uma máscara tola, surrado e humilhado por um Aranha muito melhor do que você jamais ousou sonhar.

O Homem-Aranha desceu do teto sem dizer uma palavra, pendendo de cabeça para baixo de um único fio de teia. Ele encarou as costas de Sergei, esperando o Caçador reconhecer sua presença ali. Sergei abriu um sorriso amplo e contente, que foi se tornando solene e desconfortável conforme os instantes passavam e nenhum dos dois ousava ser o primeiro a falar.

Aquele momento. Aquele encontro. Não havia espaço para leveza, não havia tempo para bravatas. Sergei pigarreou. Em seguida, lentamente, virou-se para encarar o homem que havia enterrado.

3



O HOMEM-ARANHA DESCEU ATÉ O CHÃO E FICOU DE PÉ, assumindo uma posição defensiva. Sergei podia ver os punhos de seu inimigo tremendo de raiva. Fúria corria pelas veias do mascarado, fluindo como chuva de seus braços até os dedos.

Sergei franziu o cenho. Ele não lutaria. Não fazia sentido.

– Kraven! – gritou o Homem-Aranha. Uma emoção pura e um ódio justificável emanavam de seu uniforme histriônico, explodindo pela sala, envolvendo Sergei, que usava seu próprio traje de Homem-Aranha.

Sergei assentiu, inclinando a cabeça de lado.

– Homem-Aranha. – Sergei pronunciou aquele nome de forma pragmática, sem rancor ou deboche. Ele sabia que isso despertaria um quê de dúvida na psique do outro, forçando-o a questionar sua própria identidade inventada. Dois homens de pé em uma sala, cada um vestindo seu uniforme de Homem-Aranha. Quem diria que Sergei não era, de fato, o Homem-Aranha verdadeiro?

Eu sou o Aranha. Triunfante, exultante.

Não, eu sou o Caçador! Gritando, arrogante.

Cavalheiros, eu sou Kravinoff. Envergonhado, resignado.

Sergei balançou a cabeça, espantado. *Eu sou Kravinoff*, pensou. *Como meu pai, antes de mim, e minha pobre mãe.* E então o Homem-Aranha rugiu e saltou adiante, esmurrando Sergei no rosto.

– Desta vez você foi longe demais, Kraven! – O Homem-Aranha o empurrou contra a parede, depois recuou e atingiu um soco brutal na boca de Sergei. – Você roubou duas semanas da minha vida, seu animal!

Os olhos de Sergei se fecharam por um instante. Ele testou seus dentes, cutucando-os com a língua, para se certificar de que estavam todos no lugar. Fixou os olhos no Homem-Aranha, com uma expressão solene e silenciosa, e

soltou os braços, deixando-os cair na lateral do corpo. O lançador de teias atacou outra vez, afrouxando o molar de Sergei e arrancando-lhe sangue.

– Duas semanas! – bradou o Homem-Aranha, a voz rouca e estridente. Ele havia claramente sido levado à beira da loucura. Os olhos de Sergei se enevoaram diante da última sentença, e seus pensamentos retornaram à sua verdadeira missão, aos vários homens que Sergei clamava ser e às várias personas que havia assumido ao longo de seus vários e solitários anos.

Eu sou o Aranha.

Eu sou o Caçador.

Eu sou Kravinoff, como meu pai e minha mãe.

Diziam que sua mãe era insana.

Sergei havia nascido em uma família aristocrata em São Petersburgo, onde foram felizes e prósperos até a queda do império russo. Expulsos de seu lar com apenas pouco mais do que as roupas do corpo, os Kravinoff fugiram para a América, onde buscavam recomeçar a vida.

Após muitos anos de riqueza, o pai de Sergei foi forçado a começar a procurar emprego onde pudesse encontrar. A depressão e a frustração passaram a permear seu lar, um sentimento que Sergei carregara consigo para a vida adulta. Conforme o trabalho foi ficando mais escasso, e o dinheiro, ainda mais raro, seu pai abandonou a família por uma garrafa de bebida, e sua mãe – uma mulher de linhagem rara, nobreza verdadeira e um coração terno – foi abandonada para cuidar sozinha do filho e lidar com a desgraça de ter sido expulsa de sua terra natal. Ali, entre cidadãos comuns, Ana Kravinoff fora sobrepujada pela pobreza, a imundície e a ausência de dignidade.

Na América, a banalidade total da vida.

E assim, dizem, ela tinha ficado louca. A mãe de Sergei fora levada para um lugar onde ele não podia ficar com ela. Eles a trancaram longe – presa, abusada e aterrorizada. Ana se sentira assim desde que havia chegado aos Estados Unidos, desde que fora forçada a viver naquela grande jaula ocidental que os homens apelidaram de terra da liberdade, lar dos bravos.

Eles a trancaram, e o pai de Sergei, o espírito alquebrado, havia permitido isso. Sergei pôde apenas assistir a tudo, tão indefeso e aterrorizado quanto sua mãe. A última coisa de que se lembrava era dos olhos enormes e fixos dela, enquanto Ana gesticulava para os céus, praguejando e uivando para demônios invisíveis.

Um mês depois, Ana Kravinoff estava morta.

Diziam que ela era insana, que tinha acabado com a própria vida. Entretanto, Sergei – o homem que se tornaria o Caçador, depois o Aranha – sabia que aquilo era mentira.

A vida dela tinha sido roubada pela Fera. Pelo demônio invisível que Sergei jurara caçar e prender, capturar e matar. Essa Fera, esse inimigo que Sergei havia finalmente derrotado, ele perseguia desde que deixara Nova York, tantas décadas atrás.

Sua primeira parada fora o *Viajante,* um cargueiro saindo do Brooklyn. Armado com nada além de sua jaqueta e seu chapéu, junto com uma trouxa com pão e queijo, Sergei se escondera em um caixote quebrado e viajara como clandestino. Ele racionou sua comida, roubando mais sempre que tinha chance. Eventualmente, sua presença foi descoberta. Depois de muito tumulto e inquérito, alguém decidiu, então, meter um esfregão em suas mãos e o colocar para trabalhar. Sua primeira missão o levara a outras tarefas e, quando o *Viajante* baixou âncora, Sergei havia se tornado um membro útil da tripulação.

Um posto seguiu outro, e Sergei acabou rumando para a África, onde permaneceu por algum tempo. Ele aprendeu a ser um homem, a sobreviver do modo que Deus pretendia: sem nada além de mãos e dentes, inteligência e astúcia – e encontrou honra e dignidade na arte da caça.

Desenvolveu talentos mortais enquanto vivia entre as aldeias africanas. Um xamã – exilado pelos Massai, morando em uma cabana às margens do Serengeti – ensinou Sergei a misturar uma pasta de sangue, lama, ervas e frutas, fazendo uma infusão com seivas e venenos capaz de expandir sua consciência e ampliar suas habilidades naturais. Ele testou seus limites, descobrindo uma reserva de força que podia controlar animais maiores usando apenas as mãos. Ele avaliou seu ritmo contra os guepardos selvagens que vagavam pela selva. Aprendeu os nomes e talentos de cada animal conhecido pelo homem, enquanto se provava melhor que eles, um por um.

O poder de Sergei, suas habilidades e sua considerável disponibilidade de tempo lhe deram uma vantagem muito necessária entre os armadores da África, de modo que ele se tornou um dos caçadores mais procurados do continente. Cobrava preços exorbitantes de seus clientes – dinheiro suficiente para lhe permitir levar a vida digna, de riqueza e honra que sua família conhecera tanto tempo atrás, a vida da qual ele fora arrancado quando a dignidade de seus pais foi roubada.

Contudo, a felicidade e a satisfação ainda lhe escapavam. A humilhação de seu pai e o destino de sua mãe ainda o assombravam do outro lado do mundo.

Então surgiu a oportunidade de voltar para Nova York – uma ligação de um parceiro, oferecendo uma chance para caçar nas selvas de concreto da América. Sergei, agora atendendo por "Kraven", agarrou a chance de exercer seus talentos em um lugar onde poderia conquistar honra para o nome Kravinoff. Assim, ele fez sua segunda viagem para os Estados Unidos – desta vez, sozinho, e com um bilhete na primeira classe.

Nova York oferecia uma vastidão de alvos, mas nenhum tão atrativo quanto o sujeito que ele havia sido contratado para matar – um dos "super-heróis" multicoloridos que vieram popular Manhattan desde que Sergei estivera na cidade pela última vez. Aquele mascarado em particular, aparentemente um fracote vermelho e azul coberto de teias, parecia um idiota para Sergei, um banana. Depois que completasse o serviço – não era a primeira vez que ele caçava um homem e com certeza não seria a última –, Sergei planejava se colocar à disposição para rastrear e matar outros super-humanos, espécimes mais impressionantes. O Homem-Aranha era um passo em sua estrada para a glória e para a restauração de sua honra. Uma tarde de diversão, nada mais.

No entanto, o Homem-Aranha derrotara Sergei. Depois, de novo. E de novo, em todas as vezes distraindo o Caçador com uma fieira de piadas ridículas. As táticas do Homem-Aranha o faziam lembrar das lendas de Anansi, a aranha, um deus do oeste da África que superava em esperteza, com seus truques e suas histórias, os terríveis caçadores e tigres.

O Homem-Aranha se provou uma presa engenhosa, mas Sergei continuava a subestimar o lançador de teia, passando de predador a presa, enquanto o herói o derrotava várias e várias vezes.

Ele até colocou o orgulho de lado e se juntou a outros "supervilões" convencidos, para conseguir enfim completar sua missão. Várias vezes, ao longo dos anos, ele tentou conquistar alguma vantagem – mas nada. O símbolo do escalador de paredes zombava dele dia e noite, ardendo no cérebro de Sergei, relembrando-o constantemente de que a restauração de sua honra permaneceria fora de seu alcance enquanto o Homem-Aranha estivesse em seu caminho. O que ele imaginou que seria uma "tarde de diversão" havia se transformado em uma vendeta da vida toda, com o embusteiro daquela máscara escarlate se marcando como a baleia branca de Sergei.

Enquanto o fracasso e a humilhação rodopiavam na psique abatida do Caçador, Sergei percebeu que nenhum homem comum poderia realizar o que o Homem-Aranha fizera. Nenhum homem poderia derrotar continuamente Sergei e tantos outros como ele. Então, a mente de Sergei, auxiliada por uma

indulgência em poções, o convencera de uma Verdade: o Homem-Aranha era a Fera. O mesmo deus embusteiro que mentira para nobres civilizados ao longo dos séculos. A grande criatura zombeteira que causara todos os sofrimentos da humanidade, inclusive a má sorte de seu pai e o suicídio de sua mãe.

O Homem-Aranha era a Fera que Sergei prometera matar.

Agora eu vejo, porém, ele disse a si mesmo, sorrindo, enquanto o Homem-Aranha continuava a esmurrar seu peito e seu rosto, *compreendo de uma forma que jamais pude compreender antes*.

Que tolo ele havia sido. Durante todo aquele tempo, ele tinha sentido medo de um homem em uma máscara ridícula.

Talvez dentro dele, contudo, Sergei continuou a pensar, *houvesse algo mais. Algo grande, algo horrível. A própria essência do demônio que levou a Rússia à ruína. O mesmo que destruiu meu pai e consumiu a vida da minha mãe*.

O Homem-Aranha levou a mão para trás, para desferir outro golpe, mas fez uma pausa. Sergei aproveitou o momento para virar de lado e expelir uma golfada de sangue pela boca. Dois molares quicaram no chão. Os olhos de Sergei, enevoados e vidrados, se focaram em seu agressor como dois pontos de luz. Ele sorriu. Sangue escorria de seus lábios, misturando-se com o escarlate de sua roupa.

Ele sorriu para o Homem-Aranha, rindo para si mesmo. Todos os seus medos tinham sido em vão. O demônio que ele acreditava estar dentro do Homem-Aranha havia sido criado pelo próprio Sergei. Um demônio que assombrava sua vida desde que os bolcheviques expulsaram sua família da Rússia, há muito tempo.

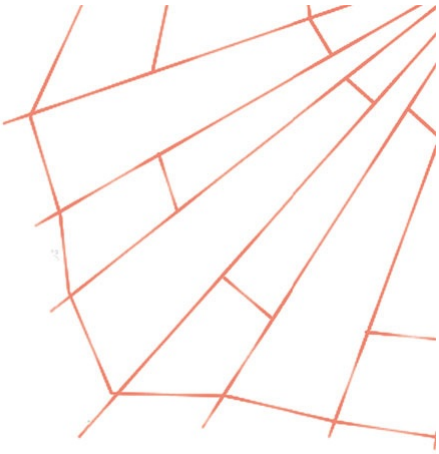
Um demônio que Sergei havia, enfim, derrotado.

Sergei sorriu, rindo de novo, e o Homem-Aranha urrou de frustração. Ele atacou de novo, deixando o Caçador com o olho roxo. Entretanto, Sergei Kravinoff, o Kraven desde que podia se lembrar, já não era mais o Caçador.

E o Homem-Aranha, aquela sombra mascarada – o espinho que o atormentava há mais anos do que Sergei gostaria –, não passava de um homem. Um homem preso em uma jaula de dor, de culpa, e agora – finalmente –, de uma derrota esmagadora.

Sergei riu alto, e os golpes continuaram vindo.

4



PRESO, ENJAULADO

... deixado para morrer, no escuro, como um animal...

Edward ganiu e se mexeu no cantinho. Ele colocou os braços sobre os ouvidos, em uma tentativa de expulsar de sua cabeça as reclamações constantes do Rattus.

... fome estou com fome...

– Cale a boca, vá embora. Me deixe em paz.

... tente de novo, Edward. Tente a jaula de novo...

– Não vai funcionar, não vai funcionar.

Edward fechou os olhos e lutou contra a dor no fundo de suas entranhas. Ele desejava ter mais coisas para beber, mas já tinha chegado a seu limite. Não haveria nada para beber ou comer durante as próximas três horas, mais ou menos.

... com fome AGORA...

– Fique quieto. Eu também estou com fome. – A barriga de Edward roncou de novo, ecoando pelo recinto, enchendo a escuridão e as sombras com um gorgolejo inquieto.

Tente a jaula de novo.

– Não. Chega de machucar. Chega de dor.

O aranha se foi há horas. Talvez ele tenha desligado a energia desta vez.

– Não quero. Dói. Dóóói.

Talvez ele tenha se esquecido. Talvez ele também se esqueça de trazer comida.

A dúvida dominou os pensamentos de Edward. Rattus tinha o dom de fazer aquilo, de apresentar a pior das possibilidades para forçar Edward a alguma ação.

... com fome, Edward, você não tá com fome?

O estômago dele roncou.

– Claro que estou. É claro.

... dias, faz dias desde que ele nos trouxe aqui para a escuridão, dias desde que nós...

– CaleabocacaleabocacaleaBOCA! – Edward colocou as mãos sobre o rosto, guinchando e choramingando, em um esforço para impedir que a voz de Rattus chegasse a seus ouvidos. No entanto, fraco e faminto como estava, Edward sabia que isso não ia acontecer.

Livres, desde que nós andamos lá em cima e comemos o que quisemos quem quisemos e eu fome...

– CALE A BOCA! – Edward ficou de pé e agitou os braços ao redor do espaço em que estava confinado, tentando espantar seu parceiro invisível. Em seguida, soltou os braços ao lado do corpo e fitou fixamente a distância, olhando para as barras de metal que sabia estarem lá.

Vá em frente, tente...

– Você sabe o que vai acontecer. Você sabe que vai machucar a gente.

Talvez não. Talvez desta vez seja diferente...

Ambos sabiam que aquilo era uma mentira, ambos sabiam o que aconteceria quando Edward tentasse atravessar as barras outra vez. Nada havia mudado nos últimos dias *(quantos foram?*, perguntou-se Rattus. *Perdemos todo o senso de tempo e espaço aqui embaixo, no frio, no escuro, na jaula do caçador).*

Ainda assim, eles não tinham nada a perder.

Edward arrastou os pés pela jaula, aproximando-se cada vez mais das barras. Ele parou logo antes do metal, olhando por entre as barras, tentando ver o que havia mais além naquela escuridão. Como sempre, tudo se resumia a Edward, à jaula e ao que ele poderia fazer em seguida.

Toque nelas, Edward. Tente a jaula de novo. Tanta fome...

– Tanta fome.

Edward levantou a mão, levando-a ao silencioso zigue-zague de aço. Ele tocou três dedos nas barras metálicas que zumbiam, e...

... a seção da jaula diante de seus olhos lampejou com uma luz fria e fluorescente. Um turbilhão de descargas elétricas correu pelas barras, convergindo no aço entre os dedos dele. A descarga subiu pelos dedos e pelo braço de Edward, queimando suas mãos e sua pele dolorida, surrada. Ele uivou e se afastou, segurando a própria mão. Agitou-a no ar, tentando conter a sensação ardida de queimação que fritava seus nervos e machucava mais profundamente do que tudo que ele já sentira antes.

Rattus gritou de frustração dentro de sua mente, e Edward se encolheu de volta ao cantinho, para cuidar de suas feridas.

– Eu disse, eu disse, você não quis escutar, e agora dóóói tanto! – Ele enfiou a mão na boca, mordendo as queimaduras, esforçando-se para não gritar.

Não funcionou.

Com fome tanta fome, Edward, precisamos nos livrar precisamos fugir precisamos comer...

Um trovão ressoou ao longe, e Edward se lembrou de como as coisas eram apenas algumas semanas antes. Ele sentia falta de sua solitária existência debaixo da cidade. Ele estava solitário, mas era livre para vagar e comer, encontrando suas refeições graças ao pendor de Rattus para a sobrevivência. Sua vida fora miserável, cheia de dor e medo, memórias terríveis e fome...

Mas nós éramos livres.

A jaula. Edward odiava, odiava, odiava a jaula. Fervendo de raiva, entorpecido pela dor, ele se levantou e se jogou contra as barras mais uma vez. Ele uivou e berrou enquanto um trovão *(ou os tambores, ou a voz que zombava de nós e nos atormentava, o homem rastejante, o homem-aranha)* estrondava lá em cima. Ele se lançou contra as barras. O metal estalou com a eletricidade, queimando suas mãos e calcinando seu peito. Edward rosnou para as barras da jaula, mostrando os dentes e cuspindo, produzindo faíscas diante de seus olhos.

Finalmente, a dor se tornou grande demais para suportar. Ele pendeu das barras por um instante, sua carne e pele derretidas prendendo-se ao aço. Ele chorou como um bebê, a língua seca, esturricada. Então chorou ainda mais, soluçando naquele lugar horrível a que havia chegado – não, a que havia sido levado pelo homem que o surrara em sua casa. Ele sabia, Edward sabia, que ele poderia ter que ficar ali para sempre. Sua barriga doía, e ele estava faminto por liberdade.

Ele rastejou para longe das barras, de volta a seu canto, e passou os dois braços ao redor de seu corpo, para tentar conter aquela dor trêmula e paralisante. Ele se balançou para a frente e para trás, curvado em resignação, imaginando quanto tempo mais aquele aprisionamento duraria.

Rattus insistiu e choramingou dentro de sua mente, instigando a psique de Edward com injeções de ódio e raiva. Rattus lhe disse o que deveria ser feito quando o momento chegasse, quando eles pudessem enfim estar livres da cruel e dolorosa jaula do Homem-Aranha.

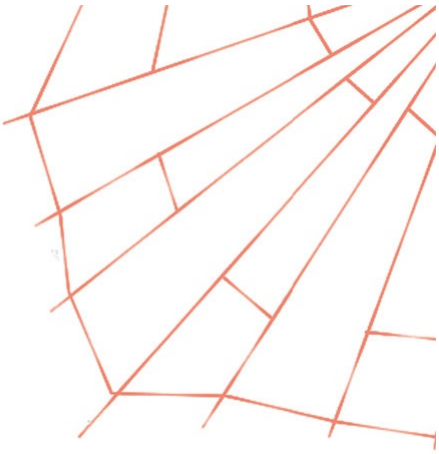
Sim, Rattus confortou Edward de sua prisão dentro da prisão. *Aí vamos nos vingar. Aí vamos nos alimentar e arrancar carne dos ossos, arrancar gordura dos*

tendões, comer onde quisermos e quem quisermos. E, sabe, Edward... ah, sabe quem vai ser nossa primeira e deliciosa refeição?

Edward assentiu, exibindo seus dentes.

– Homem-Aranha.

5



PETER METEU UM PUNHO NA BOCA DE KRAVEN e sangue espirrou dos lábios do sujeito. Uma névoa escarlate apareceu diante dos olhos de Peter.

Eu vou matar esse homem. Um de nós vai morrer aqui, e não serei eu.

Os olhos de Kraven lacrimejaram e, por um momento, pareceu que o jab de Peter danificara algo vital em seu oponente. Logo depois, Kraven olhou casualmente para a esquerda, soltando uma cusparada de sangue em seu uniforme.

MEU uniforme, ele tomou MEU uniforme e arruinou meu nome, ele arruinou minha boa reputação.

Em seguida, ele sorriu para Peter. Um brilho em seu olhar somava-se ao sorriso arrogante e enfurecedor.

Eu vou matar você, Kraven. Eu vou matar você pelo que me fez.

Peter soltou a mão de novo, enfiando um soco na barriga de Kraven. Ele esmurrou com toda potência, esperando que o Caçador revidasse. Peter levou um dos punhos para trás, agarrou a frente do uniforme de Kraven e encarou os olhos vidrados e drogados do sujeito.

Ele só está de pé ali. Como se estivesse esperando.

E talvez estivesse. Kraven não tinha se incomodado em se esconder – ele havia esperado em seu sobrado por Peter. Kraven quisera que o Homem-Aranha o encontrasse. E agora estava ali, querendo levar uma surra.

Peter não planejava desapontar o homem.

– Eu vou gostar disso, Kraven – disse ele. – Vou fazer você sentir o que eu senti, machucar você do jeito que você... exatamente como você...

Exatamente como você me machucou. Como você feriu tudo o que eu sou.

Duas semanas debaixo da terra. Duas semanas longe de Mary Jane – morto e enterrado, enquanto Kraven fingia ser ele, usando sua máscara, distorcendo e

desgraçando tudo o que o Homem-Aranha representava. Kraven cometera assassinatos em seu nome.

Sofrer seria bom demais para aquele animal.

Kraven riu, esperando passivamente pelo golpe seguinte. Então a visão de Peter ficou borrada, as luzes diminuíram, e a risada de Kraven se elevou a uma gargalhada. Diante dos olhos de Peter, outro rosto apareceu, amarelo e odioso, debaixo de um capuz laranja esfarrapado e cheio de vermes.

A gargalhada de Kraven perfurou seus ouvidos, rasgou seus ossos e sua alma. Peter fechou os olhos, chacoalhando a cabeça para dissipar a alucinação.

– Não – choramingou ele, subitamente com medo. – Não, isso não é real, estou fora agora, eu escapei...

(Assassinato, Peter? A voz de Ned rouquejou nos ouvidos dele, enquanto Peter tentava retirá-la de lá. *Para mim, faz sentido. Você e a morte são velhos camaradas, se lembra? Diabos, são mais do que isso. Uma equipe. Homem-Aranha e Morte, sua incrível amiga.)*

Peter recuou, afastando-se de Kraven e do fantasma que havia entre eles, agitando os dois braços, tentando afugentar o espírito de Ned.

– Não – murmurou ele –, não, eu... Chega de morte.

(Mate Kraven, Peter. Mate-o. Mas o que você vai ter em troca? O que você vai ter?)

O rosto de Peter se contorceu de fúria. Ele adiantou-se até o Caçador, abrindo caminho através do fantasma do Duende Macabro. Enquanto sua garganta se enchia de bile, Peter gritou e acertou mais dois golpes, atingindo o rosto e a têmpora de Kraven.

Certo, eu posso não matar Kraven. Eu não cheguei a esse ponto. Mas com certeza vou fazê-lo sangrar.

Um trovão chacoalhou a casa, reverberando nos ossos de Peter, que recuou para atacar outra vez.

– Você me escutou, Kraven? Eu vou machucar você! Vou fazer você sofrer! Eu vou...

Kraven ainda estava rindo e sorrindo. Lentamente, ele levantou os dois braços e expôs as duas mãos, rendendo-se, então enxugou o sangue de sua bochecha. Quando Kraven falou, sua voz já não possuía seu característico rosnado grave.

– Me bata de novo, Homem-Aranha – disse ele, suavemente e cheio de paciência. – Me bata cem vezes. Eu não vou resistir. Não vou lutar.

Confuso, Peter relaxou a mão que segurava o uniforme de Kraven. A adrenalina começava a retrair seus músculos e seu sangue, deixando-o perdido e desapontado.

Lute comigo!, gritou Peter em sua mente, observando seu inimigo, em busca de algum truque. *Lute comigo, Kraven – parta pra cima de mim com seus punhos enormes e carnudos, me deixe acertar a sua cabeça. Vamos! Eu quero lutar. Eu quero bater em alguma coisa! Eu quero ma…*

Peter retesou a mão que segurava Kraven e aproximou seu rosto do dele, entrando no raio do cheiro avassalador de ervas e suor de seu adversário.

– Lute comigo, droga!

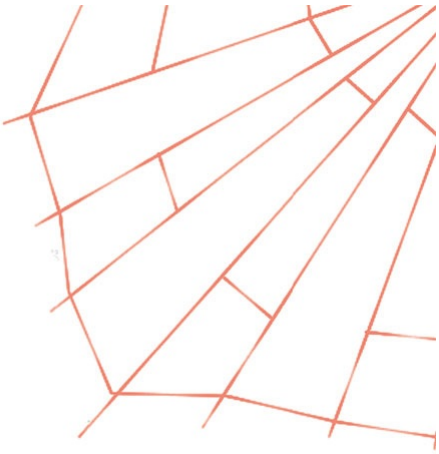
Kraven riu.

– Não. Não há motivo para brigar.

– Do que você está falando?

– Não vê? – perguntou Kraven, sorrindo e exibindo uma porção de dentes quebrados, os olhos vidrados, refletindo o sangue em seu rosto. – Não entende, Homem-Aranha? Eu finalmente venci.

6



OUTRO TROVÃO ESTREMECEU AS VIDRAÇAS. Os raios formaram arcos pelo céu, e nuvens tempestuosas se reuniram na porta de entrada do sobrado de Sergei. O Homem-Aranha recuou, confuso.

Ele não compreende, pensou Sergei. *Minha vitória só será completa quando ele compreender*.

Sergei se afastou e começou a erguer sua roupa sobre o peito, despindo sua segunda pele conquistada a duras penas – o uniforme de sua presa.

– Eu "matei" você, Homem-Aranha. Enterrei você na terra, removi você do jogo.

Um trovão estrondou pelo teto, enquanto Sergei continuava a retirar seu uniforme.

– E aí, tomei o seu lugar.

– Você me drogou, Kraven. Me colocou em um estado que simulava a morte, mas...

Sergei tirou o traje de Homem-Aranha e ficou nu no centro da sala. Ele escutou o trovão e o imaginou como o som de um tambor tribal, proclamando sua vitória à incessante tempestade.

– Você poderia estar morto, se eu assim o desejasse – explicou ele. – Não vê? Só lhe permiti viver para que pudesse *saber* que eu matei você.

Sergei soltou a máscara no chão, jogando-a em cima do uniforme descartado, então se levantou para encarar seu perplexo inimigo. Sua baleia branca.

Sorrindo, ele espetou um dedo acusatório no peito do Homem-Aranha.

– Ao colocar seu uniforme, Homem-Aranha, ao substituir você, eu provei que sou, de todas as maneiras, melhor do que você. Superior a você.

Sergei se virou e foi até a mesa nos fundos da sala. Horas antes, ele retirara dali o incenso e o restante da parafernália, jogando-os fora junto com seus troféus, segundo os quais ele definira a maior parte de sua vida. Ele manteve um pequeno número de mementos – Elefante, Tigre e alguns outros –, mas os movera para outras áreas sagradas de seu complexo.

Essa câmara já sobreviveu à sua utilidade, pensou ele, olhando ao redor para ver se algum traço de sua batalha com as aranhas podia ser visto. É claro que não. Aquilo aconteceu dentro da minha cabeça. Não foi? Não importava. Se ele imaginara sua batalha com um deus-aranha de pesadelo, ou se suas poções e alucinógenos tinham alterado sua percepção dos eventos, isso havia ficado no passado. As únicas coisas que permaneciam no presente eram Sergei, despido e glorioso, transcendente em seu triunfo, o Homem-Aranha, emocionalmente esfolado e confuso, ansioso por vingança, e o traje cerimonial de Kraven, exposto na mesa para um último show.

O vento uivava lá fora, atravessando uma janela despedaçada nos fundos da sala. Um borrifo de chuva salpicava o piso.

Sergei prendeu um tapa-sexo ao redor de sua cintura, amarrando-o apertado, depois envolveu os dois braços em faixas de pele de animal. Ele amarrou tiras de couro em seus antebraços, para prender a pele no lugar, e em seguida colocou um colete e jogou uma juba de leão sobre os ombros. Ele havia trazido aquela juba das planícies africanas muitos anos antes, vestindo-a para honrar o grande rei de quem a tirara, após dias de uma cruel batalha nos pântanos perto da cratera Ngorongoro. Ele a vestira várias vezes desde então, não como um troféu, mas para relembrar como era ser um rei, como era ser nobre. Seu coração se encheu de júbilo, sabendo que sua vitória lhe permitiria realizar aquele sonho: o de finalmente trazer nobreza, honra e dignidade para o nome Kravinoff.

Ele girou sobre os calcanhares, dirigindo-se para a porta, e saiu da sala sem lançar um olhar para trás. Sergei podia sentir os olhos do Homem-Aranha queimando suas costas, a presença de seu inimigo lançando sombras sobre cada passo seu.

O Aranha ainda tinha que compreender tudo – aquilo fazia parte da dança, parte do plano de Sergei. Sergei mostraria a Verdade ao homem debaixo da máscara. E, quando ele compreendesse, quando o Homem-Aranha finalmente conseguisse ver através dos olhos do Caçador, eles compartilhariam da Verdade. Regozijariam com ela. Aceitariam-na.

E então, pensou Sergei, *nós dois seremos livres*.

Ele deixou a sala, foi para o corredor e seguiu até uma porta na ponta oposta da casa.

– Siga-me, Homem-Aranha.

O escalador de paredes hesitou, indisposto a se entregar às exigências de Sergei.

– Você espera que eu simplesmente...

– Você tem sentidos especiais que o alertam do perigo, então sabe que não há armadilha à sua espera lá embaixo.

– Sim, mas...

Sergei se afastou.

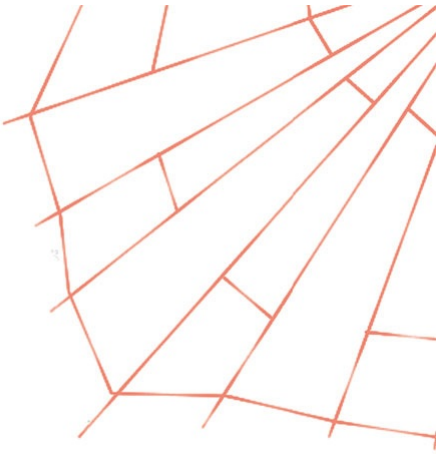
– Venha comigo.

O Homem-Aranha ainda hesitou, mas acompanhou Sergei até a porta, descendo o corredor.

Ele vem. Sergei sorriu para si mesmo.

O que mais ele poderia fazer?

7



MUITO TEMPO DEPOIS DE PETER TER PARTIDO, Mary Jane ainda continuava na janela. Seus dedos batucavam com força contra o parapeito. Ela observava a escuridão lá fora, procurando pelo macacão escarlate e cobalto por entre as gotas de chuva.

Ele estava de volta. Depois de toda a preocupação, frustração e lágrimas, Mary Jane finalmente teve o homem que amava de volta em seus braços – mas apenas por uma hora. Agora ele tinha ido embora mais uma vez, estava fora de sua vista, enfrentando o perigo e a possível morte.

De novo.

E aqui estou eu, pensou ela, *sozinha com a dúvida e o medo, incerta se ele vai voltar ou desaparecer por mais duas semanas. Ou morrer. Aqui estou eu, sozinha.*

De novo.

Saber que Peter estava vivo e que não era o assassino cujos feitos tinham estampado as primeiras páginas do *Clarim* inundou-a de uma sensação de alívio. Ao menos ela não estava louca – seus medos e desconfianças tinham fundamento. Nada disso, porém, facilitava seu sono ou acalmava o pânico que se espalhava em suas entranhas. Ela não estava mais próxima de tomar uma decisão agora do que antes de Peter chegar em seu parapeito, ferido e cheio de hematomas, e cair em seus braços.

Arrastando os pés, MJ voltou para a cama e para a pilha de roupas jogada sobre os lençóis. Ela cutucou o chão, passando o dedo do pé por uma pilha de terra. Lama de cemitério, sem dúvida, caída do uniforme de Peter quando ele passara pela janela.

Eu devia limpar isso. Ele não vai querer ver isso quando voltar. Se ele voltar.

Ela empurrou a sujeira para debaixo da cama com o calcanhar.

Você está enrolando, ela se censurou. *Está saindo pela tangente e arranjando desculpas triviais, como sempre faz, porque está com medo demais para lidar com a realidade.*

Ela correu as mãos por sua blusa e seu jeans, seus itens essenciais e sua armadura contra o mundo real e, com frequência, doloroso, que ameaçava despedaçá-la. Ela fitou seu armário, pousando o olhar sobre as roupas que deixara ali, debatendo consigo se era melhor esvaziar tudo ou começar a desfazer as malas.

Colocou uma das mãos sobre uma mala aberta a seus pés. Ela começara a empacotar suas coisas quase que por reflexo. Durante a maior parte de sua vida, sempre havia abandonado todos os laços, evitando dramas ou fardos emocionais. Aquela era a vida que ela levava, até uma tia bem-intencionada apresentá-la a um zé-ninguém chamado Peter Parker. Antes, quando a coisa ficava pesada, Mary Jane dava no pé.

Mas o zé-ninguém revelou estar longe de ser de fato um zé-ninguém, e Mary Jane, na verdade, acabou agindo de forma muito menos superficial e desapegada emocionalmente do que gostaria. Então, agora ali estava ela, com uma mala a seus pés, em um estado que podia ser descrito como meio cheia ou meio vazia – e nem um centímetro mais perto de tomar uma decisão do que estivera naquela manhã.

Fico e me transformo na viúva do policial? Aguento desta vez e descubro uma força interior para conseguir esperar pacientemente, torcendo e rezando para que meu namorado chegue em casa vivo?

Ou corto o vínculo e fujo, como sempre fiz, deixando Peter focar sua atenção onde ela precisa estar – na cidade, nas responsabilidades dele, no próprio Parker?

Ela brincou com a etiqueta da bagagem, enquanto escolhas rolavam em sua mente e ela tentava ver os prós e contras de cada uma. Se ela ficasse, seu amor por Peter – e o dele por ela – daria a MJ a força para suportar aqueles momentos, aquelas noites, ou até semanas, sem receber notícias dele, apenas esperando o telefone tocar.

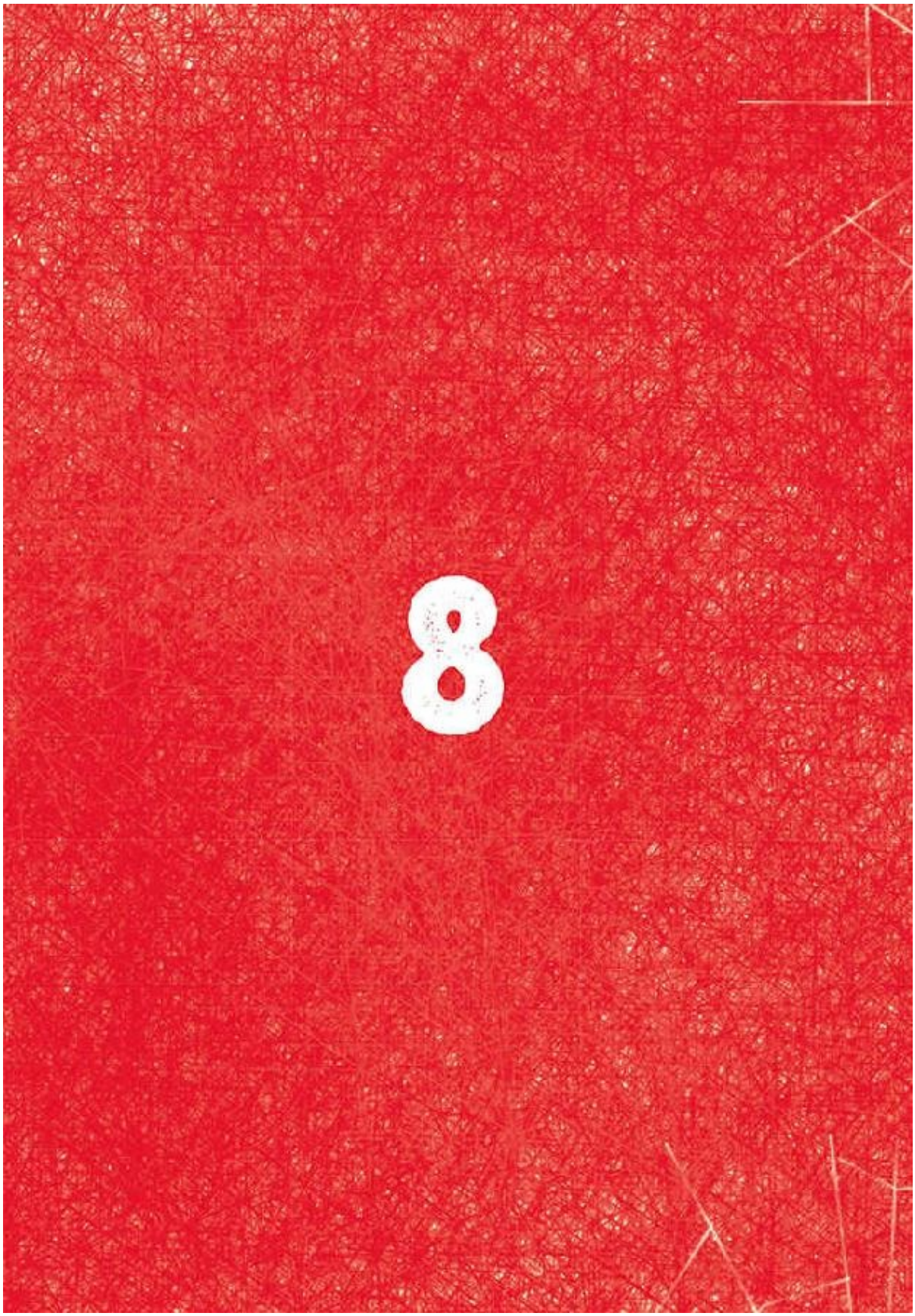
Partir, no entanto, era tão mais natural. Apesar da história deles, apesar de todos os segredos que Peter havia compartilhado com ela, os segredos eram dele. O drama era *dele*. Talvez fosse melhor ir embora antes que as coisas piorassem, antes que eles ficassem muito comprometidos um com o outro. Ela tinha dúvidas se podia lidar com o estilo de vida dele, se tinha a força interior necessária para isso. E, se ela tinha dúvidas, o momento de resolvê-las era

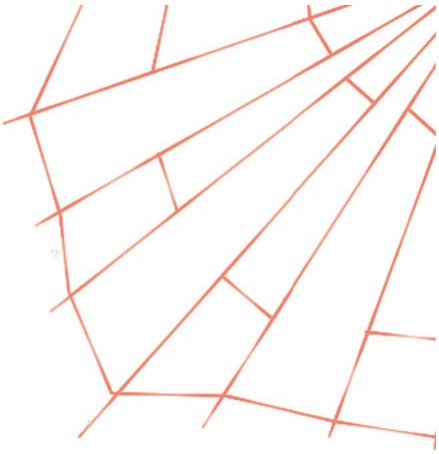
agora. O momento de partir era agora, antes que as coisas ficassem sérias demais.

Mas elas já estão sérias, não estão? Digo, ele me contou que é o Homem-Aranha. Passei duas semanas tentando encontrá-lo. Eu deveria ficar.

Pensei que ele estivesse morto, e isso quase me matou. E agora está acontecendo de novo. Eu deveria ir embora.

Mary Jane dobrou e redobrou as roupas. Conforme as horas passavam, ela pesava suas escolhas várias vezes, mas não se aproximava de uma decisão.


8



O HOMEM-ARANHA RASTEJOU pelo teto da casa de Kraven, seguindo o Caçador mais para o interior de seu covil. A cada passo, Peter esperava que uma sensação de formigamento começasse na base de seu crânio, que seu sentido de aranha o alertasse de algum perigo. Ele se lembrou de como o dardo de Kraven havia causado um pandemônio em seus poderes duas semanas antes, e jurou empregar cautela adicional. Kraven o levou por um longo corredor e desceu por uma escadaria até uma sala de jantar ornamentada.

Duas semanas. Peter repetia isso como um mantra, deixando que alimentasse sua raiva. Aquele estranho encontro e o comportamento contido de Kraven o deixavam inquieto. Ele não queria perder a sensação de fúria justificada, aquele ódio incandescente. De um jeito ou de outro, ele planejava fazer Kraven pagar pelo que havia feito. Pelas duas semanas que o Caçador havia lhe roubado.

A sala de jantar estava cercada por uma série de troféus de caça fixados nas paredes. Cada um exibia um animal diferente que Kraven capturara e decapitara por esporte. Peter se moveu para o meio do teto, contornando um lustre magnífico para evitar os pobres animais da selva – estava relutante em encontrar com o olhar vazio daqueles olhos sem vida.

(mortos eles estão mortos como o aranha não há aranha nenhum)

Sua visão ficou borrada. Por um momento, ele estava de volta ao túnel, forçando-se a sair do cadáver inchado do Aranha. Uma risada louca e alegre enchia seus ouvidos. Ele olhou para cima e viu o Aranha pregado em uma placa pendurada na parede, lado a lado com uma máscara vazia do Homem-Aranha.

(não existe homem-aranha eu sou um homem não uma máscara)

Peter teve que morder o lábio para tentar clarear sua visão. A despeito de sua rápida soneca no apartamento de Mary Jane...

(*dormiu como um morto, sim, dormiu)*

... ele ainda não havia eliminado toda a droga de Kraven de seu organismo. O aumento na frequência de alucinações perturbadoras o preocupava. Ou os efeitos do dardo estavam piorando duas semanas depois, ou o incenso que permeava a casa tinha começado a afetar seu bem-estar mental.

Tenho que terminar isso depressa, tenho que sair daqui ou vou...

(... ou você está morto você está morto não é o seu coração pulsando você está morto há duas semanas)

Ele balançou a cabeça, fechou os olhos e os esfregou vigorosamente. Seu coração saltou como louco por um instante, enquanto ele tentava recobrar seus sentidos. Hesitante, ele estancou no teto de Kraven, com os olhos fechados e a visão escurecida.

(tão escuro debaixo da terra debaixo do chão por duas semanas)

Peter abriu os olhos e viu Kraven lá embaixo, de pé, pacientemente esperando à porta. Peter engoliu em seco e contou até dez, escutando sua pulsação...

(*caBRUUUM)*

... por um momento antes de prosseguir.

Kraven convidou o Homem-Aranha a acompanhá-lo. Peter se movimentou pelo teto até uma despensa cheia de carne, hortifrútis e temperos.

Kraven contornou caixotes e latas, depois empurrou as mãos contra a parede dos fundos. Usando um par de dobradiças secretas, girou a cantaria para um lado, revelando, depois da despensa, uma ampla escadaria em forma de arco, que espiralava e descia pela escuridão. O pânico tomou o coração de Peter. Seu corpo parecia indisposto a se aventurar e a descer por aquela escada negra e fria.

Kraven sorriu e olhou para trás, repetindo o convite. Ele estendeu firmemente a mão e pegou uma vela de uma das prateleiras da despensa, depois a acendeu com um fósforo que estava por ali e começou a descer a escada. A escuridão retinta e espessa o recebeu avidamente, engolindo-o por inteiro.

Peter hesitou, os dedos se flexionando contra o teto, enquanto um suor frio brotava em suas costas. Seu coração latejava contra o peito, e ele se forçou a respirar, inspirando e expirando, ao mesmo tempo em que reunia coragem para seguir Kraven.

(venha agora)

A distância, olhos o observavam no túnel, e ele então se preparou para enfrentar seus inimigos. O Aranha era forte e destemido. O Aranha sempre vencia, ao contrário daquele covarde.

(Eu sou)

Ao contrário daquele que pode morrer.

(Eu sou)

Eles o esperavam na escuridão. Esperavam no túnel, onde o Aranha podia ser ferido, onde eles podiam matá-lo. Duende e Rino. Ned Leeds. Joe Face. Eles esperavam para matar o Aranha.

(Eu sou Peter Parker e tenho que me livrar disso)

– Eu sou um homem, não uma máscara – Peter disse em voz alta, enquanto se aproximava da escadaria. – Sou o Homem-Aranha, Kraven, e estou indo pegar você.

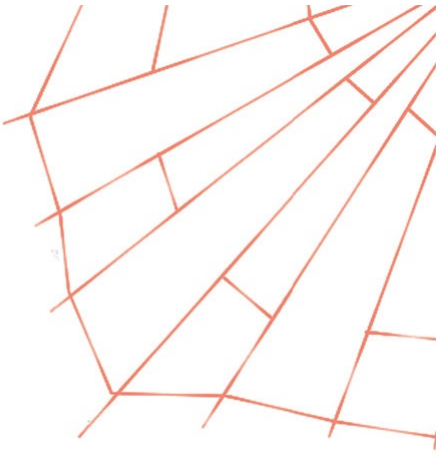
Um lance abaixo, Peter encontrou um par de braseiros acesos, lançando luz contra paredes de pedra bruta. Kraven estava no lance seguinte, descendo devagar, com um passo elegante. Peter rastejou pela parede, de olho em uma possível armadilha. Kraven continuou, penetrando as entranhas de seu complexo. Depois de seis andares e dezesseis braseiros, eles alcançaram o fundo. A escadaria se abria para uma caverna ampla e mal-iluminada.

Ali, sob espessas estalactites, pousando no meio de uma nuvem viscosa de incenso púrpura, estavam dois itens: o elefante de Kraven, empalhado sobre um pedestal de bronze, e uma estreita jaula de metal, pendurada no teto por uma corrente enferrujada. Dentro da jaula, exausta e esparramada contra o xadrez de barras de ferro, jazia uma silhueta familiar. Vestido em uma calça jeans, com o pelo emaranhado, queimado e imundo, o habitante solitário do porão de Kraven segurava seu cárcere com dedos enegrecidos, presos em torno das barras, que faiscavam e chispavam eletricidade.

Kraven deu um passo na direção da jaula, apanhando uma tocha de uma fogueira, aproximando-a para iluminar seu hóspede. Peter saltou do teto e aterrissou em um baixo afloramento rochoso, deixando que seus olhos se ajustassem à escuridão. Ele encarou a cena por um momento, debatendo consigo mesmo se podia acreditar no que via. Depois de se dar conta de que aquilo não era outra alucinação, o Homem-Aranha deu voz a uma simples pergunta – uma única palavra, nada mais:

– Rattus?

9



SERGEI DESCEU PELA ESCADA, prestando atenção no som do gesso se soltando e da pedra desmanchando sob seus pés. Ele caminhava regiamente, com as mãos ao lado do corpo e os braços balançando na cadência de seus controlados passos. Sergei se movia como o Leão, orgulhoso e confiante, enquanto rumava para o fosso onde se encontrava seu prisioneiro, permitindo que o inimigo o seguisse em seu próprio ritmo.

Ele não tinha malícia em seu coração nem sentia necessidade de se gabar de seu triunfo, ou de rir com júbilo na cara de seu oponente vencido. Sentia-se sereno. Embora seu rosto permanecesse estoico, a paz irradiava de seu coração. Ele sentia algo em seu peito, um calor que não experimentava desde seus dias de filhote, quando em casa com sua mãe e seu pai.

Todos esses anos, matutou Sergei, *fugindo da Rússia e sufocando na América... Encontrando alívio e honra nas selvas do mundo. Todo esse tempo, e eu nunca conheci paz ou calma.*

Eu nunca conheci felicidade.

Ele combateu o impulso de sorrir, de correr escada abaixo e terminar logo com aquilo. Ele colocou a palma da mão no peito e sentiu o coração batendo firme e estável debaixo da juba do leão. Enquanto prosseguia pela escadaria, ele acendia as tochas antigas e aguçava os ouvidos, para se certificar de que o Homem-Aranha ainda o acompanhava de perto.

Eu me sinto como se agora conhecesse, pensou ele. *Felicidade. Ela está por perto. Talvez fora dessas paredes, escondida no cair da chuva ou na batida feroz e vibrante dos trovões.*

O pé de Sergei tocou o último degrau, passando pelo maior e mais ornamentado braseiro de sua coleção – um que sempre ficava aceso, desde que ele levara seu maior troféu para baixo da superfície de sua casa. Ele ergueu uma

tocha feita à mão e usou as chamas do braseiro para acendê-la, iluminando aquilo que esperava pelo Homem-Aranha lá embaixo. Conforme a tocha ganhava vida, o coração de Sergei também cintilava, com paixão e propósito. Ele sabia que havia chegado o momento de finalmente declarar seu triunfo sobre aquilo que dominara a sua vida.

Em breve. Paz, felicidade, um final. Em breve.

Sergei seguiu na direção da jaula, balançando sua tocha em um gesto amplo, para oferecer ao Homem-Aranha uma vista clara e desobstruída. Ele queria mostrar ao homem sob a máscara o que ele, Sergei Kravinoff – anteriormente Kraven, o Caçador, anteriormente o Aranha –, havia conseguido.

O Homem-Aranha saltou do teto e aterrissou em uma pequena protuberância acima da jaula, agachado e pronto para atacar.

– Rattus? – perguntou ele, como se incapaz de acreditar em seus olhos.

Sergei riu longamente, baixinho, enquanto dava voltas em torno da jaula eletrificada.

– Sim – replicou ele –, seu antigo inimigo, Rattus. A quem os jornais estavam chamando de Assassino Canibal.

Sergei se agachou diante do rosto de Rattus, espiando o interior da jaula, para ver se o homem-rato ainda estava vivo. Pelo jeito como Rattus pendia contra as barras, a cabeça frouxa sobre os ombros, Sergei não tinha como ter certeza. Não importava: ele havia capturado seu troféu, conquistado sua vitória. Naquele momento, Rattus não passava de outro animal para enfeitar sua parede.

Sergei se voltou para o Homem-Aranha.

– Sabemos o que o Rattus é de verdade, não? A fusão perfeita entre homem e animal. Uma fera vil, atormentada e linda. – Ele levantou mais a tocha, permitindo que a luz penetrasse a escuridão ao redor do rosto do Rattus, mostrando ao Homem-Aranha seu troféu alquebrado. – Uma fera que eu surrei e capturei.

Um trovão rugiu acima da casa – abafado e distante, na masmorra de Sergei, mas ainda alto o bastante para abalar os dois. Alto o bastante para alarmar o Aranha e plantar um início de inquietude no coração de Sergei.

Não, ele disse a si mesmo. *Não, a felicidade espera. Você a escutou na chuva. Você sabe disso pelo chamado do trovão.*

Ele se aproximou de Rattus e tentou ver a alma da criatura, se ela ainda estava ali. Rattus lentamente abriu os olhos e sustentou o olhar de Sergei. O

homem-rato se encolheu, movendo a cabeça para o lado. Ele soltou as barras, em uma agitação apavorada de pelos queimados e metal retinindo.

O Homem-Aranha pousou no chão e adiantou-se até a patética criatura enjaulada.

– Eu podia sentir essa criatura lá fora, Homem-Aranha – continuou Sergei. – Eu toquei a alma do Rattus, e então soube que papel ele desempenharia em nosso joguinho.

Rattus gemeu, rastejando para longe do toque de Sergei e do contato abrasador das barras. Ele soluçou, grandes lágrimas escorrendo de seus olhos vermelhos e remelentos.

– Sair... – disse ele, implorando, em um cochicho sibilante. – Sssssair. *Por favoooor,* me deixe ssssair!

Sergei estava ciente do Aranha se aproximando furtivamente de suas costas. Ele sorriu, e a luz do fogo dançou em seus olhos, enquanto ele enfiava a tocha pelas barras da jaula. Ele a inseriu com cuidado, evitando o contato com as barras eletrificadas.

– Rattus era o teste final – declarou ele, lançando, sobre os ombros, o comentário para o escalador de paredes. – A prova final. Você foi incapaz de derrotá-lo sozinho. Na verdade, você e o Capitão América mal conseguiram fazê-lo juntos.

Ele olhou para trás, para o Homem-Aranha, e sorriu na direção do lançador de teias.

– Mas *eu* o derrotei.

Sergei virou-se de frente para a jaula de novo. Ele estendeu a tocha até Rattus, e as sombras se alongaram na parede.

– Olhe para ele: um ratinho chorão, aterrorizado, patético. E fui eu que fiz tudo isso.

Sergei riu, alta e demoradamente. Sua voz retumbante ecoou pela caverna, dançando nas sombras e voltando a se juntar a eles, perto da jaula.

– Eu. Fiz. Isso – repetiu ele, deixando que a declaração afundasse no peito de seu inimigo.

Sergei jogou a tocha dentro da jaula. Ela quicou pelo chão, faíscas voando longe e quase queimando a pele já enegrecida de Rattus. O roedor guinchou e se encolheu, os olhos arregalados, apavorados.

– Não, não me queime! Não me queime maisssss, por favoooor!

Sergei sorriu de novo, observando Rattus fugir da tocha e se encolher, então algo passou por ele, afastando-o com uma cotovelada. Sergei captou um

vislumbre de vermelho e azul, enquanto o Homem-Aranha saltava para o teto. Rattus uivou, se afastando das chamas.

Sergei recuou e observou, esperando para ver o que o Homem-Aranha faria. *Ele rasteja para cima, cheio de compaixão pela criatura acovardada. Por dentro, porém, será que ele se delicia em segredo com o tormento de Rattus?*

O Homem-Aranha deu a volta para ajudar Rattus. No entanto, quando o homem-rato viu o Aranha, se esqueceu das chamas e da eletricidade e correu pela jaula, gritando.

– Homem-Aranha! Nãonãonãonãonão!

Mas é claro, Sergei se deu conta. *Tudo o que o Rattus sabe é que o Homem-Aranha o caçou, o capturou e o humilhou. A visão daquele uniforme – de seus olhos frios e brancos – deixa o ratinho maluco, independentemente do homem que está debaixo da máscara. Rattus não compreende que fui eu, Sergei, quem o derrotou e o surrou, não o débil paladino vestindo a pele do Aranha – o homem que eu já havia quebrado, humilhado e substituído.*

Enquanto o Rattus se joga contra as barras – suportando a tortura por que vem passando há dias –, seu algoz, o Aranha, faz o que pode para aliviar sua dor.

O Homem-Aranha disparou uma teia no braseiro aceso, sufocando as chamas. Ele girou o punho e puxou a tocha fumegante para fora da jaula, jogando-a de lado e fazendo-a aterrissar inofensivamente perto dos pés descalços de Sergei.

Ele faz o que pode para ajudar o Rattus, depois desce outra vez pela parede, voltando sua fúria sobre mim. Sobre mim! Sergei conteve sua risada, com os dentes cerrados. Ele cruzou os braços e esperou que o Homem-Aranha viesse, continuando sua resoluta busca por vingança não correspondida.

Ele me culpa, esse homem. Esse tolo usando a pele do Aranha. Que piada fenomenal.

O Homem-Aranha estendeu a mão e agarrou a juba de Sergei, a pele cerimonial do leão jogada ao redor de seus ombros. Ele puxou Sergei para baixo, para que sustentasse seu olhar. Sergei continuou sorrindo, mostrando os dentes, sem querer dar ao homem nenhuma falsa satisfação ou imerecido triunfo. *Esta noite*, pensou Sergei, *esta noite eu posso ver que o homem a quem julguei uma Fera – o homem de quem escolhi retomar a honra de minha família –, esta noite eu vejo que ele, além de tudo, também é ignorante.*

– Eu já me cansei de você – disse o Homem-Aranha, com uma voz áspera e rouca. – Está me ouvindo? Você acha que pode simplesmente... virar minha vida de ponta-cabeça e depois ficar aí? Você acha que pode... – O Homem-

Aranha agitou os dois punhos e segurou a juba de Sergei com mais força. – Bem, você *não pode!* – bradou ele.

Pobre homem, pensou Sergei, rindo para si mesmo. *Pobre tolo iludido.*

Sergei fitou os olhos do Homem-Aranha e relembrou os encontros anteriores entre eles – as batalhas infrutíferas e a caçada interminável. *Minha primeira impressão do Homem-Aranha estava correta. Esse homem – esse saco de carne e emoções – não é um arquidemônio, não é nenhuma grande Fera. Que terrível, que frustrante que um homem como esse tenha sido capaz de me derrotar até agora. Que tolo ele parece sob essa nova luz reveladora. Como é totalmente ingênuo. Ele não compreende o que é honra ou dignidade, apenas o que é fúria e vingança – e compaixão por esse derrotado rato enjaulado.*

Sergei ergueu as mãos, posicionou-as por entre os punhos fechados do Homem-Aranha e afastou os dois braços dele para os lados, com um movimento de luta sutil, mas hábil, que aprendera na Índia. Livre do Homem-Aranha, Sergei passou correndo por seu inimigo, com uma careta de desprezo. Ele saltou sobre o Elefante e montou naquele seu magnífico troféu. Olhou para baixo, para o herói e o monstro, a prisão e o prisioneiro – Homem-Aranha e Rattus, ambos presos em jaulas fabricadas por Sergei.

Eu já fui ingênuo, lembrou-se Sergei, *antes de deixar esse corrupto arremedo de civilização para trás.* Antes que pudesse compreender as artimanhas e maquinações de sua própria Fera. Antes de ele encontrar a honra e a dignidade que sua família perdera quando seu país – e seus pais – caíram diante do Aranha. Ele tinha sido ingênuo a bordo dos cargueiros e traineiras do oceano, pelos países que atravessara, até encontrar propósito, renovação e conhecimento nas selvas primitivas da África.

Porém, agora eu sei, Homem-Aranha. Eu compreendo, meu enganado inimigo. As falsas Verdades foram arrancadas, e a Fera real revelou seu rosto. Aqui em minha casa, eu enfrento tanto meu antigo inimigo quanto meu opositor mais irritante.

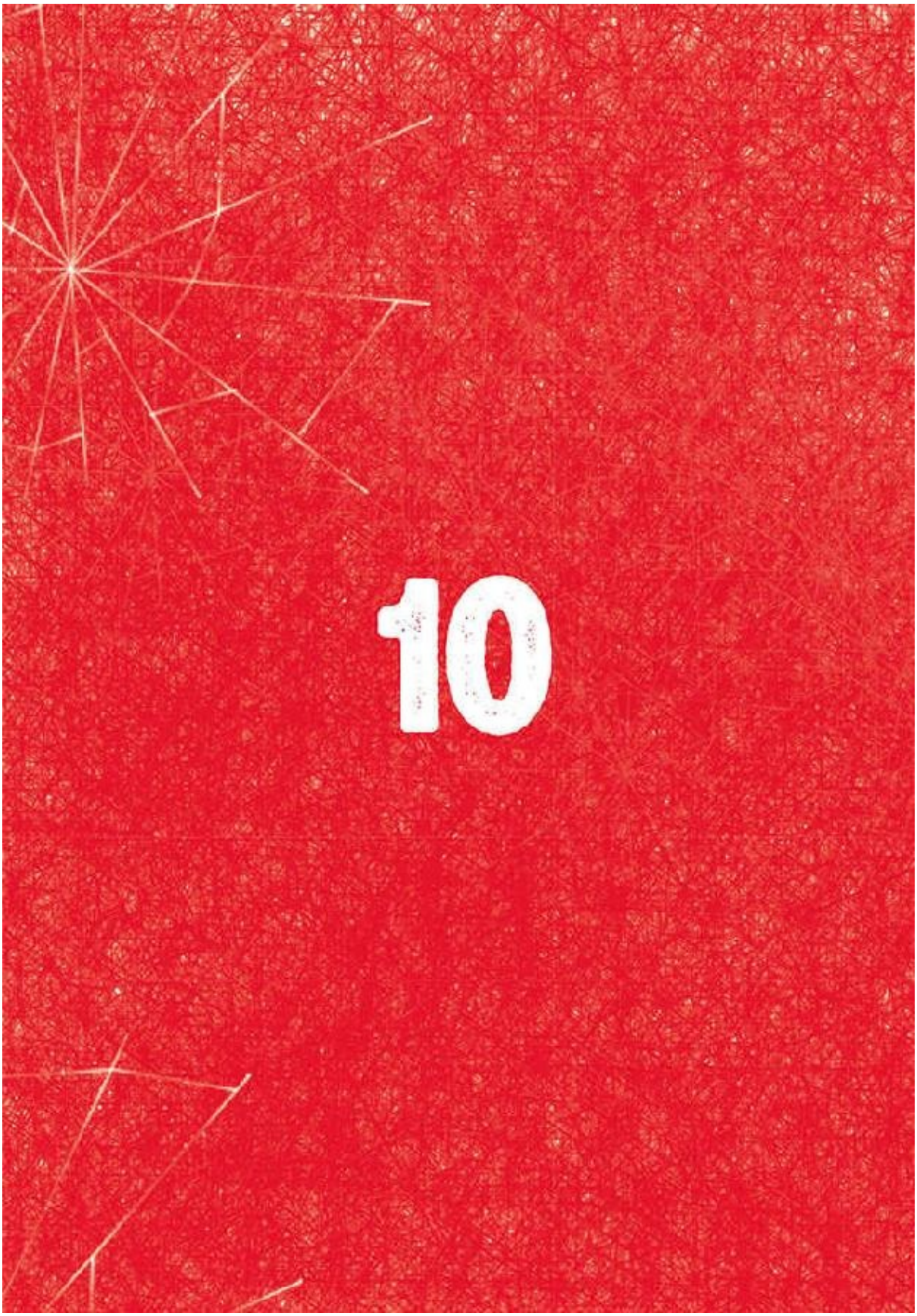
E ele sou eu.

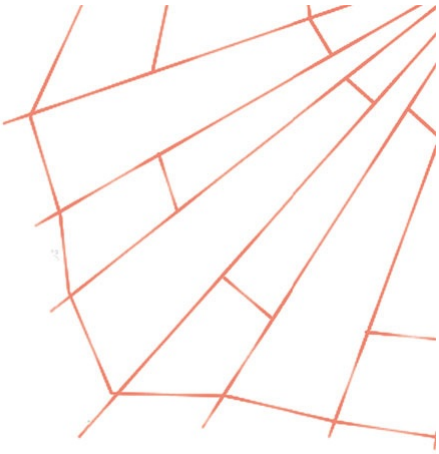
Em cima do Elefante, Sergei recuou e emitiu um rugido primevo e gutural, que viajou pela câmara e ecoou pelas paredes da caverna. Ele agarrou o imenso corpo do paquiderme e enfiou os dedos na pele dele, os nós dos dedos empalidecendo, enquanto ele fechava os olhos e rosnava outra vez. Ele sentiu uma onda de calor se erguer do fundo de seu peito. O fogo irradiou para os braços e para o peito de Sergei, alimentando seu grito de exultação.

Me escute, Aranha. Me escute, homem.

Escute o berro do Elefante e o rugido do Leão proclamando minha vitória…

... o triunfo de Kraven.


10



O GRITO DE VITÓRIA DE KRAVEN penetrou os ouvidos do Homem-Aranha e se enterrou em seu crânio. O peito de Peter se confrangeu de ansiedade e irritação, sua respiração saindo rápida, ofegante e desesperada. As paredes pareciam estar se fechando. A risada de Kraven o cercou, envolvendo-o em um abraço zombeteiro, sufocante. Ele quase desejou que seu sentido de aranha disparasse, para afogar a voz de Kraven em uma inundação de dor, zumbidos e vibração.

A risada se fragmentou, estilhaçando-se em milhares de uivos intensos, que se elevaram em tom e volume, transformando-se em uma estridente gargalhada. Fiapos de incenso se enrodilharam aos pés de Peter, rodopiando e enchendo a caverna. A fumaça obscureceu o rosto de Kraven e forçou o Homem-Aranha a piscar para afastar uma onda de lágrimas ardentes.

Peter abriu os olhos e viu uma névoa arroxeada. Ele avistou o Caçador no topo de seu elefante – mas não era mais Kraven, e sim o contorno espichado e laranja de Ned Leeds, o Duende Macabro.

Silhuetas indistintas dançavam, entrando e saindo da bruma, esvoaçando em torno da capa esfarrapada do Duende Macabro. Amigos, inimigos, pessoas perdidas e amadas. Nos fundos, rastejando, com oito pernas esqueléticas a impulsioná-la pela parede quase invisível da caverna, estava a grande Aranha morta: mais uma baixa na luta de Peter para estar à altura de suas responsabilidades.

Ele se agachou e se preparou para lutar com o Duende Macabro, para atacar a Aranha morta-viva, mas seus dedos estavam entorpecidos, ele não conseguia se conectar aos disparadores de teia presos a seus pulsos.

Vamos lá, cara. É a fumaça. É Kraven brincando com a sua mente. Não é... não é real.

Mas parecia muito real. A garganta de Peter começou a travar, sua traqueia se comprimindo, enquanto uma sensação de terra caindo, desabando, deslizava pelo seu corpo febril. Ele olhou para cima, encarando o teto com olhos arregalados, e uma súbita visão de estalactites caindo fez Peter se encolher e dar um passo para o lado. Ele chacoalhou a cabeça de novo e se virou para o Duende Macabro...

Kraven! É o Kraven. Foi ele que pôs você debaixo da terra, na cova. Foco, Parker!

... em vez disso, Peter ficou cara a cara com fileiras de arruinadas lápides espetadas na terra, cada uma exibindo o nome de alguém que ele conhecia.

– Não – gemeu Peter –, não, isso não é real... não de novo. Por favor, pare.

(Um cemitério, Peter?, a voz de Ned veio outra vez em seu ouvido. *Homens mortos, aranhas mortas. Faz sentido para mim. Homem-Aranha e Morte, uma parceria para entrar na História.)*

– Não – gritou ele, a voz um pouco mais do que apenas um sussurro. – Eu odeio a morte. Isso não é real.

(O que Peter Parker tem a ganhar com isso?)

As lápides passaram dançando por ele, provocando-o com um déjà-vu, estimulando sua ansiedade. Oito pernas se esticaram, separando as mãos de Peter e segurando-o no lugar, forçando-o a assistir a tudo. Outros se juntaram àquela medonha tarefa da Aranha. Braços mecânicos agarraram as pernas de Peter. Asas de abutre batiam, lançando uma sombra sobre o rosto dele. Uma picada de escorpião e uma explosão de eletricidade o forçaram a despertar, enquanto mãos imensas e cinzentas, como as de um rinoceronte, carregavam as lápides adiante. As mãos então se transformaram nas lápides, exibindo rostos, há muito esquecidos, esculpidos na parte de trás delas, em relevo contrastante, lancinante.

(Diga-me o que você vê.)

– Não, de novo, não.

(*Mais fundo, Peter, você tem que ir mais fundo.)*

Fantasmas cercaram Peter, prendendo-o e empurrando nomes e rostos em seu campo de visão. Eles gemiam ao redor dele, implorando por respostas: por que ele havia permitido que eles morressem? Por que o Homem-Aranha tinha voltado, enquanto eles tinham ido embora para sempre? Eles gritavam acusações no ouvido de Peter, culpando o Homem-Aranha por sua morte.

Ele caiu de joelho, os dedos agarrando a parte da frente de sua máscara.

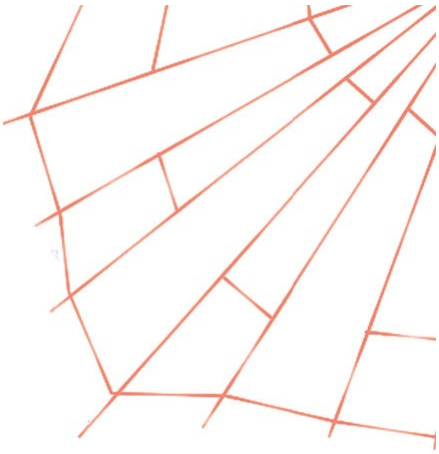
– Cale a boca, cale a boca, pare com isso.

Ele fez o que pôde para fugir daquilo, para calar a voz de Ned e a de todos os outros.

Os uivos ficaram mais altos, harmonizando-se com o martelar nos ouvidos dele, o rugido da voz de Kraven e o trovão que soava do lado de fora daquelas paredes. Uma sensação horrorosa de formigamento desceu pela coluna de Peter. Ele acolheu uma investida de seu sentido de aranha – o que significava que ele estava realmente em perigo. Ele se concentrou, determinado a bloquear os espectros que sua mente sitiada havia conjurado a partir de sua dor e de sua vergonha.

O rugido de Kraven finalmente dominou aquelas vozes. Peter se arrastou, através da névoa escura, para fora daquele cemitério ilusório. Ele se moveu na direção de Kraven e do Elefante, ignorando o chamado de seu sentido de aranha, focando-se no uivo de Kraven e no som pervasivo e percussivo dos tambores da selva. Tonto pelo incenso, Peter concentrou-se nos tambores, procurando pela pulsação que sabia jazer sob eles. Entretanto, o grito de Kraven aumentou de volume, e a cabeça de Peter explodiu de agonia. Ele estendeu a mão e segurou o elefante pelo couro, erguendo-o da base. Soltando seu próprio grito estrangulado, o Homem-Aranha lançou Kraven de costas, fazendo-o cair no chão.

11



– CALE A BOCA! – GRITOU O HOMEM-ARANHA.

Sergei se levantou sobre um dos ombros. Ele quase não se importava com o fato de o Homem-Aranha tê-lo derrubado do Elefante, ou com o súbito final de seu berro vitorioso. Ele então olhou para trás, para o vigilante furioso. A despeito da dor que percorria suas veias e seus membros, ele sentiu uma pontada de pena daquele sujeito. Pela primeira vez, o Homem-Aranha compreendia o que havia acontecido. Finalmente percebia a Verdade. E não importava o que acontecesse em seguida, nada mudaria essa Verdade.

Meu triunfo assusta você, não é? Você sabe que o jogo acabou, que você perdeu. Sergei se levantou sobre um joelho e espanou o pó de seus braços. Ele se sentou ali, encolhido na terra, e lançou um olhar cheio de dó para o Homem-Aranha, procurando algum sinal da tão esperada compreensão dentro dos olhos magoados de seu mais antigo inimigo.

Ah, ainda há um mundo lá fora para o Aranha torturar e do qual se alimentar. Entranhas para mastigar e mentes vulneráveis e frágeis para cuspir na poeira das eras. Mas o Aranha não tem mais Kraven em seu poder. E isso não apenas o assusta – mas *também o entristece.*

Sergei ficou de pé e se aproximou do escalador de paredes. O Homem-Aranha se afastou para longe do toque de Sergei, seu peito se agitando com o esforço, enquanto ele tomava fôlego, sua respiração curta e rápida. Sergei avançou e levou uma das mãos ao queixo do Homem-Aranha, estendendo um dedo e acariciando suavemente o rosto dele. *De alguma forma estranha e inexplicável, Aranha*, pensou ele, *isso também me entristece.*

O Homem-Aranha recuou, erguendo a mão para afastar o toque de Sergei. O Aranha voltou para a jaula de Rattus e cruzou os braços, hesitante. Sergei

tornou a sorrir, sua expressão se suavizando até chegar a um sorriso divertido. Ele então se dirigiu para o outro extremo da caverna.

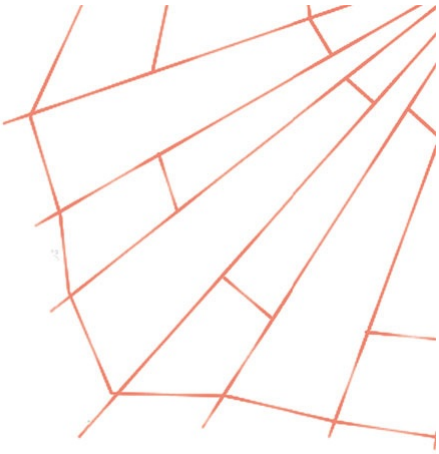
Você se encolhe, disse ele para o Aranha. *Por quê? Minha afeição o envergonha? Não, não é isso. É só que o jogo, nossa eterna luta, ainda não acabou de todo, não é?*

Sergei foi até um liso painel de pedra na parede, adjacente à base que antes exibira o estoico Elefante de vontade firme. Ele empurrou a pedra e a deslizou para o lado, revelando uma série de botões na parede da caverna. Ele pressionou um, girou outro, e se afastou para assistir.

Não, ainda não. Não é suficiente apenas exibir a Verdade. A Verdade deve ser libertada. Experimentada em primeira mão.

Um leve zumbido encheu a caverna. A corrente acima da jaula de Rattus girou duas vezes, levantando a prisão metálica a 60 centímetros do chão, obscurecida pela móvel nuvem de fumaça índigo. Com um estalo e um rangido, o fundo da jaula cedeu. Rattus caiu no chão, guinchando de terror.

12



RATTUS CAIU AOS PÉS DO HOMEM-ARANHA, arranhando e choramingando. Em seguida, correu para longe de Peter, gritando, procurando um lugar onde pudesse estar a salvo da fúria do Homem-Aranha.

– Nãããão! – O grito agudo e horrorizado de Rattus cravou outro punhal no crânio de Peter, mas, desta vez, uniu-se ao chamado urgente do seu sentido de aranha, totalmente restaurado.

Isso não pode ser bom, pensou o Homem-Aranha.

Kraven aproximou-se por trás, caminhando pela névoa. Ele espetou um dedo acusador em Rattus – aquela criatura patética e alquebrada da qual ele só queria se ver livre.

– Este é o *grand finale*, Homem-Aranha – declarou Kraven. – Este é o fim. Me mostre quem você é... me mostre o que eu fiz de você.

Kraven exibiu seus brancos e brilhantes dentes de carnívoro.

– Revele o Aranha e aceite a Verdade – disse ele.

– Você... você espera que eu lute com ele, não é? Que eu lute com o Rattus para a sua diversão.

Kraven soltou um suspiro ofegante.

– Não. Não para a minha diversão. Para a minha emancipação.

Edward continuou se movendo, procurando por um buraco ou reentrância onde se esconder. Um túnel profundo e escuro onde pudesse se ocultar do olhar do Homem-Aranha.

– Por favooor – implorou ele, os olhos vermelhos brilhando na fumaça roxa. – Não me bata... não me machuque mais.

O Homem-Aranha se virou para encarar Kraven, mantendo-se firme.

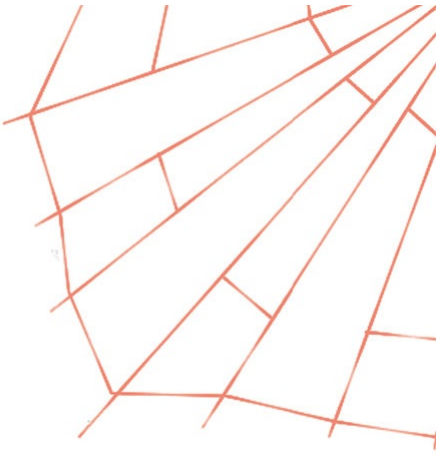
– Bem, pode esquecer. Eu não farei isso.

Uma expressão de irritação passou pelo rosto de Kraven, seguida por uma paciente resignação.

– Você não vai precisar – respondeu ele, voltando-se para Rattus, que mal estava visível nos fundos da caverna.

– Rattus! – chamou Kraven, em uma voz estridente e encorajadora. – Esta é a sua chance!

13



– RATTUS, ESTA É A SUA CHANCE!

Edward ouviu o chamado do Homem Leão, do Caçador que tentara surrá-lo. Ele escutou aquela voz potente e se encolheu contra a parede, se escondendo como um rato em seu buraco.

– O Homem-Aranha espancou você – disse o Homem Leão –, o machucou de um jeito que ninguém nunca tinha machucado antes!

– Me bateu e me machucou – Edward choramingou para si mesmo, em uma vozinha minúscula e aguda. – Por favor, chega, chega.

... seu idiota, disse Rattus dentro da cabeça de Edward. *Ele tem razão! É agora ou nunca. Está na hora de mostrar para eles que não temos medo, mostrar para eles por que viemos aqui para cima, em primeiro lugar.*

Edward escondeu o rosto nas mãos, chorando em silêncio, e ignorou Rattus e o Caçador com a juba de leão.

– Nunca deveria ter saído do frio e do escuro – disse ele. – Nunca teria sentido dor e fogo.

... você tem razão, mas agora é a nossa hora; agora é a hora de atacar e nos alimentar...

– Taaaanta fome – murmurou Edward. Ele lambeu os lábios. O Caçador mal havia lhe dado comida, apenas alguns de seus amigos ratos, e quão cruel havia sido aquilo?

... em breve, meu amigo, em breve vamos comer de novo, qualquer coisa que quisermos, mas primeiro ouça esssssas palavrasss, ouça e seja livre...

– Não deixe o Homem-Aranha se livrar dessa, Rattus! – gritou o Homem Leão. – Não deixe esse homem pensar que é melhor ou mais forte do que você! Não deixe o Homem-Aranha provar que você está com medo!

Edward fungou.

– Eu estou com medo – ele disse a Rattus.

... eu não. Estou pronto para me alimentar, pronto para comer o rastejador. O homem inseto que nos bateu e nos machucou. Pronto para derrotar o...

– ... o Homem-Aranha – suspirou Edward, um fio de saliva cintilando em seus dentes afiados e mortais. – Mas tem dois deles, dois, e nós nunca conseguiríamos...

... escute, trouxa. O homem leão está nos convidando. Ele não é nenhum capitão américa, nenhum herói nem policial...

Edward assentiu.

– Sim, certo, você está certo... Ele não vai bater ou machucar ou bater.

... não, mas nós vamos. Nós podemos. Podemos mostrar a eles quem somos... e por que saímos por cima, por que nós também seremos livres...

– Ssssssim... – Edward escutou a voz em sua mente. Ela o instigou a atacar. Ele deu um passo adiante, arranhando o cascalho sob seus pés. Depois produziu um sibilo baixo e longo, escutando seu estômago vazio roncar.

O Homem-Aranha tentou argumentar com Edward, tentou alertá-lo para que ficasse longe.

– Espere, Rattus, escute...!

Edward, porém, havia parado de escutar. O Homem-Aranha o carregara para aquele lugar, para debaixo da terra, e encarregara o Homem Leão de torturá-lo quase até a morte. O ódio de Edward pelo Homem-Aranha finalmente era maior do que seu medo. Edward foi impelido para a frente, escutando Rattus salivar em algum lugar lá no fundo de sua mente.

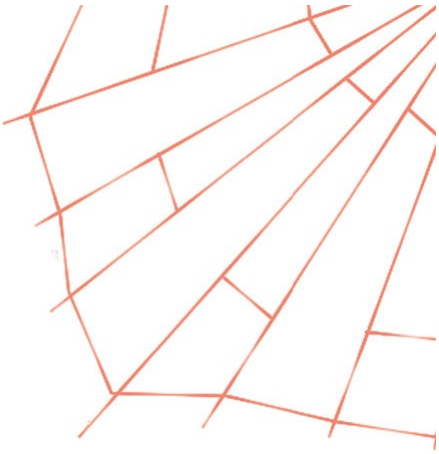
... ele está com medo. Está sozinho...

– Ele é nossssso – concordou Edward, arqueando as mãos em garras afiadas e cruéis.

– Machuque-o de volta! – gritou Kraven.

Com um urro gutural, Rattus correu, saindo da escuridão, e se jogou sobre o Homem-Aranha, gritando de fúria – preparado para comer o coração vermelho de sangue do Aranha até se fartar.

14



EU NÃO QUERO FAZER ISSO.

Peter deu um passo para o lado quando Rattus, com sangue nos olhos, emergiu das sombras. Peter colocou um pé contra o enorme elefante caído no chão para se equilibrar. Com o outro pé, chutou Rattus, derrubando-o para fora do caminho.

Tenho que tentar argumentar com ele. Ele é um peão para Kraven – eu realmente não quero feri-lo.

– Rattus, não! – disse Peter, em sua voz mais calma e paciente. – Kraven só está usando você. Ele está fazendo você de bobo!

Rattus rosnou e atacou outra vez, golpeando com a mão direita e quebrando suas já arrebentadas unhas no couro resistente do elefante.

– Mentiroso – gritou ele. – Mentiroso!

Peter saltou para evitar o golpe, pulando por cima de Rattus.

– Não fui eu, Rattus. Foi Kraven. Kraven vestindo minha roupa e imitando meus poderes!

Rattus, todavia, estava além da razão. O Homem-Aranha o espancara, o Homem-Aranha o quebrara, e tudo o que importava àquele pobre e confuso pária naquele momento era sangue e vingança. Não fazia diferença para Rattus qual rosto se escondia atrás da máscara, porque, para ele, a máscara era a única coisa que importava.

Mas eu não sou uma máscara, pensou Peter. *Sou um homem. Não uma Aranha, um homem.*

Peter se jogou no chão, para longe do elefante, e olhou para o outro lado da caverna. Kraven estava de pé, assistindo a tudo do meio da fumaça púrpura, com os braços cruzados sobre o peito. Rattus partiu para cima de Peter de novo,

e Peter desviou no último instante, mal evitando os dentes e garras de Rattus, que mergulhou de cabeça na fumaça.

– Eu vou rasgar você em pedacinhos! – gritou Edward. – Vou arrancar seu coração! – Suas garras atingiram o braseiro gigante, derrubando-o. Peter soltou uma porção de teia, abafando a tocha antes que a caverna começasse a pegar fogo.

Eu não quero fazer isso, Peter voltou a dizer a si mesmo. *Eu só quero acabar com o Kraven. Quero acabar com essa loucura e deixar tudo isso para trás, arranjar um médico para o Rattus e uma cela para o Kraven. E aí... e aí eu só quero ir para casa.*

No entanto, um rosnado baixo vindo da escadaria, parcialmente oculta pela fumaça, destruiu qualquer esperança que Peter pudesse ter. Aquele jogo feroz e cruel de gato e rato apenas serviu para aumentar a sede de sangue de Rattus, que saltou da neblina para atacar outra vez. Agora, Rattus conseguiu afundar suas garras no peito de Peter, rasgando parte de seus trajes e um pouco de sua pele.

Kraven continuava assistindo do cantinho, um espectador irritantemente silencioso. Peter tentou chamar Kraven e convencer o sujeito a colocar um fim naquilo. Rattus, porém, alcançou Peter antes que ele pudesse falar, mordendo e arranhando, determinado a se alimentar.

– Não, Rattus! Eu não vou...

As garras de Rattus o atacaram mais uma vez, reabrindo as feridas do Homem-Aranha. Peter gritou de dor e se afastou, tentando ganhar alguma distância de seu oponente, mas Rattus aproveitou sua vantagem, saltando sobre o Homem-Aranha. Enquanto o roedor caía, arranhando o vazio, Peter agarrou o antebraço da criatura com sua mão esquerda e, com a direita, golpeou com o máximo de força que conseguiu. Ele acertou, despedaçando um dente de Rattus.

Eu não quero fazer isso, pensou Peter de novo. *Não vim até aqui para lutar com você, Rattus. Eu vim aqui matar Kraven!*

(Homem-Aranha e Morte – uma parceria para entrar para a História.)

Não, retrucou o Homem-Aranha para o sussurro invisível, *eu não quero fazer isso.*

(O que você ganha? Qual a vantagem para Peter Parker?)

Eu não quero fazer isso!

(O QUE VOCÊ GANHA?)

– Tudo bem! – gritou Peter, caindo sobre Rattus com os dois punhos. Ele queria uma desculpa para bater em algo, em alguém. Rattus, Kraven e os fantasmas que se danassem. – Se é assim que você quer, é assim que vai ser!

Os nós de seus dedos quebraram ossos da mandíbula de Rattus, depois encheram o nariz do roedor de sangue. Kraven ainda assistia.

De uma vez só, todo o trauma das últimas duas semanas caiu sobre Peter. Enquanto ele acertava golpe após golpe no rosto de Rattus, tiros ecoavam em seus ouvidos. No mesmo ritmo, o coração pulsante a distância chamava e amaldiçoava seu nome. Ele cedeu à raiva, bebendo fundo de seu reservatório de fúria, liberando duas longas semanas de dor e horror. Kraven ainda assistia.

– Ele atirou em mim – explicou o Homem-Aranha, em meio a uma onda de lágrimas e adrenalina, cada golpe mais forte e mais pesado do que o anterior. – Ele me enterrou! Me enterrou! Você sabe como é isso, seu animal nojento? – Nacos de pele e sangue saíram nos dedos de Peter, mas ele ainda assim prosseguiu com a chuva de pancadas. – Você sabe como é isso?

Kraven ainda assistia.

A mão levantada, o peito subindo e descendo, o Homem-Aranha ficou sobre o corpo trêmulo e sangrento de Rattus, se preparando para meter um golpe final nos dentes de Edward Whelan. O sangue do próprio Aranha escorria, espesso, das feridas em seu peito, e sua cabeça martelava como um monte de britadeiras juntas. Ele relaxou o maxilar, recuperou o fôlego e olhou para a caverna silenciosa a seu redor. Os únicos ruídos eram o retumbar distante dos trovões, os gemidos sofridos do Rattus e a própria respiração conturbada de Peter Parker. Ele ficou de pé – as mãos erguidas, o peito arfante – e virou a cabeça para fitar os olhos de Kraven.

Kraven estava imóvel, silencioso como um túmulo, a cabeça inclinada de lado, assistindo e esperando.

Peter olhou para seus próprios punhos fechados, retesados. Ele os soltou junto ao corpo, deliberadamente acalmando sua respiração.

O que eu estou fazendo?, ele se perguntou. *Não quero fazer isso. Não foi por isso que vim aqui.*

(Qual a vantagem disso para Peter Parker?)

Peter balançou a cabeça e soltou os punhos novamente, balançando os dedos para relaxá-los. *Calem-se*, ele disse a seus fantasmas. *Eu não quero fazer isso.*

Ele se virou para encarar Kraven, encontrando os duros e estreitos olhos do homem. *Ele quer que eu faça isso. Outro de seus truques. A questão não é o que Peter Parker quer, qual a vantagem disso para mim…*

... e sim qual a vantagem disso para Kraven, o Caçador.

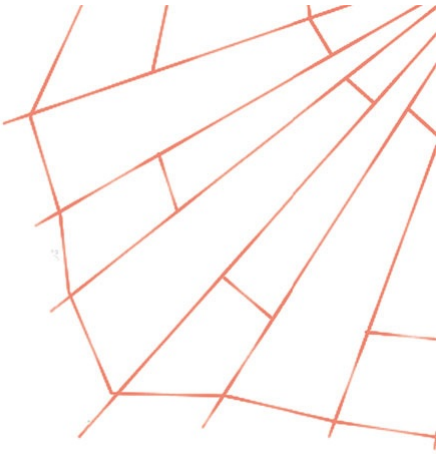
O Homem-Aranha se afastou de Rattus, espanando a sujeira e o sangue de sua roupa.

– Não – disse ele, com firmeza. Ele não daria a Kraven a satisfação de vê-lo se destruir. Ele não permitiria que Kraven o instigasse a se tornar um animal.

Ele não deixaria Kraven ganhar.

– Não – repetiu ele. Peter deu um passo na direção de Kraven, preparado para terminar com aquela provação de uma vez por todas. E então, com um rugido de gelar o sangue, Rattus saltou sobre as costas do Homem-Aranha e começou a despedaçá-lo.

15



UM PÉ COM GARRAS CHUTOU E ACERTOU o olho do Homem-Aranha, derrubando-o no chão. Rattus continuou a avançar, com uma esquerda cortante na garganta e uma joelhada nas costelas de seu adversário.

Surpreso e enfraquecido, o Homem-Aranha não demonstrou sinais de recuperação, apenas rastejou pelo chão, tentando fugir da agressão de Rattus.

Sergei continuou a assistir. *Machuque-o, Rattus*, pensou ele. *Machucando-o, derrotando o Homem-Aranha, você fará com que ele compreenda.*

Sergei tinha sido o Aranha. Sergei tinha superado aqueles dois. E agora assistir à suas vítimas despedaçando uma à outra o divertia.

Ele encarou os olhos do Homem-Aranha, procurando por algo antigo e esperto, cruel e admirável – o Tygre de Blake, vivendo em uma pele mortal. Entretanto, Sergei não encontrou nada – não a Fera que assassinara e exilara seu pai, não o demônio que Sergei tentara, várias e várias vezes, derrotar nos cânions e selvas de Nova York. Ele não contemplou ali nenhuma Aranha, nada da magnífica e risonha criatura de oito pernas que estilhaçara sua mãe e a levara ao suicídio.

Eles disseram que minha mãe estava louca.

Como ele se sentia velho. Como se sentia absolutamente cansado. O jogo tinha sido bom, mas longo demais.

Ele estava tão cansado. E aquilo estava longe de tudo.

Esta noite termina. Finalmente.

Sergei voltou sua atenção para a luta. Rattus tinha montado sobre o Homem-Aranha, pressionando o rosto dele na poeira com uma mão imunda, terminada em garras. A outra mão, posicionada para atacar acima do crânio do escalador de paredes, flutuou no ar por um momento, enquanto Rattus

rosnava. Ele tremia de fome e fervor, e então se abaixou para bravatear no ouvido do Homem-Aranha.

– Agora... agora, Homem-Aranha... eu vou devorar você vivo!

O Homem-Aranha se remexeu embaixo do peso de Rattus, tentando desesperadamente escapar. Contudo, o sangue do homem-rato tinha subido à cabeça. Ele sibilou alta e longamente, pronto para a matança.

– Não! – Sergei agarrou um chicote de domador, de couro de cascavel, resiliente e maleável, e o estalou contra o peito de Rattus. O roedor recuou, guinchando com a mordida do chicote.

Sergei guiou o animal para trás, para longe do Homem-Aranha. Com mira precisa, ele lançou uma leve adaga de caça – boa para usar dentro da bota –, perfurando a palma de Rattus e empalando a criatura contra a parede da caverna. Rattus gritou, lutando para se soltar, então Sergei se adiantou, balançando o chicote na direção de Rattus.

– A questão agora ficou clara – disse Sergei, fixando seu olhar nos olhos cortantes e solenes do homem-rato. – Seu trabalho aqui já terminou. – Ele apontou para a escada que levava até a casa lá em cima. – Agora vá.

Rattus hesitou. Ele estendeu a mão e puxou o punhal da parede, soltando sua palma e fazendo escorrer um borbulho de sangue rico e vermelho.

– Ir? – Olhos vermelhos e apagados avaliaram a escada, como se estivessem considerando que novo engodo cruel Sergei poderia ter escondido por ali.

Não encontrará nenhum engodo, Rattus. Todos os meus truques já foram usados. Acabou.

– Vá – repetiu Sergei, acrescentando força e gravidade à palavra.

Rattus distanciou-se do Homem-Aranha, caminhando lentamente para os degraus, enquanto mantinha o olho em Sergei. Rattus jogou o punhal de lado, deixando que caísse ruidosamente no chão, depois correu pelo primeiro lance de escada. Ele passou correndo pelos braseiros iniciais, a luz suave projetando sombras contra a pelagem emaranhada e espancada de seu rosto. Ele parou no meio do caminho e olhou para trás, para a caverna lá embaixo. O Homem-Aranha jazia no chão, gemendo. Sergei esperava com o chicote na mão.

Rattus farejou, lançou um último olhar para a jaula aberta, depois disparou escada acima, rumo ao piso superior.

– Livreeeeeeee! – gritou ele, a voz ecoando pela escada e se desviando pela caverna.

– Kraven... – começou o Homem-Aranha, debilmente. – Kraven, você não pode simplesmente... não pode deixá-lo ir!

O Homem-Aranha se ergueu em um dos braços e estendeu a mão para Sergei.

– Ele... ele já matou antes... – Com uma tosse insistente, o Homem-Aranha caiu de novo no chão, sobrepujado pela sujeira e pela fumaça, bem como por seus vários ferimentos. Ele começou a rastejar, se movendo um centímetro de cada vez, na direção da escadaria. – Ele vai matar de novo...

Os ouvidos de Sergei – ouvidos de Morcego, ouvidos de Coruja – detectaram um ruído distante, bem lá no alto: o distinto som de vidro se partindo. Rattus havia escapado, encontrado o caminho para a liberdade. *Não importa*, pensou Sergei.

Sergei pôs o chicote no chão e se ajoelhou. Ele colocou as duas mãos sob os braços do Homem-Aranha e o ergueu.

– Deixe-me ajudá-lo – disse ele, sinceramente.

O Homem-Aranha abriu mão do controle da situação, repousando seu peso contra os braços do Caçador. Sergei tirou um momento para olhar nos olhos de seu inimigo, para enxergar a essência dele.

A Aranha ainda está viva nele. Ela permite que ele beba de sua força, que extraia sua força de vontade. A Aranha vai prosseguir e, sem dúvida, haverá outros para se opor a ela. Mas, assim como o Leão e o Elefante, ela é uma Aranha totêmica – não uma Fera antiga e maliciosa, como eu imaginava.

Sergei assentiu para o Homem-Aranha, grunhiu e mudou o peso de posição. Lentamente, eles começaram a subir a escada, um degrau de cada vez. *Não é mais uma preocupação para mim. Minha Aranha se foi.*

Agora...

... agora existe apenas um homem. Um homem bom, acho. Que estranho que eu não tenha sido capaz de perceber isso até agora.

Sergei carregou o herói machucado até o nível principal de seu complexo, ouvindo a fraca respiração do Homem-Aranha. Rattus havia lhe causado muitos danos – além de o Homem-Aranha ainda sofrer os efeitos do coquetel de drogas de Sergei, que lhe permitira sobreviver por duas semanas em uma situação de estase, sem comida ou água. A cabeça do Homem-Aranha pendeu, sacolejando conforme Sergei o ajudava a subir para a superfície, enquanto o corpo do herói zumbia, com uma energia latente e nervosa. Sem dúvida, ele estava preocupado com a boa gente de Nova York, vulnerável ao canibal recém-liberado dali. Toda aquela preocupação com as ovelhas, nenhuma consigo mesmo.

Um bom homem, de fato, pensou Sergei. *Apesar de nossas muitas batalhas e dos anos entre nós, eu não pude ver isso até hoje. Mas não importa. Agora eu vejo – e, ao*

ver, Homem-Aranha, eu lhe agradeço. E lhe abençoo.

Se é que alguém como o Kraven pode dar bênçãos.

Com um esforço considerável, o Homem-Aranha ergueu os olhos. Ele agarrou o ombro desnudo de Sergei com os dedos quebrados, ainda sob o disfarce.

– Kraven… – disse ele, fracamente. – Eu não entendo…

Sergei assentiu, sem querer sorrir e rebaixar aquele novo paradigma, aquele nível de igualdade finalmente atingido entre os dois. Claro que o Homem-Aranha não compreendia. Como poderia? Como poderia aquele homem – aquele bom homem – compreender a perturbação eterna, a jornada em que Sergei embarcara desde que deixara a Rússia, tantos anos antes? Como um homem como aquele poderia compreender a mente de Sergei Kravinoff – ele, que fora o Aranha e o Caçador antes de tudo aquilo?

Agora eu vejo. Vejo que nossa batalha perpétua, nosso jogo de gato e rato, de predador e presa, tem sido uma luta unilateral. Para você, Homem-Aranha – um homem apenas tentando fazer o que é correto, mas perseguido por demônios, feras, duendes e caçadores –, eu vejo que nossa dança foi executada em nome do bem comum.

Sergei levou o Homem-Aranha para os fundos da casa, de volta à sala de onde eles tinham partido. Eles caminharam para a janela despedaçada, o vento convidando-os para mais perto. Sergei abaixou a cabeça e ajudou o Homem-Aranha a passar pelos cacos no chão, trazendo-o até a janela e levantando-o sobre o vidro quebrado.

O Homem-Aranha subiu e foi para o parapeito da janela. Enquanto Sergei escorava seu maior e mais antigo inimigo, ele pôde sentir o corpo do Homem-Aranha se retesar, o estimulante ar noturno e a chuva que caía chamando-o do lado de fora. Sergei agora podia ignorar aquele chamado, mas o dever do Homem-Aranha não parava de acenar, como um farol virtuoso. O herói ignoraria sua dor e seus ferimentos para impedir Rattus a todo custo. Para o Homem-Aranha, o nome ou os pecados não faziam diferença: o bem existia para vencer o mal. Lá no fundo, em um lugar onde sentia um pouquinho de vergonha e arrependimento, Sergei Kravinoff se deu conta de quem ele havia sido. Ele podia ver isso agora.

E há uma última coisa que vejo. Algo que não pensei que fosse capaz de ver.

Todo homem tem sua Aranha.

Sergei ergueu o pescoço, levantando sua cabeça de leão, e encarou os olhos do Homem-Aranha. Um momento de silêncio se passou entre Caçador e caçado,

entre vitorioso e vítima – vilão e herói. Os olhos de Sergei se encheram de lágrimas por um instante. Ele se sentiu, de novo, muito velho.

Todo homem tem sua Aranha. E talvez eu tenha sido a dele.

Sergei acenou com a mão na direção do céu.

– Você está livre. Vá.

O Homem-Aranha olhou para Sergei, cauteloso.

– Simples assim? Vá? – Ele cerrou os punhos, pronto para continuar aquela luta sem sentido. – Depois de tudo o que você fez, Kraven, acha realmente que eu vou...

– Um homem como você não vai deixar Rattus à solta. Vá, Homem-Aranha. Siga sua consciência.

O Homem-Aranha se moveu para a escuridão, deixando a chuva cobrir sua máscara. Ele se encolheu de dor quando as gotas atingiram suas feridas recentes.

– Ir? Enquanto você anda por aí, caçando e arruinando vidas... usando as pessoas para...

Sergei dirigiu-se para a porta, deixando o Homem-Aranha fazer sua escolha. Os olhos do Caçador estavam pesados, e seus ombros, exaustos, como se um grande peso tivesse finalmente sido tirado de suas costas. Ele parou por um segundo, voltando-se para falar com o Homem-Aranha por cima do ombro.

– Depois de todos esses anos, Homem-Aranha, você certamente sabe que sou um homem de palavra. E eu lhe dou minha palavra agora.

Sergei levou a mão ao coração, fechando os dedos em punho. Seus olhos sustentaram o olhar dos vazios e impenetráveis buracos da máscara do Homem-Aranha.

– Desta noite em diante, Kraven, o Caçador, nunca mais caçará outra vez.

Ali, no final do caminho, Sergei não sentia nada semelhante a nostalgia ou sofrimento. Tudo o que sentia era uma onda de orgulho e uma sensação de final. E, naquele final, algo mais.

O Homem-Aranha não correspondeu à empatia de Sergei. Ele se agachou na janela, segurando a parede com seus trêmulos dedos para se equilibrar, e abaixou a cabeça.

– Eu voltarei – disse ele. Em seguida, saltou sobre o vidro e partiu sob a chuva torrencial, disparando um fio de teia e balançando-se para longe, debaixo da tempestade.

Um raio fez um arco acima de Manhattan.

Sergei aproximou-se da janela, observando através da vidraça estilhaçada. Assistiu em silêncio enquanto seu maior inimigo, seu único amigo, diminuía de tamanho na noite.

Eu voltarei, havia dito o Homem-Aranha.

Eu não duvido, pensou Sergei. *Todo homem, toda mulher e toda nação – na verdade, cada era tem a sua Aranha. Você, meu senhor, foi a minha.*

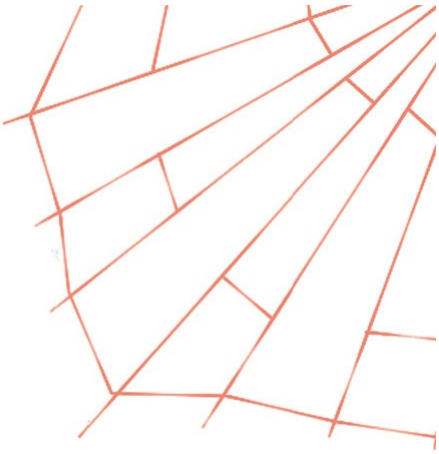
Que carga, refletiu Sergei, olhando melancolicamente a distância, enquanto aquele conhecido uniforme dançava no meio do temporal. O Homem-Aranha logo desapareceu entre as pesadas nuvens cinza, os altos prédios e o dilúvio abundante e caudaloso.

Que carga, matutou Sergei novamente.

E que honra.

Adeus.

16



SERGEI KRAVINOFF CAMINHOU ATÉ A BIBLIOTECA, empurrando as sólidas portas com os ombros para entrar em seu escritório. Ignorando os livros e mapas, ele se dirigiu à mesa onde seu robe repousava sobre uma reunião de álbuns e fotos emolduradas. Ele vestiu o robe e fechou-o ao redor de sua silhueta musculosa e envelhecida. Já havia retirado seu traje cerimonial de caça, a pele que vestira por tanto tempo naquela selva desordenada, confusa, abandonada – aquele lugar que ele chamava de lar desde que deixara para trás as planícies e florestas de sua amada África. A pele que Sergei adotara para honrar seu pai, o homem que, tantos anos antes, erradicara sua família da nobreza e da paz de sua amada Rússia.

Sergei empurrou para o lado os álbuns e papéis espalhados sobre o tampo da escrivaninha. Vento e chuva chacoalhavam as janelas. Um relâmpago lampejou, iluminando a biblioteca e as fotos em cima da mesa. Ele passou os dedos calejados sobre as molduras empoeiradas e ergueu um retrato até seu rosto, no qual um Sergei mais jovem – nada além de um filhote – sorria diante de seus pais, rígidos e sérios.

Como me sinto calmo, pensou Sergei. *Tranquilo. Como se algo dentro de mim – algum nó, talvez, ou emaranhado de medo e raiva – tivesse finalmente se soltado.*

Ele fitou os olhos de seu eu mais jovem, procurando por uma resposta ou verdade, mas sem encontrar nenhuma. *Todos esses anos fugindo da Rússia, sufocando aqui na América, encontrando alívio – não, encontrando* honra *– na selva. Todos esses anos, e eu nunca conheci a felicidade.*

A mente de Sergei estava em disparada. Ele contornou a moldura da foto com o dedo e limpou a poeira de suas bordas. *Onde alguém poderia encontrar felicidade hoje?*, perguntou-se.

Sergei estendeu a mão para o outro lado da mesa e apertou um botão. Atrás dele, a entrada para a capela deslizou e se abriu. Ele se virou e deu a volta na mesa – colocando o peso de seu corpo nos dedos dos pés outra vez, voltando ao passo de animal sem se dar conta. Ele carregou a fotografia para dentro da capela, as portas se fechando após sua passagem.

Eu sou Kravinoff, Sergei disse a si mesmo. *Se meu pai e minha mãe estivessem vivos, eles encarariam esse assustado animal chamado de civilização com muito temor.*

Ele penetrou mais fundo na capela, a luz das velas em seu interior lançando sombras nas paredes e janelas de ambos os lados.

Com grande temor, pensou Sergei. *E pouca felicidade.*

Sergei foi para o centro da capela. Ele continuou seguindo em frente, passando por fileiras de cadeiras e pelas cores prismáticas e apagadas dos vitrais requintadamente desenhados nas janelas. Enfim chegou ao caixão – forrado de veludo e polido com cobre, aberto e pousado no coração de seu covil. O caixão esperava entre um punhado de castiçais, sombreado dos dois lados por exuberantes arranjos florais verdejantes, importados de Madagascar, de Moscou e do Oriente Médio. Sergei subiu a curta escadaria que levava ao caixão e colocou o retrato de sua família na beira de um suporte logo ao lado.

Acredito, porém, que posso conhecer a felicidade agora. Ela aguarda aqui por perto – logo ali fora, talvez, escondida no ruído da chuva, no estrondo do trovão.

Paz, calma, felicidade.

Sergei sorriu e olhou para o caixão, estendendo a mão para pegar o objeto que ele sabia estar à sua espera.

Finalmente, um final.

Sergei – não mais o Caçador, e sim nada além de um homem, uma fera, um Kravinoff – retirou seu rifle do estojo, virou-o em suas mãos e testou seu peso. Ele deslizou a mão pela coronha e segurou o cano com força, pousando o metal frio contra seus dedos fortes e calejados. O rifle, um Remington modificado, era algo único: manufaturado exclusivamente para Sergei, construído sobre o esqueleto de um clássico Model 700.

Um trovão estrondou lá no alto, anunciando o momento. Sergei ergueu o rifle com as duas mãos, virando-o para poder encarar seu convidativo cano.

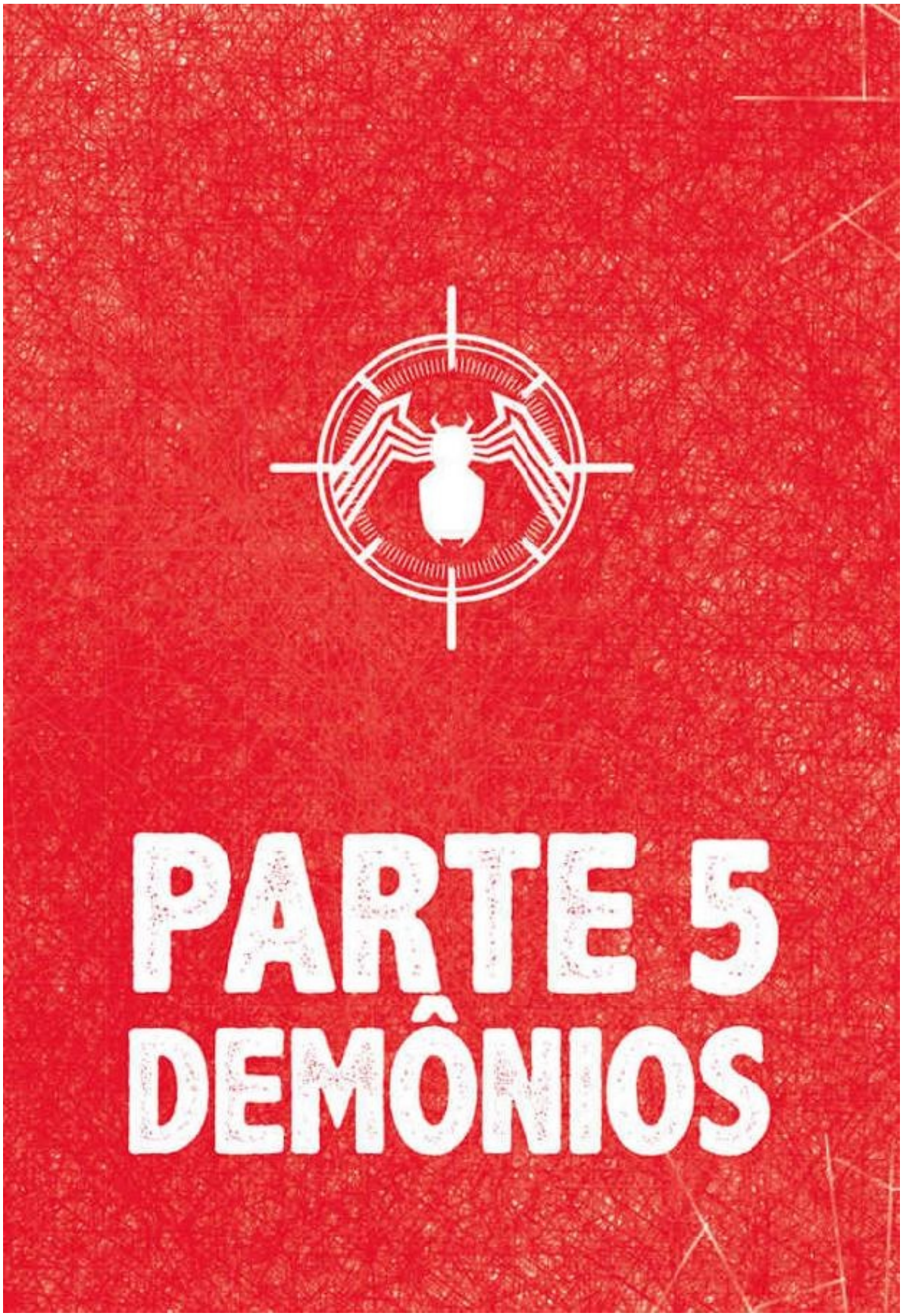
Eu fui o Aranha, pensou Sergei, enquanto colocava o cano entre os lábios. Um trovão reverberou por toda a capela.

Eu fui o Caçador, ele relembrou, enquanto colocava o polegar no gatilho, lentamente puxando-o para baixo.

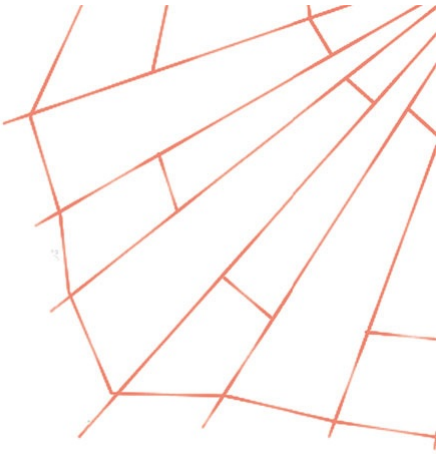
Eu fui um Kravinoff. Uma única lágrima escorreu por seu rosto, respingando na coronha do rifle. Os olhos de sua mãe se esticavam para fora do retrato, implorando através dos anos, implorando por um final.

Eles disseram que minha mãe era louca.

Kraven, o Caçador, puxou o gatilho, e o mundo ficou escuro e frio.


PARTE 5
DEMÔNIOS

1



(TUM TUM.)

O Homem-Aranha se arrastou pelo túnel de esgoto, na direção do som dos tambores. Em sua mente, os sussurros e acusações ficaram para trás, substituídos pela batida estável de uma misteriosa pulsação cardíaca.

(Tum tum.)

Por baixo dela, ele ouviu o murmúrio suave de uma voz amorosa.

(volte, VOLTE, VOLTE)

(Tum tum.)

Ele sabia que as vozes, os tambores e o coração batendo estavam apenas na sua cabeça. Contudo, não conseguia sufocá-los com pensamentos ou com suas típicas piadas. Ele continuou a andar sobre as mãos e os joelhos, rastejando adiante no lodo. No chão de novo – sua terceira vez em duas semanas. Kraven o enterrara. Kraven o atraíra para o fundo de seu covil. E agora, também por causa de Kraven, ele se aventurava ali embaixo, para encontrar e capturar Rattus. Não se lembrava de ter sido enterrado, mas, enquanto se arrastava por aquele túnel comprido e escorregadio, sua mente voltou ao porão de Kraven e à escadaria que levava para a escuridão.

Eu não quero estar aqui, pensou Peter. *Quero estar em casa*. Ele gostaria de atender o chamado insistente daquela voz amorosa, aceitar seu convite e retornar à luz.

Ele se sentia sufocado, como se ainda estivesse preso no caixão, lutando na escuridão apenas com as duas mãos, sem encontrar nada além de terra.

(tão escuro)

– Eu queria estar em casa – disse, em voz alta, para ninguém, enquanto abria caminho pelas sombras, embaixo de Nova York.

Eu já estive aqui antes. Não gostei da primeira vez.

(tão escuro)

Entretanto, ali estava ele novamente, bancando o herói, enfiado até os joelhos em sujeira – determinado a encontrar Rattus e conseguir ajuda para ele.

Eu não quero estar aqui, repetiu ele, adotando a sentença como seu novo mantra. *Eu quero estar em casa com minha namorada, onde é quente, seguro e protegido. Não suando em um esgoto, me perguntando se as paredes estão se fechando e se o túnel está diminuindo.*

Estou com medo. Mary Jane, estou com tanto medo.

O Homem-Aranha continuou se movendo, colocando uma mão diante da outra. Ele ralou os dedos e os joelhos no concreto e no limo, ignorando seu medo e sua exaustão, indo ao encontro de um destino desconhecido, torcendo para a dica de seu sentido de aranha estar correta e lhe permitir encontrar sua presa.

Eu já estive aqui antes.

Vozes ecoaram pelo corredor, ricocheteando até seus ouvidos. Risos e ameaças uniam-se a berros e grunhidos, ficando mais altos assim que ele avançava. Ele podia escutá-los a lhe esperar, amontoando-se na passagem e atraindo-o para mais adiante. Metal e escamas cintilavam nas sombras. Chifres e asas, caudas e tentáculos. Quanto mais ele se aproximava, mais alto eles falavam.

(saia agora)

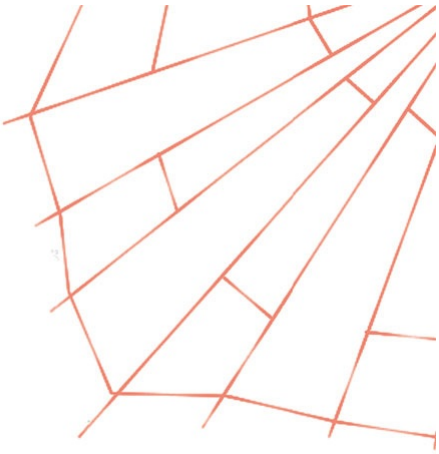
O Homem-Aranha seguiu em frente, continuando a rastejar pelo túnel.

Estou com medo. Mas não posso permitir que meu medo me impeça de prosseguir.

Ele cerrou o maxilar sob a máscara, estreitou os olhos e forçou-se a ir adiante.

Deus, por favor, não deixe que ele me impeça.

2



O CORPO DO HOMEM-ARANHA ESTAVA CANSADO, seu uniforme ensopado e imundo. Rattus tinha conseguido uma boa vantagem – quando o Homem-Aranha desceu a escada, encontrou o túnel abandonado. Agora a água ondulava a seus pés, como se algo tivesse passado por ela, deixando um rastro sutil. Ele estava exausto, sua cabeça latejando, mas se obrigou a reunir suas últimas forças. Ele caminhou penosamente pela escuridão e pelo rio de esgoto, procurando por Rattus.

Franzindo os lábios, fez o melhor que pôde para evitar beber acidentalmente a água que umedecia sua máscara. Respirando pelo nariz, seguiu em frente, determinado a dar logo um fim àquela noite horrível e interminável.

Então o medo recuperou o controle de seu coração, que batia acelerado. Uma visão surgiu diante de seus olhos: veludo e cobre, uma onda de terra cobrindo sua boca e seu nariz, enchendo o interior do caixão...

– Não! – gritou ele, saltando à frente no túnel. Ele pulou para dentro de um corredor isolado, onde quatro grandes canos despejavam seu conteúdo no reservatório principal do esgoto. Quase fora do túnel, descansando sobre os músculos de seus braços, estendidos além do limite, o Homem-Aranha inclinou a cabeça para o corredor e tentou recuperar seu fôlego. Os pulmões e as narinas se encheram com um odor pútrido, horroroso. O peito paralisando, a mente girando, o Homem-Aranha se forçou a afastar aquela vívida alucinação.

Não era um caixão – apenas esgoto. Ninguém o prendera de novo. Ele estava ali porque queria estar.

(Eu não quero estar aqui!)

Ele estava ali porque precisava estar.

(Eu quero ir para casa.)

Ele estava ali porque Rattus estava ali.

Ele tomou um impulso para fora do cano, chacoalhando os braços para se livrar do limo, e fez o melhor que pôde para desentupir os lançadores de teia. Passou a mão pela máscara, limpando a lente dos dois olhos, e se sentou diante do escoamento da água que enchia o recinto.

Graças a seu súbito ataque de pânico, a água agora ondulava em várias direções, de modo que suas chances de encontrar Rattus tinham ficado menores.

Não posso desistir. Não posso deixar Rattus à solta, ele lembrou a si mesmo, fortalecendo seu objetivo. *Ele é um assassino, menos que humano. Ele come gente. Nessas últimas semanas, enquanto eu estava… morto…*

(eu NÃO ESTOU MORTO!)

… Rattus esteve nas ruas, caçando e se alimentando. E, enquanto isso estava acontecendo, depois que Rattus se fartou… o que Kraven fez com ele…

O Homem-Aranha deixou seus pensamentos vagarem. Permitiu que seus braços cansados ficassem pendurados, dando-se um descanso momentâneo antes de continuar com sua busca. Ele não notou um resiliente roedor nadar embaixo dele – até que a fera cruel mordeu seu dedo.

– Não! – gritou ele, levantando-se com esforço. Sua voz soou estridente e rouca, ecoando pelo reservatório. Chocado e assustado, ele agitou a mão e jogou o rato de lado, lançando-o contra a parede.

Em seguida, reparou na água se agitando ao redor de suas pernas e na pequena crepitação se sacudindo contra o metal. Um momento depois, um determinado exército de roedores apareceu na escuridão, enxameando na direção dele, encurralando-o contra a parede.

Não! Não tão já! Eu não queria encontrá-lo tão rápido…

Peter precisava de tempo para descansar, só um pouquinho. Tudo o que tinha acontecido na casa de Kraven – o turbilhão emocional e as alucinações induzidas por drogas – foi demais. Ele precisava de paz – apenas alguns instantes sem sentir medo.

(Olha só pra eles se amontoando, mordendo, como vermes…)

Os ratos caíram do teto, aterrissando no ombro do Homem-Aranha e subindo pelas suas costas. Eles arrastaram as caudas molhadas sobre os braços e os flancos de Peter, cobrindo seu uniforme, fazendo sua pele estremecer.

– Tire-os de cima de mim, Rattus! – O Homem-Aranha encarava os cantos do reservatório, tentando avistar sua presa canibal. – Estou avisando…

(… como vermes pequeninos, e eles vão me arrastar de volta para dentro do…)

– Tire-os de cima de mim!

Ele atacou, golpeando a multidão de ratos, chutando os que estavam a seus pés. Seu ombro bateu contra a parede atrás dele, enquanto mais um punhado dos amigos de Rattus se lançava do topo do cano, atacando o inimigo de seu mestre invisível. Peter se virou e se contorceu, esforçando-se para espantar os ratos. A água girava ao redor dele, ao mesmo tempo em que mais das criaturinhas nojentas nadavam até ele, mordiscando suas pernas e calcanhares, com dentes amarelos e afiados. Suor ensopava suas costas, somando-se à camada de lodo deixada pelos roedores.

Peter saltou da água com um grito estrangulado, prendendo-se no alto de uma parede próxima. Vários ratos engenhosos se agarraram a suas costas e pernas. Peter chutou, fazendo o melhor que podia para se livrar deles.

Como é que o Rattus faz isso? Como ele faz para que eles o obedeçam desse jeito? Ele não é humano, né? Ele é algum tipo de… algum tipo de…

O Homem-Aranha chacoalhou a cabeça, forçando-se a pensar logicamente. Ele se censurou por deixar que seus pensamentos corressem descontrolados, pois sabia que o Rattus era humano, havia lido inúmeros arquivos sobre aquele híbrido. Rattus já tinha sido um homem – um cientista, na verdade, trabalhando para Norman Osborn, o Duende Verde. Osborn, sob a proteção de sua empresa, havia feito experiências com o homem que Rattus fora, transmutando-o em algum tipo de homem-rato.

O Homem-Aranha atacou os últimos soldados quadrúpedes de Rattus. Eles estalaram contra a parede, respingando água pelo corredor de concreto.

Peter se agarrou ao teto, evitando contato com o restante do bando. Seu coração martelava loucamente, enchendo seus ouvidos com a familiar batida que o fazia lembrar de Kraven, escuridão e morte. Ele se balançou para fora do corredor, longe dos ratos, até um túnel adjacente. Rastejando pela parede, ele se forçou a repetir seu novo mantra: *não estou com medo não estou com medo não estou com medo*.

Lá no fundo, no âmago de suas entranhas, o Homem-Aranha sabia que estava, sim, com medo. No entanto, desde que não cedesse ao temor, desde que continuasse a fazer a coisa certa, o medo não importava – pelo contrário, servia para relembrar que ele ainda era um homem, não uma máscara, e que o único animal que vivia debaixo de Nova York era um covarde que enviava um exército de ratos ordinários para fazer seu trabalho sujo.

Peter correu pelos túneis sinuosos, de olho em eventuais caudas de rato que pudessem surgir pelo trajeto. Ao chegar a uma passagem de serviço, ele se soltou do teto e aterrissou com um salpico de água, depois caminhou pelo

lodoso líquido turvo e agitado, que lhe chegava na altura dos quadris. Tudo estava quieto agora. A única coisa que o Homem-Aranha podia ouvir era o som da água e a pulsação de seu coração ecoando no fundo de sua mente.

Eu quero fugir daqui, pensou ele. *Não suporto o fedor. Espero não ficar enjoado.*

– Seus ratos fugiram, Rattus! – gritou ele para a escuridão. – Eles sempre fogem no final, não é?

O Homem-Aranha foi até o fim do túnel e, com uma das mãos, espirrou água daquele rio tóxico.

– Somos só eu e você agora, Rattus. Então saia, saia de onde estiver!

Ele sentiu o zumbido baixo de seu sentido de aranha faiscando por sua coluna.

Rattus surgiu da água em movimento, atacando, arranhando e rosnando. Peter saltou de lado, evitando as garras cortantes da criatura. O homem-rato mergulhou, o lodo cobrindo seus olhos ardentes, os dentes à mostra.

– Qual é o problema, Rattus? – provocou Peter. – O rato comeu a sua língua?

Rattus urrou de frustração e saltou novamente da água, enfiando as duas garras nos ombros do Homem-Aranha. Ele chutou, derrubando Peter.

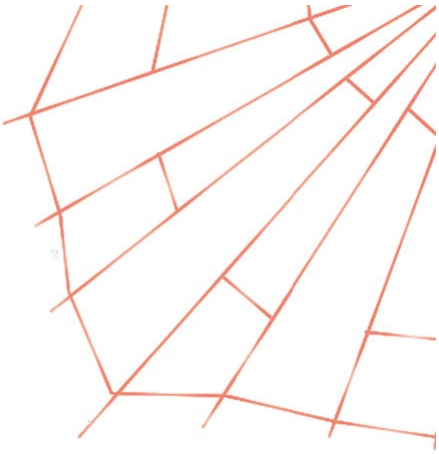
Piada besta, estúpida, inútil – quando foi que piadas ajudaram em alguma situação? Às vezes, elas podiam distrair um vilão. Desta vez, porém, a provocação só servira para enfurecer um animal já raivoso e encurralado.

– Você não devia ter me sssseguido, Homem-Aranha – sibilou o Rattus. – Deveria ter me deixado em paz!

O Homem-Aranha tendia a concordar. Sua máscara e sua boca estavam debaixo da água, e ele estava caído e *caindo* mais uma vez – e, ah, deus, eles estavam indo para baixo...

Vítima e vitorioso escorregaram para baixo do líquido turbulento e tóxico, desaparecendo de vista.

3



(EU NÃO ESTOU MORTO)

Peter se agitou embaixo do esgoto, desesperado por ar e lutando para se soltar de Rattus. O mundo se tornou verde e se estreitou, limitando-se a alguns centímetros (*fora da sepultura, para cima, através da terra)* diante de seus olhos, uma azáfama de dedos arranhando e líquido se revirando. Rattus atacou sua garganta, mas Peter recuou, deixando os dentes do assassino se fechar em nada além de sujeira e veneno. Peter empurrou o peito de Rattus com o cotovelo, depois, com o pé, deu um impulso contra o fundo do esgoto. Seus dedos, cegos e fracos, procuraram um ponto de apoio acima da água, sem encontrar nada.

(fora da sepultura, para cima, através da terra)

Ele se levantou, erguendo-se para fora do rio fluorescente, aspirando uma lufada de ar. Então Rattus o arrastou para baixo mais uma vez.

(debaixo do chão, da terra onde Kraven o enterrou, vivo e desejando a liberdade)

Para baixo eles foram de novo, lutando por suas vidas.

(Não estou morto!)

O mundo passou boiando diante dele. *E se eu estiver?*, perguntou-se Peter, os olhos ardidos e embaçados. E se ele nunca tivesse saído da sepultura? E se tudo aquilo – Kraven, Rattus, o esgoto – não fosse real, e ele ainda estivesse lá embaixo...

(lá embaixo, com aranhas e lápides, a morte, o desapontamento, com Ned e Gwen e Tio Ben)

... e se ele realmente estivesse...

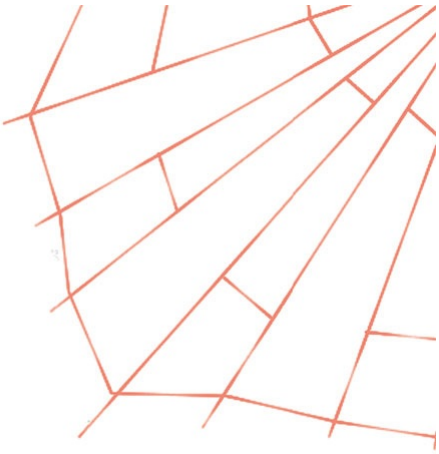
(eu. NÃO. ESTOU. MORTO.)

Rattus estendeu a mão para as costas do Homem-Aranha e o girou sobre a água, guinchando de fúria, enquanto tentava afogar seu inimigo. Antes de afundar, porém, Peter esticou o braço por baixo do pescoço de Rattus e reverteu

o movimento de ambos, balançando-se para escorar seu pé direito contra a parede do corredor. Rattus rosnou, baixo e ameaçador, depois segurou o uniforme de Peter. O Homem-Aranha se lançou da parede e usou a parte achatada das mãos para empurrar Rattus para baixo da água, segurando-o lá.

O esgoto borbulhou e fervilhou e, momentos depois, um dos combatentes subiu em busca de ar.

4



EDWARD ENGASGOU E CUSPIU, expelindo líquido de sua garganta. Naquele espaço apertado, ele girou, tentando localizar o Homem-Aranha. Ele virou, respingando água, sem encontrar ninguém, então espremeu os olhos para ver onde seu algoz poderia estar se escondendo.

– Homem-Aranha...? – perguntou Edward. Ele tinha que se proteger, por isso ficou de costas para a parede enquanto vasculhava o túnel. Garras retraídas, olhos atentos, Edward sentiu sua resolução fraquejar. Ele percebeu o quanto estava sozinho, como estava vulnerável ao homem que fizera de sua vida um inferno.

... *encontre-o*, Rattus gritou em sua mente. *Encontre-o, devore-o, ele é nosssssso aqui embaixo*...

O estômago de Edward se revirou. Suor escorreu do topo de sua cabeça, misturando-se com a água de esgoto que pingava por seu rosto. Sua respiração fazia ruídos no peito. Quanto mais o silêncio se estendia, mais preocupado Edward ficava.

– Onde esssstá você? – Hesitante, cauteloso. – Você... você não pode ssssse esconder de mim, Homem-Aranha! Eu vou encontrar você!

Aquilo não soou tão convincente quanto ele pretendia. Rattus o fustigou a tentar de novo. Ele relembrou Edward de quem eles eram e por que tinham ido para a superfície. Eles sabiam, lembrou Rattus, que o Homem-Aranha não podia derrotá-los sozinho.

Edward endureceu novamente sua resolução, correndo de um lado para o outro contra a parede. Ele se abaixou para olhar debaixo do lodo, passando as garras sob a água, caso o Homem-Aranha estivesse se escondendo abaixo da superfície.

– Onde você está?

Nada. Silêncio. Apenas o som da água se movimentando e os distantes guinchos e arranhados de seus amiguinhos minúsculos. Nada do Aranha. Nada além do terrível martelar de seu coração assustado e do escarninho enojado de Rattus em sua mente.

... fracote idiota, me deixe sair, eu encontro ele, sou o único que consegue...

Edward fechou os olhos e balançou a cabeça, determinado a acabar ele mesmo com aquilo. Ele estava desesperado para dar um fim à dor, à cruel tortura do Homem-Aranha e ao constante desprezo do Rattus. Edward podia cuidar de tudo ele mesmo. Ele não fora sempre daquele jeito. Antes...

... o que você era, Edward? Antes? Nada sem mim fraco e molenga...

... não, aquilo não estava certo. Ele tinha sido outra coisa antes dos ferimentos, antes da caçada. Se pudesse se lembrar...

... eu me lembro, Edward, eu me lembro de como eles nos trancaram e nos feriram, exatamente como o Homem-Aranha nos trancou e nos feriu...

Edward balançou a cabeça outra vez – rápido, violento. Rattus estava errado. Eles não o haviam trancado. Eles queriam ajudá-lo, antes. Antes de baterem nele. E o ferirem.

... eu vou machucar você, Edward, continue com isso e você não vai ter nada a temer do Homem-Aranha, seu tonto, não se eu pegar você antes...

– Não! – gritou Edward. – Você não vai me bater e me machucar de novo! Não vai! – Ele recuou contra a parede, os olhos arregalados, acovardando-se, apavorado, vasculhando cada sombra do lugar.

– Todo mundo me bate. Me machuca. Todo mundo. Por que... por que eles simplesmente não me deixam em paz?

... você é um assassino, é por isso, um belo assassino, você se esqueceu, meu doce...

Edward engoliu e tossiu, lágrimas subindo a seus olhos. O suor continuava a embaraçar sua pelagem, misturado com o esgoto espesso e viscoso.

– Não é culpa minha – retrucou ele. – Eu fico com fome, só isso.

... então o que é que você está esperando?, perguntou Rattus. *Encontre o homem rastejador, o homem inseto, encontre o Homem-Aranha e o devore...*

Edward cobriu a boca e entortou o pescoço, tentando ver acima do túnel. Ele olhou à esquerda e à direita, mas não viu nenhum sinal do uniforme do Homem-Aranha, tampouco algum rastro de sangue que pudesse seguir.

– Ele está aqui, em algum lugar. Eu sei disso.

Edward se aventurou para o meio da água, longe da parede, e mergulhou. Sua respiração diminuiu de ritmo até voltar ao normal.

– Ele está aqui e vai me bater e me machucar. Me machucar tudo de novo. Eu simplesmente sei.

... faça alguma coisa, machuque ele primeiro...

Em meio ao líquido ondulante, Edward passou os dois braços ao redor do corpo e estremeceu. Seus dentes bateram, enquanto ele ponderava sobre o inevitável.

– Não, eu não aguento outra surra! Ele quase me matou da última vez. Ele é mau, aquele Homem-Aranha. Ele é mau.

Rattus fez uma careta de dor. *Escute só você, olhe para nós, só dentes e garras de navalha e músculos e ratosssss! Ele não é nada! Ele é carne e homem e está em nossa casa, aqui onde somos fortes, e você diz que ele é mau* – nós *somos maus e vamos comê-lo e provar quanto somos fortes...*

Edward fungou e balançou a cabeça, quase em lágrimas.

... nós somos maus, nós vamos machucá-lo.

Edward recuou contra o corredor e gritou, na tentativa de parar a voz dentro de sua cabeça.

– Ele vai me matar!

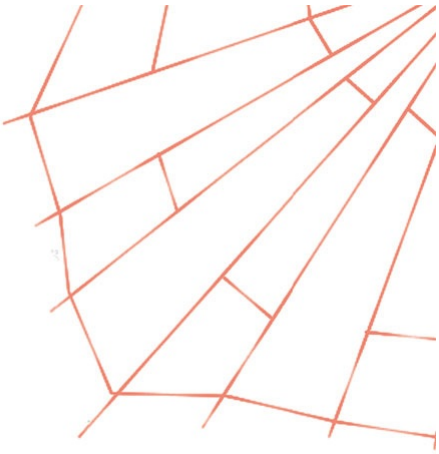
– Eu não vou matar você, Rattus.

Fios de teia fibrosa surgiram do nada – envolvendo o braço e o torso de Edward, segurando-o imóvel contra a parede. Edward olhou para cima, seus olhos escarlates fitando as reentrâncias do teto, enquanto o Homem-Aranha emergia das sombras. O uniforme do herói estava rasgado, e pedaços de carne imunda e sangrenta estavam à mostra em seus braços e pernas. Os olhos do escalador de paredes encaravam Edward, julgando-o impassivelmente.

Edward gemeu, observando o Homem-Aranha se aproximar, então cochichou baixinho para seu furioso e cruel outro eu:

– Ele vai me deixar mortinho da silva.

5



O HOMEM-ARANHA ENCAROU RATTUS, que estava amarrado como um frango, engessado contra a parede. Peter estava cansado, molhado e desesperado para acabar logo com aquilo. Ele enxugou a água do rosto, limpando as lentes de sua máscara, e circundou Rattus.

– Eu disse a você antes – falou Peter. – Não fui eu quem foi atrás de você da última vez, foi o Kraven!

Rattus chacoalhou a cabeça, olhos arregalados de medo, as mãos presas na teia, se fechando no ar.

– Não – respondeu ele –, você... vá para longe de mim, Homem-Aranha mau...

Peter se aproximou. Ele manteve distância dos pés de Rattus, que se agitavam livremente na água.

– Eu falei, foi o Kraven! Não eu.

Rattus, porém, parecia determinado a não escutar.

– Não, vá para longe. Ou vou chamar meus amiguinhos ratos e mandar que eles...

O Homem-Aranha socou Rattus no rosto antes que a criatura pudesse terminar a frase.

– Não! – gritou Peter. Ele levou o punho para trás, torcendo para não escutar o ruído dos minúsculos pés dos ratos que os rodeavam.

Por que eu fiz isso?, Peter se perguntou. *Eu não quero machucá-lo, quero?*

(Estou com medo!)

Peter chacoalhou a cabeça, agarrando Rattus pelo maxilar. Moveu-se mais para perto, sentindo repugnância pelo hálito azedo e fétido do roedor.

– Se você sequer cochichar para aqueles seus ratos, eu vou *matar* você.

Gotas de suor surgiram na testa de Rattus. Sua cabeça balançou com violência.

– Então não vou chamá-los – choramingou ele. – Não vou!

Peter fitou profundamente Rattus nos olhos. O canibal repetia "não vou" várias e várias vezes, como um mantra desesperado e frenético.

O coração de Peter se partiu ao avaliar a alquebrada criatura diante dele. Chutado e espancado pela sociedade, capturado e acossado pelo Kraven – Rattus não pedira por nada daquilo. A Oscorp é que havia feito aquilo com ele. Havia um homem enterrado debaixo...

(do chão)

... de todo o pelo e as presas e o odor pesado. Peter sabia que, apesar de sua repugnância e sua angústia pessoal, ele precisava encontrar alguma forma de ajudar aquele homem.

– Me escute, Rattus...

– nãovounãovounãovou

Peter se inclinou para a frente e ergueu a voz.

– Escute!

Rattus engoliu em seco, se encolheu e fechou a boca.

Peter respirou fundo.

– Rattus. Eu não quero machucar você. Juro que não quero.

Rattus levantou o olhar, fitando o Homem-Aranha com ceticismo.

– Não? – perguntou ele, com uma vozinha minúscula.

– Não. Eu quero parar a sua dor.

– Ah, isso seria bom. Chega de apanhar e de doer.

O Homem-Aranha continuou.

– Quero levar você lá para cima, Rattus. Para cima, para fora da escuridão.

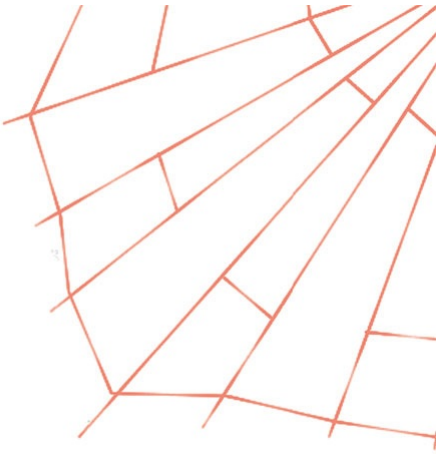
Os olhos de Rattus se arregalaram, e seu balbucio foi parando. Ele parecia estar enfrentando algum tipo de luta interna.

– Chega de apanhar e machucar... chega... – ele resmungava para si mesmo.

Peter se retesou, recuando lentamente, esperando por algum tipo de reação. Seu sentido de aranha disparou, subindo por sua coluna, enquanto o rosto de Rattus se anuviava em ódio e fúria.

Com um rosnado violento, Rattus rasgou as teias que o prendiam e escapou da parede, as garras à mostra, em busca de sangue.

6



O HOMEM-ARANHA tentou se desviar das pancadas de Rattus, mas o canibal, em frenesi, conseguiu enfiar suas garras nele e arrancar um punhado de tecido de seu traje.

Eu não quero estar aqui, pensou Peter outra vez. *Quero estar em casa com Mary Jane, em casa, onde é seguro e protegido*.

Rattus preparou-se para outro ataque.

– Não! – gritou o roedor. – A luz é clara e quente e terrível! Eu adoro a escuridão, o frio, a maravilhosa imundície! – Ele adiantou-se, golpeando e tentando atingir o Homem-Aranha, forçando-o contra a parede e obscurecendo sua visão com borrifos de lodo.

O Homem-Aranha recuou e perdeu o equilíbrio, caindo sob a água por um instante. Ele teve um lampejo da sepultura de seu passado, ele escavando uma saída sob o céu tempestuoso...

(tão escuro)

... depois rapidamente ficou de pé, limpando o esgoto de seus braços e suas costas. Rattus emitiu um rosnado baixo e longo, saltando para o Homem-Aranha, furioso e pronto para matar.

Peter ainda estava alucinando. Não conseguia tirar a imagem da sepultura de sua mente. Teve uma visão do cadáver inchado de uma aranha, virado de barriga para cima e esparramado no túnel longo e escuro. Sua respiração saía em ofegos curtos e esporádicos. Uma gargalhada ecoou de súbito em sua cabeça, enchendo sua mente com imagens de dentes e garras e com o odor da morte.

(estou com medo)

Ele não podia respirar. Não conseguia identificar o que era real. Tudo o que queria era se libertar. Ele então se virou e subiu pelo corredor, espalhando água

em seu caminho para a liberdade, para o ar livre, para a segurança das ruas lá no alto.

Rattus começou a segui-lo, arrastando os pés para um corredor adjacente, enquanto o Homem-Aranha corria até o bueiro mais próximo.

Estou com medo, pensou Peter, engolindo golfadas daquele ar sufocante. *Mas não posso deixar meu medo me segurar. Não posso.*

(Posso, sim.)

Por favor, não permita que ele me impeça.

(Fuja! Fuja!)

Peter fugiu. Um exército de ratos apressou-se a se juntar a seus calcanhares, esperando pegá-lo por trás.

Sim, fuja, mas não da escuridão. Não do medo. Fuja para *alguma coisa – para o coração pulsante à sua espera. Siga esse trovão, esse chamado. Fuja para cima, para fora.*

Peter prestou atenção para ouvir o coração pulsante, a linha de vida que poderia levá-lo para casa – porém tudo o que conseguiu ouvir foi a aspersão de água e os ratos guinchando, batendo as patas. Ele tentou visualizar o rosto de Mary Jane – o calor e o amor refletidos nos olhos dela, o sorriso em seus doces lábios.

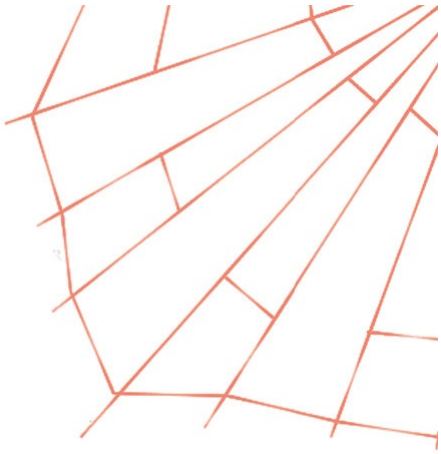
(venha para mim, Peter)

Eu não vou morrer. Não vou morrer de novo. Ele fugiu, agora conseguindo ouvir um coração pulsante, mas o reconheceu como sendo o seu próprio. Sua respiração estava acelerada, seu sangue fluindo, as pernas subindo e descendo pela água. Ele jurou não se tornar outro Ned Leeds ou Norman Osborn ou Joe Face. Ele não seria outro fantasma no cemitério – deixado sem nada além de culpa e arrependimentos, morto pelas mãos do Homem-Aranha.

Eu não vou morrer de novo, Peter jurou para si mesmo. O sorriso de Mary Jane e seus braços à espera dele o levavam adiante. Ele queria vida e amor, ele odiava a morte. Desta vez, era o coração pulsante do próprio Homem-Aranha que o fazia levantar do chão e ir para longe da morte e da escuridão, para cima, para cima...

... para a luz.

7



MARY JANE DORMIA, tendo finalmente cedido às necessidades de seu corpo – e sonhava. No sonho, ela dormia em uma suntuosa cama de plumas, sozinha em um interminável campo branco, vestindo uma camisola simples.

Ela esfregou os olhos e ficou de pé. A cama desapareceu, e Mary Jane continuou sozinha, quente e vagando no eterno vazio.

Ela caminhou, dando passos largos por planícies de alabastro. Enquanto viajava por aquele purgatório angustiante, suas roupas se transformaram em uma blusa preta sem mangas e um par de jeans – a mesma roupa que estava vestindo no dia em que ela e Peter se conheceram. Ela virou a cabeça para os lados e esperou por alguma mudança ou alteração na paisagem alvejada.

Finalmente, Mary Jane olhou para cima e se viu cercada por imponentes lápides. Elas haviam simplesmente aparecido, como se reveladas por uma névoa, e erguiam-se bem altas, lançando sombras no campo branco até onde a vista alcançava. MJ teve que lutar contra o impulso de se deitar e se encolher em posição fetal. Tudo o que ela queria era descansar para sempre sob a lisa superfície das lápides ao seu redor.

Então percebeu que as pedras dos túmulos não estavam em branco. Elas tinham sido esculpidas com nomes bastante conhecidos. Vozes flutuaram até ela, rindo e chamando, vindo de baixo e ao redor das sepulturas. Algo latejou no peito de Mary Jane – algo que ela não conseguia identificar –, enquanto ela olhava em volta, procurando pela fonte do riso.

Alguém cutucou seu ombro, e ela se virou. Atônita, ficou frente a frente com seu pai, ameaçador e bêbado. Ele a observou com desdém e, em seguida, a atacou. Ela ergueu as mãos para se defender, mas o fantasma explodiu e se despedaçou. Pedaços de seu falecido pai se afastaram no vazio, fazendo soar uma gargalhada feia.

Ela fechou os olhos e chacoalhou a cabeça, lutando contra as lágrimas, a pulsação em seu peito ficando mais forte.

– Isso não é real – ela disse a si mesma. – É só um sonho.

Ela tentou se forçar a acordar, mas não conseguiu.

(Dê uma olhada ao redor, fofura. Me diga o que você vê.)

Mary Jane estremeceu ao som da voz de seu pai. Ela tentou esconder os olhos, mas oito braços fortes separaram suas mãos e a forçaram a assistir, a prestar seu respeito.

(Me diga o que você vê!)

Uma lápide passou por ela.

– Aqui jaz Ned Leeds – leu Mary Jane, quase sem conseguir colocar as palavras para fora de sua boca. O fantasma triste e solitário de Ned ficou por ali um instante, com as mãos cruzadas diante de seu terno fúnebre.

Um segundo monumento.

– Aqui jaz Gwen Stacy.

Gwen, descolada e adorável como era em vida, estava de pé diante de sua lápide, no casaco que vestia quando morreu. Mary Jane tentou se aproximar dela, falar com sua ex-rival pelo coração de Peter Parker, mas o fantasma de Gwen logo já começou a sair de vista, sem querer se envolver.

As lápides cercavam MJ, prendendo-a em um círculo. Fantasmas uivavam e gemiam ao redor dela, implorando para que ela explicasse por que o Homem-Aranha falhara em salvá-los, por que deixara que morressem. Vítimas que ela nunca tinha conhecido, confidentes cujos rostos enchiam suas lembranças. E incontáveis outros. Mortos, vidas perdidas por causa de seus laços com Peter Parker.

Eles a cercaram, suas vozes se elevando, harmonizando-se ao ritmo hipnótico de tambores e trovões. Ela estava congelada, dominada pela lembrança da risada raivosa e manipuladora do pai. Relembrando as histórias daqueles mortos, visualizando seus finais, ela se perguntou se poderia se juntar a eles algum dia. Será que ela também morreria por causa de seu amor por Peter Parker?

De uma só vez, um trovão sobrepujou a voz de seu pai. As lápides retrocederam, desaparecendo no nada. Mary Jane estremeceu, sozinha de novo. Uma única lápide esperava a distância, e MJ começou a andar na direção dela. Conforme se aproximava, um som percussivo de tambores pareceu se erguer à sua volta. Ela chegou até a última lápide e tentou ler a inscrição. Enquanto lia,

MJ se deu conta de que o som ritmado de tambor não era um tambor, de forma alguma.

Era um coração pulsante – o seu. Ela tocou seu peito, depois olhou de novo para o nome.

– Aqui jaz Peter Parker.

Seus dedos acompanharam a inscrição até chegar a uma segunda, menor, logo abaixo do nome de seu amado.

– Com Grandes Poderes Devem Vir Grandes Responsabilidades.

Ela sorriu. Seu coração se acendeu, aquecendo o corpo todo. Eram as palavras de Ben Parker – as palavras pelas quais Peter vivia sua vida. Mary Jane sabia, entretanto, do fundo do coração, que ali, em seu cemitério particular, aquelas palavras significavam algo diferente.

Ela sentiu outra mão em seu ombro e sorriu ao experimentar seu calor. Levantou e tomou aquela mão na sua, sentindo seu peso suave, marcado, acolhedor. Ela se virou, e Ben Parker a agraciou com um sorriso bondoso.

Você tem grandes poderes, disse Ben, *e grande responsabilidade. Ser um herói também significa fazer grandes escolhas. Significa proteger aqueles a quem você ama, tão bem e tão ferozmente quanto puder.*

Ele abriu os braços e desapareceu, voltando ao éter. *Nenhum homem é perfeito, Mary Jane. Nem mesmo um Homem-Aranha.*

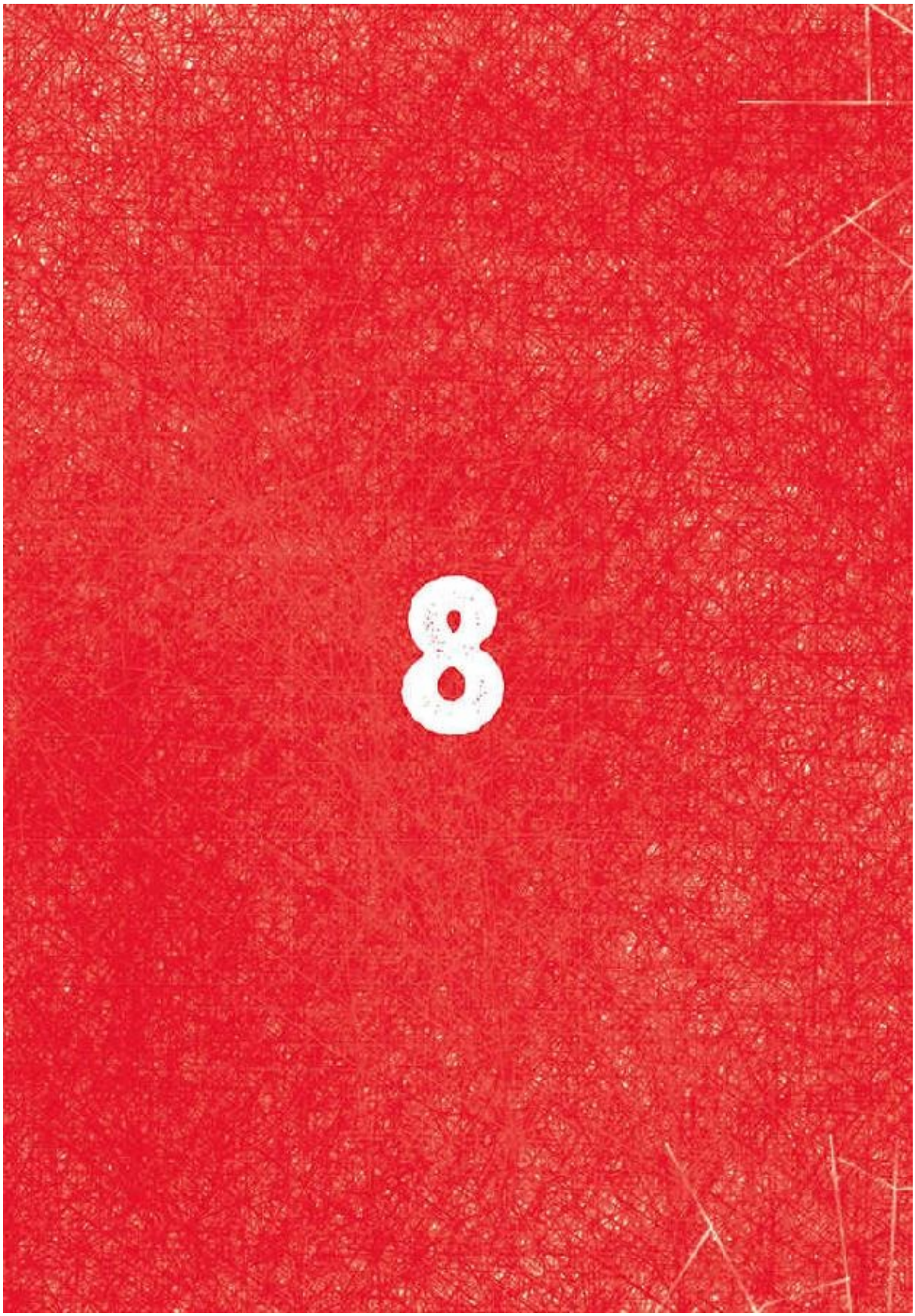
Mary Jane acordou. O sonho escapou de sua mente conforme a luz atravessava a janela, caindo sobre os lençóis revirados. Ela jogou as cobertas de lado e chutou sua mala, cheia pela metade. Então foi até a janela, escancarando-a para deixar entrar o ar frio de Manhattan.

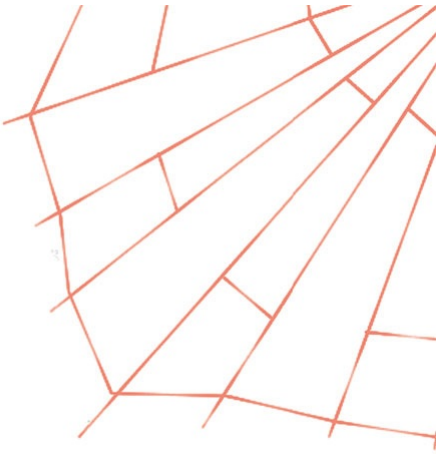
As palavras de Ben Parker ainda ecoavam em seus ouvidos. *Ser um herói também significa ter muito amor. E você faz o melhor que pode com o que tem.*

Um sorriso puxava seus lábios.

– Com grande amor deve vir grande responsabilidade.

Ela riu. Os bem-vindos raios do sol declaravam que, enfim, a tempestade havia terminado.


8



O HOMEM-ARANHA ESTAVA NO MEIO DO TÚNEL, dirigindo-se para a ponta oposta do reservatório de esgoto. Edward hesitou. O Homem-Aranha não havia prometido ajudá-lo?

... seu idiota, disse Rattus. *Ele dirá qualquer coisa para fazer você acreditar nele, ele não quer ajudar você, ele quer prender você de novo...*

Edward não acreditava naquilo. O Rattus não tinha ouvido? Aquele tinha sido outro Homem-Aranha, um diferente.

... esse, aquele, quem se importa, os dois querem bater e machucar você, mas nesse você pode bater, esse você pode derrotar sozinho...

Edward parou de súbito, enquanto aquelas últimas palavras penetravam seu entendimento. Rattus fazia sentido – mas Rattus já tinha se enganado antes. Rattus havia tirado Edward da escuridão boa e segura, ido lá para cima, arriscado tudo. Rattus o forçara a caçar aquelas mulheres. Rattus havia traído a segurança deles e chamado a atenção do Homem-Aranha mau, que os enjaulara e os surrara por dias. Então por que acreditar no Rattus agora? Por que não confiar naquele outro Homem-Aranha, aquele que prometia acabar com a dor?

– Chega de apanhar e doer... chega... – Edward gemeu por um momento, considerando suas opções.

... seja lá o que você era, não importa, Edward, o que importa é quem você é agora, e eles vão prender você de novo e machucar e torturar você, porque você matou e comeu todas aquelas pessoas...

Não. Edward não podia deixar aquilo acontecer.

Eles vão bater e machucar você e bater de novo fora da escuridão, fora na...

– Certo!

Com um suspiro profundo, Edward libertou Rattus.

Rattus reuniu seu exército, conclamando cada cantinho do esgoto. Eles então vieram, em seus pezinhos diminutos, uma legião de soldados roedores, prontos para obedecer a seus comandos.

Rattus riu do pequeno Edward, fraco e patético. Desta vez, não haveria nenhum truque. Desta vez, o Homem-Aranha estava fugindo.

Se ele está fugindo, então ele é meu…

Rattus começou a avançar pelo corredor, salivando e respingando água. Seu estômago roncou. Rattus estava tão faminto – *eles* estavam tão famintos, ele e Edward, sem ter comido nada além de um único rato desde que haviam escapado das garras do outro Homem-Aranha.

O Homem-Aranha mau, Edward choramingou dentro da cabeça de Rattus, *o mais forte, que nos bateu e nos machucou e depois nos trancou…*

Quieto, Edward, disse Rattus. *Esse não é aquele, esse é fraco e surrado…*

Esse Homem-Aranha é o jantar…

Edward fungou baixinho, e Rattus o ignorou. Saliva escorreu em fios grossos da língua de Rattus, misturando-se com o líquido a seus pés. Mais guerreiros ratos se juntaram a sua cruzada, apressando-se, com uma fome visceral, atrás do Homem-Aranha.

Eles chegaram a uma encruzilhada. Um ruído metálico ressoou à esquerda de Rattus, e ele virou a cabeça, alertando seu exército. Rattus caminhou com dificuldade entre dois arcos de pedra e encontrou uma escada que levava para cima e para fora, por meio de uma tampa de bueiro. Rattus já tinha usado bueiros como aquele para caçar e capturar mulheres macias de cheiro doce, que os mantiveram gordos e saudáveis durante o último mês. Ele subira por um bueiro daqueles a mais ou menos um quilômetro e meio dali, da última vez que deixara o esgoto.

… para provar que podíamos, para provar nossa força, se lembra, sim, sim, nós sssssubimos para matar o Homem-Aranha…

E, desta vez, ele realmente seria bem-sucedido. Rattus planejava terminar a noite com a garganta do Homem-Aranha entre suas mandíbulas, o sangue escorrendo por seu queixo.

Contudo, algo o segurava. Até os ratos podiam sentir. Seus guinchos se intensificaram, e eles retrocederam para as sombras, para longe da escada. Rattus ficou sozinho, se perguntando o que o impedia de seguir.

Edward…

Sssssssim…

Era sempre Edward. Edward contendo a mão deles, isolando-os do mundo, impedindo-os de tomar o que era deles por direito. Edward, o tonto. Edward, o fracote. Edward, que não queria nada além de ser deixado em paz, ou de sentir o amor e o toque de sua mamãe...

Algo golpeou Rattus, estapeando seu rosto, e ele recuou, por causa da pancada. Perplexo, levou a mão ao rosto e olhou ao redor, procurando pelo Homem-Aranha. O mascarado o enganara, era uma armadilha! Porém não havia ninguém ali, e Rattus percebeu que o tapa não tinha sido real. Ele de fato o sentira, mas apenas dentro de sua mente.

O deplorável pequeno Edward havia ganhado coragem.

Para cima, precisamos ir lá para cima, seu idiota...

Não, discordou Edward, *da última vez que fomos para cima, fomos trancados em uma jaula.*

Rattus sibilou em resposta. *Da última vez que subimos, comemos como reis...*

Edward balançou a cabeça, *o Homem-Aranha nos bateu e nos machucou. Capitão Bandeira nos bateu e nos machucou.*

... não tem nenhum Capitão Bandeira, Rattus respondeu. *É só ele, nós enfrentamos a polícia e comemos como príncipes, precisamos ir lá para cima e matar o Homem-Aranha agora, antes que ele escape...*

Edward mordeu o lábio e espiou a parte de baixo da tampa do bueiro, fitando a água que escorria dali. Seus olhos vermelhos ficaram redondos e enormes. Ele se aproximou da escada, tocando hesitantemente o degrau mais baixo.

– Lá em cima. Ele está lá em cima?

Edward não sabia o que fazer. Ele não queria mais ser ferido, mas o Rattus não o deixava em paz. Os guinchos horríveis em seus ouvidos e os fortes empurrões em suas costas o mandavam cada vez mais para perto da escada. E ele estava com uma sensação corrosiva em sua barriga vazia.

– Será que eu devo? – Edward se perguntou, o sussurro sibilante se expandindo pelo corredor e ecoando contra as paredes. – Será que eu devo? – repetiu ele, desta vez se dirigindo aos poucos ratos que restavam por perto.

Sim, sim, sim, é claro você deve, alto, alto, alto...

Edward agarrou a escada e começou a subir. Ele imaginou a estúpida máscara do Homem-Aranha em sua mente, começando a gostar da ideia de imaginar como seria o gosto da carne debaixo dela.

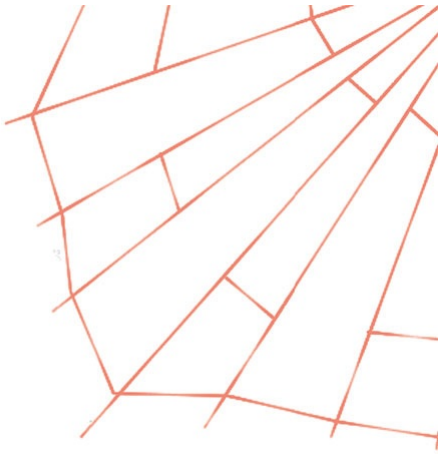
Com a mão no quinto degrau, ele se deu conta de que aquele último pensamento devia ter sido de Rattus. Desta vez, no entanto, Edward não se

importou. A fome o dominava, e Rattus guinchava em seu cérebro. Edward depositou os dedos e a fome no último degrau, fortalecendo sua resolução. *Será que eu devo ir lá para cima?*, perguntou-se derradeiramente.

– É claro que eu devo!

Rattus salivava de antecipação. Ele empurrou a tampa do bueiro com as duas mãos, deslocando-a para o lado, e ansiosamente arrastou-se para cima, indo para fora.

9



PETER OBSERVOU RATTUS SAIR DO ESGOTO PARA A LUZ. A chuva havia parado, as nuvens se separado, e o sol banhava as ruas de Manhattan, refletido em inúmeras poças de água.

Buzinas estrondavam, sirenes soavam. Rattus olhou ao redor loucamente, desorientado pela luz e pelo barulho. Ele dardejou para um lado e para outro, procurando por uma sombra onde se esconder, algum lugar escuro no qual pudesse encontrar paz.

Infelizmente para Rattus, ele estava no coração do centro da cidade: rua 34, a meros quarteirões do Empire State Building. Táxis se desviavam para evitar colidir com ele, caminhões buzinavam e motoristas o fitavam pelo para-brisa, abjetamente aterrorizados. Rattus recuou e jogou os braços para o alto, tentando se esconder da vasta e áspera luz do sol.

– Ah, não, ah, não – gemeu ele, congelado de terror. Um carro com motorista particular passou raspando por ele, forçando-o a retroceder – e a entrar diretamente no caminho de um caminhão de entrega que se aproximava. O motorista apertou a buzina. O infame Assassino Canibal de Manhattan apenas continuou imóvel, como um cervo hipnotizado pelos faróis, vendo o veículo acelerar em sua direção.

Poucos segundos antes que Rattus se tornasse apenas uma mancha de sangue e pelo sobre a rua 34, o Homem-Aranha balançou-se por ali, erguendo o homem-rato para fora do tráfego. Rattus amoleceu, permitindo que o lançador de teias o carregasse acima da hora do rush matutino de Nova York.

Eles seguiram a noroeste, para a Delegacia do Centro Sul da cidade. O Homem-Aranha então aterrissou nos degraus do lugar, diante de uma reunião de tiras de rua, detetives e viaturas estacionadas. Em um dia bom, o Homem-Aranha tinha uma relação vacilante, do tipo “vamos fingir que não estamos

vendo", com a polícia de Nova York. Agora, porém, depois do rebuliço com Kraven, o Homem-Aranha tinha sido rotulado como um assassino brutal. Conforme os policiais se aproximavam, Peter, suando profusamente, se preparou para ir embora, ou ter que lutar.

Nem pensar, pensou Peter. *Não vou arregar, não vou permitir que me prendam. Não até enfrentar Kraven. Não até eu ver Mary Jane. Não até eu garantir que o Rattus não vai escapar de novo.*

Os policiais enxamearam ao redor da dupla, sacando armas de seus coldres, enquanto o Homem-Aranha entregava sob a custódia deles um Rattus balbuciante e cego. Dois detetives correram para dentro, procurando por um oficial superior. Dois outros apontaram suas pistolas para o par, no momento em que o Homem-Aranha envolvia Rattus em uma camisa de força de teia.

Rattus mal percebeu. Ele estava sentado nos degraus, de olhos fechados, evitando os raios ardentes da luz do sol e choramingando baixinho.

– Tão brilhante, tão brilhante – reclamou Rattus. – Leve isso para longe, por favor, Edward, leve a luz para longe!

– Escutem só esse cara – disse um dos tiras, atônito. – Choramingando como um cãozinho.

O outro patrulheiro se adiantou, a pistola apontada para a boca de Rattus.

– É ele, não é? – perguntou ao Homem-Aranha. – É o nosso Assassino Canibal.

– Precisamos de reforços – disse o primeiro policial. – E muito!

– Acho que não – retrucou o Homem-Aranha.

Ele se abaixou para falar com o Rattus, colocando a mão sobre o ombro do homem-rato. Rattus, porém, recuou e se encolheu, mal compreendendo o que tinha acontecido.

– Rattus, eu vou chamar um médico. Um psiquiatra. Alguém que possa conseguir a ajuda de que você precisa.

– Não – rosnou Rattus, tentando se livrar de sua prisão de teia. – Eu não quero ajuda! Não quero! Não de você!

– Bem, você vai receber, queira ou não.

O Homem-Aranha se levantou, trêmulo, mas feliz por estar vivo. Ele estava exausto, e tudo o que queria era ir para casa e dormir por dias. Mas não podia, não ainda. Ele precisava voltar para o covil de Kraven. Precisava escavar fundo – conseguir se concentrar em meio àquela praga contínua de visões – e trazer Kraven à justiça. Mais imediatamente, ele precisava sair dali, antes que alguém o prendesse.

Clareando sua mente e respirando fundo o ar de Manhattan, o Homem-Aranha desceu os degraus e foi para a rua – direto para o enxame de policiais.

Antes que ele pudesse disparar um fio de teia e saltar para o ar, um terceiro policial – um tenente – se aproximou, vindo do prédio, e ergueu a mão. O tenente gritou alguma coisa, e o círculo de tiras se fechou. Peter não podia lutar com todos eles – por pior que as coisas estivessem, ele não queria o *Clarim Diário* cacarejando sobre como o Homem-Aranha tinha começado uma briga com uma turma de policiais.

O tenente não estava armado nem ordenando que algum policial sacasse suas armas. Peter hesitou, curioso, mas tenso.

– Homem-Aranha – disse o tenente. – Eu só queria lhe agradecer pela captura do Assassino Canibal. O povo de Nova York pode ficar tranquilo agora, sabendo que você colocou esse maníaco atrás das grades.

O Homem-Aranha assentiu devagar, esperando a cena se completar. Os outros policiais se aproximaram atrás dele, cercando-o, e ele resistiu ao impulso de se lançar sobre um poste de luz próximo.

– Você fez um belíssimo trabalho – continuou o tenente. – Depois de tudo o que Kraven fez com você, você ainda conseguiu prender essa fera assassina. – O tenente estendeu a mão, o rosto ficando corado. – Em nome do departamento de polícia de Nova York, e falando como marido e pai de duas filhas, eu queria lhe dizer muito obrigado. E, bem, nós sentimos muito por tudo.

O Homem-Aranha aceitou a mão do sujeito, apertando-a com firmeza e cautela. Os outros policiais começaram a aplaudir. As palmas, lentas e ritmadas, ovacionaram o Homem-Aranha, enchendo-o de alívio e gratidão.

O tenente assentiu, se virou e voltou lá para dentro. Seus companheiros logo se juntaram a ele, dando tapinhas nas costas do Homem-Aranha, enquanto subiam apressadamente os degraus da delegacia, logo após Rattus.

Peter sorriu e respirou fundo outra vez. Ele encheu os pulmões e fechou os olhos, sentindo os raios de sol secarem seu uniforme encharcado. Esperou que visões de fantasmas e cemitério dançassem atrás de seus olhos, mas elas não vieram.

Algo que o tenente dissera formigou na nuca de Peter. “Depois de tudo o que Kraven fez com você...” Como o tenente sabia o que Kraven fizera?

Peter olhou ao redor, viu que estava sozinho e levantou um braço, disparando um fio de teia. Propelindo-se no ar, ele girou as pernas sobre as viaturas estacionadas e se dirigiu para o norte, acima das massas em movimento, no espaço entre os arranha-céus.

Ele se balançou pela cidade, passando por uma banca de jornal. Pilhas de exemplares fresquinhos do *Clarim* exibiam uma grande foto colorida de Kraven, o Caçador, vestido em seu traje cerimonial e cercado por um grupo de troféus. Ao lado da foto de Kraven, via-se outra: de pé, em uma biblioteca palaciana, diante de um caixão que teria sido familiar para o Homem-Aranha, se ele tivesse parado para olhar, dois detetives mostrando para a câmera um bilhete escrito à mão. Acima das fotos do *Clarim* e do artigo que as acompanhava, tinham sido impressas quatro palavras, em tipografia ponto sessenta, que poderiam dar a Peter Parker todas as respostas que ele buscava: A CONFISSÃO DE KRAVEN.

O Homem-Aranha, porém, não havia lido aquilo, e agora já estava a quarteirões dali. Ele rumava para o centro, olhando para o sol, que piscava entre os prédios.

As palavras do tenente ecoaram de novo em sua mente. *Suponho que vou descobrir o que ele quis dizer depois que eu voltar para a casa de Kraven.* O Homem-Aranha pressionou um botão na palma da mão, soltando outro jato de teia.

O pior já passou, pensou Peter. *O pior já passou, e eu não estou morto.*

O demente jogo de Kraven – drogar Peter, enterrá-lo vivo, roubar sua vida e sua reputação – havia testado Peter até os limites de seus princípios e de sua humanidade. No entanto, ali estava ele, vivo e bem, ainda lutando a boa e velha luta.

Não estou morto, Tio Ben. Ainda estou aqui.

É claro que ele não tinha certeza se Kraven estaria esperando em casa. Kraven dissera que estava abrindo mão da caça de vez, e Peter tinha uma sensação estranha de que ele havia falado sério.

(Deus, pensou Peter, sorrindo para si mesmo, enquanto sentia o vento no rosto, a brisa contra sua pele exposta e contundida. *Deus, é bom estar de volta.)*

Ele imaginou se poderia adiar aquilo. Sabia que o final daquele negócio seria feio e doloroso. Assim que descobrisse detalhes específicos sobre as vítimas de Kraven e Rattus, a culpa retornaria. Peter compreendia que, inevitavelmente, suas preocupações sempre estariam ali – a dor de saber que vidas tinham sido perdidas porque ele usava uma máscara.

Contudo, Peter também sabia que o fato de ele sentir culpa, se importar e se preocupar, significava que ele era mais do que uma máscara – ele era um homem. E, apesar de seus poderes o carregarem de responsabilidade, o mesmo podia ser dito de seu amor pela humanidade. Era isso o que fazia dele um herói.

Era por isso, Peter queria dizer ao tenente, que, a despeito de tudo o que Kraven e Rattus fizeram com ele, o Homem-Aranha persistiria.

Ele se sentia leve e livre, mas perguntava-se quando sua mente ficaria borrada e na escuridão outra vez. Esperava por um novo ataque do seu inconsciente, pela garganta se fechando sobre aquela terra imaginária novamente. Ele voltou a se perguntar se, em sua mente, se veria enterrado mais uma vez – se aquela paz irradiando por seu corpo, a sensação de voar acima de seus problemas, não seria nada além de um sonho, prestes a ser arrancado dele.

Não, pensou Peter. Como poderia ser? Como ele poderia se ver preso, sozinho debaixo da terra, quando se sentia tão perto do céu? Ele rodopiou num abandono gracioso e negligente acima dos telhados. Como alguém poderia se sentir morto e enterrado quando o sol brilhava tão forte, o céu parecia tão azul e ainda havia tanta vida a ser vivida?

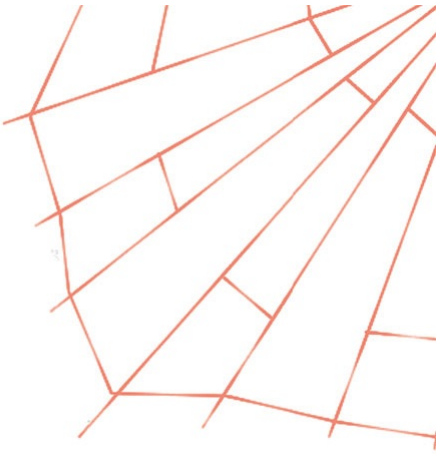
Ele ajustou seu movimento e virou em uma rua secundária, na direção da casa de Kraven. Reparou que sua respiração havia voltado ao ritmo normal, apenas levemente em pânico.

Deus, é bom estar de volta. Estou vivo. Estou vivo.

Era agradável, de verdade, desfrutar da sensação da própria respiração. O ar dentro, depois fora dos pulmões. *Se ao menos eu pudesse dizer o mesmo sobre a sensação destas roupas molhadas e nojentas sobre mim. Ah, e o cheiro. Sinto que estou embalado a vácuo junto com sushi de uma semana atrás. Vou precisar de um maçarico e uma ducha Silkwood. E talvez, só talvez, de um nariz novo.*

Exausto, mas aliviado, Peter escutou a batida tranquilizante de seu próprio coração. O Homem-Aranha estava de volta. Kraven não havia vencido. E agora, o Homem-Aranha o levaria à justiça. Focando em um som distante e nefasto, Peter soltou outra teia e foi ao encontro dos tambores da selva à sua espera.

EPÍLOGO 1
A CRIANÇA INTERIOR



– NÃO HÁ NADA A TEMER – disse a voz. – Ninguém vai machucar você.

Encolhido em um cantinho de sua cela, cercado por cerâmica quebrada e refeições rejeitadas, Edward, por entre as mãos, olhou para a parede. Lentamente, ele se levantou sobre as quatro patas e se moveu até a câmera.

– Isso mesmo – continuou alegremente a voz. – Não tenha medo. Eu quero ajudar você.

Edward fez uma careta de desprezo e cuspiu na câmera, rosnando baixinho.

– Mentiroso – acusou ele. – Mentiroso!

A voz invisível pareceu ofendida.

– Por que eu mentiria para você, Edward?

– Tudo mundo mente! Todos se escondem atrás de máscaras!

– Quem, Edward? Quem mentiu pra você?

Edward, no entanto, voltou para o cantinho, encurvando-se em uma bola e se escondendo atrás das próprias mãos. Ele resolveu não falar, e a voz desapareceu por algum tempo.

Uma hora depois, ela voltou.

Edward delirou, gritando e salivando, os olhos vermelhos e furiosos.

– Devorar você! – Ele bateu contra a parede. – Eu vou devorar você!

– Não – respondeu a voz. – Você não vai devorar ninguém. Você não quer fazer isso.

– Quero ssssssim! Eu quero, ssssssim! Mastigar a carne! Sugar o tutano!

– Não, esse é o Rattus falando. Você não é o Rattus.

Edward rangeu os dentes.

– Sou, sim!

A voz, convencida, discordou.

– Rattus é um casulo, e dentro desse casulo existe outra pessoa. Alguém que foi ferido.

Edward se encolheu, dando as costas para a câmera.

Quando ele falou, um pouco depois, usou um tom baixo, cauteloso.

– Não... não me machuque, por favor.

– Eu não vou machucar você. Ninguém vai machucar você, Edward. Eu quero levá-lo para um lugar seguro.

– Sssseguro? – perguntou, ansioso, incrédulo.

– Seguro e quente. Onde você vai se sentir protegido. Em casa.

Os olhos de Edward se arregalaram.

– Em casa? Não! Não me leve para casa! Não onde o Aranha pode... pode...

– Eu não vou levá-lo a nenhum lugar onde você não queira ir, mas você tem que confiar em mim.

A voz fez uma pausa, deixando que suas palavras fossem compreendidas.

– Você vai confiar em mim?

Edward se sentou, matutando.

– Confiar em você?

– Sim. Eu quero que feche os olhos e me deixe levá-lo por uma longa estrada. Passo a passo, cada vez mais longe nessa estrada.

– Sim, a estrada.

A fúria de Edward desapareceu, como se sugada por um ralo. Seu medo se esvaiu, e seus olhos começaram a parecer pesados.

– Um passo de cada vez. Sem pressa, sem preocupação.

– Sem pressa.

– E a cada passo – disse a voz –, você vai sentir o casulo se desfazendo. Você não precisa dele.

Edward hesitou, depois começou a perguntar:

– Rattus...?

– O Rattus se foi, não é?

Outra pausa.

– Aham.

– Excelente. E com quem estou falando?

– E-Edward.

– Edward. Me conte o que aconteceu, Edward.

– Eu... o quê?

– Por que você tem medo?

Edward se encolheu, depois deitou e aninhou a cabeça contra o chão.

– Eu tenho medo de pegar no sono.

– Por quê?

– Quando eu durmo, acontece. A coisa ruim.

– Me conte sobre a coisa ruim. Não há nada a temer.

Edward fitou a câmera fixamente. Através do vidro, seus olhos arderam como punhais vermelhos.

– Sim. Tem, sim!

– Edward?

– Eu não sou Edward, sou Rattus!

– Não, você não é.

– Ssssssim! – Ele começou a se levantar.

A voz assumiu um tom tranquilizante.

– Edward, eu sou seu amigo. Você pode confiar em mim, se lembra? Você não precisa mais do Rattus.

Edward voltou a sentar e a se ajeitar.

– Mas...

– Eu vou proteger você. Vou cuidar de você.

Edward abaixou a cabeça, esfregando os olhos escarlates.

– Mas eu tenho tanto medo.

– Eu sei. Deite-se de novo. Vamos descer por aquela estrada outra vez, que tal?

– Tu-tudo bem. Mas eu estou com medo. Medo de dormir. A coisa ruim...

– ... foi há muito tempo. Não vai acontecer de novo, Edward. Eu juro.

Do chão, Edward sussurrou, deitado em posição fetal.

– Você vai me proteger?

– Claro. Para sempre, para todo o sempre.

Edward sorriu e fechou os olhos. A voz então desapareceu por algum tempo, deixando-o sozinho para descansar. Uma hora depois, ela gentilmente despertou Edward de seu sono.

– Você está confortável, Edward?

– Não sou Edward – disse ele, sonolento.

– Rattus foi embora. Você é Edward agora.

Ele assentiu com a cabeça, os braços dobrados sob a cabeça.

– Edward.

– Quantos anos você tem, Edward?

– Trinta e um.

– E onde você está?

– Nova York. Oscorp. – A última palavra saiu trêmula, temerosa.

– O que você está fazendo lá, Edward?

– Eu sou um pesquisador científico. Genética. Estou procurando por um homem chamado Osssssborn.

– Osborn?

– Sim. O Osborn. Ele testa os limites da genética. Seu trabalho... – A voz de Edward diminuiu de volume, continuando em um tom baixo e reverente. – É brilhante. Ele faz com que eu me sinta um homem das cavernas tentando descobrir como usar o fogo.

– E você já foi brilhante? Antes?

– Ssssim. Eu era...

– Sim, Edward?

– ... o que eu era? – Confuso e triste, Edward franziu o cenho.

A voz o tranquilizou.

– Você era brilhante, Edward.

– Eu era?

– Sim. Um geneticista brilhante. Altamente respeitado. Erudito e muito requisitado. Foi por isso que Osborn contratou você.

Edward assentiu, concordando, e, quando falou de novo, os sibilos em sua voz haviam desaparecido.

– Sim, eu me lembro. Ele me lisonjeou, e eu o admirava. Mas...

– Mas?

– Mas ele usa as pessoas. Ele as trata como animais de laboratório. Transforma homens e mulheres em *coisas*.

– Como você se sente a respeito disso?

Os olhos de Edward tremularam. De modo inconsciente, o timbre de sua voz se aprofundou.

– Horrorizado. Sinto repulsa. Eu digo isso a ele, mas Osborn apenas ri. Ele... *gargalha*... e me transforma em seu próximo experimento. – Edward fecha os olhos de novo, parando com seu tremor nervoso. – O processo – prossegue ele – é tanto psicológico quanto físico. As partes mais profundas do inconsciente... o sentido mais sombrio de si mesmo, enterrado mais profundamente... eles ditam em que o sujeito do teste irá se transmutar.

Edward se sentou, recuou contra a parede e abraçou as pernas, tremendo e tiritando mais uma vez.

– Osborn toca em algo que está enterrado tão fundo que eu nem sabia que estava lá.

– A coisa ruim?

– É... é demais. Eu não quero...

– Relaxe, você está a salvo. Diga-me como você se sente.

Edward enxugou os olhos.

– Eu me sinto responsável. Como se fosse culpa minha a coisa ruim ter acontecido. Deve haver alguma forma de eu poder ter impedido.

Edward fungou e encarou a câmera.

– Por que eu não impedi? Eu me sinto tão culpado, como um criminoso. Pior: feio e vil, além de qualquer redenção. Um animal. Obsceno. Inumano. – Seus dentes cintilaram. – Um Rattus.

Ele ficou de pé, caminhou até a parede e colocou as mãos dos dois lados da câmera.

– Chega. Lembranças demais. Dor demais.

– Não sinta medo da dor, Edward. Não lute contra ela. Juntos, nós podemos lidar com tudo isso.

– Não! – gritou ele. – Por que está me chamando de Edward? Eu não sou Edward!

– É, sim. Não precisa mais se esconder. Não precisa submergir dentro dele. Você pode ser livre, Edward.

Edward esmagou o punho contra a parede, abalando a câmera conforme o impacto vibrava pela cela.

– Eu... não... sou... Edward! Sou Rattus! Rattus! Pare de tentar me machucar! Pare de tentar me matar, porque se... se não parar... eu vou devorar você! Está me ouvindo? Eu vou...

Ele socou a parede, esperando que alguém respondesse, que alguém reagisse à sua súbita explosão de violência. Não houve resposta. Momentos depois, exausto emocionalmente, ele voltou para o cantinho e começou a soluçar.

– Isso é bom – disse a voz, suave e controlada.

Edward imaginou a pessoa dona daquela voz, de pé, atrás dele, dando tapinhas em suas costas e acalmando-o com palavras tranquilas.

– Edward. Todos esses anos, uma parte de você, a parte mais profunda, acreditou que merece estar preso nessa forma medonha. Um caixão, enterrando você na coisa horrível que é o Rattus.

Edward ouviu atentamente enquanto a voz prosseguia.

– É um método de sobrevivência para você, uma forma de se proteger dos abusos da sociedade. De uma forma estranha, o Rattus se tornou o seu anjo da guarda.

– Não! Eu sou...

– Por favor, me deixe terminar. Essa conversa, sua confissão, é um passo importante na sua jornada de volta. Pela primeira vez em muito tempo, acredito, fomos capazes de registrar uma mudança emocional. Está chegando a hora em que você não vai mais precisar da proteção de Rattus. E Rattus pode sentir isso, possivelmente tem sentido isso já há algum tempo, por isso está assustado, apavorado, com mais raiva do que nunca. E você sabe por quê, Edward?

Edward balançou a cabeça, lágrimas escorrendo por seu rosto.

– É porque Rattus sabe que os dias dele estão contados.

Edward começou a chorar. Ele se inclinou para a frente e abaixou a cabeça nas mãos. Soluços fortes chacoalhavam seu corpo. Ele ajoelhou no chão, dobrando-se de modo que sua testa tocasse o cimento.

– Você se abriu para mim, Edward. Destrancou seu caixão de dor e isolamento para compartilhar sua história, para enfrentar seus medos. E, embora esteja aqui nesta cela, preso em um novo caixão, um com grades, guardas e trancas, há algo de libertador na confissão, não?

Edward olhou para a câmera, os olhos escarlates brilhando sob um véu de lágrimas.

– Sssssim... – murmurou, concordando. – Sssssssim, eu estou livre. Livre.

Ele começou a tremer, agora de alegria, tiritando de alívio. Já não se sentia mais sozinho – não queria mais ficar com frio e molhado, lá embaixo, no escuro, com ratos e com a voz cruel dentro de sua cabeça. Agora, apesar de sua vida em custódia estar longe de ser perfeita, Edward não precisava mais estar sozinho. Ele podia ficar na superfície e ser protegido – viver onde não precisava temer o Homem-Aranha nem a perseguição daqueles que viviam ali. Ele podia estar a salvo, seguro e livre.

– Livre – repetiu ele, rindo, enquanto rolava pelo chão. – Livre, estou livre.

Do lado de fora da porta, um guarda fitava pelo espelho unidirecional, assistindo a Edward Whelan aceitar sua recém-adquirida liberdade. Um segundo homem se juntou ao guarda, lançando um olhar confuso para Edward. O homem abriu um saco de hambúrgueres, entregando um ao amigo.

– O que é que ele tem? – perguntou o recém-chegado, colocando seu quepe sobre uma cadeira próxima.

O primeiro policial deu de ombros e foi se juntar ao outro.

– Não faço ideia. Esteve falando sozinho por horas. Quanto antes esse maluco estiver trancado num hospício, melhor, se quer saber minha opinião.

O segundo policial mordeu o hambúrguer, pedaços de alface e cebola caindo no chão.

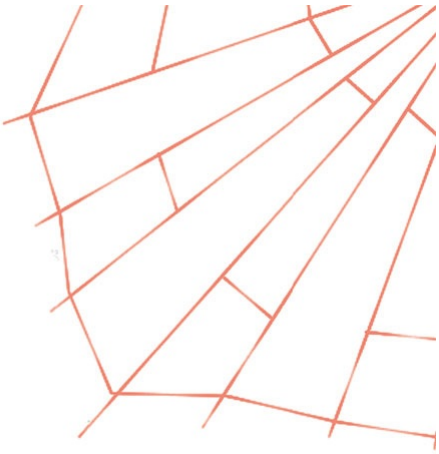
– Deus te ouça.

Os policiais se voltaram para sua refeição, perdendo-se em conversas sobre esposas e televisão, mas de olho no monstro risonho na sala ao lado. O monstro, entretanto, não se importou.

Ele teria que enfrentar uma vida atrás das grades e o julgamento de uma sociedade que temia, mas, pela primeira vez na vida, Edward Whelan não tinha que provar nada a ninguém. Nem para a voz dentro de sua cabeça.

EPÍLOGO 2

SE ESSE É MEU DESTINO



MARY JANE SE ANINHOU DEBAIXO DAS COBERTAS e encarou a televisão, esperando que Peter voltasse. Ela estava assistindo, sem muita atenção, a um filme antigo e piegas, em um canal a cabo. Era uma história da qual ela lembrava vagamente da infância.

Que deprimente, pensou ela, *esperei anos para ver esse filme de novo. Parecia tão bom quando eu tinha... o quê? Nove anos? E aqui está, a maior porcaria que já vi.*

Ela estendeu a mão para uma caixa de cookies que estava pela metade. *Olha essa coisa*, riu ela, olhando para a tela. *Dois homens adultos, em fantasias engraçadas, atirando em monstros de borracha! É essa a lembrança que guardei com carinho por todos esses anos? O tempo realmente muda as coisas.*

Mary Jane abaixou o cookie e olhou para a janela.

Bem, não completamente. Eu ainda tenho uma quedinha por homens adultos em fantasia engraçadas.

Algo estalou nos fundos do apartamento. Ela se sentou na cama, o coração disparando. Soltando as cobertas, foi até o banheiro.

– Peter? É você?

Nada. Provavelmente era outra pessoa no prédio. Talvez outro rato. Definitivamente, não era Peter Parker.

Aqui vamos nós outra vez.

Ela enxugou os olhos e voltou para a cama, empurrando os cookies e vários álbuns de fotografia para o lado. Deslizando entre os lençóis, puxando as cobertas por cima da cabeça, Mary Jane sentiu as pálpebras pesarem. Ela sabia que suas chances de adormecer eram poucas. Os jornais da manhã – saturados do suicídio de Kraven e sua subsequente confissão – a deixaram ansiosa quanto ao retorno de Peter.

Eu fiz e desfiz as malas no mínimo seis vezes.

Ela brincou com a alça da valise vazia, sabendo que não faria as malas uma sétima vez. Horas antes, quando vira Peter – quando ele retirou a máscara para revelar olhos inchados e cheios de lágrimas –, seu coração inflara de alívio e felicidade. Ela soube então que, se seguisse a vontade de seu coração, esperaria por Peter para sempre.

A quarteirões dali, o Homem-Aranha estava agachado do outro lado da rua da casa de Kraven, lendo *O Clarim Diário*. Ele encontrara o complexo de seu inimigo lotado de policiais e repórteres. Peter olhou para o lado oposto de onde estava, encarando a fita policial esticada sobre a janela despedaçada do quarto andar. Vizinhos e transeuntes se reuniam ao longo do cordão de isolamento, tentando captar um vislumbre do que acontecia lá dentro.

Outro funeral, pensou Peter. *Ned Leeds. Joe Face.*

Kraven, o Caçador.

Kraven está morto, e por que eu deveria me importar?

Ele sabia por quê. Ele queria entregar Kraven à justiça – não ao morgue. Queria que Kraven soubesse que ele, o Homem-Aranha, havia vencido. O Homem-Aranha estava vivo, tinha resistido a tudo o que Kraven lançara sobre ele. No entanto, agora Kraven estava morto, e o Homem-Aranha, apesar de exonerado de todos os seus crimes, estava dominado pela culpa.

Kraven se matou, pensou ele. *Outro cadáver na sepultura por causa do Homem-Aranha.*

Kraven, o Caçador. Morto pelas próprias mãos, sua morte lamentada por seu maior inimigo.

Por que eu me importo? Kraven me colocou debaixo da terra. Ele torturou Rattus, matou pessoas. Vá com Deus e não volte mais, certo? Como Norman Osborn.

Como Ned Leeds.

Músculos enrijeceram quando Peter ficou de pé no telhado, preparando-se para balançar. Ele se sentia tenso, vazio e inacabado. Precisava de um encerramento para tudo aquilo.

Isso não é minha responsabilidade. Estou vivo. Droga, eu estou vivo. Deixe-me seguir com a minha vida.

Minha vida – na qual eu arruíno a vida de outras pessoas.

Ele se lembrou de uma conversa que tivera com Mary Jane após a morte de Ned. Sentia como se um peso tivesse sido retirado de suas costas, ficara aliviado por saber que não tinha sido o responsável pela morte de Ned Leeds.

Mary Jane respondeu: *Mas você sente que, por causa da conexão de Ned com o Homem-Aranha, pelo modo como ele estava interligado à sua vida, como seu amigo e*

seu inimigo…

E Peter completara: *… é como se o Homem-Aranha tivesse um dedo na morte dele de qualquer maneira.*

Às vezes, ele desejava poder parar de remoer tudo. Entretanto, fazia parte da natureza de Peter Parker ficar obcecado com o modo como a vida do Homem-Aranha afetava outras pessoas – perguntando-se se as consequências de utilizar seu poder compensavam o bem que ele fazia.

No apartamento, Mary Jane se esparramava sobre a cama, deslizando os dedos sobre as fotos. Suas mãos passeavam por um registro da memória, mas sua mente, distraída, relembrava as palavras de Ben Parker.

Ser um herói significa proteger aqueles a quem você ama, tão bem e tão ferozmente quanto puder.

Ela visualizou o rosto de Ben, ele abrindo as mãos. *Nenhum homem é perfeito. Nem mesmo o Homem-Aranha.*

Ela sabia que seu amor por Peter o traria de volta para casa. O amor que eles partilhavam era um poder em si mesmo – apesar da culpa que o guiava, da responsabilidade em relação ao mundo. Mary Jane, por sua vez, escolhera deixar para lá suas dúvidas e ser forte. Se ela pudesse ser o farol daquele amor, aquilo daria força a Peter. E talvez pudesse dar força a ela também.

Agora eu entendo, ela percebeu. *Compreendo a diferença entre Betty Leeds e eu. Peter, ao contrário de Ned, me ama o bastante para me deixar entrar. Meu medo e minha dúvida são uma jaula – e eu vou precisar de força para me libertar dela a cada vez que Peter sair para combater o Doutor Octopus, o Abutre, ou seja lá quem for. Esse é o meu caixão.*

Para Peter, sua máscara era o seu caixão, e ela carregava o peso de cada vida perdida devido a quem ele era e ao que fazia. Apesar desse fardo esmagador, todavia, Peter amava Mary Jane o suficiente para deixar que ela entrasse, para arriscar tudo. O amor deles também poderia servir como escudo para ela – dando-lhe força o bastante não apenas para partilhar do fardo, mas também ajudar a aliviar o peso.

Eu compreendo, Ben. Com grande amor deve vir também uma grande responsabilidade.

Ela esperava que seu coração estivesse à altura da tarefa.

Afastando-se da casa de Kraven, a mente do Homem-Aranha se agitava, cheia de autocondenação. Ele saltou por um telhado, disparou pelo ar e puxou um fio de teia por entre as pernas, enquanto fazia um arco para cima, contornando outro prédio.

Um grito soou. Ele olhou para baixo, para um beco, tentando localizar sua fonte. Uma mulher corria para salvar a própria vida, as botas ressoando no concreto. Peter captou um lampejo de metal, o fio de uma faca. Ele oscilou para baixo rapidamente, apanhando o atacante da mulher, derrubando-o no chão.

Chega de novas vítimas. Chega.

Peter jogou o assaltante contra a parede do beco, depois agarrou a camisa dele, erguendo o punho e preparando um soco. Então a camada escarlate diante de seus olhos clareou, e o Homem-Aranha percebeu que o homem se contorcendo em suas mãos não era Kraven ou Rattus ou o Duende Macabro, e sim um bandidinho comum de rua. Não um supervilão – apenas um meliante ordinário, como tantos outros, com uma faca e uma ideia ruim.

Um em um milhão em Nova York. Uma em um milhão de tragédias que o Homem-Aranha evitava todos os dias.

Eu ajudei aquela mulher, pensou Peter. *Ajudei aquela mulher, como ajudei tantos outros, inumeráveis outros. Prédios queimando. Invasões alienígenas, assaltantes de banco perdidos. Gatos em árvores.*

Seu punho tremeu, e ele abriu os dedos para aliviar a tensão. Em seguida, limpou as teias de aranha em sua mente e colocou o assaltante debaixo do braço, depositando-o no banco traseiro de uma viatura da polícia de passagem. Peter balançou para cima, para longe do nível da rua, de volta ao céu, enchendo os pulmões de ar limpo e frio.

Encontrou uma saliência no trajeto e se postou sobre uma cornija, encarando a direção da casa de Kraven. *Eu salvei aquela mulher. Ninguém morreu, ninguém se machucou. Interferi em uma situação que poderia ter dado terrivelmente errado para alguém e resolvi tudo.*

Como fiz tantas vezes antes.

Ele ergueu a máscara e enxugou o suor do rosto. *Você perdeu, Kraven. A despeito da culpa e da dor que lançou em meu caminho, apesar das centenas de mortes que repousam a meus pés, eu ainda estou fazendo diferença. Ainda estou protegendo os inocentes. Sim, o Homem-Aranha arruinou vidas – mas veja quantas ele salvou.*

Deus, eu preciso ir para casa, pensou o Homem-Aranha. Ele esfregou os olhos. Estava exausto, quase sem combustível.

As palavras de Mary Jane ecoaram de novo no fundo de sua mente. *Ei. Escute aqui. Você não é responsável por toda morte, quase morte, ferimento ou cutícula arrancada que ocorra num raio de oitenta quilômetros do Homem-Aranha.*

Claro, mas se eu não for, então quem…

Nenhum homem é perfeito.

... Tio Ben?

Nem mesmo o Homem-Aranha.

Peter assentiu. Eles estavam certos. *Eu ajudei aquela mulher*, pensou ele. *Ajudei aquela mulher, e isso é importante. Essa é uma vida que eu salvei – sem acabar com um cadáver desnecessário –, e isso é algo que o Kraven não pode tomar do Homem-Aranha. Nem algo que ele possa entender.*

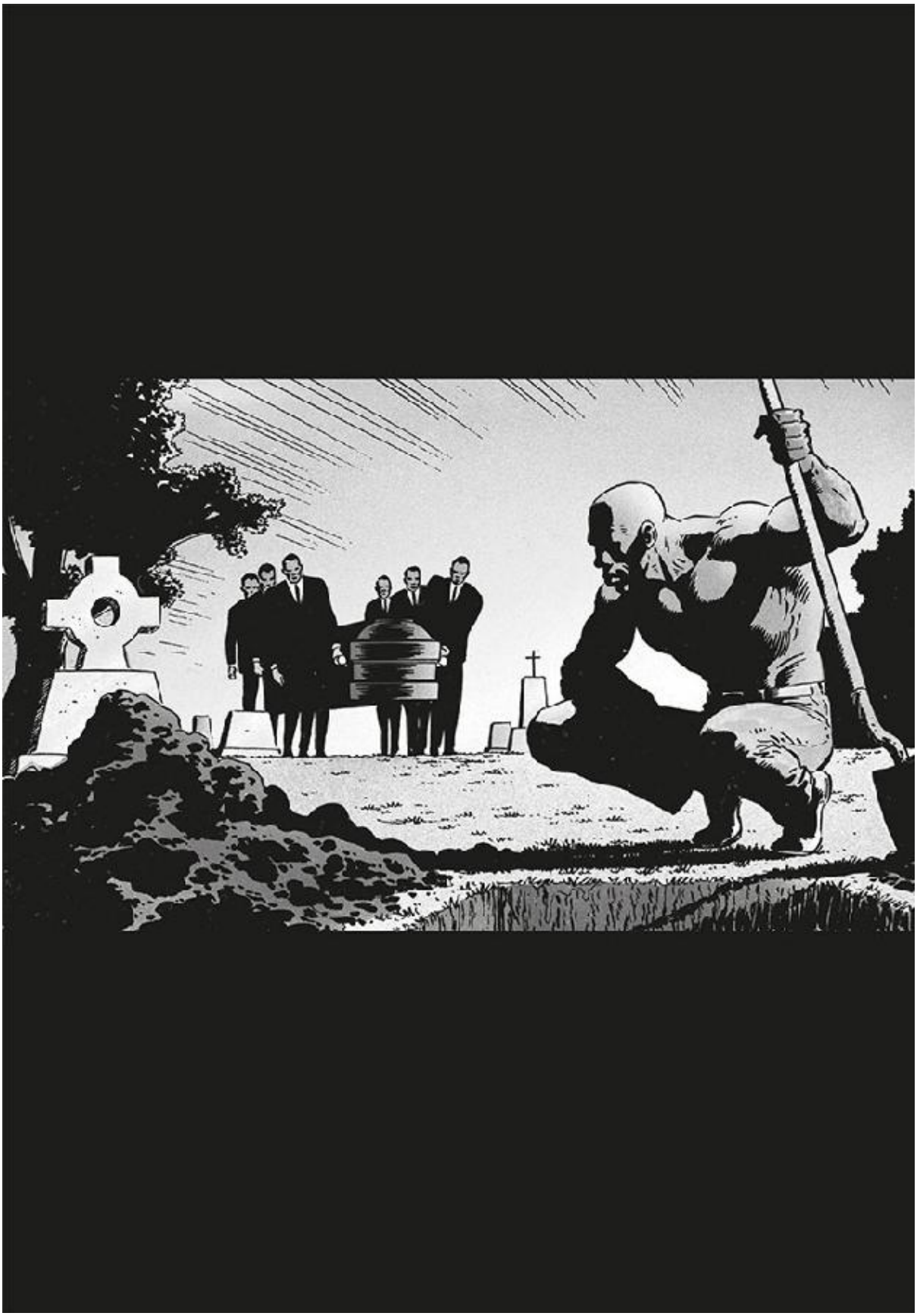
Mary Jane estava ficando ansiosa. Ela mudou de canal, sem conseguir parar em nenhum por tempo suficiente para se concentrar. Andou de um lado para outro no apartamento. Seus dedos dançaram nervosamente pelo controle remoto. Um canal declarava que detetives lotavam a casa de Kraven. Outro relatava que o Homem-Aranha entregara o Assassino Canibal para a polícia. Mas, então, onde estava Peter? Ele já não devia estar em casa àquela hora? O que realmente acontecera naquela noite? Depois de mais dez minutos se remexendo, ela desligou a televisão, soltou o controle remoto e gritou de frustração.

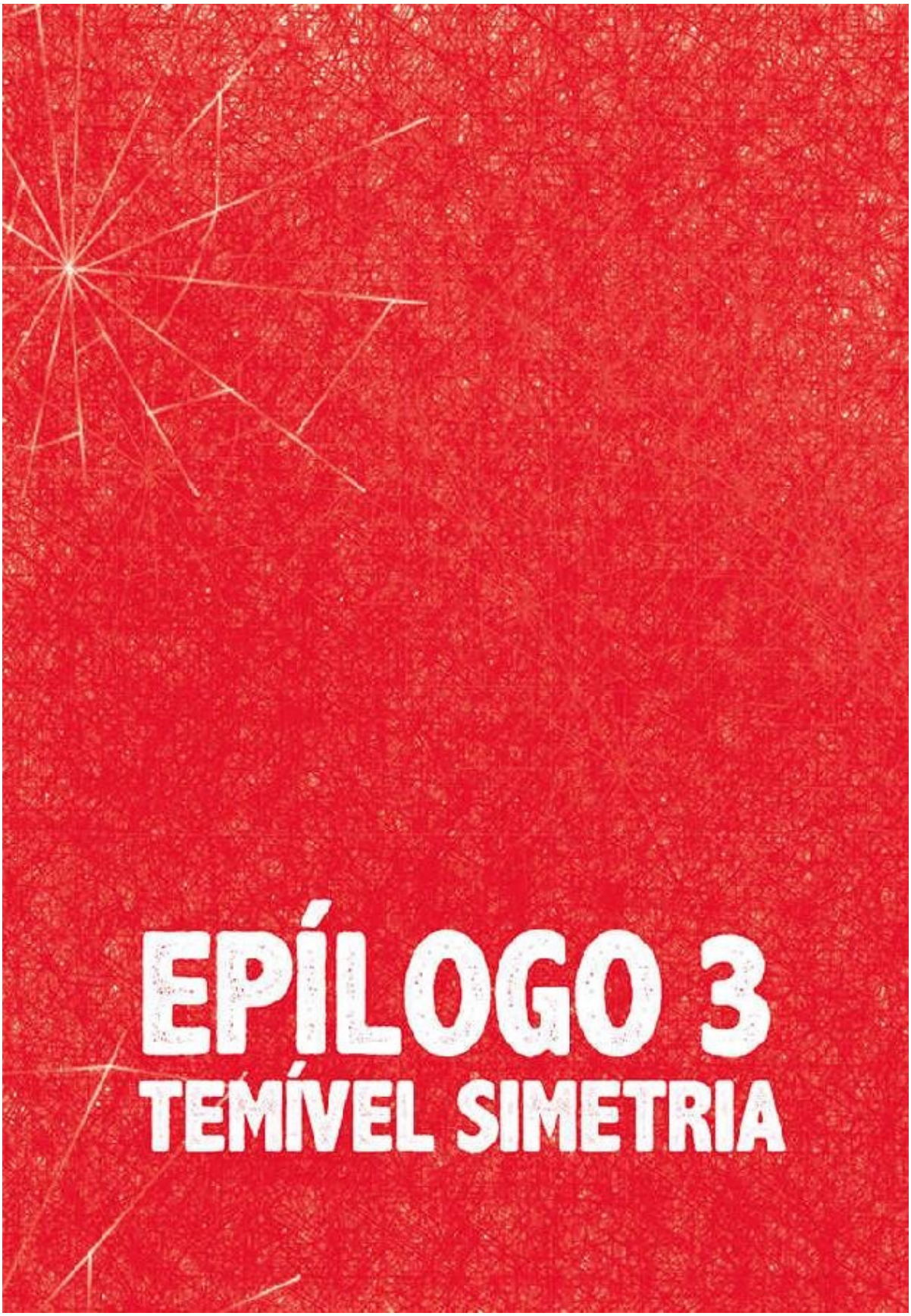
– Mais alto, do diafragma. Eu acho que não escutaram você em Bayonne.

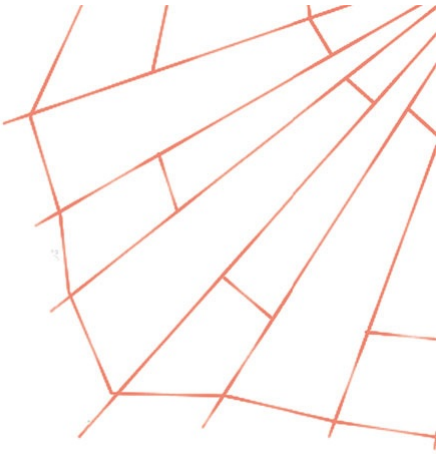
Ela se virou rapidamente para a janela, surpresa ao ver o bom amigo da vizinhança, o Homem-Aranha, em pessoa. Peter saltou com leveza do parapeito, observando-a em silêncio, a máscara pendendo de uma de suas mãos. Ele sorriu, um sorriso de lado, erguendo uma bochecha, tocando uma linha de pequenos hematomas. Seu uniforme estava em frangalhos e imundo, e ele cheirava a queijo de uma semana atrás.

Ele se moveu até ela sobre pés vacilantes, apoiando-se nos móveis. Os olhos dela se encheram de lágrimas quando ele estendeu uma das mãos. Ela avançou para segurá-la, o coração saltando no momento em que seus dedos se encontraram.

Peter e Mary Jane se uniram, como sempre se uniriam. Rindo, ele a tomou nos braços, feliz por estar vivo, e ela o recebeu em um abraço amoroso. Finalmente, tudo o que eles podiam ouvir era uma espetacular pulsação – o poderoso pulsar de seus corações conectados.




EPÍLOGO 3
TEMÍVEL SIMETRIA



UM HOMEM CAVAVA UMA COVA. Suando e com dores, ele amontoava a terra em uma pilha, fazendo uma pausa a cada poucos minutos para se alongar. Uma garrafa de água estava ali por perto, e o coveiro estendeu a mão para tomar um gole. Em seguida, com um esforço metódico, mecânico, ele retornou a seu trabalho. A luz do sol agraciava suas costas, aquecendo o homem e lançando sombras ao longo da sepultura. Aquela era a segunda sepultura que ele cavava naquele mês, mas o dia de trabalho estava muito quente daquela vez, e o homem tinha que usar um trapo para secar o frequente suor da testa.

Seis homens se aproximaram, carregando um caixão. Eles vestiam ternos pretos, e o calor do dia não parecia afetar seu comportamento solene. Eles pousaram o caixão perto da sepultura, cercando-o e cruzando as mãos diante do corpo. Aqueles homens seriam os únicos enlutados do dia.

Um dos carregadores do caixão se inclinou e estendeu algo sobre seu exterior polido. A peça irregular de pele de leopardo agora mal insinuava a majestade que um dia ostentara, quando envolta em torno da cintura do falecido. Contudo, sua presença servia para relembrar aos presentes a medida do homem que jazia dentro do caixão. A nobreza que o definira, o propósito pelo qual vivera sua vida.

A luz do sol se refletia contra o cobre polido, aquecendo a pele de leopardo, enquanto os enlutados abaixavam a cabeça, os olhos fechados em prece e reflexão. Os carregadores ergueram o caixão e, levantando-o sobre um par de correias vermelhas, desceram-no à sepultura.

O coveiro deu um passo adiante e começou a jogar terra sobre o caixão lá embaixo. Os enlutados permaneceram ali por um instante, assistindo ao trabalho do homem, parando periodicamente para curvar a cabeça e prestar atenção a algo que apenas eles conseguiam ouvir.

O homem encheu a cova de terra, seu rosto solene e sério. Enquanto revirava o solo, um emaranhado de aranhas caiu sobre o caixão. Os seis homens olharam para as aranhas, notando a presença delas e assentindo em compreensão. Logo depois, um punhado de terra ofuscou os aracnídeos de vista.

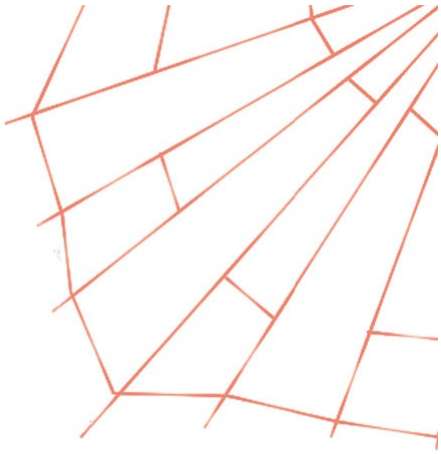
Os carregadores repousaram brevemente as mãos sobre uma lápide de granito, colocada na extremidade do túmulo. Em seguida, um após o outro, eles se retiraram em silêncio, deixando o coveiro terminar seu trabalho.

O coveiro parou para tomar outro gole de água, então olhou para a lápide de pedra e leu a inscrição.

Aqui Jaz Sergei Kravinoff – Kraven, o Caçador. Ele Morreu Com Honra.

O homem grunhiu, retorcendo-se para aliviar os músculos doloridos. Ele pegou a pá, preparando-se para terminar sua tarefa, mas hesitou por um momento, olhando para o céu sem nuvens. A chuva havia parado e, mesmo assim, o homem ouviu o inconfundível som de um trovão, que estrondou lá do alto, contra alguma tempestade invisível. Suas batidas ensurdecedoras anunciavam o Caçador, urrando em triunfo em algum horizonte distante.

AGRADECIMENTOS



PARA COMEÇAR, agradeço a J. M. DeMatteis e Mike Zeck por uma das maiores e mais angustiantemente introspectivas histórias do Homem-Aranha de todos os tempos. Lendo *A última caçada de Kraven*, em 1987, possivelmente à luz de velas na sala de estar dos meus pais, eu nunca soube o que a história realmente significava. Fico honrado de ter feito parte deste seu legado – e, damas e cavalheiros, espero que minhas palavras tenham feito justiça a essa história.

Eu gostaria de agradecer a todos na Marvel pela oportunidade, especialmente a Jeff Youngquist e Sarah Brunstad, por seu inestimável conhecimento editorial. Gostaria de agradecer especialmente também a Stuart Moore e Marie Javins, por me convidar a adentrar a escuridão de, em minha opinião, uma das histórias mais fascinantes do Homem-Aranha. Conheço Stuart há mais de dez anos, desde que entrei no escritório dele na Marvel um dia procurando por uma história na qual pudéssemos trabalhar juntos. Fico feliz por finalmente termos encontrado uma e construído uma grande amizade ao longo do caminho.

Por fim, e mais importante, gostaria de agradecer a Laurie – minha âncora, meu coração pulsante –, por ficar sentada ao longo de várias noites, esperando pacientemente eu voltar para casa, por ser minha força enquanto eu lutava com Kraven e Rattus durante inúmeras e exaustivas noites. Com um grande amor vem uma grande responsabilidade, Laurie. Eu posso ser apenas um homem – e nem de longe um homem-aranha –, mas seu amor e seu apoio me fazem sentir grande, incrível e, enfim, espetacular.*

---

* Vencedor do Prêmio Xeric, o roteirista de quadrinhos Neil Kleid certa vez escreveu uma breve história de Colossus para a Marvel intitulada *How To Be an Artist*. Isso o deixou com uma coceirinha, como se tivesse sido mordido pela aranha radioativa da escrita, e então não parou mais. Kleid é também autor

de *Ninety Candles*, uma graphic novel sobre vida, morte, legado e quadrinhos, e responsável por uma adaptação da obra *O chamado selvagem*, de Jack London, para a Penguin Books/Puffin Graphics. Atualmente, Neil Kleid atua como diretor de design do conjunto digital da Topps Company. Ele vive com sua esposa e quatro filhos em Nova Jersey, onde torce para o Tigers, faz churrasco como um rei e escreve como um campeão.

novo século®

www.novoseculo.com.br

#Novo Século nas redes sociais